

GAROTAS TRISTES

LANG
LEAV



GZOB Alt



GAROTAS TRISTES

LANG LEAV

Tradução

Luisa Geisler

GLOBO **Alt**

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Parte Um – A menina e o lobo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Parte Dois – Redemoinhos

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Em memória de Nicole Lewanski
Que o seu amor pelos livros siga vivo nos outros.



PARTE UM

A menina e o lobo

Mas não se pode obrigar as pessoas a escutarem. Elas precisam se aproximar, cada uma no seu momento, perguntando-se o que aconteceu e por que o mundo explodiu sob seus pés.

— Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*

A morte, como a ficção, é brutal em sua simetria. Pegue essa história e a desnude — inteira — até ficar com apenas dois pontos. Dois pontos em uma tela vasta e vazia, separados por um oceano de branco. Aqui, nós chegamos ao primeiro ponto, em que a banheira está cheia e a mão procura a lâmina. Encontro você no próximo, perto dos eixos de uma roda barulhenta, a revolução de um relógio, o encerramento de uma órbita.

UM

Eu estava a três semanas de completar dezoito anos quando fui atingida pela cruel aflição da ansiedade. Ela veio na forma de um ataque de pânico, aparentemente do nada — um raio súbito. Como um trovão no meu peito, um rio gelado descendo pela espinha. Terror e confusão se agarravam aos cantos do meu cérebro enquanto eu apertava os lençóis encharcados de suor em que dormira agitada, apenas momentos antes. Enquanto minha mente batalhava para entender esse novo e assustador acontecimento, um pensamento fraco ecoou pelo meio de meu pânico cego. Ele me disse, com uma certeza congelante, que nada seria o mesmo.

Não tenho dúvida de que o início súbito da minha ansiedade teve tudo a ver com *a mentira*. Até hoje, não sei por que aquela terrível inverdade escapou dos meus lábios. Mas assim que o fez, ganhou vida própria. Se tornou uma presença maligna, uma maldição. Conteí essa mentira perversa em uma noite infeliz para minhas duas melhores amigas, Lucy e Candela, que juraram segredo pelas vidas das pessoas que amavam. Lucy jurou por sua mãe, e Candela, por sua irmã, Eve.

Talvez eu quisesse criar algum tipo de comoção, algo para quebrar a monotonia. Como o menino daquela fábula, que enganava os aldeões das redondezas com a ameaça de um lobo para o seu divertimento. Qualquer que fosse o motivo, a mentira desencadeou uma série de eventos que eu não antevira. O acontecimento em que culminou me assombra até o dia de hoje. Pois eu não tenho dúvida de que a minha vida e a vida das minhas duas melhores amigas teriam sido diferentes se aquela noite nunca tivesse acontecido. Se a mentira que saiu de meus lábios tivesse

apenas escapado sem a oportunidade de persistir, como uma tempestade crescente, empurrada para o mar, para se dissipar sobre as ondas inquietas. Como na noite em que embarquei no ônibus errado por distração, com poucas moedas no bolso e um telefone sem bateria, notando que estava sendo levada cada vez mais para dentro de uma parte ruim da cidade. E meu dilema era se eu deveria confiar no motorista do ônibus para me levar de volta ao ponto onde eu poderia ligar para meus pais me buscarem ou se eu deveria descer na próxima parada e tentar encontrar meu rumo de volta a um território familiar.

Escolhi a última opção, e meu pai, retornando de uma reunião que tinha ido até muito tarde, acidentalmente virou a esquina assim que desci na parada. Se eu tivesse ficado no ônibus, talvez o homem que cheirava a gim e me olhara de um jeito estranho mais de uma vez, tivesse se dado conta da minha situação. Quantas histórias nós ouvimos sobre garotas que vão parar na parte errada da cidade e nunca mais são encontradas? Eu poderia ter me tornado outra estatística, mas, em vez disso, eu estava segura, na carona do meu pai, parando no supermercado das redondezas para fazer compras a caminho de casa.

A situação em que eu estava me fez pensar em todos os resultados possíveis: eu poderia ter sido raptada, estuprada ou assassinada. Às vezes, os cenários que eu imaginava eram tão gráficos que me deixavam perguntando se, talvez, haveria uma outra versão de mim, em algum lugar, que os viveu. Talvez nós entremos e saíamos de mundos alternativos através da nossa mente e imaginação, pegando tecido residual de outras dimensões.

Minha lembrança da noite em que contei a mentira é tão vívida que parece ter sido ontem. Eu me lembro de como as palavras tropeçaram da minha boca, minha mente incerta a respeito de como a história estava se formando, como uma aranha que tece sua primeira teia sem entender de onde adquiriu a habilidade.

Consigo me lembrar das expressões nos rostos de minhas duas melhores amigas, seus olhos arregalados de horror e nojo. “Eu os vi pela janela”, eu havia dito com seriedade, “quando estava coletando dinheiro para a Cruz Vermelha”.

Eu era conhecida por ser uma pessoa honesta e, a não ser que fosse um completo absurdo, minha palavra valia tanto quanto a de qualquer um. A janela a que eu me referia pertencia a uma casa pela qual eu passava todos os dias a caminho da escola, e era fácil mobiliá-la com minhas meias-verdades e maquinações extremas. Pouco depois do estabelecimento da mentira, uma briga irrompeu entre mim e Candela, que chorou lágrimas de incredulidade e quis confrontar a protagonista da minha narrativa cuidadosamente construída. Percebendo que isso traria o foco para mim, fiz meu melhor para dissuadi-la da ideia — uma decisão da qual me arrependo profundamente, agora.

De fato, se a mentira tivesse ficado entre nós três, ela teria terminado ali. Se ela tivesse surgido em conversas anos depois, eu teria admitido que era pura ficção e que eu não fazia ideia do que me havia levado a criar uma história dessas. No entanto, sem que soubéssemos, Eve, a irmã mais nova de Candela, estava com o ouvido encostado no outro lado da porta, e ela mais tarde relataria nosso diálogo para a mãe delas. Era a abertura pela qual a mentira estivera esperando. Por esse canal, ela deslizou para longe do meu alcance e se espalhou como um incêndio por nossa pequena cidade de Three Oaks.

De uma só vez, todos souberam dos detalhes sórdidos da mentira que eu havia fabricado; ela foi aceita unanimemente como a verdade. Ao que parece, a mãe de Candela não havia comentado nenhum detalhe de como tinha se deparado com o rumor, já que ninguém parecia conhecer sua real origem. Nas chamas que se apagam e galhos enegrecidos de uma floresta assolada pelo fogo, quem consegue distinguir de onde a primeira faísca saiu? Apenas o incendiário sabe a localização exata de onde se acendeu o fósforo.

Dias depois, a vítima da minha trama — Ana, de dezessete anos — foi encontrada na banheira de porcelana branca de sua família, com sangue escorrendo e brotando de seus dois delicados pulsos. Foi na mesma noite em que tive meu primeiro ataque de pânico.

DOIS

Ana era a verdadeira garota triste. Ela portava o título não-oficial muito antes de sua morte. Todas viramos garotas tristes depois disso. Em seu funeral, todos usaram preto, porque era a tradição e também a cor que melhor descrevia Ana.

Aprendemos na aula de artes que, tecnicamente, preto não é uma cor, mas sua ausência. Preto é uma tonalidade — uma que está presente em cada gradação de cinza, partindo apenas com a transição para o branco. Sempre pensei em branco como um quadro vazio, uma página limpa. Um campo coberto de neve ou um vestido de noiva. Branco é começar de novo, uma absolvição dos pecados. Naquele dia, eu estava mais distante do branco do que jamais poderia estar.

O funeral de Ana aconteceu na Holy Trinity, nossa igreja local. Eu me sentei na fileira dos fundos com a minha mãe, que olhava diretamente para a frente, sua boca em uma linha firme e dura. A gola Peter Pan do meu vestido parecia apertada ao redor do meu pescoço, e quando a puxei com o indicador, ela me olhou com irritação.

— Pare quieta, Audrey — resmungou ela em voz baixa. Deixei minha mão cair no colo.

Mais cedo, naquela manhã, eu havia parado em frente ao grande espelho sobre minha cômoda. Quando encarei meu reflexo, tive a sensação extremamente esquisita de que era outra pessoa me olhando de volta. A garota no espelho tinha o mesmo cabelo castanho-avermelhado que caía rente e reto para além de seus ombros. Seus olhos, mirando de forma fixa os meus, eram um tom idêntico de azul não-me-esqueças. Como eu, ela era amaldiçoada com uma camada de sardas ao redor do nariz, um presente do sol

quente australiano. Mas ela era alguém que eu não reconhecia, como uma impostora que tinha entrado no meu corpo e agia por vontade própria.

O vestido preto que minha mãe tinha comprado especificamente para a ocasião era feito de uma lã áspera com toque desagradável à pele. Parecia quase uma punição, como tantas das decisões que minha mãe fazia em meu nome.

Vi Lucy sentada algumas fileiras à frente, entre seus pais corujas, seu dedo indicador girando de forma distraída no cabelo loiro cor de mel. Desde que a conheço, Lucy sempre teve o hábito de brincar com o cabelo. Ela o fazia de forma inconsciente sempre que estava perdida em pensamentos. O outono era sua estação favorita, e eu não conseguia pensar em uma maneira mais apropriada de descrevê-la. Ela tinha olhos cor de âmbar queimado, e uma pele cor de pêssego orvalhado com creme. Emanava um calor leve e adocicado remanescente do outono — uma alma antiga no corpo de uma jovem. Duas semanas antes, ela havia tirado o aparelho dos dentes, e seu sorriso era como uma explosão de luz solar atravessando uma nuvem de chuva.

À direita de Lucy estava Candela, com sua mãe e sua irmã, Eve. Onde Lucy era suave como uma aquarela, Candela era ousada e obstinada. Ela agia como uma tempestade ou melodrama. Conseguia entrar em um lugar e imediatamente mudar o ambiente. Sua linda pele cor de oliva (uma ode à sua família indiana) e seus lábios volumosos eram alvo da inveja de qualquer garota da escola. Ela tinha olhos verdes-esmeralda que podiam mudar de quentes para gelados no espaço de um milissegundo.

Quando o pai de Ana se levantou para falar no púlpito, vi Lucy olhar de relance para Candela e as duas trocaram um olhar significativo. Então Candela se virou para trás e me olhou nos olhos, dando um sorriso de esguelha em minha direção. Ela começou a me dizer algo, movendo os lábios silenciosamente, quando sua mãe puxou com força a manga do seu vestido, e ela se virou de forma abrupta de volta, seu cabelo preto como um corvo chicoteando ao redor do pescoço magro.

Depois da leitura do elogio fúnebre de Ana, cada um de nós recebeu uma rosa branca (passadas pelas bancadas de madeira em

cestos de vime trançado), e o pastor nos instruiu a colocá-las dentro do caixão aberto. Eu era a última da fila, então, até chegar nela, seu corpo frágil já estava coberto de flores. Ela estava ainda mais bonita na morte do que em vida — se isso fosse possível. Parecia um anjo em seu vestido de cetim branco; seus lábios rosados lustrosos transmitiam uma serenidade pacífica. Os cachos loiros-escuros que emolduravam seu rosto em formato perfeito de coração estavam escovados de forma imaculada e brilhavam como uma auréola.

— Sinto muito — sussurrei, jogando minha rosa em algum lugar entre as outras desculpas.

Na recepção após o enterro, o clima estava igualmente sombrio. Não houve meditações filosóficas ou lembranças afetuosas. Ana tinha deixado o mundo cedo demais. Ao passar pelo bufê, a visão e o cheiro de comida embrulharam meu estômago. Mas não tanto quanto os murmúrios que chegaram aos meus ouvidos.

— ... mãe não veio ao velório da própria filha...

— ... levaram pra interrogatório, mas nenhuma acusação...

— ... não pode ser verdade.

— ... por que mais ela se mataria?

— Tão trágico. Pobre menina.

— ... nojento...

Era o meu momento, então, de esclarecer tudo. De me levantar em uma das muitas cadeiras dobráveis espalhadas pelo recinto e contar a verdade a todos. De dizer em voz alta o que minha mente gritava no silêncio movido por culpa: que eu era a culpada pela morte de Ana.

Eu estava sentada à janela, em uma poltrona chaise cinza esfumado, quando Candela veio se juntar a mim.

— Oi, Audrey — disse ela.

— Oi — respondi.

— E o Duck? — perguntou ela.

— Está doente.

Meu namorado, Brian Duckman (a quem todos chamávamos de Duck), era o típico garoto da casa ao lado. Ele vivia a apenas poucas casas de distância, e nós conseguíamos acenar um para o outro se nos esticássemos para fora dos respectivos deques de

nossos bangalôs suburbanos. Nós éramos amigos desde quando eu conseguia me lembrar. Em um verão, viajei com a família dele para sua casa de verão no norte. No finalzinho de nossa viagem, Duck e eu estávamos com algumas pessoas perto do lago. Nós estávamos nos revezando, correndo pela extensão do molhe e nos jogando na água. Quando chegou a minha vez e estava prestes a me lançar no ar, bati a cabeça na ponta do molhe e tropecei para dentro do lago. Tudo ficou escuro. Quando voltei a mim, cuspi água recém-bombeada para fora do peito. Murmúrios da multidão ao meu redor chegavam aos meus ouvidos como um sinal de rádio; o sol brilhava acima de mim, inundando minhas pálpebras fechadas. Duck tinha me achado no fundo do lago. Ele tivera de mergulhar duas vezes antes de conseguir localizar meu corpo molengo e me carregar de volta à superfície. Naquela noite, com minha experiência de quase-morte em mente, me esgueirei para o seu quarto, me enfiei na cama dele, e nossa amizade se transformou em algo mais. Foi a minha primeira vez e a dele também. Deixamos só entre nós durante um tempo, mas logo ficou aparente que éramos mais do que amigos. Nossas mães sempre foram próximas, e não era segredo que elas mantinham, fazia muito tempo, o sonho romântico de Duck e eu vivendo felizes para sempre.

Do outro lado da sala, Lucy estava ao lado de seu namorado, Freddy, e eles estavam no meio de uma conversa com um garoto que não reconheci. Lucy tinha começado a namorar Freddy apenas um ano antes, mas, para todos, eles pareciam um velho casal.

— Quem é aquele garoto falando com a Lucy e o Freddy? — perguntei a Candela.

— Aquele é o Rad, namorado da Ana — ela disse, e senti um solavanco no estômago. — Ele se formou na St. John's com Freddy ano passado.

— Ah — falei. — Eu não sabia que a Ana tinha namorado.

— Sim, eles estão juntos há séculos. Tipo você e o Duck.

Repentinamente, uma memória que tinha esquecido voltou a mim, afiada e perfurante. Devia ter sido há cerca de um ano. Eu estava atrás de Ana na fila da biblioteca. Não me lembro do que estávamos falando, mas quando ela foi tirar o cartão de empréstimos, vi uma foto atrás do filme plástico da carteira.

— Quem é esse? — eu tinha perguntado de forma casual.

— Meu namorado, Rad. — Ela deu de ombros, tirando a foto e a entregando para mim. — Ele não é lindo?

Meus olhos haviam pousado no retrato monocromático de um garoto parado contra um horizonte de beira-mar, com cabelos escuros ao vento e sobrancelhas levemente arqueadas, como se a câmera o tivesse pego de surpresa. Percebi, com um nó no estômago, que era o mesmo garoto que agora estava falando com Lucy e Freddy do outro lado da sala.

Como se sentisse que estava sendo observado, Rad olhou para nós e, por um breve momento, nossos olhares se cruzaram. Ele tentou um meio-sorriso — pareceu mais uma careta — antes de voltar sua atenção para Lucy, que pôs a mão em seu braço. Poucos momentos depois, Freddy e Lucy vieram na nossa direção enquanto Rad marchava para fora da sala.

— Como ele está? — perguntou Candela.

— Nada bem — respondeu Freddy, balançando a cabeça. Era estranho ver Freddy de terno. Ele estava sempre com alguma roupa excêntrica, como camisas quadriculadas e gravatas contrastantes, tênis Vans com estampas florais ousadas. Ele usava óculos de aro preto como os de Buddy Holly, que oscilavam na ponta de seu nariz, e estava sempre empurrando-os para trás.

— Coitadinho — disse Lucy, balançando a cabeça. — Ele deve estar passando por um inferno.

O ar pareceu rarefeito subitamente, e eu me levantei rápido. Os olhos de Candela me acompanharam.

— Você está bem, Audrey?

— Sim — resmunguei. — Só preciso de um pouco de ar.

Saí aos tropeços para a varanda, um pouco trêmula e me segurando à balaustrada de ferro forjado, minha respiração rápida e irregular.

— Você está bem? — disse uma voz atrás de mim. Eu me virei, assustada. Rad estava sentado em uma cadeira de balanço que rangia de leve conforme embalava com gentileza para frente e para trás. Ele colocou os pés no chão e caminhou na minha direção, um olhar de preocupação atravessando seu rosto.

— Estou bem — afirmei.

Ana está morta por minha causa. As palavras piscaram em minha mente sem convite algum, e meu corpo estremeceu de forma involuntária. Rad ficou parado ali por mais ou menos um minuto, seu olhar fixo em mim com firmeza. Era a primeira vez que nos encontrávamos cara a cara, e notei que a cor dos seus olhos não era exatamente igual. Um era cinzento tempestuoso, e o outro, azul de verão.

— Você quer um copo d'água? — perguntou ele.

— Não, obrigada — respondi. Mordi minha bochecha por dentro com força, e a dor aguda causou uma distração necessária para minha mente. Ficamos ali por algum tempo, até que minha respiração começou a se estabilizar. Rad pareceu aliviado.

— Você estudava com a Ana? — perguntou ele.

Assenti com a cabeça.

— Vocês eram próximas?

— Não — disse eu. — Não muito.

Ele se afastou de mim, olhando em direção ao céu e suspirando fundo.

— Posso te perguntar algo? — indagou ele.

— Claro — respondi.

— Você acredita no paraíso?

Olhei para ele, um pouco surpresa.

— Não sei — respondi de forma verdadeira, com um leve meneio da cabeça. — Mas acredito que há alguma coisa, sim.

— Como você sabe com certeza? — perguntou ele.

— É uma sensação, acho.

— Uma sensação?

— Sim, um pouco como... — pausei, à procura da palavra certa.

— Como intuição — disse, enfim.

Ele assentiu com a cabeça.

— Acho que faz sentido.

Rad ficou em silêncio por alguns momentos, e então se virou para me olhar, seus olhos no nível dos meus.

— E no inferno?

Senti meu coração parar no peito. Por um momento irracional, pensei: *Ele sabe da mentira.* Mas então percebi que era só minha

própria paranoia.

— Sim — disse eu, pensando no meu ataque de pânico da outra noite. — Acredito que existe um inferno.

Um barulho alto veio de dentro da casa, e nós nos viramos em uníssonos.

— O que foi isso? — perguntou Rad.

— Não sei. A gente deveria voltar pra dentro.

A sala de estar estava um caos. A mesa estava virada, e havia pratos de comida espalhados pelo chão. O pai de Ana estava parado no meio de tudo, sua mão aninhada de forma protetora sobre a bochecha esquerda, um filete de sangue descendo da lateral da boca. Todos observavam num silêncio pasmo o tio de Ana com o punho erguido de forma parcial, seu rosto retorcido de raiva.

— Seu doente de merda! — rosou ele. — Ela era uma criança, pelo amor de Deus! — Ele estava prestes a dar outro soco quando a mãe de Ana o puxou para trás.

— Pare com isso! — Ela entrou no meio deles.

— Por que você não parou ele, Mia? — disse ele, virando-se para encará-la. — Você devia saber o que estava acontecendo!

Ela balançou a cabeça em desamparo.

— Eu não sabia — sussurrou ela.

O pai de Ana se voltou para olhá-la, seus olhos cheios de desespero.

— Mia. — Ele parecia derrotado. — Você sabe que eu nunca toquei na nossa filha...

Ela balançou a cabeça com nojo.

— Não ouse falar comigo — sibilou ela, antes de se virar e marchar para fora.

Houve um silêncio tenso na sala, rompido apenas quando alguém começou a juntar os pratos quebrados. Murmúrios silenciosos flutuaram de todas as direções enquanto a mãe de Ana era guiada escada acima por parentes de expressão melancólica. Com a cabeça baixa e evitando todos os olhares, o pai de Ana se virou e saiu da sala.

Olhei de relance para Rad e soube que o olhar de horror em seu rosto refletia o meu, ainda que por motivos diferentes.

— Vamos dar o fora daqui — murmurou ele entredentes.

Do lado de fora, o céu estava um azul-escuro taciturno. Havia uma faixa laranja na linha do horizonte, uma faísca de chama que a noite iminente logo extinguiria.

— Quer dar uma volta de carro? — perguntou Rad.

— Pode ser.

Caminhamos até o carro dele, um sedã branco que estava estacionado do outro lado da rua. Eu me sentei no banco do carona. Havia um pequeno rasgo no estofamento, e passei meus dedos sobre ele, pensando no número infinito de vezes que Ana deve ter sentado ali. Um lampejo de culpa me dilacerou como uma ferida fresca e escancarada.

Rad se sentou no banco do motorista ao meu lado e fechou a porta. O silêncio entre nós era confortável apesar do rumo estranho dos acontecimentos que nos havia levado até ali. Conforme nos afastávamos da calçada, virei a cabeça para dar uma última olhada na casa de Ana, e consegui distinguir com dificuldade o pai dela curvado no degrau da varanda, a luz da ponta de seu cigarro brilhando lamentavelmente contra o céu acinzentando.

— Você está com fome? — perguntou Rad. Nós estávamos dirigindo sem rumo nos últimos dez minutos pelas ruas suburbanas. Mal dissemos uma palavra.

— Um pouco — admiti. Não conseguia me lembrar da última vez que tinha comido.

— Tem uma hamburgueria aqui perto chamada Alfie's Kitchen. Já ouviu falar?

Neguei com a cabeça.

— Não.

— É um restaurante pé-sujo. Eles só servem um tipo de hambúrguer, mas é bom pra caramba. E o milk-shake de morango é a melhor coisa do mundo. O que você acha?

— Parece bom — disse eu.

O Alfie's Kitchen era um quiosque pequeno que ficava no topo de uma colina gramada em frente à praia. Como Rad tinha dito, o lugar parecia sem pretensões, mas a multidão de pessoas esperando para serem servidas sugeria que havia algo especial no local. Um toldo de tela da cor de arenito se estendia a partir da fachada de tijolos, lançando um bloco de sombra sobre o gramado estendido, onde várias mesas de plástico e cadeiras estavam espalhadas sobre a grama falha. Uma garota em um uniforme branco impecável e rabo de cavalo ficava no balcão, anotando pedidos enquanto dois chefs atrás dela trabalhavam na cozinha agitada. O ar estava carregado do aroma de cebolas fritas e o som de hambúrgueres fritando. Conforme progredíamos mais na fila, vi diversas fotos de celebridades grudadas nas laterais das paredes, hambúrgueres apertados nas mãos em triunfo e sorrisos abertos nos rostos.

Quando enfim conseguimos nossas refeições, todas as mesas estavam tomadas, então seguimos para um banco de parque vazio a uma curta caminhada de distância. O banco ficava próximo da beirada de um penhasco pedregoso e tinha vista para o oceano. O céu estava ficando mais escuro a cada minuto e, exceto pela multidão ao longe, estávamos sozinhos naquele momento. Na direção do horizonte, um homem se preparava para lançar uma grande pipa multicolorida no céu.

— Venho bastante aqui — disse Rad, sentando no banco.

— Ah, é? — Sentei ao lado dele.

— A luz é linda nessa hora do dia, especialmente durante o verão. O pôr do sol dura um tempão.

— É gostoso aqui — concordei, tirando meu hambúrguer do embrulho de papel marrom.

Não tinha me dado conta de quanta fome estava até dar a primeira mordida.

— Dia estranho, né? — disse ele, tomando um gole de milkshake.

— Sim — concordei. Fiquei enjoada de repente e coloquei meu hambúrguer no banco. Meus dedos seguraram as ripas de madeira.

— Você está bem? — perguntou Rad. Ele também baixou seu hambúrguer e se virou para ficar de frente para mim.

— Estou bem — respondi, respirando fundo para me estabilizar.
— Só acabei de perceber que eu nunca conheci alguém que morreu tirando o meu avô, mas eu era só uma criança naquela época.

— Eu também — Rad sussurrou. Por um momento, ele ficou com um olhar perdido, e então estremeceu, como se afastasse uma memória. — Ei. — Ele se virou para mim. — Podemos fazer um acordo?

— Que tipo de acordo?

— Vamos *não* falar sobre a Ana hoje à noite. Os últimos dias têm sido um pesadelo, e só quero me sentir normal de novo. Mesmo que seja só por poucas horas. — Seus olhos encararam os meus. — Tudo bem? — Ele estendeu a mão para mim.

— Sim — disse eu, secretamente aliviada. Tomei a mão dele e selamos o acordo em um aperto de mãos. Notei as cores estranhas de seus olhos outra vez. Queria perguntar a ele a respeito disso, mas não tinha certeza de como abordar o assunto sem soar rude.

— Por que você está me olhando assim? — perguntou. — Estou sujo de molho? — Ele se atrapalhou com o guardanapo.

Balancei a cabeça rápido, sentindo um calor subir pelo meu rosto.

— Não — eu disse, olhando para longe. Então virei minha cabeça de volta para ele. — É só que, bom, seus olhos. Eles são surpreendentes, incríveis. Tipo, eles são muito, muito legais. — Minhas palavras saíram todas fragmentadas, e eu me perguntei se, por acaso, ele achava que eu era uma completa idiota.

— Ah, você quer dizer a heterocromia — afirmou Rad.

— É esse o nome científico? — perguntei.

— Sim. — Ele sorriu. — Eu odiava o fato de meus olhos serem diferentes quando eu estava crescendo.

— Está brincando? Eu adoraria ter seus olhos.

— Bom, a gente pode trocar se você quiser. Não sou tão apegado a eles.

— Você não quer meus olhos. Eles são meio toscos. Minha mãe diz que são grandes demais pro meu rosto.

— Acho que os seus olhos são bem bonitos — disse ele, parecendo envergonhado na mesma hora — Desculpa, eu não quis dizer nesse sentido.

— É claro que não.

Houve um silêncio constrangedor.

— Sabe, tem um seriado em que o personagem principal tem olhos de cores diferentes — disse eu.

— Ah, é?

— Aham. Ele se chama Spike Spiegel.

— De *Cowboy Bebop*?

Assenti com a cabeça.

— Você já viu?

— Sim, mas foi há muito tempo. Deve ter sido quando eu estava na minha fase de anime.

— Eu provavelmente ainda estou nessa fase.

— Está? Qual seu favorito?

— Ah, *Macross*...

— Qual das séries de *Macross*?

— *Super Dimension Fortress*.

— Essa é definitivamente a melhor — disse Rad. Ele balançou a cabeça e sorriu. — Nossa, que viagem nostálgica.

— Não acredito que você viu mesmo *Macross*. Não conheço ninguém mais que tenha visto.

— Nem eu, parando pra pensar — falou Rad.

— Tentei fazer meu namorado assistir comigo uma vez, mas ele não estava interessado.

— Seu namorado?

— Sim, o Duck.

— Você tem um namorado que se chama Duck?

— Bom, é assim que a gente chama ele. O nome de verdade dele é Brian Duckman.

— Ah, faz sentido. — Ele ergueu seu hambúrguer outra vez. — Então, há quanto tempo vocês estão juntos?

— Desde que éramos crianças, basicamente. Mas a gente não tem literalmente nada em comum.

— Não?

Balancei a cabeça.

— Discordamos sobre tudo. Eu nunca posso colocar minhas músicas quando ele está por perto. E ele não gosta tanto de livros. Mas você sabe, dizem que os opostos se atraem.

— Ele não lê livros? — questionou Rad.

— Não. Bom, na verdade, tem um livro que ele está lendo agora. Acho que se chama *Sim: agora qual é a próxima pergunta?*

— Não é um livro de autoajuda?

— É, tipo isso.

— Imagino que você prefira ficção?

Assenti com a cabeça:

— Definitivamente.

— Qual seu livro favorito?

Pensei por um momento.

— *The Land of Laughs*, do Jonathan Carroll, acho.

— Esse é dos bons.

— Você se lembra da cena em que o Thomas viaja pelas cidades montanhosas enquanto está escrevendo a biografia de seu pai?

Rad concordou com a cabeça.

— Acho que esse sempre foi meu sonho.

— Escrever a biografia do seu pai? — Havia um traço de sorriso no rosto dele.

Eu ri.

— Não exatamente. Mas eu amaria escrever algo, talvez um livro. Quero viajar pra uma cidadezinha algum dia, com coníferas e montanhas nevadas. Então eu passaria um inverno inteiro escrevendo por gosto.

— Gosto de como isso soa — disse ele.

Ficamos em silêncio por uns poucos minutos.

— Na verdade — ele parecia envergonhado —, eu tenho trabalhado em um livro.

— Você está escrevendo um romance?

— Sim, mas tipo, está no começo.

— Sobre o que é?

Ele franziu a testa.

— Não tenho certeza, na verdade. Está um pouco nebuloso ainda. Estou esperando a ideia se formar.

— Sei como é.

— Então você está trabalhando em algo também?

— Na verdade, não — respondi, olhando para longe. — Só coisas para a revista da escola.

— Bom, ainda conta — disse ele. — O que você tem escrito?

— Na maior parte do tempo, contos. Uns poucos artigos aqui e ali.

— Contos são subestimados.

— Eu sei!

— Você já leu *Todo um verão em um dia*?

— Do Ray Bradbury?

Ele assentiu com a cabeça.

— Amo aquela história — falei.

— Minha professora a leu pra nossa turma no terceiro ano, e ficou na minha cabeça desde então. Eu me lembro de me sentir mal pela garota.

— É, eu também.

Pensei em Margot, a garota triste e pálida da história que foi trancafiada em um armário e roubada de seu tempo sob o sol. Um arrepio gelado atravessou meu corpo.

— *A terceira expedição* é ótima também — Rad comentou depois de alguns momentos.

— Também amo essa.

A essa altura, as estrelas começavam a aparecer uma a uma, como furos de agulha em um véu. Deixei o ar frio e fresco entrar nos meus pulmões e tentei não pensar em lugares pequenos e confinados.

— Teve um livro que eu li quando era criança — disse Rad. — Não consigo me lembrar do título ou do autor. Mas era sobre mundos paralelos. Às vezes sinto que estou em um universo alternativo. Como se tivesse mudado de lugar com outra versão de mim, e estou preso aqui, neste mundo. Não sei se isso faz sentido.

— Faz sim — falei. — Eu também me sinto assim às vezes.

— Mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Com certeza.

— Imagino que seja como ser um personagem em um livro. A autora tem uma ideia de aonde a história está indo e estabelece seus personagens de acordo. Mas isso muda conforme ela escreve, certo? Do nada, é a segunda versão e você está preso com um nome e um histórico completamente diferentes. Então ela escreve um final alternativo pra você. Sabe, às vezes eu tenho esse

pequeno vislumbre de como as coisas eram antes da nova realidade tomar conta.

— Exatamente — disse eu. — Sei o que você quer dizer com esse vislumbre. É mais como uma sensação. — Franzi a testa. — Bom, não sei exatamente o que é, mas é algo intangível. Por isso é tão difícil de explicar. Existe uma sensação de outra coisa, uma realidade completamente diferente. Mas então você é roubado pra essa realidade do presente e fica preso aqui. Acho que a comparação mais óbvia é aquele momento em que você acorda de um sonho e tem aqueles poucos segundos de ajuste. Só que eu acho que tenho sentido isso enquanto estou acordada.

— Você acabou de descrever com perfeição — disse Rad. — Mas a ideia é maluca, não é? Estou sentado aqui neste banco de parque, falando com você, e parece tão sólido e real. Mas talvez na versão original da história nós nunca estivemos aqui.

— O que quer dizer que o banco do parque nunca existiu, pra começo de conversa.

— Assustador pensar nisso, né?

— Sim — disse eu. — Mas gosto da sua teoria sobre sermos personagens em um livro.

— Você acha que é possível?

— Acho que sim — respondi.

— Então quem você acha que nos criou?

— Não sei. Talvez seja um desses quartos de espelhos em que você vê mil versões de si mesmo. Alguém nos criou, outro alguém criou *a pessoa que nos criou*, e segue em um loop infinito.

— Bom, se esse é o caso, minha criadora deve ser masoquista.

E percebi que ele estava brincando apenas em partes.

Minha mãe estava acordada quando cheguei em casa mais tarde naquela noite. Ela estava no corredor, seu rosto em uma nuvem tempestuosa de raiva.

— São duas da manhã, Audrey — disse ela. — *Onde é que você estava?* — Abri minha boca para falar, mas ela estendeu a mão para me impedir. — Quer saber? Não quero ouvir. Sei que vão ser só mentiras, de qualquer forma. — Ela me fuzilou com o olhar, se enrolando mais em sua camisolona de dormir. Sua voz baixou, mas

ela ainda mantinha cada traço de seu veneno. — Todo mundo no velório viu você sair com aquele garoto — sibilou ela. — Você tem ideia do que ficou parecendo?

— A gente só estava conversando, mãe — falei, baixando os olhos para os pés.

— Conversando? — disse ela, erguendo a voz outra vez. — Até as duas da manhã? Qual é o seu problema, Audrey? — Ela cruzou os braços e suspirou alto. — Ana, *sua amiga*, mal esfriou no túmulo e você já está tentando enfiar as mãos na calça do namorado dela.

Levantei a cabeça para ela, furiosa.

— Como você ousa? — gritei. — Você não sabe do que está falando!

— Sim, eu sei — ela disse com frieza. — Eu vi o jeito que você estava olhando pra ele. Como você acha que o Duck se sentiria?

— Duck não ligaria, mãe. — As palavras não saíram tão confiantes como eu pretendia. Até aquele momento, eu nem tinha pensado em Duck.

— Não ligaria? — rebateu ela. — Você está fora de si, Audrey? Espero que não tenha se esquecido de que se não fosse pelo Duck, você nem estaria aqui agora.

Lágrimas saltaram dos meus olhos, mas eu não queria dar a ela a satisfação de me ver chorar. Passei bruscamente por ela, e estava na metade das escadas quando a ouvi me chamar.

— Não quero você vendo esse rapaz de novo. Está me ouvindo, Audrey? Terminou.

— Cala a boca! — gritei. — Você não pode me dizer o que fazer!

Bati a porta ao fechá-la, a raiva subindo dentro de mim. Respirei fundo algumas vezes, tentando me convencer a não chorar. Tinha sido uma noite tão estranha, e eu queria me recuperar e entender o que estava sentindo. No fundo, eu sabia que minha mãe tinha razão, e senti uma onda de autodesprezo subir à superfície. Estava claro para mim, agora, que eu não deveria ter saído da casa de Ana com Rad. Mas aconteceu tão rápido que nenhum de nós teve tempo para pensar a respeito das consequências. E agora era tarde demais para voltar atrás.

TRÊS

Candela me alcançou quando eu estava atravessando o portão da escola.

— Ei, Audrey — disse ela, um pouco sem ar. — O que houve ontem à noite?

— Como assim? — perguntei.

— Bom, você saiu da casa da Ana com o Rad. Todo mundo estava falando disso.

— Que deselegante.

— As pessoas podem ser babacas — concordou ela. — Então, o que aconteceu? Você não respondeu nenhuma das minhas mensagens.

— Desculpa — disse eu. — Cheguei em casa bem tarde.

— Mesmo? — Ela ergueu uma sobrancelha.

O sinal escolar soou.

— Ei, vamos matar aula hoje — sugeriu Candela.

— Não posso. Estou ficando pra trás.

— Audrey. — Ela segurou meu braço. — Você precisa de um tempo. E, além disso, um dia não vai te matar, vai?

Poucas horas depois, nós estávamos sentadas na costa arenosa de nossa praia favorita, observando os surfistas deslizarem pelas ondas. Estava incomumente quente para agosto, e nós estávamos aproveitando os raros traços de sol que atravessavam as nuvens cinzentas de forma intermitente. Candela me passou um baseado, e eu aceitei com gratidão.

— Valeu — agradei. — Eu realmente precisava disso.

— Eu também — disse ela. — Que semana dos infernos.

Segurei a ponta do baseado contra meus lábios, puxando a fumaça para dentro dos pulmões.

— Vá com calma, Audrey. Você sabe que isso às vezes te deixa esquisita. — Concordei com a cabeça, entregando-o de volta para ela. Ela deu duas tragadas rápidas e então apagou o cigarro na areia. Observei enquanto ela colocava o resto dele com cuidado em uma caixa de pílulas.

— Sei que não deveria ter saído com o Rad na noite passada.

— Achei que vocês não se conheciam. Quero dizer, uma hora você estava perguntando quem ele era e então, de repente, Lucy disse que vocês dois foram embora juntos. O que houve?

— Bom, eu estava ansiosa. — Olhei para ela. — Você sabe...

Candela assentiu com a cabeça. Sua mãe sofria com ataques de pânico e ela sabia que eu tinha começado a tê-los.

Respirei fundo.

— Então saí pra pegar um ar, e o Rad estava lá, na varanda de trás. Nós nos falamos um pouco, e então a briga estourou e nós fomos embora.

— Deus, a briga. — A expressão de Candela ficou animada de súbito. — Você viu o que houve?

— Perdi a maior parte.

— Foi nojento. O tio da Ana chegou um pouco bêbado. Ele foi direto no pai da Ana e bateu nele. Com força!

— É — disse eu, suavemente.

— Não que o desgraçado não merecesse — acrescentou ela.

Permaneci em silêncio.

— Sabe, não consigo acreditar que a polícia ainda não prendeu ele. Tipo, foi você quem viu os dois pela janela sem roupa e mandando ver, então talvez você devesse falar com a polícia.

Meu coração pulou para a garganta, e a verdade estava na ponta da língua para contar a Candela: que eu tinha inventado tudo, que o pai de Ana era inocente. Abri minha boca, mas as palavras não se formaram. Senti o pânico me agarrar como um vício.

— Audrey, você está bem? Ah, merda, eu não deveria ter dito nada. — Candela colocou o braço em torno de mim, afagando minhas costas enquanto eu batalhava para controlar o ritmo da

respiração. — Deus, eu sou muito idiota — disse ela, balançando a cabeça. — Sinto muito, amiga.

— Tudo bem — falei, entre respiradas rápidas e irregulares.

Ela manteve a mão nas minhas costas, massageando em um movimento circular lento. Demorou um tempo até que eu começasse a me sentir bem de novo.

— Eu vi a Ana um dia antes de acontecer, sabe — disse Candela.

— Bem quando o rumor estava virando um tornado de merda. Sei que prometi a você que não diria nada pra ela, mas eu tinha essa sensação muito forte de que deveria. Agora eu queria ter falado. — Ela mordeu o lábio e começou a desenhar formas aleatórias na areia com a ponta do dedo. — Tipo, ela era minha amiga, e eu a decepcionei. Não sei se algum dia vou superar isso, sabe?

— Sinto muito mesmo, Candela. — Eu conseguia sentir minha garganta apertar outra vez. — Isso é tudo culpa minha.

— Não, não é. Nunca diga isso. Você não fazia ideia de que Eve estava ouvindo atrás da porta.

— Eu não deveria ter dito nada — falei, minha voz baixando a um sussurro.

— Ei. — Ela deixou um suspiro sair. — Vamos... vamos só... foda-se. Não vamos mais falar sobre a Ana. Certo? Conta do Rad. Como ele estava noite passada?

— Ele estava bem — disse eu. — Acho que ele só precisava de alguém com quem falar. Talvez alguém que não conhecesse a Ana.

— Entendo. De verdade, entendo. Ele falou alguma coisa sobre ela?

— Não — disse eu, balançando a cabeça. — Ele não queria falar dela.

Candela assentiu.

— Pra ser sincera, não o culpo. Pensar nisso tudo me deixa perturbada. Eu preferiria pensar em qualquer outra coisa.

— Idem. Mas sei que deve ser um milhão de vezes pior pra você, porque você sempre foi próxima dela.

— Sim — disse Candela. Uma sombra pareceu atravessar seu rosto. — Nós tivemos momentos muito bons.

Ficamos quietas, perdidas em nossos próprios pensamentos.

— Você vai ver o Rad de novo?

— Não sei. Minha mãe ficou uma fera quando cheguei em casa ontem à noite.

— Você devia ter visto ela no velório quando a Lucy falou que você tinha ido embora com o Rad. — Um risinho escapou dos seus lábios. — Ela ficou puta. — Candela e minha mãe eram inimigas mortais.

Eu sorri.

— De qualquer modo, ela me proibiu de vê-lo.

— Ela proíbe você de me ver — apontou Candela. — Mas aqui estamos nós.

— É meio confuso. Quero dizer, não sei se o Duck gostaria muito da ideia.

Candela revirou os olhos.

— O Duck é possessivo demais. Você sabe que eu adoro ele, mas o cara precisa relaxar.

— Ele pode ser um pouco mal-humorado às vezes, mas ele é um cara legal, de verdade. Além disso, eu provavelmente sou a última coisa que o Rad precisa agora.

— Ou — Candela me lançou um olhar longo e significativo —, você poderia ser exatamente o que ele precisa.

Cheguei em casa no final da tarde e senti o cheiro de canja de galinha flutuando pela casa. Minha mãe saiu da cozinha, desamarrando o avental e passando-o por cima da cabeça.

— Ah, que bom, você está em casa. Eu ia levar um pouco de canja pra casa do Duck, mas você pode levar, se quiser.

— Tá bom — eu disse.

Eu a segui cozinha adentro, colocando minha mochila em uma cadeira. Ela remexeu os armários e achou uma garrafa térmica antiga. Depois de passar um pouco de água nela na pia, colocou a canja dentro cuidadosamente com uma concha e depois fechou a garrafa com força. Ela limpou as laterais com um pano e então entregou para mim.

— Aqui — disse ela. Coloquei a garrafa térmica sob meu braço e parti na curta caminhada até a casa de Duck.

A mãe de Duck, Zoe, abriu a porta na terceira batida.

— Audrey! — disse ela, com um grande sorriso. — Entre. — Ela abriu mais a porta e eu a segui para dentro.

Cada vez que eu passava pela porta da frente da casa de Duck, eu era recebida com uma foto de nós dois que Zoe tinha pendurado na entrada da sala. Nós tínhamos treze anos, e nossas mães haviam nos colocado na competição local de dança de salão. Na foto, Duck estava em um terno azul-claro horrível, e eu trajava um vestido acetinado estranho que minha mãe tinha costurado para mim. Sempre me fazia estremecer de vergonha.

— Como o Duck está se sentindo? — perguntei.

Zoe revirou os olhos.

— Você sabe como ele é.

— Gripe de homem? — Era uma piada interna entre nós.

— Exatamente. — Ela riu. — Ele está um pouco mal-humorado, mas talvez você consiga animá-lo.

— Vou tentar — falei com um sorriso fraco.

Duck estava sentado na cama jogando *Grand Theft Auto*.

— Oi — disse ele, olhos grudados à tela.

— Oi. — Eu me sentei na beirada da cama e coloquei a garrafa térmica no chão. — Trouxe a canja da minha mãe.

— Ah, ótimo — falou, seu tom sarcástico. — Estava com desejo de água com sabor de frango o dia todo.

— Você fica tão irritado quando está doente — disse eu, bagunçando seu cabelo.

— Então, que história é essa de você ir embora com o namorado da Ana depois do velório?

— Meu Deus, a fofoca corre rápido por aqui — resmunguei, olhando para longe.

Ele pausou o jogo e largou o controle.

— Então, que história é essa?

Dei de ombros.

— Não sei. Nós só estávamos conversando. Nada de mais.

— Nada de mais? Você deu o fora com um cara que nunca tinha visto, e não é nada de mais?

— A namorada dele acabou de morrer. Acho que ele só queria alguém com quem conversar, o.k.? — Eu conseguia sentir os olhos de Duck me perfurando, e me virei para encará-lo. Eu podia notar, por sua expressão, que ele estivera remoendo isso o dia inteiro. Ele parecia um pouco pálido, e havia um pouco de barba por fazer em seu queixo. Apesar disso, ele ainda estava lindo como sempre. Seu cabelo era castanho-escuro e desalinhado, e seus olhos eram de um azul encantador.

— Do que vocês falaram? — perguntou Duck. Ele sempre sentira ciúmes de mim com outros garotos.

— De coisas, eu acho. Não sei. Coisas que amigos falam em geral.

— Então vocês são *amigos* agora? — disse ele, em um tom irado. Eu o fuzilei com o olhar.

— Eu posso ter amigos, Duck.

— Claro, na próxima vez que eu estiver numa festa, vou embora com alguma garota aleatória e transformar *ela* na minha nova amiga.

— Não era uma festa — disse eu, minha voz se erguendo. — Era um *funeral*.

— Qual a diferença? — desafiou ele.

— É diferente.

— Como?

— Ah, deixa pra lá. Você não entenderia.

— E imagino que ele sim?

Eu me levantei.

— Qual o seu problema? — disse eu com raiva. — Nós só passamos um tempo juntos. Não é nada de mais. A namorada dele acabou de morrer. Imagino que essa seria a única coisa na mente dele.

— Certo — disse Duck, encolhendo os ombros. Ele olhou para longe. — Tanto faz.

— Olha, você está doente e se sentindo uma merda. Eu entendo. Mas você não precisa ter ciúmes do Rad.

— Então ele tem um nome.

— Dá pra parar?

— Parar o quê? — Duck parecia desafiador.

— Parar de ser um idiota sobre isso. Eu não fiz nada de errado, e você sabe.

Ele me olhou por alguns momentos, uma expressão vazia em seu rosto. Então, suspirou e disse com uma voz resignada:

— Desculpa.

— Tudo bem — disse eu com dureza.

— É só que eu fiquei preso no meu quarto o dia todo, e ouço todas essas coisas sobre a minha namorada sair com um cara aleatório. Como você espera que eu me sinta?

— Não é como se eu tivesse planejado, sabe. Só aconteceu. — Joguei minhas mãos para o alto e me sentei de novo na borda da cama de Duck.

Ele pegou o controle do PlayStation e começou a jogar de novo.

— Então, como ele está?

— Ele está bem, acho. Tenho certeza de que ele e a Ana eram muito próximos. Tipo, não consigo imaginar como eu me sentiria se estivesse no lugar dele.

— Nem eu — disse Duck em silêncio. Ele ergueu os olhos para mim. — Sabe, eu ainda não consigo entender o que houve com a Ana. Ela estava ali semana passada. Me emprestou uma caneta na aula de inglês. Como uma pessoa pode ir de emprestar uma caneta pra estar morta? — Senti o quarto girar um pouco, e agarrei o edredom azul-celeste na cama de Duck. — Você já pensou em não existir? — continuou ele, sem notar minha crise de ansiedade súbita. — Quero dizer, o conceito não aterroriza você?

— É claro que sim.

— Eu me lembro de quando tinha doze anos. Meu pai estava falando sobre o filho de alguém do trabalho que se engasgou com um pedaço de maçã e morreu. Acho que me traumatizou. Tipo, eu fiquei obcecado com a morte depois disso. Até o ponto de ficar doente. Imagina isso. Você não ser mais nada.

— É um pensamento assustador — concordei.

— É como em *A história sem fim*. Sabe, como o Nada começa a tomar conta.

Assenti com a cabeça, voltando o pensamento para aquele dia no lago, meu corpo inconsciente pousando com leveza entre as pedras cobertas de musgo, uma plateia de peixes minúsculos indo e

voltando, se lançando com ansiedade. Quanto tempo demoraria para que minha vida se esvaísse pelas minhas mãos? E se Duck não me encontrasse no segundo mergulho? E se tivesse sido no terceiro, no quarto? Teria sido tarde demais? Se Duck não tivesse me salvado naquele dia, será que Ana ainda estaria aqui?

Olhei para Duck, seus olhos fixos na tela. Sirenes e estática de rádio irrompiam do aparelho de televisão. Uma perseguição de carros estava acontecendo. Tentei imaginar como eu me sentiria se a situação se invertesse e Duck tivesse saído do velório de Ana com outra garota. Não senti nada: nem um pinga de ciúmes. Seria porque ele nunca me dera motivos para duvidar de seus sentimentos por mim? Por que ele sempre estava duvidando dos meus?

— Então — começou ele, me olhando de esguelha —, você vai continuar vendo esse seu amigo novo?

Eu me levantei, meus pulsos fechados com força.

— Olha, pare de tentar arranjar uma briga comigo, o.k.? Eu tenho passado por momentos difíceis ultimamente, você sabe disso.

— Audrey, você nunca foi tão próxima da Ana — apontou ele. — Quer dizer, a Candela parece estar lidando com isso melhor do que você, e elas eram bem próximas.

— Ei — disse eu, defensiva. — Uma criança que você nem conhecia morreu engasgada com um pedaço de fruta e isso te afetou, então talvez seja o mesmo pra mim.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos.

— Acho que sim — concordou, enfim.

— De qualquer forma, eu deveria voltar antes de escurecer.

— O.k.

— Você vai à aula amanhã? — Duck e eu estávamos no nosso último ano em Barrett, uma das poucas escolas particulares mistas de North Sydney. Ficava a uma curta viagem de ônibus de Three Oaks, e era para onde a maioria das famílias em nossa cidade mandava seus filhos.

— Acho que estarei bem até amanhã — disse ele. — Te busco de manhã.

— O.k., vejo você amanhã.

Mais tarde, naquela noite, eu estava deitada na cama quando entreouvi um diálogo entre meus pais.

— Acho que é hora de mandarmos ela ver alguém.

— Você acha mesmo que é necessário?

— Bom, ela mal está comendo, e essas mudanças de humor...

— Não sei o que deu nela...

— Pelo amor de Deus, Edwina, a amiga dela acabou de cortar os pulsos.

— Elas não eram exatamente próximas.

— Elas se conheciam desde crianças. Ana esteve por aqui várias vezes.

O diálogo continuou, mas começou a chover e as palavras deles se perderam no leve som tilintante no telhado. Suspirei e alcancei minha lâmpada de leitura para ligá-la. Eu me aconcheguei em alguns travesseiros e peguei meu exemplar de *Minha doce Audrina*, lido pela metade, da mesa de cabeceira.

Poucas horas depois, estava no capítulo final quando meu telefone vibrou com uma mensagem de texto. Era Rad.

Tá acordada?

Eu respondi:

Sim.

Não consegue dormir?

Não.

Nem eu. Quer dar uma volta de carro?

Conferi a hora. Eram quase duas da manhã.

Agora?

É.

Pensei a respeito. Meus pais me assassinariam se soubessem, mas não era a primeira vez que eu tinha escapado no meio da noite.

— Dane-se — murmurei entredentes. Senti uma pequena e inesperada empolgação com a ideia de vê-lo outra vez.

Respondi de volta:

Certo.

Te vejo na frente da sua casa em 10 minutos.

Rad estava estacionado do lado de fora quando fechei a porta da frente da forma mais silenciosa que consegui e segui rápido para o carro dele.

— Oi — disse ele, enquanto eu deslizava para o banco do carona.

— Oi.

Ele se afastou da calçada e virou na rua seguinte.

— Aonde estamos indo?

— Na verdade, tem algo que preciso fazer, e estava esperando que você me ajudasse.

— O que é?

— Ana tinha esse colar de ouro a que ela era muito apegada. Tinha sido um presente de seus pais...

Rad mudou de marcha e virou na esquina seguinte. Ele enterrou a mão no bolso da calça jeans e tirou uma corrente dourada com um broche em formato de coração na ponta. Reconheci-o imediatamente. Eu estava sentada na minha carteira um dia, com o professor zumbindo sobre álgebra, quando um vislumbre de luz capturou meu olhar. Do lado de fora, um raio de sol tinha perfurado as nuvens, iluminando por um instante um colar de ouro ao redor do pescoço de Ana, como uma piscadela. Com uma curiosidade preguiçosa, eu havia notado um amassado no centro do medalhão em forma de coração.

— Sempre me perguntei por que o amassado estava ali — falei.

— O cachorrinho dela, Starflash, mordeu — disse Rad. — Acho que ela gostava mais ainda dele por causa disso. Ela costumava dizer que as coisas mais lindas são danificadas de alguma maneira. — A expressão dele entristeceu. — De qualquer forma, eu o

encontrei hoje à noite. Ana tinha enfiado ele em uma cópia de *O condenado*, do Graham Greene, como um marca-páginas, eu acho, e então ela se esqueceu. Nós procuramos por ele em tudo que era lugar, e eu ficava dizendo a ela pra não se preocupar, que ele apareceria mais cedo ou mais tarde. Hoje de noite eu estava guardando algumas das coisas dela numa caixa, e o medalhão caiu do livro. Sei que Ana iria querer ter isso, então pensei que deveria devolver.

Eu demorei uns poucos momentos para compreender o que ele queria dizer com devolver o medalhão para Ana.

— Você quer dizer agora?

Rad assentiu com a cabeça.

— Você quer ir ao cemitério a esta hora?

— Você não precisa vir se não quiser — disse ele. — Posso te levar de volta pra casa.

— Por que não esperar até de manhã? Cemitérios são tão assustadores à noite.

— Não quero deixar o colar na lápide dela, caso alguém pegue — disse Rad. — Eu estava pensando em enterrar ao lado dela, e acho melhor não fazer isso em plena luz do dia.

— Acho que você tem razão — suspirei.

— Então, você quer vir?

Pensei a respeito por alguns momentos.

— O.k. — concordei, enfim.

Ele pareceu aliviado.

— Valeu, Audrey. Sendo sincero, eu não estava feliz com a ideia de ir lá sozinho.

Comecei a me arrepender de minha decisão quando Rad chegou à entrada do Cemitério de Woodlands, onde Ana estava enterrada. Conforme dirigíamos pelos salgueiros chorões e lápides saltando do chão como dentes tortos, uma sensação de trepidação tomou conta de mim. Quando paramos, comecei a sentir pequenos alfinetes espetando a parte de trás do meu pescoço. Isso era sempre um mau sinal.

— Você está bem, Audrey? — perguntou Rad, desafivelando o cinto de segurança. — Qual o problema?

— Estou bem — disse eu, mas minha voz saiu estrangulada e meu corpo inteiro tremia.

— Você não parece bem. — Rad franziu a testa. — Quer ir embora?

Balancei a cabeça e tateei em frenesi à procura da maçaneta do carro.

— Eu só... preciso de um pouco de ar. — Arfei. Cambaleei para fora do carro, na grama, tentando desesperadamente colocar ar para dentro dos pulmões.

— Audrey! — Rad se materializou ao meu lado. — Está tudo bem, calma. — Senti a mão dele em meu ombro e a empurrei.

— Não me diga pra ficar calma! — estourei, me sentindo desorientada.

— Desculpa — disse ele, dando um passo para trás.

Minhas mãos tinham ficado dormentes, e eu as chacoalhei com fúria enquanto caminhava para cima e para baixo no campo gramado. Eu provavelmente parecia prestes a ter um colapso mental, mas não me importava. Tudo em que eu conseguia me concentrar era na *coisa* horrível que tinha tomado conta do meu corpo. Eu estava desesperada para retomar o controle.

— O que eu posso fazer? — ouvi Rad dizer através da névoa poluindo meu cérebro.

— Vou ficar bem — arquejei. — Só... só me dá um minuto. Por favor.

Poucos momentos depois, eu começava a me sentir um pouco melhor. Lancei um olhar para Rad, parado ali com um olhar de preocupação em seu rosto.

— Você está bem?

Assenti com a cabeça.

— Sinto muito.

— Não sinta.

— Às vezes parece que... que tem uma cobra ao redor do meu corpo empurrando cada átomo minúsculo pra fora dos meus pulmões. Não sei outra forma de explicar. — Eu respirei fundo e deixei o ar sair devagar.

— Você não tem que explicar — disse ele, e de alguma maneira, eu senti que não precisava.

- Obrigada. — Lancei a ele um sorriso tenso.
— Ei, por que você não fica no carro enquanto vou e faço isso?
— Não. — Balancei a cabeça. — Eu vou com você.

A lápide de Ana mal estava visível sob todos os cartões, buquês apodrecendo e outros símbolos de luto.

Uma lua cheia estava pendurada no céu como uma lanterna chinesa, e apesar de eu estar grata pela luz, minha mente seguia repetindo cenas aleatórias de filmes de terror em uma montagem sinistra.

Rad tinha trazido uma pequena pá, como as que minha mãe costumava usar para jardinagem. Ele se ajoelhou aos pés do túmulo de Ana e, com a ponta fina de metal, perfurou com cuidado um pequeno trecho de grama. Ele deixou a camada de grama separada de lado e começou a cavar o solo fresco. Eu me sentei ao lado dele de pernas cruzadas e observei. Minha mente disparou para o ataque de pânico de antes. Pensei que ele não iria querer nada comigo, que ele acharia que eu era uma aberração. Mas ele não parecia se importar ou criar caso, e eu gostava mais dele por isso.

— Sabe, eu costumava ouvir histórias sobre crianças que vinham pra cemitérios no meio da noite. Eu nunca pensei, nem em um milhão de anos, que seria uma delas — disse eu.

Rad balançou a cabeça.

— Nem eu.

Depois de poucos minutos, ele parou e se levantou, pescando o colar do bolso. Olhou para ele com um misto de curiosidade e tristeza.

— Sabe, eu nunca abri isso — disse ele. — Não sei o que ela colocou dentro.

— Tenho certeza de que é uma foto sua. — Eu me levantei e olhei para o medalhão dourado na palma da mão dele.

Ele assentiu com a cabeça.

— Acho que eu deveria só enterrar e ir embora. — Mas havia uma hesitação em sua voz.

— Talvez Ana quisesse que você olhasse dentro.

Rad pareceu estar pensando no assunto, e então ele forçou a alavanca no canto do medalhão com os dedos. Ela abriu com um

clique de pouca resistência.

— Não é uma foto minha — disse ele. Eu me inclinei para mais perto para examinar a foto presa na moldura em forma de coração.

— É a Candela — exclamei, olhando para ele com surpresa.

— Sim — concordou ele. Eu não conseguia ler a expressão em seu rosto.

Sem uma palavra, Rad fechou o medalhão num estalo de volta para a posição original. Então ele se ajoelhou outra vez e o colocou devagar no buraco recém-cavado.

Ficamos em silêncio enquanto ele cobria o medalhão com terra, preenchendo o vazio. Então Rad pegou o pedaço de grama e o colocou com cuidado de volta na posição, dando tapinhas gentis. Parecia que nunca havíamos estado lá: como se o colar e seu significado misterioso tivessem sido engolidos pela terra. Rad olhou o relógio.

— Vai amanhecer daqui a poucas horas. Vamos sair daqui. Conheço um lugar ótimo pra ver o sol nascer.

QUATRO

O dia estava maçante e depressivo. Eu estava de carona no carro da minha mãe, com hora marcada para minha primeira consulta com uma psicóloga logo antes do almoço.

Minha mãe estava me enchendo a respeito de Rad desde o café da manhã, e não largava o assunto.

— Eu só estou tentando impedir que você cometa um erro gigantesco, Audrey — disse enquanto parava no ponto de ônibus. — Você vai me agradecer um dia. — Ela ajustou o espelho retrovisor para ver seu próprio reflexo antes de passar um batom vermelho brilhante nos lábios.

— Mãe, eu não estou mais vendo o Rad — menti. — Você pode só deixar isso pra lá?

Depois de sairmos do cemitério naquela noite, Rad me levou para um farol antigo em Widow's Cove. Ficava ao final de um cais maltratado e não era muito mais alto que um poste. Nós subimos uma escada frágil até uma sacada ladeada por um fino corrimão de metal. Ainda estava escuro, e a lua — grande e brilhante — lançava uma difusa luz pálida sobre a água. Naquela noite, conversamos como velhos amigos fazem, com sinceridade e intimidade. Nós ainda estávamos em uma conversa profunda quando o sol anunciou sua chegada com um florescer impressionante de laranja e rosa.

— Bom, o dano já foi feito. — A voz de minha mãe, sempre à beira da histeria, cortou por entre meus pensamentos. — Eu estava no mercado esses dias e ouvi as irmãs Baker fofocando sobre isso no corredor do lado.

— Isso é porque elas são babacas, mãe. Não posso viver minha vida inteira me preocupando com qualquer coisinha que dizem sobre mim.

— Não, não pode. Mas, no futuro, pode tentar ter um pouco mais de consideração. Imagina como o Duck se sente com você saindo por aí com um cara qualquer.

— Nós só conversamos, só isso. E o Duck sabe disso. Rad precisava de um amigo naquela noite, e eu estava lá. Você só está tentando transformar isso em algo que não é. Talvez você esteja projetando sua própria culpa em mim — falei, as palavras saindo com pressa antes que eu perdesse a calma.

Os olhos dela se apertaram.

— Do que você está falando?

— Você sabe exatamente do que estou falando. O que você fez com o meu pai.

O rosto dela adquiriu um feio tom de vermelho.

— Como você ousa — sibilou ela. — Aquilo aconteceu anos atrás. Seu pai já superou. Você é a única que não deixa de lado.

— Bom, que escolha ele teve? — disparei. — Pelo menos guardamos nosso segredinho sujo pra nós mesmos. — Assim que as palavras saíram da minha boca, eu sabia que tinha ido longe demais.

— Sai daqui! — gritou ela. — Sua peste ingrata. Sai *agora*.

Saí do carro o mais rápido que podia, batendo a porta atrás de mim.

Conforme o ônibus se afastava do ponto, fiquei sentada no meu assento beliscando com força a pele entre as articulações dos dedos. Engoli uma grande porção de ar pela boca e exalei devagar. Sentindo vergonha, virei a cabeça para ver se alguém tinha notado o quanto eu estava tremendo. Mas o ônibus estava lotado, e todos os passageiros pareciam estar em seus próprios mundos.

Minha mãe tinha uma maneira de fazer tudo parecer dez vezes pior do que era de fato. Ela me observava como um falcão, analisando cada movimento meu, procurando uma oportunidade de chamar minha atenção. Quando eu tinha treze anos, ela foi me buscar em uma festa de aniversário. Ela viu uma mancha de bolo em meu vestido novo e gritou comigo na frente de todos os meus amigos. Apesar de ter sido anos atrás, a humilhação que eu senti naquele dia permanecia fresca na minha mente.

Conforme o ônibus seguia, partindo e parando no tráfego pesado da manhã, alcancei o bolso da minha calça jeans e peguei o pedaço amassado de papel amarelo brilhante que meu pai tinha me dado na noite anterior.

Ida Summers & Associados
Número 24, Sentinel Street, Cremorne

Ida Summers já era um nome familiar para mim. Eu o ouvia aqui e ali de vez em quando, no intervalo, como um símbolo de status. Ela tinha a reputação de tratar adolescentes problemáticas.

Era estranho. As palavras “ataque de pânico” eram atiradas por aí com tanta frequência que eu não costumava pensar nada delas, aplicando a expressão às coisas mais triviais. Mas agora, sempre que as ouvia, meu estômago revirava. Eu costumava ser à prova de balas, e nem sabia.

Descrever um ataque de pânico a alguém que nunca teve um é impossível. No entanto, para quem já teve, nenhuma explicação é necessária. Você apenas tem que dizer a palavra “ansiedade” e seus olhos se iluminam com uma expressão significativa. Uma mistura de “bem-vinda ao clube” e “sei que é um saco, mas ao menos você não está sozinha”.

Na noite passada, eu estava assistindo a um filme quando, no meio, ele dessincronizou. Conforme os atores falavam, suas palavras não se encaixavam mais nos movimentos de seus lábios. Peguei o controle remoto e tentei o botão de pausar. Quando isso não funcionou, tentei recomeçar o filme, esperando que isso resolvesse o problema. No fim, eu desisti e parei de assistir. Foi então que a percepção veio: aquela sensação de ausência de sincronia é exatamente o que a ansiedade é. Só que imagine que não é numa tela de filme, mas no seu cérebro. A pior parte é que você não tem controle sobre ela. Não há conserto. Você tem que esperar até as coisas começarem a parecer normais de volta, mas quando está nesse estado mental, você não consegue saber se algum dia isso acontecerá. E é isso que torna a experiência tão assustadora.

Cheguei à clínica vinte minutos antes da minha consulta. Eu ainda estava mentalmente exausta depois da discussão com minha mãe mais cedo. Tentei o máximo não pensar nisso.

A construção era uma casa de dois andares com um terraço de tijolos expostos ao lado de uma fileira de butiques, um minimercado e um sebo. Empurrei o portão de ferro forjado e subi pelo caminho de concreto para pedestres rumo à porta vermelha brilhante. À minha direita ficava um interfone e, ao lado, uma placa retangular que dizia *Ida Summers*, junto de dois outros nomes que não reconhecia. Pressionei o botão vermelho intitulado como *Chamar*.

Ouvi um irrompido de estática e uma voz feminina, quase infantil, atendeu.

— *Alô?*

— Oi, é a Audrey, pra minha consulta das onze horas com a Ida — disse eu no receptor.

— *Ótimo, entre.*

Houve um som de zumbido seguido por um clique conforme empurrei a porta para abrir. Caminhei para a pequena sala de recepção e fui recebida por uma senhora baixinha, vestida em um terninho cinza.

— Olá — disse ela, sorrindo para mim de trás de sua escrivaninha. — Esta é sua primeira vez com a Ida?

— Sim, é.

Ela se levantou e começou a passar as páginas em um armário de arquivo antes de puxar uma folha de papel.

— Você pode preencher isso, por favor?

— Claro — respondi, pegando o formulário de suas mãos minúsculas.

— Audrey? — ouvi enquanto folheava as páginas de uma revista. Quando olhei para cima, vi uma mulher de trinta e poucos anos parada sob o portal. Seu cabelo preto como tinta estava cortado em um corte *bob* preciso, e um par de óculos aro de tartaruga emoldurava seus traços de boneca de porcelana.

— Sim.

— Sou a Ida — disse ela, com um sorriso. — Venha comigo.

Eu a segui por um lance estreito de escadas e por uma porta com painéis de madeira. O consultório de Ida era pequeno e escuro, e a decoração, esparsa. Era quase monocromático, com paredes brancas casca-de-ovo e arte abstrata. Padrões geométricos floresciam e desapareciam dentro de molduras de alumínio escovado. Uma fileira organizada de certificados, proclamando as numerosas áreas de conhecimento de Ida, estava em exibição em uma parede que, fora isso, estava vazia. Uma janela alta e estreita, posicionada atrás de uma escrivaninha sólida de carvalho lançava um pouco de luz no recinto pouco iluminado.

— Por aqui, querida — disse ela, apontando para uma poltrona de couro marrom no centro da sala. — Você pode se sentar aqui. Coloque aquele xale por cima se ficar com frio: gosto de deixar a janela aberta. Você pode fumar aqui, se quiser.

— Tudo bem. Eu não fumo — disse eu, me sentando na poltrona.

— Ótimo ouvir isso, querida. Eu não recomendaria — ela disse com um riso rápido e gutural. — Mas você não se importa se eu fumar?

— Não, não me importo — respondi. Ela tirou um cigarro de um estojo prateado e o acendeu com um isqueiro Zippo rosa fluorescente. Deu uma tragada longa e suspirou com prazer, expirando a fumaça pela janela. Então, sentada em sua escrivaninha, ela me olhou com cuidado.

— Você é bonita — disse. — Quantos anos tem? Dezesseis? Dezesete?

Puxei o xale azul-escuro sobre meu corpo.

— Vou fazer dezoito. É meu aniversário daqui a alguns dias.

— Bom, feliz aniversário adiantado! — disse ela com animação.

— Você está confortável, querida?

— Sim, obrigada.

— Tem planos para o grande dia?

— Não, ainda não.

— Alguma coisa que esteja esperando?

O rosto de Rad ocupou minha mente da mesma maneira que uma lente de câmera foca uma imagem borrada. Senti uma vontade súbita em meu peito, rapidamente substituída por uma onda de culpa.

— Não, na verdade não — menti.

Ela me olhou de forma pensativa.

— Então — disse ela com um sorriso —, me conte o que traz você aqui.

Dei de ombros.

— Meus pais, eu acho. Eles acham que eu tenho problemas.

— E como você se sente em relação a isso? — perguntou ela.

— Não sei. Minha mãe me enlouquece.

— Ah, é?

— Sim, ela está sempre no meu pé. Nós tivemos uma mega discussão hoje de manhã, aliás.

— Ah, é? — disse Ida, tragando o cigarro outra vez. — Sobre o quê?

— É uma longa história — resmunguei, olhando para longe.

— Bom, nós temos quase uma hora pra matar.

Sorri querer.

— Ela traiu meu pai há alguns anos. Não gosto de pensar naquele período da história da nossa família.

— E esse era o motivo pelo qual estavam discutindo? Sobre algo que aconteceu anos atrás?

— Não, na verdade não. De vez em quando, eu trago à tona.

— Como uma arma contra ela?

— Só quando quero a solução nuclear. Sei que é errado.

— Então sobre o que realmente era a discussão?

Balancei a cabeça.

— Algo idiota, não sei.

— Sobre um garoto? — chutou.

Eu estava prestes a negar, mas conseguia ver na expressão dela que eu tinha me entregado.

— É tão clichê, não é?

— Tem um motivo pelo qual as coisas neste mundo viram clichês. É porque são comuns — disse ela com um sorriso. — Então, este garoto tem nome?

— O nome dele é Rad. É uma situação complicada.

— Por quê?

— Eu conheci ele em um velório, ele é o namorado da Ana. — Depois de uma pausa curta, adicionei: — Ela é uma garota que foi

minha colega de escola. Era o velório dela.

— Ah — falou Ida. — O que aconteceu com ela?

— Ela se matou. — Mordi meu lábio e olhei para longe.

— Entendo — disse ela, com um suspiro pesado. — Que tragédia terrível. — Ela apagou o cigarro em um cinzeiro vermelho em forma de coração, os olhos dela encontrando os meus. — Então, você está se sentindo culpada por sua atração pelo namorado da Ana?

— Sim — falei, enrolando as franjas do xale azul em torno do meu indicador. — Além do mais, pra complicar mais as coisas, tenho namorado também. Ele se chama Duck.

— Há quanto tempo você o conhece?

— Desde sempre.

— E como você se sente sobre ele?

— Bom, ele é tipo família pra mim. Ele mora no fim da rua, e nossas mães são melhores amigas. Duck passou por todos os aniversários, todos os natais, praticamente todos os marcos da minha vida. Acho que foi algo natural, nós dois terminarmos juntos.

— Há quanto tempo vocês são um casal?

— Desde os catorze anos. Ele salvou minha vida.

Os olhos dela se arregalaram.

— Salvou?

Concordei com a cabeça.

— Eu sofri um acidente perto do lago. Quase me afoguei, mas ele me salvou. Depois disso, acho que me senti como se... — pausei.

— Como se devesse algo a ele, de alguma forma?

Minha mente disparou de volta para aquela noite em que me enfiei no quarto de Duck. Até aquele momento, havia um limite estabelecido, ao menos para mim. Até ele me puxar do fundo daquele lago, da morte certa, eu pensava nele como um amigo e nada mais. Apesar de nunca ter dito em voz alta, eu de fato me perguntava de tempos em tempos se nós teríamos sido um casal se eu nunca tivesse ido ao lago naquele dia.

— Quando alguém salva sua vida, acho que você de fato sente um senso de obrigação. — Franzi a testa. — Não que eu não ame o Duck: só sinto como se não tivéssemos nada em comum.

Ela assentiu com a cabeça.

— E você sabe como ele se sente em relação a você?

— Duck tem essa ideia fixa na cabeça sobre nós dois. Ele vai começar a estudar Direito ano que vem como sempre planejou, e assim que se formar, ele quer sossegar.

— O que você acha do plano dele?

— Acho que eu sempre me deixei levar porque era tão distante do presente que não parecia real pra mim. Agora que está se aproximando, eu me sinto apavorada. Não quero aquela vida. Talvez eu quisesse um dia, mas desde que eu conheci o Rad, parece que existe toda uma outra dimensão. — Pausei e mordi a ponta do dedão. — É quase como se antes dele só existisse pra cima e pra baixo, mas agora descobri que você também pode ir pros lados. Isso faz algum sentido?

Ida concordou com a cabeça.

— Na verdade, faz todo o sentido. — Ela alcançou o outro lado de sua escrivaninha e pegou um bloco de notas e uma caneta. — É claro que você está passando por um momento difícil — continuou ela. — Você está no último ano da escola?

— Sim.

— Então você tem que lidar com suas provas chegando também. — Ela me lançou um olhar compreensivo. — Não me espanta que você esteja com dificuldades pra aguentar.

— Eu estou. Tudo parece estar acontecendo de uma vez só.

— Pobrezinha — disse Ida enquanto escrevia algo no bloco de notas. — Você era próxima da Ana?

— Não, mas minha melhor amiga, Candela, era muito próxima dela.

— E como ela está?

— Não tenho certeza. — Franzi a testa. — Ela parece estar bem, o que é estranho. Eu achei que ela estaria pior.

— Cada um tem o seu luto individual.

— Acho que sim.

— E seus problemas só começaram recentemente? — perguntou Ida. — Depois da morte da Ana? Como você se sentiu quando ouviu a notícia?

— Chocada, no começo. Paralisada, pra ser sincera. — Senti um arrepio descer pela minha espinha e puxei o xale azul mais para perto de meu corpo. — E mais tarde, naquela noite... bom, foi

estranho. Eu tive essa sensação que nunca havia tido antes. Era como se... minha mente estivesse sendo puxada pra fora do corpo. Essa é a única maneira que consigo explicar. Eu achava que estava enlouquecendo. Tenho pesquisado os sintomas na internet e acho que foi um ataque de pânico.

Ida concordou com a cabeça.

— Eu diria que foi isso que aconteceu. Você teve algum outro desde então?

— Sim, e sinto como se sempre estivesse à beira de um. Você acha que vai continuar acontecendo?

— É provável. — O olhar que ela me deu era quase um pedido de desculpas, e meu coração afundou.

— A pior coisa é a ansiedade constante.

— Eu sei, querida — disse ela. — A preocupação é um círculo vicioso. A maioria das pessoas tende a ter ataques de pânico de tanto pensar. Mas tenho algo que pode ajudar você.

Ela abriu uma gaveta e tirou um pequeno jarro de vidro que continha uma variedade de elásticos. Ela abriu a tampa, pescou um e foi até onde eu estava sentada, entregando o pedaço de elástico marrom pra mim. Eu a olhei confusa enquanto pegava aquilo da mão dela.

— Coloque isso no pulso — disse ela.

Fiz o que ela pediu.

— Boa menina. — Sem aviso, ela segurou o elástico com o dedão e o indicador, puxando-o para atrás, e então o soltou.

— Ai! — gritei, conforme a ferroada aguda da borracha penetrava minha pele. Puxei minha mão para longe dela. — O que é isso?

— Desculpe, querida. Veja, quando você perceber que está entrando em uma espiral de preocupação, a dor repentina vai te tirar de dentro da cabeça. É uma maneira de manter seus pés no chão e trazer você de volta à realidade.

— Ah — eu disse com suavidade. Comecei a ver a lógica por trás da ideia e fui preenchida por uma faísca de esperança. *Talvez isso funcione.*

— Quando você começar a se sentir ansiosa, puxe o elástico pra trás e estale na pele. Isso deve ajudar com a ansiedade.

— Certo, vou tentar.

— Bom. — Ela espiou o relógio na parede. — Parece que o tempo acabou, querida.

— Já? — perguntei, surpresa.

Ela assentiu com a cabeça enquanto eu me levantava.

— Tem mais alguma coisa que você queira me perguntar?

Balancei a cabeça.

— Não consigo pensar em nada.

— Lembre, Audrey — disse Ida, seus olhos encarando os meus diretamente —, você pode dizer o que quiser aqui. Nada sai dessa sala, o.k.?

Quis contar a ela sobre a mentira bem naquela hora e lugar, mas eu simplesmente não conseguia fazê-lo.

— Certo — falei, baixando os olhos para os pés.

— Vejo você de novo semana que vem, querida. Na mesma hora? A Gloria vai te mandar uma mensagem de texto no dia anterior pra você não esquecer.

CINCO

Eu não estava em clima de festa quando meu aniversário chegou na semana seguinte. Caiu num dia letivo, e meus amigos organizaram uma mensagem curta que foi transmitida pelo alto-falante da escola. Naquela noite, meus pais me presentearam com um bolo de chocolate simples e, quando soprei as velas, pensei em Ana.

Mais tarde, Lucy e Candela vieram e dirigimos para o Parque Blues Point, um ponto de encontro local, com uma garrafa de vodca Sailor Jerry e um engradado de seis Red Bulls.

— Hora de beber — declarou Candela.

Lucy era a motorista da rodada, como de costume. De nós três, ela era a responsável, e também a que tinha um carro. Era um Mini verde-garrafa apelidado de Polvo I. Lucy tinha o hábito de nomear objetos inanimados. Depois de deixarmos Polvo I estacionado em uma rua lateral silenciosa, passamos por uma área repleta de arbustos e encontramos nosso lugar de sempre, sob um grande ulmeiro. Lucy estendeu seu velho tapete xadrez caindo aos pedaços e nós sentamos, inspirando o ar noturno fresco. Candela abriu a garrafa de vodca e deu um longo gole. Ela a passou para Lucy, que balançou a cabeça.

— Odeio vodca — disse ela. — Além disso, como vocês acham que vão chegar em casa hoje à noite? — Ela pegou um Red Bull e empurrou o anel da lata enquanto Candela passava a vodca para mim. Tomei alguns goles e esperei o líquido me aquecer. As luzes urbanas de Sydney brilhavam ao longe. Ficamos sentadas em silêncio por algum tempo, perdidas em nossos próprios pensamentos. Logo em seguida, a vodca começou a fazer sua

mágica, e comecei a me sentir viva e leve, como se nada estivesse tão ruim quanto eu pensava.

Comecei a contar a Lucy e Candela sobre minha consulta com Ida.

— Ouvi que ela é a melhor — disse Lucy, bocejando e se esticando no tapete com meu colo como travesseiro.

— Ela me deu esse elástico. — Levantei meu pulso esquerdo, erguendo a manga do meu suéter. — Devo puxar quando ficar ansiosa.

— Sério? Sem medicação? — perguntou Candela. Ela me lançou um olhar desapontado.

— Não. Só esse elástico de merda. — Por algum motivo, achamos isso extremamente engraçado e caímos num riso histérico. Então, uma de cada vez, experimentamos colocar o elástico e chicoteá-lo contra a pele uma da outra.

— Ai! Isso dói *de verdade*! — choramingou Lucy.

— Só porque você está sóbria — brinquei.

Ainda se retraindo, Lucy entregou o elástico para mim, e eu o deslizei de volta ao pulso.

— Ainda não estou falando com a minha mãe — disse Candela de súbito. Nós soubemos de imediato do que ela estava falando, e o clima ficou sóbrio. — Não consigo acreditar que ela não conseguiu ficar de boca fechada sobre a Ana.

— É — concordei em voz baixa e, do nada, tudo estava ruim outra vez.

— Bom, pra mim, chega. Essa foi a gota d'água. Vou sair de casa semana que vem.

— Vai? — Lucy se endireitou.

— Sim. Honestamente, não aguento mais as merdas dela. Não me espanta que meu pai tenha deixado ela. — Ela colocou a mão no bolso lateral da mochila e puxou um maço novo de Marlboro Light e uma latinha de balas Jelly Bellys. — Vou alugar um apartamento em Alexandria.

— Alexandria — disse Lucy. — Não é meio perigoso por lá?

— É tranquilo — afirmou Candela com um dar de ombros. — Conheci as meninas que vão morar comigo ontem. Elas parecem

legais. — Ela passou as Jelly Belly para mim. Peguei um punhado e passei a lata para Lucy.

— Como são suas *roommates*? — perguntei.

— Bom — Candela começou —, tem duas. — Ela sacou um cigarro e o acendeu. — Tem a Ramona, que é *muito* punk. Ela trabalha em uma loja de discos e tem um monte de piercings e tatuagens. — Candela tragou rápido antes de enfiar o maço de cigarros de volta na mochila. Virando a cabeça, ela soprou a fumaça para longe de nós. — E a outra é a Ally. Ela é meio certinha e está estudando administração na Sydney University. — Candela deve ter visto o olhar que troquei com Lucy porque ela acrescentou rápido: — Até onde eu vi, as duas *não* se dão bem. Olhei dentro da geladeira e metade das coisas ali dentro tinha o rótulo de “Ally”. Quão cuzona uma pessoa pode ser?

— Ally Cuzona — disse eu, e nós explodimos em gargalhadas.

— Você vai fazer uma festa de boas-vindas? — perguntou Lucy.

— Sim, e vocês duas vão comemorar minha emancipação.

— Claro — falei —, conte com a gente.

O toque de celular de Lucy, que era a trilha sonora da cena do banheiro de *Psicose*, começou a disparar de sua bolsa.

— Meu Deus, Lucy! — Candela pulou. — Você tem que mudar esse toque idiota.

Lucy mostrou a língua para Candela e pegou o telefone na bolsa.

— Amor? — disse ela, erguendo-o ao ouvido. Houve uma pausa. — Está cortando, não consigo te ouvir... Isso, estamos no Blues Point. O quê? Você está quase aqui? Ah, bom. Certo. Ele está? Sim. — Ela riu. — O.k., vejo vocês logo.

— Freddy está a caminho — disse Lucy, guardando o telefone de volta na bolsa. — Aliás, o Rad está vindo também.

— Rad? — disse eu, surpresa.

— Não tem problema, tem?

— Acho que não — respondi, puxando um fio de algodão que tinha se soltado do tapete de piquenique.

— O Duck vem hoje? — perguntou Candela.

— Não, um amigo dele está doente, então ele teve que cobrir o turno. Mas ele vai me levar pra sair em algum lugar amanhã pra compensar.

Duck trabalhava como motorista de delivery na Kappys, a pizzaria local.

— Aquela gripe de bosta ainda está circulando — disse Candela.
— Eu devia arrastar minha bunda preguiçosa até o médico e tomar as vacinas.

— O Duck sabe que você foi ao cemitério com o Rad na outra noite? — perguntou Lucy.

— Você foi ao cemitério com o Rad? — perguntou Candela. — Quando isso aconteceu?

— Umas noites atrás. — Lucy era a única pessoa a quem eu tinha contado sobre aquela noite, apesar de eu ter deixado de fora a parte em que Rad e eu encontramos a foto de Candela no medalhão de Ana.

— Por que você não me contou que encontrou com ele de novo? — disse Candela. Ela parecia magoada.

— Não sei. — Não sei por que não tinha contado a Candela sobre aquela noite. Eu contava tudo a ela. Até mais do que à Lucy. Quando eu era uma garotinha, meu pai e eu tínhamos um código. A regra era que se eu dissesse as palavras “submarino amarelo”, ele não podia ficar bravo comigo, não importando o que eu dissesse a seguir. Era como uma zona segura, onde eu estava livre para confessar qualquer coisa sem consequências. Com Candela, esse código era algo não-dito entre nós. Eu podia contar qualquer coisa a ela, e eu sabia que ela nunca me julgaria. Mas eu não podia contar a ela sobre aquela noite, porque a foto dela estava no medalhão de Ana, o que queria dizer que havia algo que ela estava escondendo de mim.

— Então o que aconteceu? — perguntou Candela.

— Eles foram visitar o túmulo da Ana no meio da noite pra devolver o colar dela — disse Lucy.

— O dourado com um medalhão em forma de coração? — quis saber Candela. Ela tinha um olhar estranho no rosto.

Concordei com a cabeça.

— O Rad disse que ela era muito apegada a ele.

— Ela era — falou Candela em voz baixa. — Fico feliz que ela o tenha recuperado.

— Ainda não consigo acreditar que você foi ao cemitério à noite.
— Lucy estremeceu.

— Foi realmente assustador. Seus olhos ficam pregando peças em você.

— Posso imaginar — disse Lucy.

Meus olhos estavam pregados no rosto de Candela. Ela parecia perdida em seu próprio mundo. Eu conhecia minha amiga melhor do que qualquer um. Eu conseguia ver que ela sabia que a foto dela estava no medalhão de Ana. Lucy seguiu meu olhar.

— Você está bem, amiga? — perguntou a Candela.

Candela ergueu a cabeça subitamente.

— É claro que estou. Por que não estaria?

— Só perguntando, credo — disse Lucy, surpresa.

Candela se recuperou rápido.

— Desculpa, Lucy — pediu ela, com um pequeno balançar da cabeça. Ela se inclinou para frente e lhe deu um beijinho na bochecha como pedido de desculpas. Então voltou sua atenção para mim. — Então, no que mais vocês se meteram?

— Nós fomos ao farol em Widow's Cove e só conversamos pelo resto da noite.

— Sobre o que vocês conversaram? — sondou Candela.

Dei de ombros:

— Não sei... coisas.

Eu não podia contar nem a Lucy nem a Candela que nossa conversa tinha girado em torno do medalhão. Rad tinha dito que suspeitava que Ana estava envolvida com outra pessoa antes de sua morte. Candela e Ana sempre foram boas amigas, mas tinham ficado especialmente próximas no ano anterior. Será que a amizade delas tinha florescido em algo maior?

— Então imagino que o Duck não sabe nada dessa noite? — ponderou Lucy.

Neguei com a cabeça.

— Não, e fica entre nós três. O.k.?

Elas concordaram com a cabeça.

— Antes que a gente esqueça — disse Candela, colocando a mão na mochila outra vez. — Compramos algo pra você.

— Compraram?

— Sim! — O rosto de Lucy ficou animado de repente. — Quase esqueci.

Depois de remexer a bolsa, Candela tirou um pacote embrulhado em papel celofane vermelho e amarrado com um laço de fita preta.

— Obrigada, meninas! — disse eu, pegando o presente das suas mãos estendidas.

— É algo que a Lucy e eu encontramos naquela loja em Crows Net, sabe? Aquela que vende coisas retrô. Assim que vimos, pensamos em você. Tem o seu nome nela, literalmente.

Rasguei o pacote para abri-lo e encontrei uma linda jaqueta cor de creme, feita da camurça mais macia. Estava forrada com cetim vermelho-sangue e tinha uma etiqueta costurada no decote com meu nome.

— Viu? É uma jaqueta Audrey — disse Lucy. — Deve ser alguma marca velha e obscura.

— A marca foi basicamente o motivo da compra — disse Candela. — Tipo, quão perfeita ela é?

— É maravilhosa! — Tirei meu suéter e coloquei a jaqueta.

— Serve como uma luva — disse Lucy com alegria. — Foi feita pra você.

— Amei! Vou usar o tempo todo!

À distância, ouvimos vozes, e então duas figuras surgiram de trás dos arbustos.

— Freddy! — Lucy se levantou e correu até ele. Ela jogou seus braços ao redor dele e ele a levantou, girando-a pelo ar.

O trio caminhou até nós enquanto Candela e eu levantávamos.

— Feliz aniversário, Audrey — disse Freddy, colocando o braço em torno dos meus ombros. — Rad decidiu vir junto, espero que não tenha problema.

Balancei a cabeça:

— Nenhum.

Rad sorriu para mim:

— Feliz aniversário, Audrey.

— Valeu.

Nos organizamos de forma esquisita no tapete de piquenique, como em uma partida de Twister. Acabei sentada entre Rad e Lucy.

— Credo, não consigo acreditar que já é seu aniversário. Isso quer dizer que as provas estão logo aí — disse Lucy.

— Nem me lembre — resmunguei. A ideia de todos os anos da minha educação culminarem em um ponto crucial era aterrorizante.

— Ei, Rad, você não está fazendo jornalismo na Charles Surt University?

Ele concordou com a cabeça.

— Sim, mas decidi tirar o resto do ano de folga. Não volto até fevereiro.

Lucy se virou para mim:

— Não era esse o curso que você estava olhando, Audrey? Não seria engraçado se vocês dois acabassem no mesmo campus?

— Está nas minhas três mais cotadas, mas depende de como vou me sair nas provas — respondi. — Além disso, ainda estou pensando se tiro um ano de folga ou não. Nós sempre falamos de nós três viajando pela Europa. Vocês se lembram do pacto que fizemos sobre fazer topless em Ibiza?

— Bom, eu definitivamente vou junto nessa — disse Freddy enquanto Lucy lhe dava um tapa forte nas costelas.

— Isso foi antes de nós sabermos como o dinheiro funciona — disse Candela com um suspiro. — Eu com certeza não tenho recursos pra viajar num futuro próximo.

— Eu provavelmente teria esperado um ano se eu pudesse refazer tudo desde o começo — disse Rad. — Quero dizer, gosto do curso que estou fazendo até agora, mas não sei se quero ser jornalista.

— Essa é a coisa maluca. Como é que eles podem esperar que a gente saiba o que quer fazer no resto da vida assim que saímos da escola? Quer dizer, não é como ligar um interruptor.

— Bom, eu com certeza estou aproveitando meu ano de folga até agora — declarou Freddy, um sorriso gigante no rosto. — Tirando o fato de que meus pais estão enlouquecendo um pouco, e eu ainda não tenho ideia do que vou fazer ano que vem.

— Que tal uma escola de palhaços? — sugeriu Lucy.

Candela riu.

Freddy sorriu para Lucy.

— Só se você quiser ser minha assistente, amor.

— Você está pensando em mágicos. Palhaços não têm assistentes.

— Isso não é verdade. E o *Sideshow Bob*?

— Ei! Eu não sou uma coadjuvante! — protestou Lucy. — Quero que a gente seja um casal poderoso, como Bill e Melinda. Sabe, aquela mentalidade de “nós contra o mundo”.

Lucy e Freddy continuaram sua troca de respostas pelos minutos seguintes enquanto nós observávamos em uma mistura de diversão e inveja. Quando eles começavam assim, era como se não houvesse ninguém mais no mundo.

— Ei, parece que tem alguém vindo — disse Candela de repente. Nos viramos em uníssono para ver uma luz brilhando pelos arbustos. Momentos depois, uma figura apareceu, segurando uma mochila térmica de entrega de pizza em uma mão e uma lanterna na outra.

— É o Duck — disse eu, levantando e caminhando para encontrá-lo. — Ei, eu achei que você tinha trabalho hoje.

Ele sorriu.

— Consegui dar uma escapadinha. Não podia deixar de ver minha garota na noite especial dela. — Ele desligou a lanterna e a prendeu no cinto antes de tomar minha mão na dele. Começamos a caminhar de volta para o grupo quando ele parou abruptamente. — Quem é aquele cara sentado perto da Lucy?

— É o Rad — falei, mordendo meu lábio inferior. Isso não iria acabar bem.

— Rad? Mas que porra ele está fazendo aqui?

— Eu não sabia que ele estar aqui — respondi de forma verdadeira. — O Freddy trouxe ele.

Duck me lançou um olhar dubio.

— Bom, a festa é sua. Você pode convidar quem quiser.

— Eu não convidei ele. Ele veio com o Freddy!

— O.k., Audrey — disse ele, parecendo pouco convencido.

— Olha, todo mundo está encarando a gente, Duck. É meu aniversário, você não pode só deixar isso pra lá?

— Certo — respondeu com resignação na voz.

Freddy se levantou para cumprimentar Duck quando chegamos ao grupo. Eles bateram as mãos do jeito que garotos fazem,

brincando.

Freddy perguntou:

— Você conhece meu amigo Rad?

Rad se levantou e estendeu a mão.

— E aí, cara — cumprimentou ele.

— Oi — disse Duck, apertando a mão de Rad com relutância.

— Você trouxe pizza? — perguntou Lucy. — Estou morrendo de fome! — Ela estava perpetuamente com fome.

— É o bolo de aniversário da Audrey, na verdade — disse Duck, sorrindo com timidez. Com um movimento hábil, ele tirou a caixa de pizza da mochila vermelha e a passou para mim. Eu a abri e encontrei uma pizza de pepperoni grosseiramente feita na forma de um coração. — Queijo extra, como você gosta.

— Amei! — exclamei.

— Ah, que bonitinho — elogiou Lucy, espiando sobre meu ombro.

Duck revirou seus bolsos e tirou um punhado de velas. Com cuidado, coloquei a caixa aberta de pizza no tapete de piquenique enquanto ele colocava as velas de forma arbitrária na massa succulenta.

— Alguém tem um isqueiro? — perguntou Duck. Candela passou um para ele, que acendeu meu bolo de aniversário improvisado.

— Parabéns pra você — começou Lucy, e todo mundo se juntou, cantando de um jeito desafinado com suas próprias versões sobre só vir para comer e esquecer o presente.

— Viva a Audrey! — eles terminaram em coro enquanto eu soprava as velas.

— Você fez um pedido? — perguntou Lucy.

Sem querer, meus olhos correram involuntariamente para Rad. Foi como uma reação ao colocar a mão numa superfície quente. Olhei para longe rápido, esperando que ninguém tivesse notado.

— Sim — respondi para Lucy —, mas um desejo só vira realidade se você o mantiver em segredo.

— O.k., todo mundo, ataquem! — disse Duck.

Todos pegamos uma fatia de pizza, cada um na sua vez.

— Humm — gemeu Lucy ao dar a primeira mordida. — Você faz as melhores pizzas, Duck.

— Valeu, Lucy.

Nós comemos o restante em silêncio na maior parte do tempo.

— Tenho uma ideia. Vamos jogar verdade ou consequência — disse Candela.

— Sim! — concordou Lucy.

Resmunguei:

— Sério, Candela?

Duck espiou o relógio.

— Ainda bem que eu tenho que voltar ao trabalho.

— Mas já? — reclamei.

— Aham. Todo mundo está gripado, então estamos com pouco pessoal hoje.

— Ah. Vou com você até o carro.

— Não, você fica aqui. Te vejo amanhã à noite. Tá bom?

— O.k.

— Até depois — disse ele e fez uma saudação tosca para o grupo enquanto dávamos tchau. Ele buscou a mochila vermelha, enfiou-a sob o braço e marchou noite adentro.

Candela se virou para Freddy, seus olhos brilhando com travessura.

— Verdade ou consequência?

— Consequência.

— Certo, então corra até o Duck e dê um beijo de despedida nele. Rápido, antes que ele desapareça.

Rimos enquanto Freddy se botava de pé.

— Na boca! — gritou Lucy enquanto ele corria até Duck.

Ficamos olhando enquanto Freddy emboscava Duck na distância e o atacava.

— Mas que... — ouvimos de Duck quando Freddy plantou um beijo firme nos lábios e nós caíamos de rir. Duck se virou e balançou a cabeça para nós e Freddy lhe deu uma outra beijoca na bochecha antes de caminhar de volta com expressão vitoriosa.

— Muito bem, amor! — disse Lucy.

— Ele beija muito bem, Audrey. Você é uma garota de sorte.

Eu ri.

— Foi de língua?

— Um pouquinho — brincou ele.

Freddy se sentou de volta com pernas cruzadas no tapete e se virou para encarar Candela.

— Sua vez, mocinha. Verdade ou consequência?

— Uh, verdade.

— Quem foi a primeira pessoa com quem você fez sexo?

— Novak Blackwood.

— Mesmo? Eu achava que tinha sido o Drew — disse eu.

— Aquilo não contou como sexo.

— Ah, o que exatamente conta como sexo pra você, Candela? — disse Lucy.

Ela sorriu abertamente.

— Sabe, a definição que eles dão na Casa Branca.

— Certo, vamos reformular isso, então: quem foi a primeira pessoa que você pegou? — perguntou Freddy.

Candela pensou por alguns minutos.

— Lisa Sadler.

Freddy abriu a boca espantado.

— Sério? — perguntou Lucy.

Candela assentiu com a cabeça.

— Aham. Catorze, noite do pijama, encontramos o estoque de maconha do pai dela. Acho que chegamos até a terceira base, mãos e dedos passeando, coisa e tal.

— Legal — disse Freddy com aprovação.

— Foi uma noite divertida — afirmou Candela com um dar de ombros. Ela tomou um gole de vodka e limpou a boca a mão. — O.k., Audrey, sua vez. Verdade ou consequência?

— Verdade.

— O que você desejou mais cedo, quando estava soprando as velas de aniversário?

— Paz mundial — disse eu, piscando para ela.

— Essa é a minha garota — aprovou Lucy.

— Ela *não* desejou paz mundial — disse Candela.

— O.k., vez do Rad — falei rápido, ansiosa pra sair do assunto. — Verdade ou consequência?

— Verdade.

— Quem foi a primeira celebridade por quem você teve uma quedinha?

— Pamela Anderson. — Ele deu de ombros e sorriu.

Revirei meus olhos:

— Típico.

— Eu tinha um pôster dela sobre a minha cama.

— Na roupa do *SOS Malibu*?

— Não, era um anúncio para o peta, acho.

Freddy colocou as mãos em torno da boca como um megafone.

— Nerd!

Rad se virou para Lucy.

— Verdade ou consequência?

— Consequência.

— Certo, você tem que ligar para a primeira pessoa na sua lista de contatos e declarar seu amor por ela.

— Claro, isso é tranquilo — disse ela, colocando a mão dentro da bolsa à procura do telefone.

— Mas — continuou Rad —, não pode ser um membro da família ou amigo.

Lucy congelou.

— Ah, merda. Não. Nem pensar!

— Vai pensar sim! — disse Candela, seu rosto aceso com alegria.

— É, Lucy, regras são regras — concordei.

Ela balançou a cabeça.

— Nana ni na não.

Freddy começou a fazer barulhos de cacarejos ao redor dela, movendo os cotovelos para fora e para dentro como se fossem asas. Ela o fuzilou com os olhos.

— Lucy, Lucy — Freddy começou a cantar, e todos nós nos juntamos. — Lucy, Lucy, Lucy.

Com um olhar de pavor em seu rosto, Lucy passou pela lista de contatos.

— Puta merda!

— Quem é? — perguntei.

— Dr. Mahajan, o médico da família. — Ela olhou para Rad e balançou a cabeça. — Nossa, nem pensar. Não consigo.

— Não pode dar pra trás agora, Lucy — falei.

— Vamos lá, amor — disse Freddy. — Eu tive que beijar o Duck.

— Posso beijar um de vocês em vez disso, sem problema.

— Sinto muito, você não vai se safar tão fácil — disse Candela.

— Ah, merda. — Ela ergueu a mão até a testa. — Merda, merda, merda. — Ela respirou fundo e discou o número dele enquanto todos nós a incentivávamos com vivas.

— Shhhhhh! — Ela acenou sua mão para nós.

— Coloca no viva voz — sussurrei.

Prendemos a respiração enquanto o toque da chamada ecoava pelo ar.

Houve uma resposta na quinta chamada.

— Alô?

— Alô, Dr. Mahajan, é a Lucy... Lucy Locket. Hum, filha da Brenda.

— Ah, olá, Lucy. Está tudo bem?

— Ah, sim, tem algo que preciso te dizer.

— Pode falar.

— Ahn, eu te amo — explodiu Lucy.

— Perdão?

— Eu amo você, doutor Mahajan.

Uma pausa curta.

— Você está se sentindo bem, Lucy?

— Sim, estou bem.

Seus lábios tremeram nos cantos enquanto ela tentava conter a risada.

— Bom, obrigado, Lucy. Eu me sinto lisonjeado, mas estou muito bem casado pelos últimos trinta anos.

— Ah — disse Lucy. — Bom, se não der certo com a senhora Mahajan...

— Farei questão de ter você em mente.

— Certo, obrigada, doutor Mahajan.

— Boa noite, Lucy.

— Ai, meu Deus! — gritou ela quando desligou o telefone. Ela grudou a mão sobre a boca. — Não consigo acreditar que acabei de fazer isso!

Todos nós rachamos de rir.

Freddy lhe deu um tapinha de parabéns nas costas.

— Muito bem, garota.

— Há! — disse Candela. — Amo o quão tranquilo ele estava com a situação toda. Tipo “Olá, eu amo você, doutor Mahajan”. “O.k., Lucy, valeu, mas não”.

Todos explodimos em gargalhadas novamente.

— Eu fui vítima da mesma consequência uma vez — disse Rad.

— Pra quem você teve que ligar? — perguntei.

— Para o Cameron, meu mecânico.

— Como ele lidou com a informação?

— Ele ficou bem tranquilo com a notícia. E me deu um desconto na vez seguinte em que levei meu carro.

— Seu garanhão — disse Freddy.

— Ah, Deus — suspirou Lucy, enterrando o rosto nas mãos. — Isso me lembra: tenho que tomar minha vacina antigripal semana que vem. De jeito nenhum vou fazer isso agora.

— Ei, parece que nossa bebida acabou — disse Candela, secando o resto de vodca.

— A sorte de vocês é que pegamos um engradado de Corona no caminho pra cá — disse Freddy.

— Estão gelando no porta-malas do meu carro — disse Rad. — Vou lá pegar.

— Vou com você — disse eu, levantando.

Começamos a caminhada curta até seu carro. Naquela noite, a lua mal estava visível. Tropecei em uma pedra solta, e o braço de Rad disparou para me dar apoio. Sem dizer nada, enlacei meu braço no dele e continuamos caminhando.

— Ei, Audrey — disse ele, quando não podíamos mais ser ouvidos. — Tem algo que preciso te falar.

— É?

— Essas últimas semanas... bom, você tem sido ótima, de verdade...

Havia algo em sua voz que fez meu estômago revirar. Apesar de eu saber que Rad e eu não poderíamos seguir nesse caminho para sempre, eu não queria que acabasse naquele exato momento.

— O.k. — disse eu, e esperei que ele continuasse.

— É difícil acreditar que só faz poucas semanas que te conheci. Quer dizer, posso falar com você sobre coisas que nunca consegui dizer a ninguém.

— Eu também — disse eu.

— Mas somos só amigos, a gente sabe disso. E é aí que começa e termina pra nós. É só... — Ele franziu a testa. — Todo mundo está transformando isso em outra coisa, em algo que não é. Seu namorado me olhou com raiva a noite toda e, pra ser sincero, eu não culpo ele. Eu também não iria querer um cara de bobeira perto da minha namorada. E, você sabe, com a Ana...

— Rad, você não tem que explicar. Sei o que as pessoas estão falando de nós, e eu sei o que temos que fazer.

Ele assentiu com a cabeça.

— Mas é uma droga, não é? Gosto muito de falar com você.

Senti lágrimas mordiscarem o fundo dos meus olhos.

— Eu também.

Logo chegamos ao carro dele, e ele mexeu nos bolsos à procura das chaves.

— Ei — chamei, virando para encará-lo. — Você acha que existe um universo alternativo onde nós não temos que nos preocupar com todas essas coisas? Onde nós poderíamos continuar conversando e ficando juntos sem ninguém se importar?

— Sim — disse Rad com um sorriso. — Nós somos só personagens de um livro, lembra? Existem milhões de livros por aí. Nós poderíamos estar vivendo todos os tipos de vidas.

— Em que livro você nos colocaria?

Ele pensou a respeito por um momento.

— *A princesa prometida*.

Eu ri.

Ele abriu o porta-malas e remexeu nele no escuro. Parou quando ouviu o ruído de papel.

— Ah, eu quase esqueci! Tenho um presente pra você.

— Mesmo?

— Sim — disse ele, me entregando uma sacola de papel marrom.

— Vi em uma vitrine e pensei em você.

Coloquei minha mão na sacola e tirei um objeto redondo e duro.

— É um globo de neve! — Espiei o cenário em miniatura de uma cidade pequenina contra o plano de fundo de montanhas cobertas de neve. — Ah, é tão bonito. — Eu o virei de ponta cabeça e então

para cima de novo. Ficamos olhando enquanto pequenos confetes brancos giravam pelo globo.

— Eu me lembro do que você disse naquele dia que nos conhecemos, sobre montanhas nevadas.

— Ah. — Fiquei muito emocionada de repente. Parecia que a pessoa parada na minha frente me conhecia melhor do que qualquer um. Num impulso, dei um passo na direção dele, e colocamos nossos braços um ao redor do outro. Parecia ser a coisa mais natural do mundo.

— Obrigada — agradei, colocando minha cabeça em seu ombro. Ele vestia uma camisa xadrez azul e branca que tinha um toque tanto suave quanto áspero contra minha bochecha. Meu rosto estava a centímetros de seu pescoço, e eu senti o cheiro de sabonete e algo mais, quente e reconfortante como lençóis recém-lavados.

— De nada. Fico feliz que tenha gostado.

— Gostei.

— Espero que você encontre um caminho até lá um dia, para aquela cidade montanhosa, e escreva seu livro.

— Espero que escreva o seu também.

Com relutância, me afastei dele.

— É melhor a gente voltar ou vão enviar uma equipe de resgate.

— Certo.

— Então acho que é isso.

— Parece um término de namoro, não?

— Sim, de um jeito esquisito, parece. — Eu não conseguia imaginar como eu poderia me impedir de ligar para ele, e pressenti que ele se sentia da mesma forma. Era uma coisa nova para mim, me sentir tão apegada a outra pessoa, principalmente porque nós havíamos nos conhecido há tão pouco tempo.

— Você acha que vamos seguir o plano? — perguntei.

— Esse em que paramos de nos falar?

— Aham.

Ele pareceu pensar a respeito.

— Você está com seu telefone?

Procurei o aparelho dentro do bolso da minha nova jaqueta Audrey e o saquei. Ao mesmo tempo, ele pescou o telefone dele do

bolso traseiro de seu jeans.

— Vamos nos deletar dos nossos telefones.

— Agora? — Senti uma onda de tristeza passar por cima de mim.

— Sim, no três. — Ele me deu um grande sorriso tímido. — Se não, nunca vamos seguir o plano. Eu sei que eu não.

— Certo.

— Pronta?

Assenti com a cabeça.

Ele começou a contar.

— Um... dois... três.

Pressionei o botão de deletar na página de seu contato e olhei para ver se ele tinha feito o mesmo.

— Sabe, estou muito contente de ter conhecido você, Audrey — disse ele, guardando o telefone.

Lágrimas começaram a surgir em meus olhos. Olhei para longe, esperando que ele não notasse.

— Eu só queria ter te conhecido antes — continuou ele.

— Eu sei.

— Talvez um dia a gente acabe no mesmo campus, como a Lucy disse. As coisas podem ser diferentes, então.

As palavras dele me deram um senso de otimismo. Soava como um sonho, estudar no mesmo campus que Rad, vendo-o todos os dias. E não era irrealista. Se eu fosse bem nas provas, poderia estar lá no ano que vem.

— Gosto desse plano — falei.

SEIS

Levei uma garrafa de Pinot e um pequeno cacto amarelo para a festa na casa da Candela. Eu tinha grudado olhinhos arregalados no cacto e feito um chapéu de papel minúsculo para ele.

— Ele é sensacional! — declarou Candela, mostrando-o para todo mundo. — Vou chamá-lo de Reginald. — Ela colocou Reginald em uma mesa de centro próxima e me apresentou aos convidados. Havia algumas pessoas que eu conhecia, e adivinhei que o restante eram amigos da sua *roommate* punk, por conta de todos os piercings e tatuagens deles.

— Ramona!

— Candela chamou uma garota que vinha pelo corredor. Ela pegou meu braço. — Vem conhecer minha amiga Audrey.

Ramona não era seu nome de verdade. Era Sheila. Ela sempre tinha odiado o nome, então, em seu décimo oitavo aniversário, foi direto ao cartório e o mudou para Ramona.

— Olha pra mim — disse ela, seus olhos grandes e expressivos me perfurando. — Eu tenho cara de Sheila, porra?

— De forma alguma. — Tinha respondido com honestidade: ela parecia uma Ramona em cada centímetro.

— Como é o seu nome mesmo?

— Audrey.

— Audrey...? — Ela inclinou a cabeça para o lado e me estudou com cuidado.

— Field.

— Ah, legal — disse ela com aprovação. — Audrey Field soa como um nome de escritora. Como Charles Bukowski ou Virginia Woolf. É quase como se fossem predeterminados. Você escreve?

— Não muito.

— Sim, escreve sim! — retrucou Candela. — Mas é raro ela mostrar o trabalho pras pessoas.

— Bom, você será uma escritora, pode anotar o que estou dizendo. Você tem o nome pra isso — disse ela com um aceno de cabeça assertivo. — Apesar de eu ter conhecido um cara que se chamava Brady Leclair. Soa interessante, né? — perguntou ela, olhando e esperando pela nossa confirmação. Candela e eu sorrimos, concordando. — Bom, sinto muito por desapontar vocês, garotas, mas... — Ela enfiou os dedos na boca e fez um som de vômito. — Cara de escroto e personalidade combinando. Mas ótimo nome. Eu transaria com aquele nome.

— A Ramona é incrível — disse Candela —, mas Ally é um pé no saco. — Nós estávamos sentadas do lado de fora, nos degraus que davam para o pátio, enquanto Candela fumava. — Acho que nem a vi aqui hoje à noite.

Olhei para cima, para o céu escuro como tinta. Era uma noite linda e clara, e eu conseguia ver o amontoado de estrelas que formava a constelação de Sagitário, minha mente projetando os contornos de um centauro, flecha apontada e pronta para ser lançada. Pensei em Rad e me perguntei se ele pensava em mim.

— Ninguém nunca a vê — falou. — Ela está sempre no quarto, com a cabeça enfiada num livro. É sábado à noite, pelo amor de Deus. — Ela balançou a cabeça. — De qualquer forma, parece que a Lucy ainda está dodói.

— Falei com ela mais cedo. Ela parecia terrível. Não consigo acreditar que essa gripe ainda está circulando. Duck não conseguiu tirar a noite de folga porque tem gente demais doente.

— Deus do céu, espero não ter pegado. Perdi minha vacina antigripal nesse inverno — gemeu Candela. — Eu literalmente não posso mais pagar pra ver se fico doente. — Ela enfiou a ponta do cigarro em uma lata vazia de Asahi e pegou outro dentro do bolso da jaqueta. — Fiz uma entrevista de emprego esses dias. Assistente de beleza.

— Assistente de beleza? — Olhei para ela entretida. — Você?

— É — disse, dando de ombros. — O salário não é tão ruim. — Ela prendeu o cigarro entre os lábios e o acendeu antes de tragá-lo.

Erguendo a cabeça, ela soprou a fumaça, um pouco de cada vez. — Mas a mulher que me entrevistou era esquisita pra caralho. Tipo, ela me fez descascar um ovo cozido.

— O quê? — disse eu.

— Sim, sério. Ela foi pra uma salinha nos fundos e voltou com esse ovo tristonho e me mandou descascar.

— E você descascou? — perguntei.

— Sim — ela riu —, mas destruí tudo. Foi uma bagunça. Então ela pressionou a mão na testa, tipo assim... Sério mesmo, Audrey — Ela continuou quando viu minha expressão incrédula. — Ela basicamente me disse com uma vozinha de vaca metida: “Nossos clientes têm a pele *muito* delicada, e o que você acabou de fazer com aquele ovo...”, então ela fechou os olhos e balançou a cabeça como se estivesse muito desapontada.

— Ela tinha expectativas tão grandes pra você, Candela — disse eu, rindo.

A porta abriu subitamente, e Ramona surgiu de trás dela.

— O que vocês bundonas estão fazendo aqui fora? — gritou ela. Ela estava tropeçando e claramente bêbada. — Dex está se preparando pra pintar até minhas tetas, vocês estão perdendo toda a diversão. — Ela fez um beicinho.

— Ele é um artista corporal — explicou Candela, vendo a confusão em meu rosto.

— E bom pra caralho, inclusive — disse Ramona com vogais lentas. — Mas primeiro eu vou fazer uma dança sensual no colo dele. — Ela começou a gingar os quadris de forma sugestiva, parecendo perigosamente instável. — Não que isso vá causar algum efeito nele. Ele é gay pra cacete. — Ela gritava de rir justo quando alguém a chamou de dentro da casa. — Estou indo — respondeu ela. — Segurem a orgia até eu entrar. — Ela nos lançou uma piscadela lasciva, então mandou um beijo em nossa direção. — Não demorem demais, vadias. — Com isso, ela se virou, batendo a porta ao fechá-la. Olhei para Candela e ergui uma sobrancelha.

— Minha mãe não aguenta ela — falou. — Acha que ela é uma má influência.

— Eu me pergunto por que ela acharia isso — disse eu em voz baixa.

Candela deu um sorriso.

— Não banque a espertinha, Audrey. A Ramona pode ser um pouco selvagem, mas ela é legal de verdade se você conhecê-la.

— Como sua mãe está lidando com você saindo de casa? — perguntei.

— Ela está bem puta com a coisa toda — disse Candela. — Em especial com as provas chegando. De qualquer forma — ela esticou as pernas e suspirou —, estou pensando em largar a escola.

— Você o quê? — falei, alarmada.

— Pensei muito nisso.

— Mas, Candela, a escola acaba em poucos meses. Você poderia muito bem ir até o fim.

— Sim — falou, com outro dar de ombros. — Mas está sendo um pé no saco, sabe? Tenho que acordar às sete todas as manhãs agora, pra pegar o ônibus. E tenho que fazer todos aqueles turnos extras na Lambell também, agora que tenho que pagar aluguel. — Lambell era uma *steakhouse* de luxo onde Candela era garçonne.

— Por que você não volta pra casa por um tempo? Você deu seu recado.

— De jeito nenhum — disse Candela. — Eu preferiria morrer do que dar pra minha mãe a satisfação de me ver voltar.

— Sério mesmo, sua mãe não é tão ruim assim. Eu tenho que morar com a minha, e ela é um milhão de vezes pior.

Candela sabia como minha mãe era, então não tinha uma resposta boa o suficiente.

— Por que você está fazendo isso, Candela? Eu achava que você queria ir pra universidade e se formar em artes ou algo assim.

Ela ficou em silêncio por alguns momentos, e então seu rosto começou a se contorcer.

— Candela — disse eu, colocando meu braço em torno dela. — O que foi?

— Eu só não consigo mais fazer isso — disse, lágrimas descendo pelas bochechas.

— Fazer o quê? — questionei, sentindo meu estômago apertar. Eu conhecia Candela desde sempre e só a tinha visto chorar algumas vezes.

— Não consigo caminhar por aqueles corredores da escola ou correr na pista ou dar uma escapada pra fumar um cigarro atrás do galpão pra bicicletas sem ver o rosto da Ana. Não consigo fingir que está tudo normal, não enquanto eu ainda estou lá. — Ela estava soluçando agora, e fiz meu melhor para confortá-la, do jeito que ela sempre fazia comigo. — Estou tentando ser forte, Audrey, estou mesmo. — Ela engoliu o choro. — Mas decepcionei Ana. Ela era como uma irmã pra mim. Eu só... Eu não posso mais ficar lá. — Ela balançou a cabeça, limpando as lágrimas com as mãos.

— Candela — disse eu, enquanto uma onda fresca de culpa me cobria. — Não quero que você estrague seu futuro por causa do que houve com a Ana. Não é justo.

Ela suspirou profundamente e ficou em silêncio por um tempo.

— Não me importo com a porra do meu futuro.

— Não diga isso.

Ela deu de ombros:

— De qualquer forma, não quero falar mais disso.

— Talvez você devesse ver alguém pra conversar sobre a Ana.

— Não quero. Além disso, não consigo pagar um psicólogo, e de jeito nenhum vou pedir à minha mãe.

— Você tem mesmo que largar agora? Por que você não pensa a respeito por umas semanas?

— Pare de se preocupar por minha causa, Audrey. Vou ficar bem, de verdade. Sei o que estou fazendo.

— Não acho que saiba — afirmei, ainda descrente.

— De qualquer forma, vamos encarar os fatos — disse ela com um sorriso bobo. — Não sou estudiosa como você e a Lucy. Eu nunca me sairia bem nas provas finais.

— Você não sabe disso.

Ela me lançou seu melhor olhar de “não me faça de palhaça, Audrey”. Abri a boca para protestar, mas fechei de novo. Eu conhecia minha amiga. Eu poderia falar até ficar roxa, e não faria a mínima diferença. Era claro que Candela tinha se decidido.

— Então, como está o garoto? — perguntou Ida, um cigarro apagado dançando entre suas unhas brilhantes.

Estávamos no meio de nossa terceira sessão juntas. Era um dia particularmente quente, e o ventilador girava de forma barulhenta. O zumbido preguiçoso de um avião voando acima de nós me fez ficar sonolenta.

— Não estamos mais nos falando.

— Ué? O que houve?

— Foi uma coisa mútua. — Dei de ombros. — Acho que estava ficando meio bagunçado. Nós achamos que seria melhor nos afastarmos por um tempo.

— Isso é muito maduro de vocês dois.

— É?

Ela concordou com a cabeça.

Me inclinei na minha cadeira e encarei o teto, cativada pelo giro hipnótico das lâminas.

— Como você se sente em relação a sua decisão de acabar a amizade com Rad?

Pensei a respeito por um minuto.

— Solitária — disse eu, enfim. — É muito mais difícil do que pensei que seria. Tipo, não é como se tivesse acontecido qualquer coisa romântica entre nós. Mas sinto falta de falar com ele. Todas as vezes que encontro algo de que ele gostaria, eu só queria poder chamar ele ou mandar uma mensagem. Tipo esses dias, vi esse filme, *Coherence*. Era sobre universos paralelos, e eu sabia que ele iria adorar. É esse o problema: ele é a única pessoa que conheço que iria apreciar o filme do mesmo jeito que eu. Queria poder assistir com ele e falar com ele a respeito. Por que isso é tão importante pra mim? Não entendo. Eu nem pensava nessas coisas antes de conhecer o Rad.

— É a natureza humana, acho. Ter outra pessoa que valida seu ponto de vista único a respeito do mundo.

— Nem posso falar sobre isso, o que me faz pensar no assunto ainda mais.

Ida assentiu com a cabeça.

— As coisas tendem a ficar maiores na sua mente se você deixar que elas fiquem ali. É sempre melhor tirar as coisas do peito. É pra isso que estou aqui.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Minha amiga Candela acabou de largar a escola.

— Mesmo? No último semestre?

— Sim. Sinto que ela está num caminho de autodestruição. Acho que a morte da Ana foi muito pesada pra ela.

Contei a Ida sobre a vez em que Rad e eu fomos ao cemitério e encontramos a foto de Candela no medalhão de Ana.

— Não sei exatamente qual era a relação delas, mas era óbvio que ia mais fundo do que eu pensava. Sempre que tento falar com Candela a respeito, ela se fecha. E então, simples assim, ela volta para o seu jeito despreocupado e animado, e eu fico achando que estou imaginando coisas. Isso me deixa tão apreensiva. Estou morrendo de preocupação com ela, mas me sinto tão impotente.

— Conheço o sentimento, querida. Mas só depende de Candela resolver sua própria vida. Tudo o que você pode fazer é ser amiga dela. Manter uma linha de comunicação aberta.

— Eu sei — respondi em voz baixa. — É como se ela fosse uma pessoa diferente agora. Ela saiu de casa algumas semanas atrás e está andando com uma turma esquisita. Conheci eles na festa de boas-vindas e não me senti confortável. — Encolhi os ombros. — Talvez seja só eu.

— É bom confiar nos seus instintos: eles estão certos em geral. — Ida buscou um isqueiro e enfim acendeu o cigarro. Ela deu uma tragada profunda e olhou para mim. — E a sua mãe?

— Ela está me enlouquecendo. Parei de ver Rad, mas ela ainda não está feliz. Não sei o que é que ela quer de mim.

— Entendo — disse ela, me deixando continuar.

— Ela é tão... não sei... *infeliz*. Parece que eu não faço nada direito. Sempre tem um problema. É como pisar em ovos. Quando estamos só meu pai e eu, as coisas são fáceis. Só quero que ela não seja tão maluca o tempo todo.

— Você falou com ela sobre como se sente?

— Eu tentei, mas não importa. É como ter um monólogo. Lucy conversa com a mãe dela o tempo todo. É uma via de mão dupla com elas. Elas são, tipo assim, melhores amigas. Não sei por que a minha tem que ser tão difícil.

— Relacionamentos são coisas complexas. Na superfície, deveria ser simples. Mas é como uma cebola. Tantas camadas ali. O

relacionamento mãe-filha parece ser particularmente difícil. Mas eles tendem a se ajeitar conforme você envelhece.

— Não sei — disse eu, pouco convencida. — Parece ficar progressivamente pior a cada ano.

Ela me lançou outro olhar compreensivo.

— O elástico ainda está funcionando?

— Sim. É basicamente um pré-requisito pra mim agora. Tenho uns de reserva comigo também.

— É bom ouvir isso, querida. Acho que você está lidando notavelmente bem, considerando contra o que você está batalhando. Seria um momento difícil pra qualquer um, mesmo em circunstâncias normais.

— Acho que sim. — Espiei o relógio e me surpreendi ao ver que minha hora tinha acabado.

— Passa rápido, não é? — Ela apagou o cigarro. — Bom, se cuide, querida.

Eu me levantei da cadeira.

— Pode deixar.

— Só dê um passo de cada vez, o.k.? Não se cobre tanto.

Assenti com a cabeça.

— Boa garota. Vejo você semana que vem.

SETE

O sinal tocou, anunciando o final da sexta aula. Suspirei de alívio e comecei a juntar minhas coisas. Duck, que estava sentado ao meu lado, se levantou e jogou a mochila sobre os ombros.

— Audrey — chamou o sr. Sadowski, meu professor de inglês, por cima das conversas pela sala de aula.

Ergui os olhos:

— Sim?

— Pode vir aqui um minuto?

— É claro — disse eu, enfiando o resto dos livros na mochila.

— Encontro você no portão da frente? — perguntou Duck.

— Na verdade, tenho que ficar até mais tarde hoje pra trabalhar numas coisas da revista aqui da escola. Mas passo na sua casa depois.

— Certo, quer que eu te busque?

Balancei a cabeça.

— Não, eu pego o ônibus.

Passei a mochila por cima do ombro e, fazendo meu melhor para evitar meus colegas se acotovelando, cheguei até a frente da sala de aula, onde o sr. Sadowski esperava.

— Tudo bem, sr. Sadowski?

— Terminei de ler alguns dos artigos mais recentes que você escreveu para a revista da escola. Bom trabalho, ótimo, de verdade. Você sempre foi uma escritora forte, mas subiu de nível nos últimos poucos meses. Muito bem.

Eu sorri, satisfeita pelo elogio.

— Mas achei que deveria conversar com você, me certificar de que está tudo bem.

— É claro que está. Por que não estaria?

— Você tem estado um pouco quieta na minha aula ultimamente, e sua escrita, bem... — Ele me lançou um olhar que eu não conseguia interpretar exatamente. — Ela tomou uma espécie de rumo sombrio.

— Ah.

— Existe algum motivo pra isso?

Balancei a cabeça e sorri.

— Não, na verdade não.

— Não? — Ele parecia cético.

— Por que você pergunta?

Ele suspirou.

— Desde a morte da Ana, o tema mais recorrente em seu trabalho parece ser suicídio, e estive um pouco preocupado.

— Está tudo bem. Estou fazendo acompanhamento por conta disso. Ida tem sido ótima. Tenho certeza que já ouviu falar dela.

— Tenho, e pelo que sei, você está em boas mãos.

— Então é só isso?

Ele assentiu com a cabeça.

— Sim, é isso.

— Certo. Valeu, sr. Sadowski. Até amanhã.

Tomei meu rumo para a biblioteca da escola para encontrar Anton, que insistia que o chamássemos de Angie. Ele era o editor da revista e a pessoa mais popular da escola, adorado pelos professores, colegas, mulheres da cafeteria e até mesmo pelo zelador mal-humorado de quem todo mundo se afastava.

— Oi, Angie — cumprimentei quando entrei em nossa sede, uma pequena sala de estudos enfiada num canto nos fundos da biblioteca. — Desculpa o atraso.

— Oi, Audrey — falou ele, os olhos fixos na tela do laptop.

Larguei a mochila e puxei uma cadeira.

— No que você está trabalhando hoje? — perguntei.

Seus dedos pausaram sobre as teclas, e seus olhos dispararam para encontrar os meus.

— Estou trabalhando em um tributo pra Ana.

Inspirei fundo.

— É?

Angie esfregou o queixo. Suas unhas estavam pintadas com um esmalte rosa brilhante com um pouco de purpurina arco-íris por cima. Hoje, ele tinha levantado as mangas da camisa polo branca para exibir seu bronzado dourado perpétuo. Ele usava uma saia tartan sobre as meias-calças cinzas da escola, que ele tinha enfiado com cuidado em um par de botas Doc Martens.

— Pensei que poderíamos entrevistar alguns dos amigos dela, compartilhar suas histórias. Sei que Candela tem algumas doidas para contar: as duas eram unha e carne.

Eu me sentei e tirei meu laptop da mochila.

— Você conhece o namorado dela, Rad, não conhece? — continuou ele.

— Sim — disse eu, ficando alerta de repente. — Mas não conversamos mais.

— Mesmo? — disse Angie, as sobrancelhas perfeitamente feitas disparando em surpresa. — Desde quando?

— Faz umas poucas semanas — falei, dando de ombros.

— Ah. — Angie fechou a tela de seu laptop e descansou o queixo nas mãos. — Sei que não é da minha conta, Audrey, mas ouvi uns boatos de que tinha algo rolando entre vocês dois.

— O quê? De quem?

— Só algumas das minhas fontes, você sabe.

Revirei meus olhos.

— Vocês não têm coisas mais interessantes pra falar?

— Acontece que esse é o tópico mais tendência do momento.

— Bom, deve ser uma semana fraca de notícias.

— É verdade que o Rad parece o River Phoenix?

Pensei a respeito por um momento.

— Um pouco, é.

— Ou ele é mais como Mike Waters em *Garotos de programa* ou Eddie Birdlace em *Apostando no amor*? Os dois são igualmente gostosos, por sinal.

— Mike Waters.

— Estou com tanta inveja agora.

— Não tenha. Não tem nada pra invejar.

— Então, não aconteceu nada entre vocês? — A voz de Angie baixou para um sussurro conspiratório. — Nem mesmo uns

amassos?

— É claro que não — insisti. — Eu tenho namorado, lembra?

Angie suspirou.

— Eu amo o Duck. Todo mundo ama o Duck. Ele é um cara ótimo, mas ele é errado pra você, querida.

— Não, não é.

— Sim, é sim. Vocês se sentam com grupos diferentes. Vocês não têm nada em comum. Não me entenda mal: o Duck daria um ótimo marido, e ele é gatíssimo. Mas vocês dois... — Ele passou a mão na frente do pescoço em um gesto de morte — Estão condenados. Desculpe ser o portador de más notícias.

Minha mãe estava na casa de Duck quando cheguei lá mais no final da tarde, sentada à mesa da cozinha com Zoe, uma taça de vinho em mãos.

— Você parece exausta, Audrey. Anda virando a noite? — perguntou Zoe enquanto eu atravessava o portal que separava a cozinha do lounge.

Concordei com a cabeça, colocando minha mochila perto da cadeira de minha mãe.

— Pobrezinha. O Duck está igual. — Ela me deu um sorriso compreensivo. — A pressão que colocam em vocês é absurda, não é? Ainda acordo no meio da noite às vezes, pensando que estou de volta na escola e esqueci de fazer minha tarefa de casa.

— Verdade?

— Pior que sim.

— Você ouviu a última, Zoe? — perguntou minha mãe. — Candela largou a escola. A menina da Amita, sabe?

— Mesmo? Justo no último semestre? Que pena.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Sempre soube que aquela garota era um mau sinal.

— Não seja má, mãe — disse eu. — Você não sabe a história toda.

— Tenho ouvido todo tipo de rumor sobre o tipo de gente com quem ela anda agora. Pobre Amita, depois daquele fiasco todo com o Jeff indo embora, é a última coisa de que ela precisa.

— Bom, Lucy e eu vamos nos encontrar com ela amanhã — disse eu.

— Vocês não vão à casa dela, certo?

— Não — menti —, vamos sair pra um café.

Duck surgiu de seu quarto poucos momentos depois.

— Oi — disse ele para mim e se virou para Zoe. — O que tem pra janta?

— Seu pai está vindo pra casa e vai pegar uma pizza no caminho. Deve chegar aqui a qualquer momento.

Minha mãe espiou o relógio.

— Não percebi quão tarde estava. É melhor eu ir pra casa. Audrey, você fica aqui pro jantar?

— Sim, Duck vai me ensinar cálculo mais tarde.

— Certo, então. Vejo você de noite.

— Encontrei a Lucy e o Freddy hoje quando estava no centro — disse Duck. — Eles me disseram que Rad deu um presente de aniversário pra você. Por que você não me contou?

Tínhamos acabado de jantar e estávamos sentados no escritório do pai dele, nossos livros didáticos estendidos entre nós pela grande escrivaninha. O pai de Duck tinha uma firma de advocacia na cidade. O escritório dele em casa era como uma extensão de seu escritório na firma, todo feito de mogno e couro com fileiras e fileiras de livros jurídicos intimidantes.

Baixei a caneta e ergui os olhos.

— Não tenho que te contar cada detalhezinho da minha vida. De qualquer forma, por que eles mencionariam isso? Você estava interrogando eles?

— Não, nós só estávamos conversando sobre sua noite de aniversário, e a Lucy perguntou se eu vi o presente que o Rad comprou pra você porque, nas palavras dela, era *tão fofo*.

Estremeci por dentro. Eu não queria que Duck ficasse com a impressão errada. Eu nem sequer tinha falado com Rad desde aquela noite. Apesar de haver momentos em que eu queria poder ligar para ele... E eu teria ligado, se não tivesse deletado seu número do telefone.

— Então ele te deu um globo de neve.

— É.

— Por que isso é fofo? O que é tão especial numa merda de um globo de neve?

— Porque eu mencionei alguma coisa sobre gostar de montanhas cobertas de neve...

— Ah, ótimo, então agora ele sabe mais de você do que eu.

— Não seja ridículo.

— Achei que você tinha dito que não tinha convidado ele.

— Eu não convidei! Eu não convidei ninguém, foi uma coisa no calor do momento.

— Então como ele sabia que tinha que comprar um presente?

— Como é que eu vou saber?

— Bom, ele é seu amigo. Aparentemente, vocês dois se conhecem bastante.

— Você está agindo que nem maluco de novo, Duck! Faz semanas desde a última vez que falei com ele.

— Por que *mesmo* você parou de falar com ele? Alguma coisa aconteceu entre vocês?

— Não, é claro que não. A verdade é que a gente não se conhecia tão bem, de qualquer forma, então não é grande coisa.

— Se não é grande coisa, então por que você não continua saindo com ele?

Eu não tinha uma resposta.

— Todo mundo está falando sobre como tem algo rolando entre vocês dois. E você parecia bem simpática com ele na sua festa de aniversário.

— Eu fui simpática com todo mundo na minha festa. É assim que você se comporta com seus amigos.

— Vi o jeito que vocês estavam se olhando. Não sou idiota, porra.

— Para com isso, Duck. De verdade. Eu sou *sua* namorada, o.k.? Todo mundo sabe disso. Não vou mais falar com o Rad, principalmente se isso te incomoda desse jeito. Não vale a pena brigar por isso.

— Não fale como se estivesse me fazendo um grande favor, Audrey.

Fiquei subitamente cansada. Parecia que eu não conseguia fazer nada direito. Eu tinha parado de ver Rad, e uma grande parte disso

era por causa do Duck, mas ainda não era suficiente para ele. O que ele queria de mim? Que não falasse com nenhum outro garoto pelo resto da minha vida?

— Olha, eu acho que vou embora. — Agarrei meus livros e os enfiei violentamente na mochila. — Já ouço merda suficiente da minha mãe. — Minha voz estremeceu, e lágrimas saltaram de meus olhos. — Não preciso ouvir de você também.

— Audrey, para, não chora — disse ele, seu tom suavizando.

— O que você quer, Duck? Fala! O Rad e eu éramos só amigos, e agora não somos nem isso. O que você quer que eu diga?

Ele se levantou e deu a volta para meu lado da mesa.

— Estou cheia de brigar por causa disso — continuei. — Não fiz nada de errado, então para de me crucificar.

Ele suspirou.

— Você não pode me culpar por me preocupar, não quando minha namorada começa a andar com um cara. Mas também estou cansado de brigar. Vamos só deixar pra lá.

Ele pegou minha mochila com gentileza e tirou meus livros de novo, estendendo-os pela mesa. Senti uma onda de ternura enquanto o observava. Eu sabia o quanto ele se preocupava comigo e sentia gratidão por tê-lo em minha vida. Eu só queria poder corresponder aos seus sentimentos de forma igual. Tudo seria muito mais fácil assim.

— Além disso — disse ele com um sorriso —, nossas provas são semana que vem, e sabendo como você é ruim em matemática, eu sou sua única esperança.

No dia seguinte, Lucy e eu pegamos um ônibus até Alexandria para visitar Candela. Era difícil acreditar que eu não a havia visto desde a festa de boas-vindas: o mês inteiro tinha passado em um borrão.

A primeira coisa que notei quando Candela abriu a porta era sua aparência desgrenhada. Seu cabelo estava emaranhado, e sua pele parecia estar coberta em um filme liso e oleoso. As olheiras sob seus olhos estavam tão escuras que quase pareciam machucados. Ela vestia uma camiseta velha, pintada em dégradé tie-dye, com uma mancha grande de vinho tinto e shorts jeans rasgados.

Candela sempre fora magra, mas agora ela parecia abatida, como se não tivesse comido há dias.

— Já são quatro horas? — disse ela, espiando para nós do lado de fora, como se a luz do sol machucasse seus olhos. Então ela abriu um sorriso imenso. — Tão bom ver vocês duas. — Ela me puxou para um abraço fraco. — Faz tempo demais.

— Que lixo todo é esse? — perguntei. A varanda, que estivera impecável em nossa última visita, agora estava em desordem total. Sacos de lixo e caixas de pizza se empilhavam ao lado da porta. Moscas voavam em torno dos restos, e um cheiro azedo e rançoso pairava no ar quente.

— Ah, é — disse Candela, olhando pela varanda. — Ally teve algum tipo de colapso mental e então voltou a morar com os pais, e Ramona e eu, bom... — ela nos deu um sorriso desesperançoso —, nós temos sido bem boas em manter o lugar em ordem. — Ela abriu a porta para nos deixar entrar, e nós a seguimos para o hall. Quando chegamos ao lounge, Lucy e eu trocamos um olhar. Estava uma zona completa. Pratos sujos, pontas de cigarros e garrafas de cerveja vazias estavam largados por toda a mesa de centro. Guardanapos usados, embalagens de comidas e pedaços de fruta meio comidos emporcalhavam o sofá de três lugares. Até mesmo o pufe azul brilhante ao lado estava coberto com migalhas e um cubo mágico tristonho com metade de seus adesivos coloridos arrancados.

— Desculpem a bagunça — disse ela com casualidade. — Tenho estado ocupada demais pra arrumar. — Ela tentou de forma vaga liberar a mesa, mas desistiu no meio. Ao invés disso, empurrou o lixo do sofá para o chão e desabou nas almofadas, convidando-nos para fazer o mesmo. — Então, como estão vocês duas? — perguntou ela, enquanto nos sentávamos uma a cada lado dela. — Como está a escola?

— Está bem — disse Lucy. — Meio pé no saco, sabe?

— Não é a mesma sem você — disse eu com honestidade.

— É — disse Lucy. — Tudo que os professores falam agora é das provas. Eles estão colocando pressão de verdade.

— Estão mesmo — disse eu. — Eles vivem dizendo que se fizermos besteira, acabou. Está tudo acabado pra... — parei e olhei

para Candela. Ela tinha um olhar vidrado no rosto, e eu não conseguia notar se ela sequer estava ouvindo.

— Vocês querem beber algo? — perguntou ela, distraída.

— Claro — disse eu. Candela se levantou e foi até a cozinha.

— Você acha que ela está bem? — sussurrei a Lucy. Ela se virou para olhar para mim com uma expressão preocupada no rosto.

— Não sei — ela disse com os lábios, sem falar, dando de ombros.

Nós ouvimos a porta da geladeira bater conforme Candela voltava para o lounge com um par de latas de Coca-Cola Zero. Ela nos passou as bebidas antes de se sentar outra vez.

— Então, quais são suas novidades, Candela? — perguntou Lucy, abrindo a lata.

— Bom — disse Candela —, comecei a sair com um cara.

— Ah, é? — perguntei.

— Sim, o nome dele é Dirk. Acho que vocês conheceram ele na festa de boas-vindas.

— O motoqueiro com tatuagens por todo o pescoço? Sério, Candela?

— Por quê, qual o problema?

— Ele não tem, tipo, uns quarenta anos ou algo assim?

— Trinta e cinco.

— Então ele tem basicamente o dobro da sua idade?

— E você está querendo dizer que...? — Ela me lançou um olhar desafiador.

— Ele me deu arrepios, Candela — sussurei.

Ela me fuzilou com os olhos.

— Bom, talvez vocês sejam apenas sensíveis demais.

— O que isso quer dizer? — me exaltei.

— Ei, nós deveríamos sair pra jantar semana que vem — Lucy cortou rápido. Era claro que ela estava tentando mudar de assunto antes que virasse uma discussão. — Só nós três. Nós não fazemos isso há um tempão.

— O.k. — disse eu.

— Claro — disse Candela, com um encolher de ombros evasivo.

Algo no tom dela fez minha raiva acender outra vez.

— Não saia com a gente se não quiser, Candela. Não tem uma arma na sua cabeça.

— Jesus, Audrey, calma. Qual seu problema?

— Você tem estado tão distante desde que se mudou. Não ouço nada de você. Você não responde minhas ligações nem minhas mensagens.

Ela se levantou, os olhos ardendo em fúria.

— É sempre sobre você, não é, Audrey? Por que você não abaixa a bola por um segundo e vê que as pessoas têm suas próprias vidas? O mundo não gira em torno de você.

— Ah, cala a boca. Sou eu quem tem que ficar agradando você. Estou cansada de correr atrás. Não estou pedindo pra você me colocar como prioridade na sua vida, sei que tem muita coisa acontecendo com você. Mas ao menos vamos chegar a um consenso.

Ela abriu a boca para falar, mas parou. Sua expressão me dizia que a ficha de algo que eu dissera tinha caído.

— Olha — suspirou ela, sentando-se de volta. — Sei que tenho estado distante. Eu só estou tão fodida por causa da Ana... mesmo que eu não demonstre... Tenho tentado ficar longe de qualquer coisa que me lembre dela. — Ela segurou minha mão e então alcançou a de Lucy. — Vocês duas... Vocês são como irmãs pra mim. Amo vocês, isso nunca vai mudar. Mas preciso me esquecer por um tempo, ficar longe de Three Oaks, da Barrett, e daquele uniforme verde-garrafa feio pra caramba. — Seu olhar focou em meu uniforme escolar. — Preciso que tudo daquela parte da minha vida desapareça um pouco.

As palavras dela trouxeram uma sensação pesada em meu peito. Até aquele momento eu estava incapaz de perceber a profundidade do sofrimento de Candela. Eu queria desesperadamente estar lá para minha amiga, mas não se minha presença causasse mais dor a ela.

— Se você precisa do seu espaço, Candela, vamos respeitar isso — disse Lucy em voz baixa. — Mas ao menos venha pra formatura. Por favor? Seria tão estranho não ter você lá.

Eu me retraí com o desespero na voz de Lucy, mas sentia o mesmo. Tudo era maçante sem Candela. Nada parecia especial.

— É claro que estarei lá — disse ela com um pequeno sorriso. Havia um ar perturbado em seus olhos. — Não perderia por nada no mundo.

OITO

Era o dia de nossas provas, e eu mal conseguia comer quando me sentei para o café da manhã.

— Nervosa? — perguntou meu pai, puxando uma panqueca para seu prato com um garfo.

— Sim.

— Então, qual a primeira coisa na agenda?

— Inglês pela manhã e história depois do almoço.

— Bom, ao menos você vai começar com as duas matérias com as quais é boa — disse minha mãe.

— Acho que sim. — Franzi a testa enquanto uma nova onda de ansiedade agarrava meu estômago.

— Então, na verdade, não tem nada pra ficar nervosa, tem?

Endureci. Havia algo no tom dela que estava me irritando. Acho que papai deve ter notado, porque lançou a ela um olhar de advertência.

— Edwina — disse ele —, tenho certeza que Audrey vai arrasar, em especial com inglês. Mas você sabe tão bem quanto eu que esses exames são assustadores pra caramba, mesmo nos melhores momentos.

— Valeu, pai. — Eu lhe dei um sorriso de apreciação.

— Você não vai comer nada? — perguntou minha mãe.

Uma buzina de carro soou do lado de fora.

— Duck está aqui. Tenho que ir. — Peguei minha mochila e a coloquei nos ombros.

— Boa sorte, Audrey — meu pai gritou atrás de mim.

A atmosfera estava incomumente opressora conforme os professores nos alinhavam e nos guiavam para o salão de provas. Passei pelas mesas e cadeiras que estavam em colunas organizadas em igual distância entre si, meu coração batendo forte no peito. Tomei meu lugar e olhei para Lucy, que estava sentada perto da fileira da frente. Ela sorriu e acenou para mim, então disse com os lábios “boa sorte”. À minha direita, Duck, com uma caneta em mãos, encarava com atenção o relógio que estava pendurado no canto esquerdo do outro lado do salão.

Sr. Sadowski se levantou e explicou as regras enquanto minha professora de história, sra. Douglas, colocava uma folha de papel virada para baixo em minha mesa. Enquanto eu encarava o papel branco vazio, senti uma onda de pânico. Em desespero, estalei o elástico em torno do pulso, mas era como jogar baldes de água em um inferno furioso. As paredes ao meu redor começaram a brilhar, difusas, e se encolher. Eu estava hiperventilando, inclinada sobre minha carteira. Duck chegou ao meu lado num átimo, e senti suas mãos segurarem meus ombros. Sua voz estava fraca e recessiva, como um sinal que caía e voltava.

— Audrey... Audrey, o que houve?

Eu me levantei cegamente, a cadeira arranhando alto no piso revestido em parquet. Eu sentia cem pares de olhos em mim e não conseguia aguentar ser observada — nem por um segundo a mais.

De alguma forma, consegui chegar ao lado de fora e fiquei parada com minhas mãos agarradas no corrimão de metal, puxando o ar em desespero. Alguém tinha a palma de sua mão pressionada contra minhas costas e uma voz, acho que pertencente à sra. Douglas, me dizia de novo e de novo:

— Está tudo bem, querida. Tudo bem. Está tudo bem.

Minha mãe veio me buscar na secretaria da escola uma hora depois. Ela teve uma conversa silenciosa no corredor com o diretor enquanto eu me sentava em uma salinha com a enfermeira da escola, me esforçando para ouvir partes do diálogo. Eu estivera em tamanho pânico antes que não percebi que estava enfiando as unhas nos pulsos. Isso era algo a que eu recorria quando a tira elástica não estava funcionando, mas desta vez eu de fato tinha

feito sangrar. Quando minha mãe entrou na sala, poucos minutos depois, seus olhos foram direto para as gazeiras brancas que circulavam meu pulso esquerdo.

Nós não dissemos muito uma para a outra na curta viagem de carro para casa. Eu ainda estava tremendo quando ela me ajudou a subir as escadas para meu quarto e me pôs para dormir na cama, ainda vestida. Ela deixou o quarto e voltou com uma xícara de chá de camomila. Eu a peguei com gratidão e beberiquei o líquido quente, deixando que fluísse pelo meu corpo, permitindo-me voltar para a Terra. Essa era a coisa engraçada a respeito da ansiedade: não ter certeza total se você era real ou se qualquer coisa ao seu redor era também.

Minha mãe sentou na beirada da cama e acariciou minha cabeça com gentileza.

— Audrey — ela parecia estar escolhendo as palavras com cuidado —, acho que pode ser uma boa ideia pra você dar um tempo.

Pisquei para ela, confusa.

— Um tempo? — ecoei estupidamente.

— Sim.

— Você quer dizer que sou uma vergonha pra você — disse eu, lágrimas se formando em meus olhos. — Estou bem na linha de chegada, mãe. Não posso desistir agora.

— Audrey — a voz dela estava tensa —, sei que as coisas entre nós não têm sido tão boas ultimamente. Mas você ainda é minha garotinha, e eu sinto muito, eu não percebi que estava tão ruim.

— O que eu deveria fazer? — disse eu, de súbito furiosa. — Você fica me contando todos os jeitos que vou estragar as coisas, então espero que esteja feliz agora.

— Por favor, Audrey — disse ela em uma voz baixa. — Estou tentando de verdade.

Meu pai veio para casa poucas horas depois e eu o ouvi falar em voz baixa com minha mãe no primeiro andar. Suas vozes estavam inaudíveis enquanto eu me esforçava para definir suas palavras.

Depois de um tempo, ouvi passos nas escadas e, então, uma batida.

— Audrey — meu pai chamou —, posso entrar?

— Claro — respondi fracamente.

Meu pai entrou no quarto enquanto eu me sentava direito na cama. Ele se sentou ao meu lado e sorriu. Era um sorriso tão triste que me levou à beira de chorar outra vez.

— Uma vez na vida, sua mãe e eu concordamos em algo — disse ele. Eu conseguia notar que ele estava tentando deixar o tom leve.

— Você também acha que eu não deveria terminar minhas provas? — perguntei.

Ele inspirou fundo e expirou devagar.

— Como você se sente a respeito, querida?

— Com medo, pai. Foi tão difícil hoje. Eu conseguia sentir todo mundo me encarando. Me senti em um show de horrores, como uma aberração, como se todos estivessem rindo de mim e... — eu desabei.

— Audrey — ele colocou seus braços ao redor de mim, e soluzei em silêncio contra seu ombro.

— Está tudo bem, querida. Você não tem que fazer nada. Você pode fazer as provas outra vez quando estiver se sentindo disposta.

— Eu me sinto como uma perdedora.

— Ei, você não é uma perdedora. É só um contratempo, só isso. Não é o fim do mundo.

— Mas com certeza parece ser.

— Eu sei, querida. Mas não quero que você se preocupe com isso agora.

— Minha mãe nunca vai deixar isso de lado.

— Sua mãe só quer o que é melhor pra você, Audrey. Mesmo que ela tenha um jeito engraçado de mostrar isso às vezes.

— Não sei o que fazer depois — disse eu. — Simplesmente não sei. — Comecei a chorar de novo.

— Você não tem que fazer nada. Sua mãe e eu vamos cuidar de você. Você não tem que se preocupar com nada. O.k.?

— O.k.

— Tudo vai ficar bem, Audrey. A vida tem um jeito de se resolver. Você vai ver.

NOVE

— **Eu achava que estava melhorando** — disse eu. Estava sentada na cadeira de Ida enquanto ela me observava de sua mesa, perto da janela aberta. Ela deu uma tragada longa em seu cigarro antes de virar a cabeça e soprar a fumaça para fora.

— A ansiedade é uma coisa traiçoeira, querida. É um pouco como o clima, sabe? Você pode ter só céus azuis e então, do nada, a merda toda vira um El Niño na sua cara. — Ela apagou o cigarro e pegou a caneta, clicando e soltando o botão de novo. Ela olhou para mim. — Como você está lidando com isso, querida? — Desde meu ataque de pânico no salão da escola na semana passada, essa tinha se tornado uma pergunta padrão. Não só com ela, mas com todas as outras pessoas também.

— Bem, eu acho. — Dei a ela minha resposta padrão.

— Como você se sente em relação a ficar um tempo sem ir à escola?

Dei de ombros.

— Não sei. Como um erro.

Ela me lançou um sorriso encorajador.

— Bom, tenho boas notícias para você. Você não é um erro. É apenas uma questão de travar suas próprias batalhas, fofa. Lembre-se disso.

— Tudo bem — disse eu, entorpecida. Meus dedos passavam por cima da borda da tira elástica. Olhei para Ida. — Você acha que preciso estar sob medicação? A mãe da minha amiga Candela tem ansiedade. Ela está tomando Xanax. Aparentemente, ajuda.

Ida expirou.

— Não posso prescrever medicação, Audrey, mas posso escrever um bilhete pra levar ao seu médico. — Ela franziu a testa. — Mas

não acho que seja a coisa certa pra você nesse estágio.

— Parece que preciso de algo a mais quando o elástico não está funcionando. Você sabe, quando se torna demais e começo a sair de controle.

Ela abriu uma gaveta e tirou um bloco de notas. Com um clique da caneta, ela escreveu algo, antes de dobrar o papel e entregá-lo a mim.

— Leve isso pro seu médico. Ele vai saber o que fazer.

— Valeu — disse eu, enfiando o bilhete no bolso do meu jeans.

— Pessoalmente, acho que você consegue lidar sem a medicação. Eu tentaria aguentar um pouco se fosse você. Mas algumas pessoas acham que ajuda ter uma rede de segurança.

Assenti com a cabeça:

— Vou manter isso em mente.

Depois de sair do consultório de Ida, caminhei para o parque no final da rua. Eu me sentei em um banco, perto da lagoa de patos, e me perdi em pensamentos por um tempo. Então, pegando meu telefone da bolsa, liguei para Candela. Fazia meses que eu estivera carregando aquele segredo terrível sobre Ana, e eu conseguia senti-lo fazer tique-taque dentro de mim como uma bomba relógio. Eu tinha que contar a alguém. Eu sabia que Candela provavelmente nunca mais falaria comigo, mas isso era algo com o qual eu teria de viver. Meu coração começou a batucar conforme eu levantava o telefone para meu ouvido. Foi direto para a caixa postal. Depois de levantar, caminhei até o ponto de ônibus mais próximo e peguei o primeiro ônibus para Alexandria.

Enquanto eu subia os degraus que levavam à porta de Candela, fui atingida pelo cheiro nauseante de lixo. A pilha que estava ali em minha última visita estava duas vezes maior naquele momento. Fazendo meu melhor para desviar dela, toquei a campainha. Não houve resposta, então toquei outra vez. Na minha terceira tentativa, uma fresta da porta se abriu e o rosto de Ramona espiou de dentro. Seus olhos se iluminaram quando viram que era eu.

— Audrey! — exclamou ela, escancarando a porta e pegando minha mão. — Entre! Candela está aqui dentro.

Eu não estava preparada para a cena que vi quando chegamos ao final da entrada. À mesa da cozinha, Candela estava sentada, as costas apoiadas em uma cadeira de vime e suas pernas enroscadas em torno de Dirk. Ele estava segurando uma pequena colher prateada em uma mão e um isqueiro na outra conforme se inclinava sobre a mesa, franzindo a testa com concentração. Os dois ergueram os rostos quando entrei no recinto. Candela se levantou de súbito, batendo em Dirk, que acabou se inclinando para frente, lançando um punhado de algum pó parecido com açúcar mascavo pela mesa.

— Não *fode*, Candela — disse ele, enfurecido.

Abri minha boca para falar, mas não conseguia pensar em uma única coisa para dizer. Eu me virei para ir embora e a ouvi me chamar do fundo do corredor.

— Audrey, espere.

Eu estava perto da porta de entrada quando ouvi Ramona dizer:

— Jesus, qual o problema dela?

Peguei a maçaneta com agressividade e senti uma pontada aguda de dor contra a palma da mão. Quando estava do lado de fora, vi um filete de sangue e percebi que deveria ter cortado a mão numa borda afiada da fechadura. Candela seguia atrás de mim, agarrando a parte de trás do meu pulso. Eu me virei para encará-la.

— Eu ia contar pra você — disse ela.

— Me contar o quê? Que você está injetando agora? O que você está fazendo?

— Por que você está tão brava? — Ela parecia genuinamente surpresa. — É minha vida de merda. Só estou me divertindo um pouco.

— Divertindo? — disse eu com incredulidade. Eu a peguei pelos ombros e sacudi. — Candela, acorda! Não é uma questão de você tomar pílulas ou enfiar coisas no nariz. Você sabe a que esse tipo de *diversão* leva?

— Audrey, relaxa. — Ela deu um passo para longe de mim.

— Não! Não vou assistir alguém que amo jogar a vida fora.

— Ah, Deus, você parece minha mãe. — Ela olhou para longe de mim. — Posso parar quando quiser.

— A sua mãe sabe disso?

— Pare de ser tão moralista. Isso é algo que eu esperaria de Lucy, não de você.

— A sua mãe sabe disso? — repeti. — A Eve sabe? Candela, olha pra mim! — Ela não encontrou meu olhar. — Bom, elas sabem? Ela não respondeu.

— É por causa da Ana? — continuei. — É assim que você está *lidando* com isso?

A expressão dela se fechou com a menção do nome de Ana.

— Eu não continuaria se fosse você — avisou ela.

— Você sabe, tinha uma foto sua no medalhão dela.

— E? — ela colocou as mãos no quadril, desafiando-me a seguir.

— O que estava rolando entre vocês duas? — demandei.

— Bom, você parece saber mais do que eu, Audrey. Você é a pessoa que viu Ana com o pai dela, você é quem ficou toda amiguinha do namorado dela. Então por que você está perguntando pra mim?

Fui surpreendida pela hostilidade em sua voz. Abri a boca para responder, mas ela me interrompeu.

— Talvez seja você quem tem uma atração por caras mais velhos.

— Candela, eu—

— Sei o que está sugerindo sobre eu e a Ana, e quer saber? Não é da sua conta, porra — disse ela, seus olhos verdes brilhantes perfurando os meus. — Você está me ouvindo, Audrey? — A voz dela se ergueu em raiva. — Então larga de mim e se preocupa com a sua própria vida cagada. — Ela se virou de repente e voltou para a casa com raiva, batendo a porta atrás de si.

DEZ

A formatura chegou e foi com pouca festa. Risadas e alívio assobiavam pelo ar. As pessoas assinavam camisetas com canetinhas hidrográficas e rabiscavam citações significativas nos anuários de cada um. Na área de esportes, meus colegas estavam queimando os livros escolares em grandes lixeiras de metal — uma tradição que prosseguia a cada ano, apesar do calor opressor.

Candela não apareceu — não que eu esperasse que ela fosse. Nós não tínhamos nos falado desde nossa discussão, apesar de eu tentar ligar várias vezes. Quando contei a Lucy o que vi na casa de Candela, ela sugeriu fazermos uma intervenção, mas eu sabia que não faria sentido. Candela sempre havia feito as coisas do seu próprio jeito.

Estava seguindo o caminho para o prédio de inglês para encontrar com Lucy quando Angie apareceu.

— Ei, Audrey, eu estive procurando você por todos os cantos.

— E aí, Angie?

— Quais são seus planos para o ano que vem?

— Não sei. Não terminei minhas provas, então acho que terei que fazer de novo ou algo assim.

— Bom, minha tia Sam é editora da revista *See! Sydney* e eles estão procurando por um estagiário. Eu assumiria o cargo, mas minha prima superglamorosa Cecelia, que mora em Nova York, vai se casar. — Ele formou as palavras “casamento forçado”, sem falar, como se fosse a coisa mais escandalosa do mundo, e eu ri. — Então — continuou ele —, minha mãe e eu vamos para o casamento dela, e acho que talvez eu fique em Nova York por um tempo e cuide de uns projetos pessoais. Sabe, ver a moda local, dar uns pulos nas galerias.

— Parece ótimo!

— Eu sei! — concordou ele, fazendo uma dancinha improvisada.

— Mal posso esperar!

— Me leva com você!

Ele suspirou.

— Eu queria poder, amor, mas tenho a sensação que vou precisar desse espaço na bagagem.

Eu ri.

— De qualquer forma, falei com a Sam sobre você, e ela quer saber se você quer assumir a posição de estagiária na *See! Sydney* no meu lugar.

— Uau, de verdade?

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu disse a ela que você era meu braço direito na revista da escola.

— Obrigada, Angie! Eu vou amar!

— Ótimo! Vou passar seu número, então espere uma ligação dela logo.

— Eu tenho que fazer uma entrevista ou algo assim? Sei que estágios são muito difíceis de achar.

— Sim, mas, cá entre nós, o trabalho já é seu.

Eu o abracei calorosamente.

— Angie, você é o melhor!

Encontrei Lucy ao lado do prédio de inglês, abordando o sr. Sadowski com uma caneta hidrográfica em uma mão e o anuário do lado.

— Escreva algo que vá fazer sentido pra mim em dez anos — instruiu ela. O sr. Sadowski pegou a canetinha de Lucy com um suspiro e escreveu no anuário: *A juventude é desperdiçada com os jovens.*

Mais tarde, encontramos Freddy nos portões da escola, e nós três ficamos parados esperando por Duck. Depois de alguns minutos, eu o vi caminhando em uma multidão de alunos que, percebi com um sentimento de alívio, eu nunca mais teria de ver.

— Duck! — chamou Lucy. — Estamos aqui.

Ele ergueu os olhos e acenou para nós. Quando chegou ao portão, ele tomou minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus.

— O que devemos fazer agora? — disse Lucy enquanto subíamos pela rua.

Dei de ombros.

— Não sei.

— Você veio de carro hoje de manhã? — perguntou Lucy a Duck.

— Não, viemos de ônibus.

— Certo, bom, podemos todos ir no carro do Freddy, então...

— Está um dia maravilhoso. Por que não vamos para a praia dar um mergulho? — sugeri.

— Sim! — disse Lucy. — Que ótimo jeito de comemorar!

— Parece só mais um dia típico para mim — disse Freddy com um sorriso.

— Bom, suas férias estendidas vão terminar logo, parceiro — disse Lucy.

— Sério? Você finalmente decidiu alguma coisa, Freddy? — perguntei.

— Administração. — Ele colocou seus braços em torno dos ombros de Lucy. — Vamos nos matricular no mesmo curso ano que vem.

— Ah — falei. — Que fofo.

— Vamos ser magnatas — disse Lucy alegremente.

— Não duvido — disse Duck.

Quando chegamos ao final da rua, Lucy parou de súbito e lambeu o ar.

— Hummm... — disse ela. — Liberdade.

— Esquisita — falou Freddy.

— Onde você estacionou, amor?

— Umas duas ruas pra baixo, perto da lojinha na esquina.

Lucy fez beicinho.

— Mas isso é longe pra caramba!

— Você quer ir nos meus ombros?

— Aham.

Ele a ergueu em suas costas e ela enrolou os braços no pescoço dele.

— Então a Candela não apareceu hoje — disse Duck.

— Não — disse Lucy, um traço de irritação em sua voz. — Que jeito de manter sua palavra.

— Eu não achava que ela viria — comentei.

— Sério, lavo minhas mãos — disse Lucy. — Estou cansada de trabalhar tão duro em troca de migalhas.

— Não diga isso, Lucy — disse eu em voz baixa. — Sempre fomos nós três. Ela só está passando por umas coisas agora.

Eu sabia que Candela não tinha a intenção de nos abandonar. Ela só estava triste de perder Ana e, apesar de nunca dizer isso em voz alta, ela me culpava pelo que tinha acontecido. Talvez ela sentisse que era minha culpa, que eu era a responsável pela morte dela. E o mais terrível é que ela estava certa. Respirei fundo e desenlacei minha mão da de Duck, buscando rápido meu elástico.

— Isso não dá a ela o direito de nos tratar como merda — disse Lucy. — E não gosto do pessoal com quem ela tem andado. — Ela virou a cabeça para trás para me encarar. — Não quero parecer a sua mãe, Audrey, mas acho que é melhor você ficar longe.

ONZE

Depois que a escola terminou, cada dia parecia um borrão dentro do outro. Eu não tinha estrutura ou propósito, nenhuma razão para me levantar de manhã. Eu estava indo dormir tarde todas as noites, e passava horas lendo histórias de terror, navegando na internet ou assistindo a reprises de *Doctor Who*. Minha mente ficava ricocheteando entre Ana, Rad e Candela. Como uma contagem não-oficial das vidas que eu tinha arruinado, inadvertidamente, quando contei aquela mentira.

Numa manhã, meu telefone vibrou alto, me acordando de um sono agitado. Eu o peguei cegamente, derrubando-o da mesa de cabeceira. Caiu no chão com um estrondo.

— Merda — reclamei, estendendo-me sobre a beirada da cama e pegando o aparelho na velocidade da luz.

— Alô?

— É a Audrey? — perguntou uma voz feminina que não reconheci.

— Sim.

— Oi, é a Sam, tia do Angie. Sou a editora da *See! Sydney*.

— Oi — disse eu, sentindo-me subitamente bem acordada. — Estava esperando a sua ligação.

— Ótimo! Angie mencionou que você estava interessada em assumir o cargo de estagiária aqui. Você está livre pra vir às dez, amanhã de manhã, pra uma entrevista?

— Com certeza! Vejo você amanhã.

Cheguei em um edifício cinza sem-graça meia hora antes do horário marcado. Eu me sentei em uma cafeteria no andar de baixo e

peguei uma cópia do último jornal. Estava absorta em uma história sobre motoristas de táxi afirmando terem buscado passageiros-fantasma quando meu telefone começou a tocar. Olhei a tela. Era Lucy.

— Oi, Lucy. Tudo bem?

— Adivinha só?

— O quê?

— Adivinha! — Lucy sentia uma alegria perversa em esconder notícias empolgantes e fazer você trabalhar por elas.

Suspirei.

— Lucy, eu tenho, tipo, quinze minutos antes de começar minha reunião, então vamos pular o jogo de adivinhação hoje.

— Tudo bem então, estraga-prazeres. Sabe meu tio, Harry? O que trabalha com publicidade?

— O classudão? — perguntei com um sorriso. O tio de Lucy era um homem extravagante que tinha um nariz avermelhado e bochechas perpetuamente coradas. Ele não tinha filhos e sempre adorara Lucy. Eu me lembro dele nos encontros de família quando éramos crianças — fazendo truques de mágica com frequência e adorando ver nossos rostos estupefatos.

— Sim, o classudão. Ele acabou de receber uma oferta de emprego pra trabalhar em Paris por dois anos. Enfim, ele me pediu pra cuidar da casa dele enquanto ele estiver fora. O que é fantástico, porque o Freddy e eu vamos começar nosso curso na Sydney University ano que vem, e a casa dele é legal e próxima. Ele disse que você pode se mudar pra lá também, se quiser. Desde que a gente cuide bem de tudo.

Deixei minha mente viajar e digerir as palavras. *Me mudar*. Meu cérebro parecia isolar a expressão de dentro de um amontoado de frases.

— Nós, saindo de casa? — perguntei incrédula.

— Sim! Se você conseguir o estágio na *See! Sydney*, podemos morar juntas na casa dele.

— Mas e o aluguel e as coisas assim? O estágio não é remunerado.

— Não precisamos pagar aluguel. Só temos que cuidar da casa.

— Sério? — perguntei.

— Sim, não é ótimo?

— Ai, meu Deus! — Fiquei imediatamente em êxtase. — Posso fugir da minha mãe!

— Exato — disse Lucy com alegria.

— Tipo assim, não tenho que ver ela todos os dias. — O pensamento era quase bom demais para processar.

— E nossos namorados podem ficar por lá também! O Duck vai começar o curso dele ano que vem, então é perfeito. Audrey, nós vamos nos divertir tanto!

— Vamos ter que arranjar empregos de meio período, pras compras e tudo mais — falei com alegria.

— Podemos resolver tudo isso. Acho que a gente pode conseguir umas bolsas do governo ou algo assim, e eu posso acessar meu fundo de segurança quando começar a universidade. Vamos conseguir, Audrey!

— Com certeza! — concordei, me sentindo feliz.

— Você vai fazer alguma coisa depois da reunião? — perguntou ela.

— Não, mando uma mensagem quando terminar.

— Certo, te busco depois. Podemos ir ver a casa juntas.

Uma mulher de trinta e poucos anos vestida de forma impecável estava parada no elevador quando entrei pelas portas pesadas. Eu lhe dei um meio sorriso.

— Qual andar? — perguntou ela.

— Ahn, sétimo — disse eu, enquanto ela se esticava para alcançar o quadro de botões na lateral.

— Você não seria, por acaso, Audrey, seria?

Eu me virei para olhar para ela.

— Sam?

Ela assentiu com a cabeça, estendendo a mão.

— Prazer em conhecê-la — disse ela, com um sorriso acolhedor.

Sorri de volta enquanto dávamos as mãos. Gostei dela de imediato.

— O Angie falou tanto de você — disse ela.

— Falou?

Ela assentiu com a cabeça.

— Ele me deu a cópia mais recente de sua revista escolar. Trabalho fenomenal.

— Obrigada. Era o bebê dele.

Houve um som de *ding*, e as portas do elevador deslizaram para abrir.

— Seu também, aparentemente — falou ela, enquanto saíamos.

— Seus artigos eram excelentes de ler. Um pouco melancólicos, talvez, mas gosto do seu estilo.

Ela me guiou por um corredor estreito e pela porta de vidro fosco com as palavras *See! Sydney* impressas em letras pretas em negrito.

— Oi, April — disse Sam para uma garota de vinte e poucos anos sentada atrás de uma mesa branca simples.

— Oi, Sam — cumprimentou April. — Esta é a sua entrevista das dez? — Ela gesticulou para mim.

Sam assentiu com a cabeça.

— Você deve ser a Audrey, então — disse ela com um sorriso. — Bem-vinda ao nosso pequeno escritório.

Atrás dela estava um escritório sem divisórias com paredes de tijolo exposto ao fundo e grandes janelas em bloco por toda a extensão do recinto arejado e brilhante. Havia tubos de aço e vigas de madeira à mostra pelo teto, do qual terrários estavam pendurados em fios de metal. Uma meia dúzia de mesas, a maioria delas vazia, estavam espalhadas em uma formação aleatória com apenas alguns jornalistas espalhados por elas, e havia uma área de espera com um lounge e cafeteria. Pufes cheios demais estavam nos cantos sobre o piso de madeira cinzento e rústico. Uma música do Pink Floyd tocava com leveza.

— Nós temos um modo de trabalho muito tranquilo aqui — disse Sam. — A maioria dos nossos jornalistas não chega até depois das onze. Eles podem ir e vir como bem entenderem, desde que entreguem seus artigos no prazo.

— É um bom sistema — disse April. — Todo mundo fica feliz e, como resultado, o trabalho é melhor.

Eu tinha passado muito tempo pesquisando essa revista. Ele havia sido criada cinco anos atrás e já tinha ganhado uma boa quantidade de prêmios.

— Apesar de que, quando estamos fechando, esse lugar pode ser um hospício — disse Sam.

— Ah, é — concordou April. — Pode ficar bem insano. — Ela gesticulou para trás de si. — Mas, em geral, esse é o tipo de vibe aqui.

Segui Sam até sua mesa, e nos sentamos uma de frente para a outra. Uma foto de Angie em uma moldura prateada chamou minha atenção. Ela parecia ser recente, tirada com ele parado em uma canoa, usando um grande sombreiro mexicano e óculos com lentes em forma de coração, brandindo um remo como uma espada.

— Essa foto sempre me faz rir — disse ela, seguindo meu olhar.

— O Angie é provavelmente a pessoa mais fotogênica do mundo.

— Não é? — A voz dela estava cheia de afeto. — Ele é a luz da minha vida, sabe. Ainda me lembro da primeira vez que o peguei no colo. Ele parecia um broto de feijão. Digo isso a ele o tempo todo.

Eu ri.

— Então, Audrey — Sam colocou as mãos sobre a mesa —, me conte de você. Quais são suas ambições?

Considereei a pergunta dela por alguns momentos.

— Amo escrever, sempre amei. Imagino que minha maior meta seja escrever um livro um dia.

Ela assentiu com a cabeça pensativamente.

— Acho que esse cargo será um bom começo. Você vai poder pegar prática em uma revista premiada e se misturar com profissionais que pensam parecido. — Ela sorriu para mim. — Você está pensando em fazer algum curso ano que vem?

— Não sei — disse eu. — Não terminei minhas provas finais, então talvez tenha que fazer isso em algum momento.

— Interessante. Sei que a maioria das revistas só contrata gente formada. Mas sou meio avessa a regras, e funcionou bem pra mim até agora. Quando estou contratando, sempre procuro algo muito particular. É difícil explicar. Acho que, de certa forma, é instintivo. Pareço ter um jeito de ver se um escritor é capaz ou não.

Assenti e esperei que ela continuasse.

— E definitivamente vejo potencial em você. Acho que, com um pouco de orientação, você vai se polir em pouco tempo. Não tenho

certeza do que o Angie te falou sobre o estágio, mas vou repassar pra você agora. Você tem alguma experiência de trabalho?

— Fiz um estágio curto no escritório do meu pai mais ou menos um ano atrás. Ele trabalha com finanças.

— Tarefas básicas de escritório?

— Sim, atender o telefone, buscar cafés, muito arquivamento.

Ela sorriu.

— Bom, você terá um papel parecido aqui. Você vai fazer pesquisa e acompanhar nossos jornalistas seniores em entrevistas. E você terá a oportunidade de dar ideias de pautas em reuniões. Nossas sessões de brainstorming são sempre muito divertidas.

— Parece perfeito!

— Ótimo. A duração do estágio é de três meses. Estou procurando um jornalista novo pra colocar no nosso time, então, se tudo der certo, poderia haver uma chance de efetivação no meio de março.

Senti um solavanco de empolgação.

— Mesmo? — Eu mal conseguia acreditar na minha sorte.

Ela sorriu e assentiu com a cabeça.

— Sim, mesmo.

— Isso seria maravilhoso! De verdade.

— Bom, então acho que você começa na segunda-feira. — Ela se levantou e estendeu a mão para mim do outro lado da mesa.

Eu me levantei da cadeira e apertei sua mão, um sorriso besta no meu rosto.

— Muito obrigada.

— Por nada. Bem-vinda ao time, Audrey. Acho que você vai amar trabalhar aqui.

Lucy foi me buscar depois da minha reunião.

— Como foi? — perguntou ela, enquanto eu deslizava para o assento de passageiro do Polvo I.

— Fantástico! — falei, passando minha alegria para ela.

— Então me conte a respeito.

— O estágio é de três meses, e eu posso ser efetivada depois disso.

— Mentira! — disse Lucy. — Até mesmo quem é formado em literatura está com muitíssima dificuldade em conseguir um emprego.

— Eu sei. É realmente surreal.

— Bom, então acho que temos outra coisa pra comemorar!

Poucos minutos depois, Lucy estacionou em frente a um pátio pitoresco em uma rua frondosa e cheia de árvores.

— Uau, você não estava brincando quando disse que era perto. Posso ir trabalhar a pé.

— Eu te disse que era perfeito — falou Lucy.

Saímos do carro, caminhamos pelo portão e subimos o curto lance de escadas.

— É tão fofo — elogiei. A porta estava pintada em um preto steampunk e tinha uma aldrava ornada de latão. O número 42 estava pintado na porta em letras grandes e douradas.

— Espere só até entrar — disse ela, pescando a chave do bolso e enfiando-a na fechadura.

— Uau. — Suspirei quando atravessamos a soleira e entramos na casa. Fiquei parada com a boca escancarada enquanto olhava o piso polido de madeira de cerejeira e a mobília em estilo retrô que dava um ar divertido ao lugar. Havia uma jukebox em tamanho real no hall principal, acompanhada de uma máquina retrô de pinball e uma roda da fortuna. O tio de Lucy colecionava arte, e havia inúmeras pinturas e impressões de edições limitadas em molduras ornadas pelas paredes. Começamos a caminhar pela casa, maravilhando-nos com o teto de pé-direito alto que era um complemento perfeito para o plano aberto que nos levava do hall de entrada para a sala de estar e pela cozinha. Havia um pequeno cômodo nos fundos, cheio de pilhas de DVDs, livros, caixas de papelão e outras parafernálias. A porta dos fundos se abria para um pátio em estilo inglês. Uma pequena mesa de jardim feita de ferro forjado decorativo ficava no centro do jardim, cercada de lírios, rosas brancas e gardênia em vasos.

— Meu tio diz que minha vida não valerá mais a pena ser vivida se deixarmos as plantas dele morrer — disse Lucy. No andar de

cima, havia dois quartos inundados pelo sol, cada um com um banheiro.

— Candela amaria aqui — falei, me sentindo melancólica de súbito.

— Eu sei — afirmou Lucy. — Sempre falamos que moraríamos juntas depois da escola, nós três. Parece meio estranho fazer isso sem ela.

— Parece mesmo. Ei, que dia é hoje?

Lucy conferiu o telefone.

— Catorze.

Olhamos uma para a outra conforme o significado da data recaía sobre nós. Era o aniversário de Candela. Não conseguia acreditar que quase tínhamos esquecido.

— A gente devia ligar pra ela — disse Lucy.

Ergui uma sobrancelha.

— Podemos tentar.

Minha mente disparou de volta para aquele dia em Alexandria, fora da casa de Candela. Apesar de não termos nos falado desde então, eu pensava nela constantemente. Eu tinha desistido de fazer as pazes fazia tempo, mas não podia ignorar seu aniversário.

— Bom, o que temos a perder? — Lucy falou, discando seu número.

— Dedos cruzados pra ela atender — disse eu.

— Oi, Lucy. — Para nossa surpresa, Candela respondeu quase de imediato.

— Oi, sumida — disse Lucy. — Estou aqui com a Audrey.

— Oi, Candela — disse eu com cuidado.

— Oi — ela respondeu alegremente. Não havia um traço de hostilidade em sua voz, e isso me fez sentir esperançosa.

— Feliz aniversário! — Lucy e eu cantarolamos em uníssono.

Ela riu.

— Ah, obrigada, gente.

— Estamos com saudade — disse Lucy.

— Estou com saudade de vocês duas também — disse ela. Havia um traço de tristeza em sua voz. Era seu primeiro aniversário sem a gente. — Então, o que vocês estão aprontando?

Lucy contou a Candela sobre a casa de seu tio e sobre como ficaríamos cuidando dela nos próximos anos.

— Você sabe que pode passar a noite aqui sempre que quiser.

— Obrigada — disse Candela. Ela parecia emocionada. — Talvez eu possa visitar vocês duas quando estiverem acomodadas.

— Você é bem-vinda a qualquer hora — disse Lucy.

— Tenho que voltar ao trabalho agora — falou Candela. — Obrigada por ligarem.

— Você está trabalhando no seu aniversário? — perguntei.

— Sim, turno duplo — explicou ela, com um suspiro. — Acabei de sair para o intervalo do almoço.

— Certo, vamos deixar você voltar, então — disse Lucy. — É bom ouvir sua voz, Candela.

Mais tarde, naquela noite, atualizei meus pais a respeito dos eventos empolgantes do dia. Com uma tática bem pensada, contei a eles primeiro sobre o estágio e sobre a possível oferta de emprego.

— Isso é maravilhoso, querida — disse meu pai, sorrindo para mim.

— Parabéns, Audrey — disse minha mãe. Ela parecia genuinamente feliz por mim. — Talvez um bom momento pra tirar sua carteira de motorista? — Isso era algo que eu vinha enrolando, apesar das constantes reclamações de minha mãe. A ideia de estar no controle de um pedaço de metal perigoso enquanto sofria um ataque de pânico era um cenário em que eu não queria me encontrar.

— Na verdade, o tio da Lucy acabou de aceitar uma oferta de emprego em Paris e ela vai cuidar da casa dele enquanto ele fica fora. É uma casa grande, e é bem perto do escritório da *See! Sydney*, uns dez minutos a pé — falei com pressa, olhando o rosto de minha mãe mudar de seu estado calmo e plácido para algo que me dava mau agouro. — Lucy diz que posso me mudar com ela e...

— Não — disse minha mãe. Ela baixou o garfo. — Você é nova demais pra morar fora de casa, Audrey.

— Tenho dezoito anos! — Eu me levantei, minha cadeira arranhando alto o chão. — A maioria dos meus amigos está saindo de casa.

— E olhe como isso deu certo pra Candela.

— Não coloque ela nisso. Não sou a Candela, mãe.

— Como você acha que vai se sustentar? Com um estágio? E o aluguel? E as contas?

— A Lucy disse que não temos que pagar aluguel. E posso me candidatar a uma bolsa enquanto estiver no estágio, ou conseguir um emprego de meio período.

— Audrey, você mal consegue cuidar de si mesma. Talvez em alguns anos.

— Alguns anos? — gritei, atordoada. — Mãe, eu não sou uma inválida! Além disso, não preciso de sua permissão pra nada.

— Como é que é?

— Pai? — Olhei para ele, meus olhos implorando. — É só cuidar da casa. Não vou ficar lá pra sempre.

Ele suspirou e olhou para minha mãe.

— Audrey tem razão, Edwina. As garotas estão só cuidando da casa. — Senti uma pequena faísca de esperança acender no meu peito. — Talvez possa ser bom pra Audrey sair no mundo e aprender uma coisa ou outra sobre responsabilidade.

Ela o fuzilou com os olhos.

— E não é muito longe. — Ele manteve o tom leve e jovial. — Tenho certeza que ela voltará com roupa pra lavar de vez em quando.

Minha mãe olhou de meu pai para mim. Então ela se levantou de forma abrupta e empurrou a cadeira para trás.

— Você é mole demais com ela, sempre foi — disse. Ela pegou seu prato, com metade da comida ainda nele, e o levou para a cozinha. Eu conseguia ouvir o choque agudo do prato batendo na pia, então o som das portas dos armários e das gavetas abrindo e fechando com batidas. Meu pai e eu trocamos um olhar.

— Nada de festas malucas — disse ele, enquanto um sorriso gigantesco surgia em meu rosto. — Você está morando na casa de outra pessoa, então tem que tratar tudo com respeito.

— Pai! — exclamei, correndo para o lado dele na mesa e jogando meus braços em torno de seu pescoço.

— E também — continuou ele —, quero que visite sua mãe ao menos uma vez por semana. Falo sério, Audrey — disse quando

deixei um muxoxo escapar. — E tem que encontrar uma maneira de se sustentar financeiramente. Nada de assistência nossa.

— Certo — disse eu com alegria. Mal podia esperar para ligar para Lucy e contar a ela as boas notícias.

Minha mãe saiu da cozinha e olhou para nós dois com irritação. Ela tinha um punhado de utensílios de cozinha em mãos.

— Imagino que vão precisar disso — falou, colocando-os na mesa. — Não quero vocês duas vivendo de pizza e hambúrgueres.

Dei um pulo e joguei meus braços em torno dela.

— Obrigada, mãe — disse eu, beijando-a na bochecha. Meu pai sorriu para ela e deu de ombros.

— Parece que a nossa garotinha está crescendo.

DOZE

— **Notei que você não está usando** seu elástico hoje — disse Ida. Fazia quase três meses que eu não a via. Eu estava me saindo tão bem ultimamente que pudemos diminuir o número de sessões.

Olhei para meu pulso esquerdo.

— Devo ter esquecido hoje — falei, dando de ombros. Eu me sentei na cadeira e coloquei minha pasta de couro marrom aos meus pés. Foi um presente dos meus pais quando comecei o estágio na *See! Sydney*.

— Esse é um ótimo sinal, Audrey.

— Mesmo?

Ela assentiu e sorriu.

— Como você tem andado? Na última vez que nos falamos, você tinha recém-começado um estágio em uma revista.

— Tenho estado ótima — disse eu. — Eles me ofereceram um emprego em tempo integral semana passada. — Tirei um cartão de visitas de dentro da minha bolsa e o passei pela mesa. — Sam, minha editora, mandou fazer esses cartões pra mim.

— Audrey Field, jornalista — disse Ida com um sorriso. — Isso é ótimo, querida. Que conquista fabulosa pra alguém da sua idade.

— Obrigada. Tive sorte.

— E você está morando fora de casa agora, não?

Concordei com a cabeça.

— Estou cuidando de uma casa com minha amiga, Lucy.

— Como tem sido?

— Incrível. Não tenho mais que aguentar minha mãe o dia inteiro.

— Como você se sente com isso?

— Como se um grande peso tivesse saído das minhas costas — falei, com um suspiro feliz. — Sinto como se pudesse relaxar e ser

eu mesma. Esses dias eu me sentei no quarto e comi um pacote inteiro de biscoitinhos de menta só porque podia.

Ida riu.

— Parece que você teve uma revelação e tanto aí.

— Uma de muitas.

— E você ainda vê sua mãe?

— Janto em casa toda quinta-feira à noite. Eu também a visito em alguns finais de semana. Ela é quase suportável, em doses pequenas. Acho até que ela está desapontada porque não fez nenhuma cagada ainda. Ela tem esse medo irracional de que eu vou acabar como a Candela.

— Falando em Candela, você tem ouvido dela?

Meu sorriso sumiu. Balancei a cabeça.

— Não. Eu e a Lucy ligamos pra ela no seu aniversário, mas não sabemos dela desde então. Isso faz meses. Mandeí uma mensagem com nosso endereço, mas ela nunca se deu o trabalho de aparecer.

— Como você se sente com isso?

— Triste. Sinto muita saudade dela. Nós somos amigas desde que me entendo por gente, não passávamos um dia sem nos falar. Amo a Lucy de morrer, mas sempre tive essa conexão especial com a Candela. É difícil descrever. Sinto que consigo falar com ela sem um filtro, que ela nunca julgaria, não importando o que eu dissesse. E ela era a única que entendia como eu me sentia a respeito do Rad

— Parei de falar.

— Você ainda pensa no Rad?

— Sim — admiti. Tinha feito meu melhor para deixar Rad fora dos meus pensamentos, mas era mais fácil falar do que fazer. Eu continuava pensando sobre a última vez que o tinha visto, no Blues Point, quando fizemos uma contagem regressiva para nos apagar de nossos telefones. Às vezes eu queria poder voltar no tempo e impedir que aquilo acontecesse. — Eu me sinto mal por isso. Quero dizer, o Duck literalmente não faz ideia que o Rad ainda está na minha mente. Nós costumávamos brigar sobre isso o tempo todo, mas é quase como se ele tivesse esquecido que aquilo tudo chegou a acontecer. — Baixei os olhos para minhas mãos. — Eu queria conseguir esquecer.

— Como está o Duck?

— Duck está ótimo. Ele acabou de começar seu curso de Direito, e está amando. Desde que saímos da escola, o lado ambicioso dele está no máximo.

— Como assim?

— Bom, ele se interessou por livros de autoajuda de um modo intenso. E sempre está inscrito em algum seminário de negócios na cidade.

— Como você se sente em relação a isso?

— Bem, eu acho. Desde que ele esteja feliz. Mas nós não passamos tanto tempo juntos como costumávamos.

— Isso te incomoda?

Balancei a cabeça.

— Na verdade, não. Tenho muita coisa pra me manter ocupada.

— Fico feliz de ouvir. — Ela rabiscou algo em seu bloco de notas.

— Sei que escrevi um bilhete para o médico, algum tempo atrás. Você chegou a buscar a prescrição?

— Não. Depois da minha briga com Candela, fiquei pensando em como ela costumava roubar uma pílula aqui ou ali do estoque da mãe dela. E não quis ir por esse caminho. Tipo, eu estava lidando bem com o elástico.

— Você teve algum outro ataque de pânico desde a última vez em que te vi?

Balancei a cabeça e sorri:

— Nenhunzinho.

TREZE

Na manhã seguinte, Sam veio até minha mesa e colocou um livro no topo de uma pilha de papéis.

— Novelas estão voltando — disse ela, seu tom casual.

— Estão? Achei que as editoras nunca encostassem nelas.

— Bom, essa aqui está criando um frisson no momento — disse ela, batendo na capa com leveza, suas unhas perfeitas.

— Bonito. — Havia uma imagem de um campo coberto em neve com o título *Um floco de neve na relva nevada*, e o nome do autor impresso abaixo. — Colorado Clark? — perguntei. — Isso é um pseudônimo?

— Não sei, mas você mesma pode perguntar. Ele é o seu primeiro artigo.

— Mesmo? — perguntei, me ajeitando na cadeira. Depois de semanas implorando, Sam estava enfim me dando minha primeira matéria para a revista. Eu estava extática. Pulei e a abracei.

— Sim, mesmo. — Ela sorriu. — April marcou um horário e lugar para a entrevista na segunda-feira. Ela vai mandar um e-mail com os detalhes. Não se esqueça de ler o livro neste final de semana.

— Vou sim — prometi, pressionando o livro contra o peito e sorrindo para ela. Depois de ficar no banco todos aqueles meses, eu estava ansiosa para ir. Mal podia esperar para ver meu nome impresso.

— O livro já é finalista do Elliott Tate, aliás — disse ela, conforme se afastava.

— Mesmo? Uma novela?

Ela parou e se virou.

— Não é a primeira vez que uma novela é finalista de um prêmio.

— Eu sei, mas é raro.

Um avião de papel aterrissou na minha frente. Ergui a cabeça. Trinh, uma jornalista sênior, sorriu para mim de sua mesa. Ela se levantou e se aproximou.

— Parabéns — disse ela.

— Você sabia?

Ela assentiu com a cabeça.

— Aham. Sam me perguntou se eu achava que você estava pronta, e eu disse “mas é claro”.

— Ah, valeu, Trinny — disse eu, lançando um sorriso de gratidão a ela.

Desde que eu começara na *See! Sydney*, Trinh havia me colocado debaixo de sua asa. Ela tinha vinte e poucos anos e já havia ganhado um Prêmio Ayres, o equivalente australiano do Pulitzer. Ela tinha uma paixão por política e queria escrever para o *Washington Post* algum dia. Como Sam, Trinh se orgulhava de sua aparência e sempre parecia recém-saída de um ensaio fotográfico de moda. Eu invejava mulheres assim, as que conseguiam usar qualquer roupa e ficar bem, que conseguiam combinar sapatos, maquiagem e joias e fazer tudo isso parecer fácil.

— Então, você está empolgada? — perguntou ela, seus brincos de argola dourados brilhando em contraste com o cabelo preto como tinta.

— Sim. Você sabe o quanto eu tenho desejado isso.

— Eu li o livro. Tem umas coisas poderosas, difícil de acreditar que alguém tão jovem escreveu. Dizem por aí que ele é lindo também.

— Colorado Clark é o nome de verdade dele?

— Parece que sim. É um nome interessante, não é? Parece um super-herói.

— Sim. — Eu ri. Com certeza era um nome intrigante.

— De qualquer forma, é melhor eu voltar para o trabalho. Boa sorte com a entrevista na segunda-feira. Mal posso esperar pra ouvir tudo a respeito!

— Sua mãe está me ligando sem parar — disse Lucy assim que eu entrei pela porta da frente. — Ela disse que você não está

atendendo o telefone de novo. — Ela estava sentada reta em nosso sofazinho azul-real, pintando as unhas dos pés de vermelho.

Coloquei minhas chaves no banco da cozinha e chutei os sapatos dos pés.

— Deus do céu — gemi. — Tem um motivo pelo qual saí de casa. Quando ela vai perceber que pretendo evitar ela pelo resto da minha vida?

— Audrey, sei que ela pode ser dura com você, mas ela ainda é sua mãe.

— Você não faz ideia — falei com um suspiro. — Seus pais são perfeitos.

— De qualquer forma — continuou Lucy, seu rosto fixado em uma concentração intensa enquanto ela mergulhava o pincel minúsculo no pote de esmalte vermelho —, será que você poderia ligar pra ela? Cansei de brincar de mensageira.

— Tudo bem. — Peguei uma caneca do armário da cozinha. — Vou fazer isso depois de tomar minha xícara de chá. Você quer?

— Claro. — Ela baixou o vidrinho de esmalte na mesa de centro e olhou para mim. — Ei, você quer sair hoje à noite?

— Eu provavelmente não deveria — falei, ligando a chaleira. — Acabei de receber minha primeira matéria.

— Não acredito! Audrey, isso é fantástico. Parabéns! Você quer isso há um tempão.

— Eu sei — disse eu, meu sorriso brilhando para ela.

— Sobre quem é a matéria?

— Algum escritor novo descolado. Tenho que ler o livro dele no final de semana. É uma novela, o que é meio legal. Não consigo me lembrar da última vez que li uma.

— Uma novela? Você consegue terminar rapidinho. Vamos lá, Audrey! Freddy e Duck estão livres hoje à noite. Nós quatro não saímos juntos há uma eternidade. Além disso, agora temos um motivo pra comemorar!

— O.k. Acho que posso começar o livro amanhã.

Mais tarde, naquela noite, encontramos com Freddy e Duck no Spag Bowl. Alguém (provavelmente bêbado) teve a ideia de ligar um pequeno restaurante italiano a uma pista de boliche. A comida era

terrível, mas tinha um clima ótimo, e o macarrão à bolonhesa era passável se você entupisse de parmesão.

Lucy e eu estávamos sentadas em uma das mesas cobertas com um gingham vermelho e branco e decorada com um vasinho de rosas vermelhas falsas. O lugar estava zumbindo com gente falando por cima das notas desafinadas de uma sonata para piano, ocasionalmente interrompida pelo som de bolas de boliche batendo em pinos.

— Será que devemos pegar um petisco antes de nos juntar aos garotos? — perguntei.

— Estou morrendo de fome! Vamos jantar. Além disso, o Freddy fica tão competitivo quando joga contra mim. Ele é um péssimo perdedor. — Ela revirou os olhos.

Eu sorri. Quando se tratava de boliche, Lucy era formidável.

— Oi, linda — disse Freddy, chegando de súbito por trás de Lucy e lhe plantando um beijo na bochecha.

— Que nojo, você está todo suado — falou ela, empurrando o rosto dele para longe.

— Oi — disse Duck.

— Oi — dissemos Lucy e eu em uníssono.

— Vocês duas vão se juntar a nós? — perguntou Freddy, pegando a cerveja de Lucy e tomando um gole.

— Talvez mais tarde — disse Lucy. — Vamos jantar.

— Certo. Estou arrasando com o Duck. Três strikes, um depois do outro. — Ele fez um gesto de boliche para enfatizar.

— Você é incrível, amor — disse Lucy com secura. Ele sorriu para ela com orgulho, batendo no peito, feito Tarzan. Ele tomou outro gole da cerveja de Lucy antes de virar para Duck.

— Pronto para o segundo round?

— Deus, ele me envergonha tanto — resmungou Lucy. — Não posso levá-lo a lugar nenhum.

— Mas ele tem um lado doce — disse eu. — Tipo no dia que você pisou em cocô de cachorro e ele passou a tarde limpando seu tênis no pátio.

— Aquilo foi muito legal da parte dele — concordou ela.

— De qualquer forma, vocês dois são nojentamente fofos.

— Eu sei. Até a gente fica enojado às vezes.

Eu ri.

— Vou comer o *alla puttanesca*. — Lucy fechou o menu e o colocou na mesa.

— Pizza de pepperoni pra mim.

— Você vai tomar um vinho?

Balancei a cabeça.

— Não, quero ficar longe do álcool hoje.

— Você é uma nerd.

— Diz a garota com uma camiseta com um trocadilho de matemática.

Lucy sorriu amplamente.

Ouvimos um grito de alegria e nos viramos para ver que Freddy tinha acabado de fazer outro strike. Ele nos fez um sinal de positivo com o polegar enquanto Duck sorria para nós e dava de ombros.

— Duck parece feliz — disse Lucy.

— Ele está. As coisas andam realmente ótimas entre nós. — O humor de Duck tinha melhorado de forma drástica desde que Rad tinha saído da equação. Para ele, era uma situação de longe dos olhos, longe do coração. Não era tão simples assim para mim, mas era algo que eu mantinha em segredo.

— Bom, ele merece. Ele é um cara ótimo.

— Eu sei. Tenho sorte de ter ele.

Mais tarde, os garotos se juntaram a nós em nossa mesa, e Freddy se serviu de um pouco de minha pizza.

— A Audrey contou pra vocês? Ela vai fazer sua primeira matéria.

— Tá brincando! — disse Duck. Ele colocou seu braço em torno do meu ombro e me beijou na bochecha. — Assim que se faz!

— Parabéns, Audrey! — disse Freddy. — A gente deveria celebrar! — Ele chamou o garçom até nós para outra rodada de bebidas.

— Não vou beber hoje.

— Por que não? — perguntou Freddy.

— Ela quer ficar afiada — disse Lucy, seus olhos cheios de humor.

— Então, sobre quem é a matéria? — perguntou Duck.

— Algum escritor novato promissor. Tenho que entrevistá-lo sobre seu novo livro na segunda-feira.

— Bom, você tem o final de semana inteiro pela frente — disse Freddy. — Uma bebida não vai te matar.

— Acho que não — falei, cedendo. — Talvez só uma, então.

Mais tarde, naquela noite, me vi deitada na cama, acordada. Duck dormia pesado. Eu sempre o invejei por isso. O sono funcionava como um relógio para ele.

Engatinhei para fora da cama e saí à procura de minha bolsa de couro marrom. Eu a encontrei na mesa da cozinha, alcancei o bolso da frente e puxei o exemplar de *Um floco de neve na relva nevada*. Fiz uma xícara de chá e me ajeitei no sofazinho com o livro no colo.

Era uma noite fresca, e puxei minha cobertura de lã favorita até o queixo, encolhendo as pernas sob o corpo. Dei um suspiro de contentamento e peguei o chá. Depois de tomar um gole, abri o livro com um estalo e me comecei a primeira página.

Um sentimento enervante pairou sobre mim conforme começava a ler. Cresceu intensamente enquanto eu progredia. O livro se passava no Wisconsin de 1920, uma história sobre a filha de um lenhador que parecia um conto de fadas. Havia um traço sombrio de abuso e negligência que achei profundamente perturbador. Na cena final, Emily, a protagonista, marcha pela neve rumo à sua árvore pau-ferro favorita, um punhado de corda preso com força nas mãos. Nos últimos breves momentos de sua vida, os pensamentos dela se estendem pela página final em uma série de flashbacks que soavam estranhamente familiares para mim.

Fechei o livro com um estalo e percebi que minhas mãos tremiam. Levantei para buscar um copo de água. Eu mal tinha chegado à pia da cozinha quando minhas pernas cederam sob meu peso e desabei no chão, arfando por ar. Pela primeira vez em algum tempo, tentei pegar meu elástico, mas eu não o estava usando. Belisquei minhas coxas com o máximo de força que tinha. A dor era excruciante, e eu mordi o lábio para me impedir de gritar. Lágrimas inundaram meus olhos e escorreram pelas bochechas.

Depois de poucos momentos agonizantes, a tensão em meu corpo começou a aliviar e agarrei meus joelhos com força contra

meu peito, me balançando para frente e para trás.

Eu não fazia ideia de por que o livro tinha sido tamanho gatilho. De alguma forma, fora escrito de uma forma que espelhava muitos dos sentimentos que eu mantivera enterrados desde a morte de Ana — a mágoa, o arrependimento, a culpa esmagadora. Era como se esse escritor tivesse me entendido da forma mais íntima.

Respirando fundo, me levantei e caminhei para a mesa da cozinha. Tirei o laptop da bolsa e abri a tela. Com dedos trêmulos, digitei “Colorado Clark” na barra de busca. Era um nome tão incomum que eu não tive nenhuma dificuldade para encontrar uma foto do autor. Meu coração batia com ferocidade no peito enquanto as imagens inundavam a tela. Colorado era o garoto que eu tinha conhecido na noite do funeral de Ana, que ainda estava na minha mente todos aqueles meses depois.

— Rad — sussurrei.

CATORZE

Cheguei ao café onde April tinha marcado meu encontro com Rad. Encontrei uma mesa num canto e me sentei, olhando para fora da janela molhada de chuva onde letras intrincadas formavam a palavra “Callisto” ao contrário. De vez em quando, gotas estouravam contra o vidro como estrelas recém-formadas em uma galáxia reta e translúcida.

Conferi o horário no celular. Ele estava dez minutos atrasado. Batuquei meus dedos na mesa com nervosismo. Parecia que fazia uma vida inteira desde que tínhamos nos falado pela última vez. Uma garota adolescente com cabelo marrom cacheado passou por mim com um punhado de pratos sujos.

— Já atendo você — disse ela antes de desaparecer atrás da bancada. Ela voltou poucos minutos depois com um menu. — Quando estiver pronta, é só dar um grito.

— Claro, só estou esperando uma pessoa. — Assim que as palavras saíram da minha boca, vi Rad do lado de fora da janela, erguendo o colarinho do casaco contra a chuva. Momentos depois, ele passou pela porta. Seus olhos analisaram o café enquanto eu me levantava.

— Oi, Rad — falei, enquanto ele caminhava na minha direção.

— Audrey? — disse ele, com um solavanco, ao me reconhecer. — O que você está fazendo aqui?

— Estou com a *See! Sydney*. Estou aqui pra entrevistar você — expliquei.

Ele deu um sorriso e balançou a cabeça em surpresa.

— Você está de brincadeira comigo, né?

Neguei com a cabeça.

— Não.

— Mas você mal saiu da escola. Como você virou jornalista tão rápido?

Dei de ombros.

— Sabe como é, fui dormindo com as pessoas certas.

Ele riu.

— Deus, que coincidência estranha.

— Não é? — disse eu. — Parabéns pelo livro, aliás. Eu não fazia ideia de que seu nome era Colorado.

Ele fez uma careta.

— Minha mãe é a única pessoa que me chama de Colorado. Pra todas as outras pessoas, sou só Rad.

— Sabe, eu tinha esse pôster do estado do Colorado grudado na parede quando era pequena. Agora que penso a respeito, isso é o que provavelmente desencadeou minha obsessão com montanhas cobertas de neve pra começo de conversa.

— Mesmo?

— Sim. Isso não é esquisito? É como algo saído de um livro.

— Bom, isso confirma minha teoria de que nós somos personagens num livro.

— Não posso discordar disso.

A garçonete se aproximou de nosso banco e nos lançou um olhar.

— Você quer um cardápio?

— Sim, obrigado — disse Rad.

Rad escorregou para o assento na minha frente e a garçonete voltou com um menu.

— Me avisem quando quiserem pedir.

Rad tirou seu casaco azul-escuro e o colocou no banco ao lado dele. Seu cabelo estava molhado por causa da chuva e ele ergueu a mão, mexendo nele com os dedos.

— Dia bonito, hein?

— Nem tanto — disse eu, um sorrisinho atravessando os lábios.

— Estacionar foi um pesadelo! Como você conseguiu?

— Peguei o ônibus.

— Mesmo? Com esse clima?

— Quero tirar a carteira de motorista, mas as coisas têm estado tão malucas nos últimos meses.

Ele assentiu com a cabeça.

— Posso imaginar.

— Então, tenho que perguntar. Como você acabou com um nome como Colorado? Deve ter uma história aí.

— Bom, minha mãe era obcecada com o livro *On the Road: Pé na estrada*. Você conhece?

— Sim, do Kerouac.

— Esse mesmo. Ela estava economizando pra fazer uma grande viagem de carro pelos Estados Unidos, mas então conheceu meu pai. Logo em seguida, ela ficou grávida de mim.

— Então ela nunca foi?

— Não, apesar de ainda falar a respeito às vezes. Ela tinha uma afinidade com o Colorado. Costumava ser uma piada interna com meu pai: o mais perto a que ela tinha chegado do Colorado era eu.

Dei um sorrisinho.

— Muito engraçado.

— Meu pai costumava achar que sim, mas ele provavelmente era o único.

— Então você ainda mora com eles?

— Não, saí de casa uns meses atrás. Eu só precisava de uma mudança de cenário. Não conseguia andar pela rua sem ser reconhecido. Todo mundo em que eu esbarrava me dava aquele olhar. Você sabe, aquele olhar de “ali vai o cara da namorada morta”.

Concordei com a cabeça.

— Então arranjei um emprego estocando estantes no supermercado e assinei um contrato de um apartamento minúsculo em Paddington.

— Ah, isso não fica muito longe de mim.

— Você saiu de casa também?

— Mais ou menos. Estou cuidando da casa do tio da Lucy com ela. Estamos em Surry Hills.

— Sério? Nossa, isso é ótimo! Como a Lucy está?

— Muito bem. Ela está estudando administração na Sydney University. Freddy está lá com ela... eles estão matriculados no mesmo curso.

— Tenho que dar uma ligada para o Freddy. Estou devendo uma cerveja a ele — disse Rad. — Eu estive literalmente como um

ermitão enquanto escrevia esse livro. É hora de sair da hibernação, eu acho.

— Como foi isso? A hibernação, quero dizer. Muitos escritores falam desse vácuo criativo quando estão ocupados trabalhando em um projeto, e sempre tive curiosidade a respeito.

— Você meio que perde perspectiva depois de um tempo. Pelo menos, foi assim comigo. Você se transforma numa ilha. Eu mal deixava meu apartamento durante todo o tempo em que escrevi *Floco de neve*. Eu trabalhava em horários esquisitos. Eu estava enchendo estantes à noite, então dormia durante o dia. Tinha um café no primeiro andar, o que era útil. Às vezes, se eu me sentia disposto suficiente, eu caminhava até o Centennial Park, dava comida aos patos...

— Parece perfeito, na verdade.

— Por mais estranho que pareça, eu gostei muito, mas só porque estava trabalhando em algo com que me importava. Acho que enlouqueceria se estivesse só matando tempo.

— Não consigo acreditar que você falou em fazer algo e de fato realizou isso. Quero dizer, você não só escreveu um livro, como também foi indicado ao Elliott Tate.

— Foi uma boa surpresa — disse ele dando de ombros. — Mas a maior emoção foi conseguir o contrato de publicação.

— Como isso aconteceu? Conte a história.

— Eu não tinha um objetivo único em mente quando estava escrevendo *Floco de neve*. Era algo que eu me sentia forçado a fazer: eu sentia como se fosse enlouquecer se não escrevesse. Escrever foi catártico pra mim. Antes de notar, eu tinha terminado o livro. O coloquei na gaveta por algumas semanas. Então, uma noite, eu estava na internet e me deparei com uma competição que a Geidt & Ekstrom estava fazendo. Você sabe quem são?

— Ouvi falar. Eles existem há poucos anos, mas têm publicado uma série de best-sellers.

— Sim, eles têm um histórico bom.

— Mas eu não sabia desse concurso.

— Eu não acho que tenha recebido muita atenção da mídia, provavelmente porque era o primeiro ano deles.

— Isso faz sentido. Então, como foi?

— Eles estavam procurando uma novela. O prêmio era um contrato de edição e uma quantidade decente de dinheiro. Tipo um adiantamento.

— Minha editora, Sam, estava me contando que novelas estão voltando a ser tendência.

— Sim, definitivamente tem uma tendência aí, o que é ótimo. Alguns dos melhores clássicos são novelas.

— Eu sei. *A revolução dos bichos* é um dos meus livros favoritos.

— Meu também.

— E, pelo visto, você ganhou o concurso?

— Ganhei.

— Incrível — falei, apoiando as costas no assento e balançando a cabeça. — Então, o que houve em seguida?

— Larguei o emprego assim que o dinheiro do concurso entrou. É meio legal que posso focar toda minha atenção em escrever agora. Ao menos pelo próximo ano ou algo assim. E você? Como conseguiu esse emprego? Conheço algumas pessoas com mestrado que ainda têm dificuldade de entrar no mercado.

Contei a ele tudo a respeito de Angie e Sam, meu estágio, e então a vaga em tempo integral.

— Uau, começo sortudo.

— Eu sei. As coisas estão indo muito bem pra mim agora.

— Fico feliz de ouvir. Você merece.

— Valeu. Estou de dedos cruzados para o prêmio Elliot Tate. Acho que o *Floco de neve* definitivamente tem uma boa chance de ganhar.

— Então você o leu?

Concordei com a cabeça.

— É parte do meu emprego. Eu amei, por sinal.

— Sabe, algumas das nossas conversas entraram no *Floco de neve*.

— Bom, eu não fazia ideia de que você era o autor, então você consegue imaginar quão surtada fiquei enquanto lia.

— Desculpa. — Ele parecia envergonhado. — Na verdade, nunca pensei que veria a luz do dia.

Fiz um meneio com a mão.

— Não se preocupe com isso.

- Você não vai me processar?
- Na verdade, essa ideia me ocorreu.

A chuva do lado de fora estava diminuindo para um chuveiro. Nós pedimos café e uma porção de batatas fritas. A cafeteria estava quase vazia naquele momento por conta do clima ruim. Também era um horário esquisito do dia: tarde demais para almoçar e cedo demais para jantar. A luz maçante do céu cinzento dava uma cara silenciosa ao recinto, um ritmo lento e preguiçoso pontuado pelo ruído distante de pratos e talheres.

- Então acho que deveríamos começar a entrevista oficial.
- É claro.
- Você se importa se eu gravar?
- De maneira alguma.

Tirei o telefone da bolsa e coloquei na mesa entre nós. Então, selecionei o aplicativo de notas de voz e me encostei no banco.

— Por que você não me conta mais sobre o livro? Por que você escolheu Wisconsin como cenário? Você já esteve lá?

— Não, nunca estive lá. Sempre imaginei um pano de fundo forte, e imagino que Wisconsin automaticamente coloca você nesse panorama. Eu gostava da ideia de passar o livro no inverno, a escuridão dele.

— Realmente amei o final. Foi poético. Aquele sentimento de isolamento que Emily sentiu enquanto caminhava pela tempestade de neve. Ela pensava que tudo que tinha feito seria coberto pela neve e suas pegadas desapareceriam do mundo junto a tudo que alguma vez tinha validado sua existência. Então, e você escreveu isso de forma lindíssima, nós seguimos o único floco de neve enquanto ele faz sua descida lenta e hipnótica para aterrissar na bochecha de Emily e derreter em uma única lágrima. Era como se, naquele momento, todos os flocos de neve naquele campo fossem uma lágrima, e o mundo inteiro chorasse por ela.

— Eu sabia que você entenderia. Quando terminei o livro, quis ligar pra você. Eu teria ligado se não tivesse deletado seu número do meu telefone.

- Eu teria gostado disso.

— Estou feliz que estamos aqui agora. Parece importante de alguma forma.

Ficamos em silêncio por alguns momentos.

— Você ainda está com o Duck? — perguntou ele.

— Sim.

— Ah.

Corei sob o desapontamento óbvio em sua voz. Houve uma pausa esquisita, então me apressei de volta para a entrevista.

— Você tem muitas cenas poderosas em *Floco de neve*. Além do final, amo a cena em que Emily enfim se defende de seu pai. Tipo, foi terrível, mas ao mesmo tempo... triunfante.

Rad se inclinou para trás, um breve suspiro escapando de seus lábios.

— Quando Ana morreu, foi como uma ruptura. Sabe aquelas cenas nos filmes em que algo quebra em um avião e tudo é sugado pelo vácuo? Bom, foi isso que pareceu, só que eu era o avião, tentando fazer com que minhas entranhas não fugissem. Sei que parece estranho.

Minha mão, descansando sob a mesa, alcançou o elástico. Eu sabia que Ana surgiria em nossa conversa. Era inevitável, já que havia tanto dela no livro. Eu estivera me preparando para esse momento e me dei alguns puxões fortes.

— De forma alguma. — Ele havia acabado de descrever exatamente como tinha sido para mim, a analogia perfeita. Mas, é claro, eu não podia dizer isso a ele. Não sem revelar minha mentira. Era algo que eu tinha escondido tão bem que não conseguia contar para ninguém. Nem mesmo para Ida.

— Luto é uma coisa tão potente — continuou ele. — É isso que aprendi. É como um ferro quente: você mal consegue segurá-lo. Mas você não tem escolha. A única maneira de soltá-lo, mesmo que de forma temporária, é recolocar a energia em outro lugar. Eu só consegui fazer isso através da escrita.

— É incrível o que as pessoas criam usando a dor. O trabalho que é tocado pela melancolia tem sua própria beleza única. Até mesmo a palavra “melancolia” é bonita, o jeito como rola em sua língua. Acho que a tristeza acrescenta algo à literatura que é único. É um ingrediente como... — Pensei por um momento. — Como sal. Sal

tem o poder de transformar um prato por completo. Acho que a tristeza tem esse mesmo efeito transformador na literatura.

— Isso me lembra de uma história. Um conto de fadas, na verdade. É sobre um rei que tem três filhas. Ele estava tentando decidir pra quem deixar seu reino, então ele reuniu as três e pediu que descrevessem seu amor por ele. A primeira filha disse que ela amava o pai do jeito que amava suas joias mais preciosas. A segunda descreveu o quanto ela o amava comparando-o aos seus vestidos mais belos. A terceira comparou seu amor ao sal, o que irritou o rei, porque em comparação a vestidos chiques e diamantes, sal é um pouco decepcionante. Então ele mandou essa embora. Eu não me lembro do que acontece em seguida, mas acho que de alguma forma ela começa a trabalhar no reino vizinho, chama a atenção do príncipe, e então, veja que sorte, acaba se casando com ele. Um dia, ela dá um banquete real, e o pai dela é o convidado de honra. Ela instrui os cozinheiros a não usarem nenhum sal na comida. Então o rei está sentado na mesa de jantar. Ele não reconhece a própria filha porque, bom, é um conto de fadas.

Eu ri.

— Ele prova um pouco da comida e cospe fora — continuou Rad. — Então ele diz que preferiria morrer a comer outro pedaço de comida que não seja temperada com sal. É claro, a princesa revela sua identidade verdadeira, e o rei percebe o que ela estava tentando dizer antes de ele a mandar pra longe.

— Gostei dessa história — disse eu.

— Eu sabia que gostaria.

— Acho que o sal tem uma reputação ruim, assim como a tristeza. Sempre nos falam pra tomar cuidado com a ingestão de sódio, ou sorrir.

Ele sorriu largamente.

— Gosto disso.

— Na verdade, eu meio que tive uma epifania esses dias.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Teve?

— Sim. — Balancei a cabeça. — Deixa pra lá, é idiota.

— Agora você me deixou curioso. Vamos lá — acrescentou quando balancei a cabeça de novo e me lançou um sorriso

encorajador. — Compro um muffin pra você — ofereceu ele.

Eu ri.

— Tudo bem, então. — Levantei as duas mãos em um gesto de rendição. — Aconteceu depois de eu ler seu livro. — Parei e mordi meu lábio inferior, tentando encontrar as palavras apropriadas para descrever minha revelação enquanto Rad estava sentado ali com um olhar de expectativa no rosto. — Acompanhei diversas entrevistas com escritores, e nem todos eles me parecem almas torturadas. Então comecei a pensar, porque muito da literatura se trata de esforços. Mas não acho que todos os escritores sejam tristes. Acho que é o contrário: todas as pessoas tristes escrevem. É uma forma de catarse, uma maneira de trabalhar coisas que parecem não resolvidas, como desfazer um nó. As pessoas que têm tendência à tristeza têm mais inclinação a pegar uma caneta.

Rad concordou de forma pensativa.

— E porque fazem isso, algumas delas irão inevitavelmente acabar como escritores — disse ele.

— Exatamente.

— Então nós estávamos vendo isso ao contrário o tempo todo.

— Bom, é só uma ideia — disse eu, encolhendo os ombros.

— Gosto dela. — Ele sorriu para mim, e eu me percebi sorrindo em resposta.

Diversas xícaras de café depois, a chuva descia com peso e rapidez. Apenas algumas poucas batatas fritas frias e molengas permaneciam na cesta. O céu estava ficando mais escuro.

— É melhor eu ir embora — falei, espiando o telefone. — Vou perder o ônibus.

— Posso te dar uma carona pra casa — ofereceu ele.

— Tem certeza?

— Não sei — disse ele com ar brincalhão. — Acho que agora estou começando a ter dúvidas.

Saímos do café e seguimos até o carro de Rad, fazendo nosso melhor para desviar da chuva.

— Você ainda dirige o mesmo carro.

— Não faz tanto tempo assim desde que nos vimos pela última vez — comentou ele, entrando pelo lado do motorista.

— Mas parece uma vida inteira, não parece? — Deslizei no assento do carona e foi como entrar numa cápsula do tempo. — Acho que é porque muita coisa aconteceu desde então.

Olhamos um para o outro por um momento, nossas expressões divertidas. Gotas de água deslizavam do nosso cabelo e caíam no estofamento de tecido cinza. Fui tateando pelo assento, e o mesmo rasgo estava lá. Rad alcançou uma mochila de academia no banco de trás e tirou uma grande toalha de praia, passando-a para mim. Eu me sequei o melhor que podia antes de devolvê-la. Enquanto Rad secava o cabelo, um lampejo de alguma coisa passou por mim. Eu não tinha muita certeza do que era, mas, por uma fração de segundo, parecia quase íntimo.

— Então — disse ele atirando a toalha descuidadamente no banco de trás —, aonde vamos?

Eu lhe dei meu endereço enquanto ele saía do estacionamento.

— Você sabe o que é irônico sobre escritores? — começou Rad, enquanto estávamos parados no trânsito pesado. O céu do lado de fora estava quase completamente negro, e a chuva estava caindo com peso e ritmo no para-brisa.

— O quê?

— Escritores pegam coisas que são profundamente pessoais, coisas ditas a eles em segredo, com frequência durante momentos de grande intimidade, e as desnudam em palavras. Então eles pegam essas palavras, nuas e vulneráveis, e lhes dão o mundo. Ainda assim, apesar disso, escritores são os que têm mais dificuldade quando se trata de ligações sentimentais. Eles apenas escrevem sobre coisas que sentiram profundamente. Essa é a questão sobre escritores: por um lado, tudo é sagrado pra eles; mas, por outro, nada é de verdade.

— Isso está fora da entrevista? — Sorri.

— Alguma coisa está? — respondeu ele com um sorriso.

— Mas acho que você tem razão. — Meu rosto ficou sério. — Alguns de meus colegas já admitiram sacrificar a integridade por

uma história realmente boa. Imagino que o ato de escrever seja, de alguma forma, um ato de traição.

Rad concordou com a cabeça.

— Concordo. Escrever é um canal. Ele abre uma passagem para o passado. Não apenas para o escritor, mas para o leitor também. Tanto leitores quanto escritores estão ligados pelas coisas comuns da experiência humana.

— Sim — disse eu. Olhei para as figuras caminhando na rua do lado de fora, suas silhuetas deformadas pelas gotas de chuva escorrendo pelo vidro. — Mas é sempre um pouco distorcido. Você nunca pode reviver um momento através da escrita. Você só pode recontá-lo.

— Ainda assim, as coisas sempre parecem menos artificiais quando se olha pra trás. O tempo dá uma autenticidade que nada mais tem.

— Acho que é porque romantizamos o passado. Nós damos a ele mais do que ele merece.

O trânsito começou a se movimentar, e ficamos em silêncio por todo o resto do caminho até minha casa.

Senti uma pontada de desapontamento quando Rad virou a esquina para minha rua. Eu estava gostando da conversa e queria poder continuar falando.

— É logo ali em frente. Você pode me deixar aqui. — Ele diminuiu a velocidade até parar logo antes da minha casa.

— Ei — disse ele, virando-se para me encarar. — Quer continuar passeando?

— O.k.

QUINZE

Conferi meu telefone discretamente no bolso da minha pasta marrom. Nenhuma mensagem de texto. Eu o escorreguei de volta para a bolsa com um suspiro. Olhei para fora da janela do carro e sorri para Duck, que estava enchendo o tanque do carro. Eu não precisava ir ao escritório naquele dia, e a aula da manhã de Duck tinha sido cancelada, então decidimos sair para almoçar. Ele voltou e bateu na minha janela. Eu a baixei.

— Quer alguma coisa? — perguntou ele.

— Pode me trazer uma Coca Zero?

— Certo — disse ele, me beijando enquanto seu dedão e indicador apertavam meu queixo com gentileza.

Enquanto ele caminhava para longe, senti uma pontada de culpa, pensando na noite anterior. Depois de sairmos do café, Rad e eu passeamos de carro por horas, perdidos em conversas. Até então, tinha parado de chover, e o ar noturno estava quente e abafado. Não fazíamos ideia de onde estávamos. Nenhum dos nomes de ruas eram familiares, mas não nos importávamos. Parecia um sonho, como se tivéssemos escorregado para dentro de uma realidade nova.

Já passava bastante da meia-noite quando percebemos com quanta fome estávamos. Por sorte, encontramos um McDonald's vinte e quatro horas com um drive thru. Pedimos hambúrgueres e milk-shakes que comemos no estacionamento vazio. Do lado de fora, o asfalto molhado de chuva estava em um borrão incandescente: tons de branco, vermelho e amarelo refratando a luz dos postes de luz próximos e arcos dourados acima de nós. Talvez fosse a conversa que fluía com liberdade ou a animação de estar

em algum lugar pouco familiar, mas foi de longe o melhor hambúrguer que já tinha comido.

Naquela manhã, eu estava pronta para contar a Lucy sobre Rad, mas ela teve que se apressar para a aula. Naquele momento, eu me perguntava se deveria desistir de contar a ela. Se mantivesse isso um segredo de Lucy, então talvez eu conseguisse justificar manter em segredo de Duck.

O som da porta abrindo com um clique me trouxe de volta para o presente. Duck entrou no carro e me passou a bebida. Então ele olhou para mim e sorriu por uma quantidade imensa de tempo.

— O quê? — Sorri de volta.

— Eu realmente te amo, Audrey. — Ele se inclinou para o meu lado e me deu um beijo suave na bochecha. — Você me faz tão feliz.

— Audrey — chamou Trinh quando entrei no escritório na quarta-feira de manhã. Ela estava sentada no sofá da área comum e gesticulou para me aproximar. Eu me sentei ao lado dela.

— Então, como foi sua entrevista?

Respirei fundo.

— Você não vai acreditar nisso, mas eu conheço o autor.

Seus olhos arregalaram.

— Colorado Clark?

— Então, eu o conhecia pelo nome de Rad, ninguém chama ele de Colorado — expliquei.

— Ah. Como você o conhece?

Recapitulei com ela rápido da história que Rad e eu compartilhávamos.

— Uau — disse ela. — Isso é muito legal, em especial o globo de neve. E então vocês deletaram seus números? — Os olhos dela estavam incomumente sonhadores. — Tipo, não sou uma romântica, mas, Deus, isso é tipo fatalidade, destino, como quiser chamar. Você não acha?

— Acho que sim. — Eu não sabia o que a aparição súbita de Rad em minha vida queria dizer. Mas estava criando um caos nas minhas emoções. Todos os sentimentos de culpa que estavam

ligados a Ana voltaram correndo às pressas. Ao mesmo tempo, a conexão que eu sentia com Rad crescia intensamente a cada dia.

— Quero dizer, quais as probabilidades? — continuou Trinh. — É quase como se vocês estivessem destinados a se encontrar de novo.

No sábado seguinte, Duck estava viajando em um seminário, e Lucy tinha se trancado no quarto para decorar tudo para sua primeira prova. Na noite anterior, ela tinha me dado instruções estritas de não a perturbar a não ser que fosse uma emergência absoluta.

Era uma manhã linda e fresca, e eu estava do lado de fora, no pátio, com o jornal e uma xícara quente de café. Eu folheava as páginas pela seção de Estilo, me perguntando se deveria ir ver um filme, quando meu telefone tocou.

— Ei. — Era Rad.

— Oi.

— O que você está fazendo?

— Só lendo o jornal.

— Algo de interessante?

— Tem um documentário chamado *Nuvens assassinas* que vai sair logo. Parece que nuvens são as coisas mais perigosas no céu.

— Aquelas coisas fofas que parecem marshmallow?

— Você está falando daqueles monstros furiosos, causadores de trovões e facilitadores de tornados.

— Uau, nunca vou ver uma nuvem da mesma maneira.

— Elas são os verdadeiros lobos em pele de cordeiro.

— Muito antes de existir lobos.

— Ou roupas.

Rad gargalhou.

— Ei, você vai fazer alguma coisa hoje?

— Não. E você?

— Nada. Estou meio entediado. Quer matar um tempo?

Pensei em Duck e me senti imediatamente culpada. Eu sabia que ele não gostaria da ideia de eu ver Rad de novo, mas não consegui me segurar.

— Certo.

Rad foi me buscar mais ou menos uma hora depois.

— Então, o que devemos fazer? — perguntei, enquanto nós nos afastávamos da calçada. — Quer ver um filme? Tem um sobre a economia dos Estados Unidos que deixou todo mundo no trabalho em frenesi.

— Parece uma boa opção — disse Rad. — Mas está um dia tão bonito. Você realmente quer passar dentro de um cinema?

— Acho que não.

— E se sairmos pra uma caminhada?

— Uma caminhada? Você está de brincadeira?

— Ei, o que tem de errado com uma caminhada?

— Nada, além do fato de envolver andar.

Ficamos em silêncio enquanto pensávamos em coisas para fazer.

— Sabe, faz, tipo, um milhão de anos desde que fiz uma trilha. O clima está tão bom hoje que não me importaria de sair montado num passeio ao ar livre.

— Montado numa bicicleta?

— Eu estava pensando em algo mais parecido com um cavalo — disse Rad.

— Ah.

— Você já andou a cavalo?

— Claro. — Eu não fazia ideia de por que tinha dito isso, já que nunca tinha montado em um cavalo na vida.

— Ótimo! Eu costumava andar muito a cavalo quando era pequeno. Sinto falta.

— Aham — disse eu, lembrando do décimo aniversário de Lucy, quando os pais dela tinham contratado um pônei e nós montamos nele um por vez enquanto uma senhora nos acompanhava devagar para cima e para baixo pelo jardim.

— Minha mãe é doida por cavalos — continuou Rad. — Nós íamos todo final de semana para os estábulos que ficavam no oeste. Eu costumava andar em um cavalo chamado Periscope. Ele era uma coisinha marrom magricela, mas eu o adorava. Ele foi mandado pra outro lugar quando eu tinha uns treze anos, e eu fiquei furioso.

— Isso é estranho. Eu conheci um cara que passou exatamente pela mesma coisa.

— Ah, é?

— Sim, o nome dele era Sodapop — brinquei, me referindo ao seriado e filme *Vidas sem rumo*.

— É isso que ouço quando abro minha alma pra você.

Cerca de uma hora depois, Rad estacionou em uma estrada de chão batido perto da Costa Central com uma placa em arco que dizia: “Equestres Eureka”.

Rad estacionou o carro e nós saímos, tomando o caminho para uma construção de madeira em frente. Uma garota adolescente em roupas de equitação estava sentada atrás de uma cabine de vidro.

— Oi — disse ela. O crachá em sua camiseta dizia “Sally”.

— Oi — cumprimentou Rad. — Nós gostaríamos de pegar dois cavalos por uma hora.

— Claro. Dá setenta e cinco pra cada.

Sally nos levou aos estábulos, onde um homem corpulento com camisa de flanela vermelha passava uma escova de arame duro em um belo cavalo negro. Ele se virou conforme nos aproximamos.

— Dois pra um passeio de uma hora na Trilha de Bereewan — disse Sally, gesticulando para nós. Ela pegou dois capacetes que estavam pendurados no lado do estábulo e os passou para mim.

— Essa é uma boa rota, em especial pra um dia como hoje — disse ele, em uma voz áspera e grave. — Sou Bill, por sinal.

— Sou o Rad. Esta é a Audrey.

— Oi — disse eu, colocando o capacete.

— E este é o Midnight. — Ele bateu na lateral do cavalo com afeto.

— Ele é maravilhoso — elogiou Rad.

— Ele é mesmo. Vocês já cavalgaram antes?

— Sim — disse Rad. — Eu costumava montar quase todo final de semana.

— Ótimo — respondeu Bill.

— Eu estou um pouco enferrujada — disse eu.

Bill concordou com a cabeça.

— Tudo bem, então, Rad, você vai com Midnight. — Ele entregou as rédeas para Rad. — E pra você, Audrey, vou pegar a Molly. Ela é um pouco mais velha e lenta.

— Parece bom.

Bill desapareceu estábulo adentro e saiu momentos depois com uma égua branca. Ela tinha largas manchas cinzas pelo corpo e grandes olhos tristes.

— Então, quanto tempo faz desde a última vez que montou? — perguntou Bill, enquanto colocava a sela sobre as costas de Molly.

— Ahn, uns dois anos — menti.

— Com que frequência montava?

— Não muita.

— Você se lembra do básico?

— Uh, talvez eu precise recapitular.

Bill prendeu a sela e colocou as rédeas sobre a cabeça de Molly. Então ele puxou uma escadinha portátil e a colocou no lado esquerdo do corpo dela.

— Esse é um apoio pra montar — explicou ele. — Só pise nele, coloque a perna esquerda no estribo e se lance sobre o cavalo.

— Certo — disse eu e segui as instruções.

— Assim que se faz — confirmou Bill.

— Puta merda — disse eu quando me sentei na sela. A altura súbita estava me dando vertigem.

— Você está bem? — perguntou Rad. Ele já tinha montado sem assistência alguma e agora estava sentado com tranquilidade na sela como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Eu tinha me esquecido de como cavalos são altos.

Bill me passou as rédeas, e eu as peguei com mãos nervosas.

— Certo, então quando quiser que Molly comece a caminhar, sente reta na sela, baixe os calcanhares e aperte de leve.

Fiz como ele orientou, e Molly se moveu em um passo lento. Deixei escapar um ganido, e Rad me lançou um olhar estranho.

— Você tem certeza que já andou de cavalo, Audrey?

— É claro que sim.

— Você está se saindo bem — disse Bill. — Agora, se você quiser que Molly vá para a direita, puxe a rédea direita e segure. É a mesma coisa se quiser ir para a esquerda. Entendeu?

— Aham.

— Se quiser ir em um trote lento, dê mais um aperto na velhinha e levante a bunda da sela. Se você quiser que ela pare, sente na sela e puxe com gentileza as duas rédeas. Ela também responde se você disser “ôô”.

— O.k.

Bill me deixou andar com Molly pelo estábulo até estar convencido de que eu sabia o que estava fazendo.

— Agora pode parar — disse ele.

Eu me sentei na sela, puxei as rédeas para trás com gentileza e disse:

— Ôô. — Molly parou.

— Bom. — Bill sorriu. — Tudo bem, então, vocês estão prontos pra ir.

Cerca de dez minutos passados em nossa montaria, eu estava me divertindo surpreendentemente. Eu tinha me acostumado à altura e aos movimentos conforme íamos balançando em um trote lento. O cenário em torno de nós era esplêndido. Uma floresta densa ficava na beira da trilha e a revestia de luz contrastante. Pássaros cantavam nos beirais acima de nós, e, à distância, ouvíamos o rugir fraco de ondas quebrando.

— Isso foi uma boa ideia — disse Rad, como se lesse meus pensamentos.

Minha égua, Molly, deu uma bufada.

— Ela concorda.

Rad sorriu para mim.

— Então, como é que você ficou com o final de semana livre? O que seu namorado está fazendo?

— Ele está fora em um seminário. W-Y-S-A — soletrei. — Quer dizer *World Youth Success Academy*, Academia Mundial do Sucesso Juvenil.

— Parece algo saído de *Star Trek*.

— Quase isso, na verdade. Ela prega uma ideologia holística, meio da nova era. Tem, tipo assim, um elemento de carreira nela, mas a maior parte das coisas têm a ver com como você leva sua

vida: da forma de pensar, valores espirituais, até mesmo sua dieta. Chega quase a ser teologia.

— Você parece estar bem por dentro.

— Dei uma pesquisada quando o Duck estava tentando me convencer a me juntar.

— Parece meio uma seita, não parece?

— Um pouco — admiti. — Por isso a pesquisa. Eu estava pensando em escrever uma história a respeito, na verdade. Lancei a ideia em uma das reuniões, mas minha editora, Sam, diz que já está batido.

— Não te incomoda que seu namorado esteja envolvido com eles?

— Não. O Duck está lá principalmente por conta do lado profissional.

— E ele está fazendo isso junto com o curso de Direito?

— Aham.

— Uau, cara ocupado. Eu só tenho um livro pra escrever e estou com dificuldade com isso.

— Você já está trabalhando em outro livro?

— Eu meio que tenho que fazer isso, se quero continuar pagando o aluguel.

— Mas eu pensava que *Floco de neve* estava vendendo horrores. Tipo, vi um exemplar na vitrine da Ariel, aquela livraria grande.

— A indústria do livro é muito menor do que todo mundo pensa — disse Rad. — Eu mal estou cobrindo meus custos de vida.

— Ah, eu imaginei que você já estivesse feito pra vida toda.

Ele riu.

— Nem perto. A nomeação para o Elliott Tate ajudou, mas tenho muito chão pra correr.

— Então, sobre o que é esse livro novo?

— Pra ser sincero, eu não sei. Vi um documentário alguns meses atrás sobre abelhas e como elas estão morrendo de forma massiva.

— Li um artigo sobre isso esses dias.

— É muito triste. Elas são como um barômetro do nosso ecossistema. É um dos maiores sinais de que estamos estragando tudo.

— Você sabe por que elas estão morrendo?

— É provável que seja uma combinação de coisas, como pesticidas, predadores como vespas, aquecimento global. As abelhas polinizam muitas das nossas plantações, então estamos ferrados se elas todas morrerem.

— Sim. — Lancei um olhar para Rad, que estava olhando para frente, reto, sua expressão serena. Ele vestia a mesma camisa que tinha usado naquela noite em Blues Point. Eu me lembrei dos braços dele em torno de mim, do toque de sua pele quente contra minha bochecha. Eu tinha pensado bastante a respeito daquela noite, e agora ele estava ali e eu queria estar perto dele de novo.

Ele me pegou olhando para ele e sorriu. Virei a cara rápido.

— Então, como está o trabalho?

— Está ótimo. Seu artigo está se saindo bem, então a Sam está me dando muitas atribuições novas. Ela está feliz com meu progresso e diz que eu poderia estar perto de uma promoção logo.

Chegamos a uma curva onde a trilha era estreita e só dava para um cavalo passar por vez. Rad ficou para trás e me deixou ir na frente dele. Puxei a rédea com gentileza com a mão direita quando, de súbito, um pequeno borrão cinza disparou em nossa frente.

— O que... — comecei. Então Molly deixou escapar um relincho e empinou. Gritei, puxando as rédeas em frenesi. — Ôô! — bradei, então ela disparou em um galope. — Rad! O que eu faço?

— Audrey! — Vi o clarão dele indo atrás de mim na minha visão periférica. — Espera aí!

Meu coração estava batendo a um milhão de quilômetros por hora.

— Ai, meu Deus! — Eu me encolhi quando Molly se inclinou para a frente, na velocidade da luz, transformando tudo ao nosso redor em um borrão. A floresta começou a desaparecer e, antes que eu notasse, estávamos na areia, correndo na direção das ondas. Minha sela estava se soltando, e eu conseguia ouvir o cavalo de Rad, Midnight, galopando atrás de mim.

— Audrey! Solte as rédeas — gritou ele.

— Está de brincadeira? — gritei de volta.

— Solte os pés dos estribos e solte as rédeas. Faz isso! Agora!

— Merda! — gritei. Chutei para liberar minhas pernas e soltei as rédeas, meu estômago se agitando enquanto eu era jogada pela

traseira da égua. Caí na areia e parei de forma abrupta. Enquanto eu me esforçava para sentar reta, vi Molly disparando de volta pelo caminho que viemos.

Rad parou e olhou para mim de cima de seu cavalo.

— Audrey, você está bem? — disse ele, resfolegando.

— Acho que sim. Meu Deus, minha bunda está me matando.

Rad desmontou e veio até mim. Vi um traço de riso em seus olhos quando eles se encontraram com os meus.

— Fico feliz que você ache isso engraçado — disse eu, estremecendo.

— Desculpa — pediu ele, estendendo a mão para mim. — Mas você fica tão bonitinha com o capacete pendurado na cabeça assim.

Peguei a mão dele, e ele me levantou.

— Nunca mais. De agora em diante, só monto em cavalo de carrossel.

Ele olhou para mim, uma expressão estranha no rosto.

— O quê?

— Nada. — Ele balançou a cabeça e sorriu.

— Não, sério mesmo, por que você está me olhando assim?

— Só o que você disse sobre carrosséis. Você é a única pessoa que diria algo assim. — Ele sorriu para mim e deu de ombros. — Gosto de como sua mente funciona, só isso.

Fui surpreendida pelo elogio e não tinha certeza de como responder. Olhei para meus pés e sorri.

— Então, você já caiu de um cavalo alguma vez? — perguntei.

— Claro, várias vezes.

Eu o encarei.

— Está falando sério?

— Sim. — Ele me lançou um olhar. — Você nunca tinha andado de cavalo antes, tinha?

— Não — admiti.

— Audrey, por que você mentiria sobre isso?

Dei de ombros.

— Não sei. Imaginei que eu podia aprender fazendo.

— Você é surreal. Poderia ter se machucado sério. Por sorte você aterrissou num lugar macio.

— Mas o que aconteceu?

— Acho que um coelho passou na trilha. Deve ter assustado a égua.

Suspirei.

— Estamos a quilômetros de distância de qualquer lugar. O que vamos fazer agora?

— Você está com seu telefone aí?

— Não, deixei no alforje.

— Ah. Você não deveria colocar nada importante no alforje.

— E o seu telefone?

— Sem bateria.

— Ótimo. O que vamos fazer?

Rad mordeu o lábio por alguns momentos.

— Já sei — disse ele, caminhando de volta para Midnight. — Por que você não vem comigo?

— Não. Pode esquecer.

— Audrey, você conhece o ditado: quando você cai do cavalo...

— Não ouse.

Ele sorriu largamente.

— ...você levanta e monta de novo.

— Odeio você.

— Vamos lá, você vai ficar bem. — Ele estendeu a mão. — Te ajudo a subir.

— Não tem espaço pra mim na sela.

— Tem, se você sentar bem na frente. Eu vi num filme uma vez.

— Parece totalmente perigoso.

— Vamos devagar, prometo.

Com relutância, peguei a mão dele e ele me ajudou a subir na sela.

— Puta merda, esse cavalo é ainda mais alto que a Molly. — O cavalo de Rad relinchou com suavidade, praticamente me dando um ataque cardíaco.

— Está tudo bem — disse Rad de forma tranquilizadora. — Você vai ficar bem.

Ele montou atrás de mim com quase nenhum esforço e colocou seus braços em volta da minha cintura.

— Certo, agora é só segurar nas rédeas com gentileza e ele vai nos levar de volta à base.

Respirei fundo.

— Certo. Certo, consigo fazer isso.

— Viu, não é tão ruim — disse Rad conforme Midnight começava a se mover em um trote lento. — Na verdade, é até agradável.

De repente, fiquei muito ciente de que os braços de Rad estavam em torno de mim e que eu estava praticamente sentada no colo dele, sem mencionar que o movimento de embalo do cavalo havia nos colocado em uma posição meio comprometedor. Senti uma onda de culpa, pensando em como Duck se sentiria se ele visse isso. Mas a culpa foi substituída por outra coisa, algo muito mais insistente. O modo como meu corpo reagia ao dele era químico. Uma luxúria crua e ondulante fazia meu corpo inteiro doer. Senti o calor subir às minhas bochechas e fiquei contente por Rad não conseguir ver meu rosto.

— É melhor você não estar tirando vantagem da situação — resmunguei entredentes.

— A ideia nem me ocorreu.

Chegamos inteiros, e eu estava tanto aliviada quanto desapontada de descer do cavalo.

— Ficamos um pouco preocupados com vocês quando Molly apareceu — disse Bill, tirando as rédeas de Rad. — Eu estava pronto pra enviar os garotos na picape.

— Estou feliz que Molly chegou segura, ela teve um pequeno surto. — Tirei meu capacete. — E acho que deixei meu telefone na sela dela.

— Deixou mesmo, a Sally encontrou. Você pode pegar com ela na saída.

— Ótimo, obrigada.

— Molly em geral é bem boazinha. O que houve lá fora?

— Acho que ela se assustou com um coelho — disse Rad.

— Ah, entendi — falou Bill. — Vamos ter que dar uma olhada nas cercas, então.

Uma família de quatro pessoas passeava de forma tranquila na nossa direção, e Bill lhes deu um rápido aceno de cabeça, reconhecendo-os. Então ele se virou para nós e inclinou o chapéu.

— Obrigados por nos escolherem. Tenham um bom dia, casalzinho.

DEZESSEIS

— **Preciso te contar algo, Lucy** — falei em uma manhã enquanto eu e ela estávamos colocando a limpeza da casa em dia.

— O que é? — Ela fechou a porta da máquina de lavar louça e se levantou.

— Estou saindo com o Rad de novo.

Ela franziu a testa.

— Rad? O Freddy não vê ele faz um tempão. Ele meio que sumiu.

— Ele estava ocupado, trabalhando em seu livro. Sabe minha primeira matéria? O autor que eu tinha que entrevistar?

— Sim. Você foi bem vaga a respeito de como foi quando te perguntei.

— Eu sei. É porque o autor era o Rad.

— O quê? Achei que você tinha dito que o nome dele era Colorado.

— Rad é o Colorado, esse é o nome dele de fato.

Lucy demorou alguns momentos para entender.

— Ah, entendi — disse Lucy devagar. — Deus, que reviravolta!

— O livro dele está concorrendo ao Prêmio Elliott Tate.

— Nossa, isso é incrível! Audrey, isso é uma ótima notícia. Por que você não me contou?

— Bom, estou contando agora.

— E o Duck sabe?

Balancei a cabeça.

— Não acho que ele vá ficar feliz a respeito. Ele sempre teve essa coisa contra o Rad.

— Mas você e o Rad são só amigos, certo?

— É claro que somos. — Olhei para minhas mãos.

— Audrey? — Ela tinha um olhar preocupado no rosto. — Tem alguma coisa a mais que você não está me contando?

— Não. Bom, eu não sei.

— O que você quer dizer?

Olhei para ela.

— Tenho sentimentos por ele, Lucy, eu só... — Deixei um suspiro exasperado escapar. — Nós sempre tivemos essa conexão, ou seja lá o que for. Eu não sei. — Dei a ela um olhar desamparado.

— Ah, Audrey — disse ela, dando um aperto rápido no meu braço. — Acho que se o Rad está na sua vida de novo, ele está por um motivo.

Concordei com a cabeça.

— Sabe, é como se eu e o Duck mal tivéssemos assunto. Nós precisamos de um barulho de fundo constante, como um filme, uma atividade, amigos, alguma coisa. Senão, a gente se entedia até a morte. Isso faz sentido?

— Faz.

— Mas quando estou com o Rad, nós nos divertimos tanto! Nós podemos não estar fazendo nada mesmo, não importa. Nós rimos o tempo todo, e ele simplesmente me entende. Como você me entende, mas ele é um garoto e, por causa disso, tem toda essa outra dimensão.

— Eu sei — disse Lucy com suavidade. — Eu amo o Freddy desse jeito.

A palavra “amor” ficou pairando no ar entre nós, como um machado.

— Mas como posso terminar com o Duck? — indaguei com tristeza. — Nós estamos juntos desde que eu era criança.

— Audrey, você se lembra do meu All Star da sorte?

— O Converse laranja brilhante?

Lucy concordou com a cabeça.

— Ah, Deus, sim. Você usou eles até caírem aos pedaços. E até então você se recusava a se separar deles.

— Todo mundo ficava me dizendo que eu deveria jogar eles fora.

— A sua mãe jogou eles fora de verdade em um momento.

— Jogou. E eu revirei a lixeira e busquei eles de volta.

Eu ri.

— Você era obcecada por eles.

— Eu era. Se a Candela não tivesse jogado eles no rio aquele dia, talvez eu ainda estivesse usando eles agora.

— Não duvido.

— Bom, acho que o que estou querendo dizer é que às vezes nós nos apegamos às coisas, só pelo bem delas. Muito tempo depois de termos superado essas coisas. Entende o que eu quero dizer? — Eu sabia que ela se referia ao meu relacionamento com Duck.

— Sim — disse eu em voz baixa.

— Sei que você ama ele, e tenho certeza total de que ele ama você. Mas se você tem sentimentos pelo Rad, não pode ficar empurrando pro lado. Mesmo quando vocês se viram pela primeira vez, todos nós percebemos que havia algo entre vocês dois. Acho que o Duck sentiu isso também.

— Eu sei. Só não quero machucar ele.

— Você não pode seguir pela vida sem machucar as pessoas. Isso é irrealista.

— Sim, mas somos eu e o Duck. Nós temos uma história muito grande.

— Eu sei, amiga. Faz parte da minha história também.

Olhei para ela.

— Ele salvou minha vida, Lucy. Se não fosse por ele, eu nem sequer estaria aqui.

Ela suspirou.

— Ele fez uma coisa maravilhosa e nobre, e você sabe o que você deve a ele por isso?

Balancei a cabeça.

— O quê?

— Sua gratidão. Só isso.

Senti vontade de chorar.

— E se eu estiver cometendo um erro imenso?

— Então cometa. Você não pode seguir em frente vivendo uma mentira.

Poucas noites depois, Rad me mandou uma mensagem de texto logo depois da meia-noite.

Acordada?

Sim

Quer dar um passeio de carro?

O.k.

Eu sabia que era uma má ideia. Eu estava brincando com fogo. A coisa certa a fazer era contar a Duck que estava vendo Rad de novo. Era errado sair de fininho sem ele saber, em especial agora que Lucy sabia. Parecia que minha vida tinha se dividido em dois caminhos e eu estava vivendo nos dois ao mesmo tempo, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, eles teriam de colidir.

Coloquei minha calça jeans, peguei minha jaqueta Audrey e as chaves de casa, e saí.

— Ei — disse Rad quando entrei no carro.

— Oi — respondi.

Estávamos incomumente silenciosos enquanto atravessávamos as ruas de Sydney. Quando estávamos rumando ao norte, sobre a Ponte da Baía de Sydney, ele quebrou o silêncio.

— É meio estranho, não é? Como estamos passando tanto tempo juntos? — Era uma pergunta inocente o suficiente, mas eu sabia que ele estava indo por um caminho perigoso, e fiquei com medo. Meu apego a esse estranho mundo novo crescia de forma ritmada. Havia algo viciante naquilo: aquela troca livre e estimulante que compartilhávamos.

— Sim — respondi em voz baixa, esperando que ele deixasse o assunto de lado. Mas eu não estava preparada para o que viria em seguida.

— Audrey. — A voz dele estava um pouco tensa. — Conheci alguém. — Uma onda de náusea me atingiu. Engoli em seco com força.

— Isso é ótimo, Rad — falei, tentando acalmar o tremor em minha voz. — Fico feliz por você.

— Fica mesmo? — Ele olhou para mim. Senti uma profusão de raiva, mas sabia que não tinha direito algum de me sentir como me sentia. Era irracional. Eu tinha um namorado. Rad e eu éramos só amigos.

— É claro que fico — disse eu de forma rígida. — Então, quem é ela?

— Isso não é importante — disse ele.

— Então por que você não mencionou ela? — Tentei impedir a amargura de vazar para minha voz. — Se não é importante, por que ela não surgiu em conversas? Parece uma coisa estranha de deixar de fora, já que estamos conversando todos os dias, às vezes por horas. — Eu sabia que estava parecendo uma tonta, mas não conseguia parar. — Qual o nome dela? Onde vocês se conheceram?

— O nome dela é Claire. Nos conhecemos numa festa. Nós só saímos algumas vezes, Audrey, não é sério.

— Parece bem sério pra mim. — Tentei visualizar Claire, mas vi Ana no lugar. Estalei meu elástico, então lancei um olhar a Rad, cujos olhos estavam fixos na estrada. Quis voltar dez minutos e ficar congelada naquela bolha de tempo para sempre. Parecia que eu estava acordando de um sonho, arrastada contra minha vontade, de volta à realidade.

— Bom, você é livre pra sair com quem quiser — disse eu.

— Audrey, eu gosto de você. Muito. Mas você tem um namorado, e nós temos saído há semanas. Até onde sei, você não contou a ele que tem passado esse tempo comigo. Eu não entendo isso, de verdade. — Senti lágrimas se formando em meus olhos. Virei minha cabeça para longe dele. A última coisa que queria era que ele me visse chorar. — Mas que porra eu deveria fazer? — continuou ele. — Não sei o que sou pra você.

— Eu também não — estourei. — Não sei o que somos um pro outro. Mas o que quer que seja, sei que não quero perder.

— Eu também não — disse ele depois de um tempo. — Não sei o que isso é, mas eu gosto.

— Eu também.

DEZESSETE

Era uma manhã preguiçosa de domingo, e tanto Duck quanto eu tínhamos o dia livre. Isso era raro nos últimos tempos, com os estudos e as preocupações novas de Duck com a WYSA tomando tanto tempo. O clima estava leve, com um vento agradável enquanto nós andávamos de mãos dadas descendo a rua principal de Paddington.

— O que a gente deveria fazer hoje? — perguntei.

— Não sei. Eles têm umas gôndolas no Centennial Park, talvez a gente pudesse pegar uma, pegar um sorvete também.

— É tão cafona — falei, com uma risada.

— Sorvete? — brincou ele.

— Não, gôndolas.

— Elas me lembram de Veneza. — Os pais de Duck o levaram em um passeio pela Europa quando ele tinha nove anos.

— Veneza — suspirei, meu coração inchando com a visão de um lugar exótico e distante.

— Levo você lá pra nossa lua de mel.

Meu estômago apertou.

— Sim — respondi, distraída.

Estávamos passando a pé por uma joalheria quando ele parou de súbito, puxou minha mão e me levou à vitrine.

— Preciso comprar um relógio novo — disse ele, esquadrinhando a vitrine. — O que você acha daquele Coach azul?

— É legal, mas o Rolex é mais você.

— Como se eu pudesse pagar por um.

— Bom, você vai ser um advogado importante um dia. Daí você vai ter um monte de dinheiro.

— Se eu gastar meu dinheiro em alguma coisa, vai ser em uma dessas. — Ele apontou para uma seção de alianças com diamantes um pouco mais distantes.

Eu ri.

— Bom, isso é pra um futuro distante, não é?

— Será que é? — Ele olhou para mim, sua expressão séria.

— É claro que é, Duck. Somos jovens demais.

— Você costumava dizer que não conseguia esperar pra fazer dezoito porque então a gente poderia se casar.

Suspirei.

— Eu era uma criança, Duck. De verdade.

— Por que você está agindo assim? — Ele parecia ferido.

— O que você quer dizer? Assim como?

— Só... Eu não sei. Você parece distante ultimamente, e não consigo entender o porquê.

Inspirei fundo. Eu não tinha me dado conta de que ele tinha notado que qualquer coisa estava diferente em mim. Mas agora que ele havia trazido o assunto à tona, eu sabia que não podia mais manter Rad em segredo. Era o momento de contar a verdade. Meu coração batia alto no meu peito. Engoli em seco.

— Duck... — comecei.

— Olha... — disse ele ao mesmo tempo. — Desculpa, o que você ia dizer?

— Não importa, você primeiro.

Ele suspirou.

— Sei que não temos passado muito tempo juntos ultimamente, e isso tem sido em boa parte minha culpa. Acho que tenho me envolvido demais em me adiantar e estudar. Estou apenas trabalhando pelo futuro, nosso futuro.

— Tenho trabalhado duro também.

— Bom, seu trabalho é diferente do meu.

— Por que ele é diferente em qualquer aspecto?

Ele olhou para longe, e me dei conta do que ele sugeria.

— Meu Deus. Você acha que a minha carreira é menos importante que a sua, não é?

— Não é isso que eu quis dizer.

— O que você quis dizer?

— Deixa pra lá — disse ele com um suspiro. — Eu só tenho esse plano todo na minha cabeça, você sabe. E você é parte dele. Sempre foi.

— Ter bebês e esfregar o chão? É essa sua visão pra mim?

— Você faz isso parecer terrível. Você adora crianças, sempre quis ter. O que é que mudou?

— Acho que essa é uma conversa que deveríamos ter daqui a dez anos.

— Certo. Tanto faz.

— Olha, esse é o primeiro final de semana que você tem livre em tempos. Não quero passar brigando com você.

— Não faça isso, Audrey.

— Fazer o quê?

— O que você está fazendo. É chantagem emocional.

— Chantagem emocional? Está brincando?

Ele ficou quieto e pareceu estar repensando as coisas. Sua expressão suavizou.

— Eu estava ansioso pra passar o final de semana com você — disse ele depois de um tempo. — Desculpa. Também não quero brigar.

— Tudo bem. Você andou ocupado. Não vou usar isso contra você.

Ele sorriu.

— Eu só... Bom, realmente sinto sua falta. Nos últimos tempos, você é quase como uma estranha. — Ele pegou minha mão e me puxou para ele.

— Ainda sou a mesma pessoa.

— Eu sei, e estou orgulhoso de você. Tá bom? Nunca duvide disso.

Concordei com a cabeça.

— O.k.

— Chega de discussões hoje. — Ele sorriu. — Combinado?

Coloquei minha cabeça em seu ombro. Havia uma dor amorfa em meu peito.

— Combinado — concordei.

DEZOITO

Mandei um e-mail para Rad com meu artigo sobre ele anexado, antes de ir para impressão. Poucos momentos depois, meu telefone tocou.

— Merda — xinguei, revirando uma pilha de papel e outras bobagens de escritório para encontrá-lo. — Alô?

— Olá! — Era Rad. — Bom artigo. Em especial a referência à minha bela carinha de garoto.

— Isso foi ideia de Sam. Acho que ela tem uma quedinha por você.

— E ela tem culpa?

Eu ri.

— Você leu o trecho em que falo da sua modéstia?

— Não cheguei nessa parte ainda. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Ei, eu disse mesmo isso?

— Disse o quê?

— “O primeiro romance de um autor é sempre, ao menos em parte, uma autobiografia.” — Ele citava uma frase de meu artigo, palavra por palavra.

— Você disse isso mesmo. Tenho gravado.

— Uau, isso é profundo. — Ele parecia satisfeito consigo mesmo, e eu não conseguia evitar de sorrir.

— É por isso que o trecho levou uma atenção extra.

— Sim, a fonte vermelha realmente salta aos olhos em relação a todas as outras coisas que eu disse.

— Sem mencionar o aumento no tamanho da fonte.

— E o uso generoso de seminegrito.

Nós rimos.

— Ei, você está fazendo alguma coisa neste momento? — perguntou ele de súbito.

— Cheguei agora no trabalho.

— Você pode tirar o dia de folga?

— Ahn... — disse eu, mordendo a ponta da caneta e passando os olhos pelo escritório. Estava zunindo com atividades, mas já que era sexta-feira, eu sabia que iria acalmar mais perto da tarde. — Tenho que terminar um artigo, mas provavelmente posso escapar logo depois do almoço. Por quê?

— Tenho uma surpresa pra você.

— Você sabe que eu odeio surpresas.

— Acho que pode gostar dessa.

Parei na calçada do lado de fora do escritório, procurando pelo carro de Rad, quando um Cadillac rosa pastel com a capota baixada parou ao meu lado.

— Oi — disse Rad, erguendo os olhos para mim do banco do motorista.

— Oi. — Olhei por toda a extensão do carro. — Alguma coisa parece diferente em você hoje, Rad.

Ele riu e abriu a porta do carona. Sentei no banco ao lado dele. Era um dia lindo. O ar parecia elétrico, como se qualquer coisa pudesse acontecer.

— Então, qual é a desse carro?

— Só fazendo um favor pra um amigo do meu pai. Ele perguntou se eu podia levar seu Cadillac novo até sua casa na área das Praias do Norte. Quer ir junto?

— Claro, por que não? — Coloquei meu cinto de segurança. — Vamos voltar a tempo do jantar, certo? — Duck estava indo jantar comigo naquela noite, e eu tinha planejado contar a ele que estava saindo com Rad de novo, antes de meu artigo ser publicado. Eu não estava empolgada para ver sua reação, mas tinha certeza de que ele cederia mais cedo ou mais tarde. Afinal de contas, Rad e eu éramos só amigos.

— Sim, a gente pode voltar a tempo do jantar — disse Rad.

— Como é que nós vamos voltar, por sinal?

— Tem um carro alugado esperando por nós do outro lado.

— Perfeito.

Desfrutei da nossa conversa enquanto acelerávamos para longe da cidade e pelas ruas dos subúrbios. Eu nunca tinha me sentido tão viva, com o vento passando pelo meu cabelo e Duran Duran tocando alto no rádio.

— Que estação é essa? — gritei sobre a música.

— É uma fita cassete. O carro vem com uma entrada para toca-fitas. Tem um monte delas no porta-luvas.

Abri a trava e, é claro, havia uma coleção pequena de fitas cassete espalhadas lá dentro.

— São trilhas dos anos oitenta — disse eu, em deleite.

— Achei que você fosse gostar. Vieram com o carro. O amigo do meu pai é maluco por música daquela época.

— Não culpo ele.

— Nem eu.

— Faz um tempão que não vejo uma dessas. — Estendi a fita cassete na minha mão como se fosse uma relíquia sagrada. — Olha essa compilação: The Bangles, Tears for Fears, Talking Heads.

— Grande combinação! — concordou Rad.

Revirei pela coleção e peguei outra fita.

— Ai, meu Deus. *Dazzle Ships*! Eu amava isso quando era criança.

— Do omd?

— Aham. Posso colocar?

— Claro.

Fucei um pouco nos botões do painel e o fiz ejetar a fita do Duran Duran. Eu o coloquei de volta em sua caixa com cuidado e pus *Dazzle Ships*.

Os sons de trompetes de orquestra soaram pelos alto-falantes cacarejantes no que parecia ser a abertura de um programa de rádio. Então um homem disse alguma coisa em tcheco antes de a música partir para uma melodia movimentada. Comecei a cantarolar no ritmo da música, e Rad se juntou a mim fazendo o melhor que podia.

— Você sabe que esse álbum basicamente matou eles? omd, quero dizer — disse eu.

— Li algo sobre isso. A continuação de *Architecture & Morality*, que foi um grande sucesso comercial. Então lançaram *Dazzle Ships*, e foi horrível. É uma pena. Sempre achei subestimado.

— Imagino que só estava à frente do seu tempo. Agora o álbum está recebendo a consagração que não teve naquela época. É como quando *Blade Runner* estreou pela primeira vez: metade dos críticos não gostou, mas agora é um clássico. Isso não é estranho? Você pode criar algo que é pura genialidade, mas tem que estar no momento certo. Sempre achei isso tão injusto — disse eu.

— Principalmente se você não vive pra ver os aplausos. Como o Van Gogh.

— Isso seria trágico. Ele morreu como um fracassado, e agora olha o quanto seu trabalho é reverenciado, mais de cem anos depois.

Rad balançou a cabeça.

— Maluco, não é?

Tínhamos quase chegado ao nosso destino quando Rad sugeriu fazermos um desvio curto.

— O amigo do seu pai não está te esperando? — perguntei.

— Está tudo bem. Mando uma mensagem pra ele.

Momentos depois, Rad parou do lado de fora de um armazém geral com aparência pitoresca, uma varanda em torno de todo o edifício e um relógio de pêndulo perto da entrada.

— Então isso é o que você queria me mostrar? — brinquei.

— Não, Audrey — disse ele, sarcástico. — Só pensei que deveríamos pegar alguns suprimentos.

Saímos do Cadillac e subimos os degraus, passando pela entrada. Uma mulher loira com o cabelo em coque e usando um suéter azul e calça cáqui larga estava sentada atrás do balcão, absorta em uma página de palavras-cruzadas. Ela ergueu os olhos, acenou com a cabeça de confirmação e voltou ao passatempo.

Caminhamos pelas estantes, passando por biscoitos importados, balas de alcaçuz de amora em pacotes antiquados e pequenos vidros de mel artesanal. Conforme olhávamos pelas prateleiras, eu me perguntava o que Rad tinha planejado. Senti uma pontada de empolgação e deixei minha imaginação correr solta. Então me senti

culpada de imediato porque a maioria dos cenários que tinha imaginado só poderiam ser vistos por maiores de idade. Mordi o lábio e tentei eliminar os pensamentos sujos.

Caminhamos por uma seção de frutas frescas e pegamos algumas uvas e tangerinas. Acrescentamos alguns sacos de batatas fritas Kettle e Coca-Colas Zero e as colocamos sobre o balcão. A senhora ergueu os olhos para nós e sorriu.

— Mais alguma coisa? — perguntou ela, enquanto somava nossas compras.

Rad assentiu.

— Só isso, obrigado.

Chegamos na pequena cidade costeira de Newport e dirigimos por pouco tempo pelas ruas inclinadas, o oceano entrando e saindo de vista.

Rad reduziu a velocidade e se enfiou na entrada de um chalé charmoso pintado em uma cor turquesa fraca com toldos listrados em cinza e branco sobre as janelas.

— Que casa adorável — disse eu.

— É do meu pai. Nós costumávamos vir aqui o tempo todo antes de ele e minha mãe se divorciarem.

O interior era pitoresco e acolhedor, decorado com conchas e lamparinas antigas, decorações penduradas na parede de mapas antigos e parafernália náutica. No centro do recinto, havia um sofá cheio demais, coberto de almofadas com listras diagonais rosa e vermelhas e de frente para uma velha lareira de pedra. Mais ao fundo, havia uma pequena cozinha e um recanto na parede que dava para um quarto pequeno. Rad abriu as portas duplas de correr para revelar um imenso deque de madeira e um molhe, com o mar se estendendo pelo horizonte.

— É lindo — disse eu, olhando vista afora. De súbito, tive uma sensação arrebatadora de que tudo ficaria bem. Naquela noite, eu contaria a Duck sobre Rad, e ele ficaria bem com isso. Então eu poderia ver Rad sempre que quisesse sem me sentir culpada a respeito.

— Meu pai e eu costumávamos pescar desse molhe. Pegamos um atum azul uma vez. Era imenso. — Ele sorriu com a memória.

— Então esse lugar só fica vazio agora?

— Na maior parte do tempo ele fica alugado como uma casa de veraneio, mas é bem silencioso nesta época do ano. Meu pai vem aqui com minha madrastra sempre que pode.

— Não culpo eles. Eu moraria aqui se pudesse.

Nós estávamos colocando nossos suprimentos na geladeira quando Rad puxou uma garrafa de vinho rosé fechada.

— Quer um copo?

— Você vai tomar também?

— Eu não deveria — disse ele, balançando a cabeça. — Mas não tem motivo pra você não poder.

— Claro.

Ele remexeu dentro dos armários e achou uma taça de vinho.

— Está com fome?

— Um pouco — falei.

Ele abriu o freezer.

— Tem algumas pizzas congeladas aqui. Posso colocar uma no forno.

— Parece bom.

— Pepperoni era sua favorita, certo?

Sorri, tocada pela lembrança.

— Sim.

O dia pareceu escapar de nós enquanto mordiscávamos nosso banquete improvisado montado na pequena mesa de madeira com vista para o mar. O céu estava em um azul perfeito enquanto observávamos as gaivotas deslizarem pela brisa fresca enquanto o sol mergulhava para dentro e para fora das nuvens finas e translúcidas.

— Aposto que o pôr do sol aqui é incrível — falei com um suspiro.

— É mesmo. É uma pena que temos que ir embora logo. Parece que esse vai ser impressionante.

— Posso imaginar. — Sorri e tomei outro gole do rosé.

— Aqui também é o lugar perfeito pra olhar as estrelas. Você quase consegue ver o desenho da Via Láctea.

— Aposto que seria mágico.

Rad se virou para mim.

— Bom, por que não ficamos? Posso deixar o carro amanhã de manhã.

— O amigo do seu pai não vai se importar?

— De jeito nenhum.

Pensei a respeito. Eu tinha de fato planos de jantar com Duck, e queria contar a ele sobre Rad, mas não havia motivo para não fazer isso no sábado à noite. Eu poderia mandar uma mensagem de texto para ele com uma desculpa. A verdade era que eu preferia ficar ali com Rad.

— Sim, dane-se. — Dei de ombros. — Por que não ficamos?

— Ótimo. Bom, nesse caso, vou me servir de uma taça de vinho.

A garrafa de rosé estava quase vazia quando o sol começou sua descida lenta.

— Quer o resto? — perguntou Rad, sua mão na garrafa.

— Você está tentando me deixar bêbada? — brinquei.

— Achei que você já estivesse. Sei que eu estou.

Ele serviu o resto em minha taça, então se levantou e posicionou a cadeira de forma que ficasse ao lado da minha. Ficamos em silêncio enquanto observávamos o sol mudar de rosado para dourado para laranja, em uma interação fascinante de cor e luz.

— Você não estava brincando quando falou do pôr do sol aqui, né? — comentei, tomando o último gole de rosé.

— Não.

— Deus, é tão lindo.

— Estou contente que trouxe você aqui. Esse lugar sempre foi especial pra mim. Ele me lembra de um tempo na minha vida quando as coisas eram menos complicadas.

— Quantos anos você tinha quando seus pais se divorciaram?

— Catorze. Minha mãe se mudou pra longe, então escolhi morar com meu pai. Poucos anos depois, ele conheceu Sophia, minha madrastra. Ela é ótima.

— Então vocês dois se dão bem?

— Sim. Ela é dançarina do ventre.

— Não brinca! — Eu nunca tinha conhecido alguém com aquele emprego antes. Eu imaginava que seria um excelente tópico de conversa em um jantar.

— Ela dança com uma banda. Eles fazem festas de aniversário ou de escritório de vez em quando. Ela é realmente boa.

— Isso é tão legal.

— É mesmo. Só estou feliz que meu pai está feliz.

— Minha mãe traiu meu pai quando eu era criança.

— Ah, é?

— Sim — falei, voltando meus pensamentos para aquele período sombrio. — Ela sempre quis ser atriz, e tenho a sensação de que eu vim e a tirei de sua trajetória. Quando eu tinha uns onze anos, ela fugiu com um produtor importante que prometeu o mundo pra ela. Papai e eu não esperávamos. Um dia ela estava lá, agindo do seu jeito normal, no outro, ela tinha ido embora.

— Deus, que terrível.

— Ela nos ligou no dia seguinte após ter desaparecido e disse que não ia voltar. Simples assim. Ela parecia tão fria no telefone, como uma estranha. Então, poucos meses depois, ela apareceu chorando na nossa porta, e meu pai a aceitou de volta. Mas não foi mais a mesma coisa. Era como se algo vital estivesse faltando. Não parecia que éramos mais uma família. Nós só estávamos indo com a maré.

— Deve ter sido muito difícil.

— Sim.

— Eu sabia que meus pais estavam tendo problemas, mas ainda foi um choque quando se divorciaram.

— Tinha outra pessoa envolvida? — perguntei.

— Não, acho que não. Acho que só se afastaram. Era provável que minha mãe estivesse numa situação similar à da sua: ela queria mais.

— Ela algum dia chegou a fazer aquela viagem de carro?

Rad balançou a cabeça.

— Estranhamente, não. Não é como se houvesse alguma coisa impedindo. Ela tinha a liberdade e os meios pra fazer isso. Mas se mudou de volta pra cidadezinha na Nova Zelândia onde tinha crescido. Agora ela mora com sua namorada, Miriam, e o bando de cavalos delas.

— Você a visita com frequência?

— Eu costumava passar minhas férias escolares lá, só que faz um tempo, agora. Mas nós nos falamos pelo telefone com alguma regularidade.

— Isso é bom.

— Acho que eu me ressentia com ela por ter partido, mas, pensando agora, foi a coisa certa a fazer. Quero dizer, a alternativa teria sido pior. Acho que se meus pais tivessem ficado juntos só por minha causa, a amargura teria devorado eles.

— Acho que é aí que meus pais estão. Estão juntos, mas não acho que estejam felizes. Sei que minha mãe com certeza não está.

— Relacionamentos são esquisitos. A maior parte das pessoas que conheço está junta mais por hábito do que por qualquer coisa. Não conheço muitos casais que sejam felizes de verdade.

— Além da Lucy e do Freddy, é claro.

— A Lucy e o Freddy são uma anomalia. — Ele sorriu.

A luz estava indo embora rápido agora, e logo o céu estava belo de uma forma diferente.

— Nem está completamente escuro ainda e você já consegue ver as estrelas — comentei.

Uma pequena lufada de vento veio do nada, e estremeci um pouco.

— Está com frio? — perguntou Rad. — Quer voltar pra dentro?

— Não, vamos ficar aqui fora um pouquinho mais. Está tão bonito.

Ele colocou seu braço em torno do meu ombro e me puxou para perto dele. Aninhei minha cabeça em seu pescoço. Sua pele era quente e convidativa. Ele afastou meu cabelo para longe de meu rosto, colocando uma mecha atrás da minha orelha antes de me dar um beijo tentador na bochecha. Eu me virei para ele, então nossos rostos estavam a apenas centímetros de distância.

— Ah, dane-se — disse ele em voz baixa. Então ele me beijou em cheio na boca, um beijo longo e forte. Eu tinha lido a respeito de beijos assim em livros. Em muitas noites eu os tinha visto pela televisão enquanto assistia com fascinação desconexa. Mas nunca tinha sido desse jeito com Duck. Eu não sabia que podia ser dessa forma.

Deixei um suspiro escapar quando nossos lábios se separaram.

— Puta merda — respirou Rad. — Não acredito que fiz isso.

Eu também não conseguia acreditar. Era melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado.

— Faz de novo — pedi.

Contra minha sensatez, nós tropeçamos para dentro, seguindo pelo quarto e caindo na cama. Rad enroscou os braços em torno de mim e pressionou seu corpo contra o meu. Quando me beijou de novo, parecia que todos os ossos do meu corpo estavam liquefeitos.

— Caramba, Audrey. — Ele afundou com gentileza seus dentes em meu ombro, e senti um solavanco violento em algum lugar abaixo da barriga.

— Rad — murmurei, puxando-o para perto de mim.

Ele pegou meu suéter, puxando-o por cima da minha cabeça e me beijando devagar, descendo pelo meu pescoço. Alcancei minhas costas e briguei com os ganchos do meu sutiã, abrindo-o.

— Uau — disse ele, seus olhos presos em meus seios.

— Obrigada. — Eu ri.

Conforme suas mãos viajavam pelo meu corpo, fiquei ciente de repente de cada célula e sinapse, cada corrente elétrica que faiscava entre elas. Cada toque, cada carícia, enviava um arrepio pela espinha. Logo suas mãos tinham encontrado o caminho para o botão do meu jeans quando Duck piscou em minha mente sem aviso.

— Rad... — falei suavemente. — Ei, acho que a gente devia parar.

Houve uma pausa.

— Certo — disse ele, deixando sair uma expiração funda. Ele se afastou de mim com gentileza, deitando-se de costas. Eu me levantei apoiada no cotovelo e o beijei com leveza na boca.

— Não é que eu não queira, porque eu realmente, *realmente* quero.

— Eu sei, mas o seu namorado...

— Sim, e não acho que nenhum de nós esteja pensando direito agora. Não quero me arrepender disso amanhã.

— Tudo bem, esse também não é o jeito que quero que a gente comece.

Amei o jeito como ele disse “nós”. Que estranho que, de repente, uma pequena palavra me desse tanta certeza do meu verdadeiro lugar no mundo.

— E a Claire, a garota que você estava vendo? — Analisei seu rosto. Ele não a havia mencionado desde aquela noite, e eu nunca mais perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Não deu certo.

— Não? — Tentei não parecer contente demais. — Por quê?

Rad estendeu a mão e acariciou meu cabelo.

— Ela não era você.

Nós nos beijamos de novo, e meu corpo gravitou no sentido do dele como um desses brinquedos em parques de diversões em que você gira tão rápido dentro que a força prende você à parede.

Depois de algum tempo, eu me afastei dele com relutância, e ele respirou fundo outra vez.

— Você está bem? — perguntei.

— Mais ou menos — ele estremeceu.

— Estou te machucando? — brinquei, minha mão descansando em sua coxa.

— Cala a boca — ele disse, sua mão buscando a minha. — Não consigo parar de pensar em todas as coisas que quero fazer com você. Então só me dá um minuto.

— Posso dar uma de Lexy Robbins. — Deitei minha cabeça no travesseiro e entrelacei seus dedos nos meus.

— Uma de quê? — ele riu.

— Lexy Robbins é uma garota com quem fui à escola. Ela estava sempre dando lição de moral na gente sobre sua virgindade. Mas, aparentemente, ela não era tão contida quando se tratava de bater umas pros garotos.

Ele riu outra vez, pressionando seu rosto em meu cabelo.

— Você é tão idiota.

Ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Vou terminar com o Duck. Quero ficar com você.

— Não fala o nome dele. Me deixa louco quando você fala.

— Desculpa.

Minha mão ainda estava na dele.

— Só quero você toda pra mim. Não consigo evitar.

Apertei a mão dele.

— Eu também.

Ficamos deitados ali por alguns momentos, e ele se virou para me encarar.

— Ei — disse ele. — Tenho uma confissão.

— O que é?

— Sabe aquele dia que fomos na trilha e você caiu do cavalo?

Eu ri largamente.

— Não me lembra.

Ele sorriu.

— Quando você estava sentada na areia, olhos levantados pra mim, foi ali que eu senti.

— O quê?

— Isso — disse ele, sua mão descendo pela lateral da minha cintura. — Tive esse desejo súbito de te beijar.

Ele me puxou para perto dele, sua boca se aproximando da minha.

— Eu também quis fazer outras coisas — murmurou.

— Tipo?

Sua mão descansou em meus quadris, e seus olhos encararam os meus.

— Queria te chupar.

Inspirei fundo.

— Ah...

— Mas eu também queria te abraçar, te contar piadas idiotas e fazer xícaras de chá pra você. Simplesmente tive esse lampejo de uma vida com você, de nós dois juntos.

— Quero as mesmas coisas com você. Naquela noite em Blues Point, quando concordamos em parar de nos ver... aquilo foi muito difícil pra mim.

— Parece que foi há tanto tempo — disse Rad, sua expressão saudosa.

— Pensei muito em você durante aquela época. Eu nem sabia se te veria de novo, mas você sempre esteve em minha mente.

— Pensei em você também. Eu via algo engraçado ou legal e pensava: “A Audrey amaria isso.”

— É estranho como nos encontramos de novo, você não acha?
Em especial a maneira como aconteceu.

— Parece predeterminado. — Ele alcançou minha mão e a pegou de novo. — Tem tantas coisas que quero fazer com você.

— Vamos fazer tudo que você quiser.

— Promete?

Concordei com a cabeça:

— Juro de coração.

Acordei na manhã seguinte como se minha cabeça estivesse cheia de morcegos gritando. Minha língua parecia um deserto, e minhas pernas eram dois pilares de cimento molhado. Batalhei para abrir os olhos enquanto os eventos da noite anterior voltavam para minha mente em imagens.

Sentei devagar na cama, gemendo por conta do esforço, e olhei em torno do quarto. Estava vazio.

— Rad? — chamei de forma hesitante, mas não houve resposta. Então notei um bilhete na mesa de cabeceira.

Ei,

Levantei cedo e não quis te acordar. Saí pra trocar o carro. Volto logo.

Eu me afundei de volta na cama, o bilhete agarrado na mão. Um sorriso se estendia pelo meu rosto com a lembrança de Rad e das coisas que disse, das coisas que fizemos. Então, de repente, me lembrei que tinha esquecido de mandar uma mensagem para Duck na noite passada.

— Merda — xinguei, me levantando e jogando os lençóis para longe. Tateei pelo piso rústico de madeira à procura da minha bolsa. Eu a encontrei no sofá e a revirei, procurando pelo telefone. O encarei com uma sensação de pesar. Estava sem bateria.

Ouvi uma chave na porta, e Rad apareceu com um saco de papel em mãos.

— Bom dia — ele sorriu, então franziu a testa ao ver minha expressão. — Tudo bem?

— Esqueci de mandar uma mensagem para o Duck noite passada pra cancelar nossa janta. Agora meu telefone está sem bateria.

— Ah... Quer usar o meu?

Balancei a cabeça:

— Não acho que seja uma boa ideia.

Subitamente, fui tomada por culpa. Coloquei o telefone de volta na bolsa e me sentei no sofá.

— Deus, minha cabeça está me matando — falei, estremecendo.

Rad colocou o saco de papel na bancada da cozinha e começou a mexer nas gavetas.

— Tem umas aspirinas aqui. Quer uma?

Concordei com a cabeça enquanto ele enchia um copo de água.

— Comprei uns bagels. Está com fome?

— Desculpa, Rad — falei, erguendo os olhos para ele. — Acho que deveria voltar pra casa.

— Certo, podemos sair agora mesmo.

Havia um carro alugado cinza na entrada onde o Cadillac rosa estivera estacionado no dia anterior. Essa mudança brusca me trouxe de volta à realidade com firmeza.

Rad e eu mal dissemos uma palavra um para o outro até chegarmos à via expressa principal.

— Olha, Audrey, sobre a noite passada...

— Está tudo bem — falei, minha mão acariciando minha tira elástica com nervosismo.

— Nós bebemos demais e nos empolgamos. Eu não deveria ter deixado acontecer. Sinto muito.

— Não é sua culpa. Eu fui parte disso também. A verdade é que não me arrependo do que aconteceu entre nós. Eu queria que acontecesse, mas, ao mesmo tempo, só me sinto uma escrota.

— Você não é uma escrota — disse Rad. — E além disso — ele olhou para mim —, nós não... você sabe.

Dei um sorrisinho.

— Você recusou que eu desse uma de Lexy Robbins.

— Vamos ter que remarcar isso.

Ficamos em silêncio enquanto *Karma Police* tocava no rádio.

— Não vou te pressionar, Audrey. Isso é algo que você vai ter que resolver no seu próprio tempo. Mas não acho que devemos nos ver até você fazer isso.

— Eu sei. Está ficando complicado demais.

Ele concordou com a cabeça.

— Não quero ser o cara que está ficando com a namorada de outra pessoa. E, pra ser sincero, não acho que consigo continuar me segurando perto de você. Não mais.

— Eu também. — O pensamento de não o ver mais fez meu estômago afundar. Ainda assim, eu sabia que era a coisa certa a fazer. Eu tinha que terminar com Duck antes de poder sequer considerar um futuro com Rad.

Rad me deixou em um beco sem saída a poucos minutos da minha casa.

— Então acho que isso é um adeus.

— Por enquanto.

Ele olhou para mim:

— Deus, eu realmente quero te beijar.

— Eu também.

— Você me liga quando estiver livre de novo?

Concordei com a cabeça.

— Sim, mas pode demorar um tempo.

— Demore quanto tempo quiser, Audrey. Não vou a lugar nenhum.

Conforme eu virava a esquina para minha rua, meu coração começou a bater com ferocidade. Eu me perguntei por que estava tão ansiosa enquanto seguia o caminho, chave em mãos, rumo à casa. Quando cheguei ao portão, vi Duck, sentado nos degraus que levavam à porta. Ele levantou a cabeça para mim, olhos avermelhados e injetados de sangue, o cabelo bagunçado.

— Onde você estava? — ele perguntou, levantando-se. Eu conseguia sentir o sangue bombeado em minhas orelhas. Minha boca ficou seca.

— Estava com um amigo.

— Um amigo? — Ele parecia incrédulo. — E não me ligou? A noite inteira? Você tem alguma ideia de como eu estava

preocupado? Nem a Lucy sabia onde você estava.

— Sinto muito. Foi uma coisa no calor do momento, e meu telefone ficou sem bateria — falei de uma vez só.

— Quem é esse amigo com quem você estava?

Baixei a cabeça.

— Audrey? O que está acontecendo?

— A gente deveria conversar lá dentro, Duck — disse com uma voz baixa, passando por ele e enfiando a chave na porta. Ele me seguiu para dentro.

— O.k., estamos do lado de dentro agora — falou ele com impaciência. — Você pode me contar o que está acontecendo? Você está agindo de uma forma estranha, e isso está me deixando maluco.

Eu me virei para encará-lo.

— Deus, Audrey — disse ele, como se me visse pela primeira vez. — Você está com uma aparência péssima.

— Só estou de ressaca — falei, sendo sincera.

— Quer um copo de água?

— Não, estou bem. — Eu me sentia a pior pessoa do mundo.

— Vou pegar um pra você. — Ele pegou um copo do armário da cozinha e o encheu na pia. — Audrey, por que você não está me contando o que houve? Onde você estava?

Respirei fundo. Eu tinha que contar a verdade a ele. Eu lhe devia isso, em especial depois do que tinha acontecido na noite passada.

— Eu estava com o Rad.

A cor pareceu desaparecer de seu rosto.

— Rad? Você estava com o *Rad*? Mas eu pensei que você tivesse parado de falar com ele — disse Duck devagar.

— Parei, mas, tipo, mês passado eu tive que entrevistar ele por causa de um livro que ele escreveu...

— Ele escreveu um livro?

— Sim, ele foi minha primeira matéria.

— E você nunca achou que devesse contar isso?

Permaneci em silêncio.

— E você tem visto ele desde então? Pelas minhas costas?

Concordei com a cabeça de novo.

— Onde? Quantas vezes isso aconteceu? — Ele estava ficando bravo agora.

Mordi meu lábio e me virei.

— Você está trepando com ele, não está? — cuspiu ele.

— Não! — disse eu, minha cabeça se virando rápido para encará-lo.

— Então nada aconteceu entre vocês? Nadinha mesmo?

Baixei o olhar, então balancei a cabeça devagar.

— Não.

— Não acredito em você.

— Não importa, de qualquer forma.

A boca dele abriu em surpresa.

— O que você quer dizer com isso? O que você tem, Audrey? Audrey, olha pra mim! — Ele ainda estava segurando o copo, que tremia em sua mão, a água explodindo por cima da borda nos pisos de madeira de cerejeira abaixo. Eu me concentrei naquela poça triste de água. Não conseguia olhar para ele. Lágrimas enchiam meus olhos.

— Até onde foi? Você beijou ele? Ele encostou em você?

Comecei a soluçar em voz baixa, segurando meu rosto nas mãos. Não respondi, mas nós dois sabíamos que meu silêncio era uma admissão de culpa.

— Porra! — Ele passou a mão pelo cabelo. — Porra, porra, porra. Vou matar ele.

— Não é culpa dele.

Ele olhou para mim, lívido.

— Então ele não sabia que nós ainda estávamos juntos?

— Bom, sim, ele sabia...

— Audrey! — gritou Duck. — Como você pode ficar aí defendendo ele?

— Não estou defendendo ele!

— *Sim, você está!* — Seu rosto se contorceu em uma expressão de raiva e com um movimento único, ele arremessou o copo de água na parede atrás de nós. Ele se quebrou e estilhaçou, espalhando vidro pela sala.

— O que você está fazendo? — gritei, me afastando dele.

Seus olhos estavam selvagens, e ele respirava pesado. Nós ficamos nos encarando, incertos de aonde ir a seguir. Nunca havíamos chegado nesse ponto antes.

Depois do que pareceu uma eternidade, sua expressão mudou de fúria para desespero.

— Não sei mais quem você é.

Senti a adrenalina sair de meu corpo de uma vez só.

— Talvez você nunca tenha sabido, pra começo de conversa.

— Não diga isso, Audrey.

Depois de poucos momentos, ele voltou para a cozinha e pegou uma pá de lixo e vassoura do armário. Sem dizer uma palavra, ele começou a varrer o vidro quebrado.

Caminhei até ele, minha visão borrada com lágrimas.

— Duck, não — soluzei, colocando minha mão em seu ombro. — Deixa aí.

Ele se virou para me encarar. Também havia lágrimas em seus olhos agora.

— Então é isso, não é? Estamos terminando.

Concordei com a cabeça.

— Mas... eu e você, nós deveríamos ser sólidos como pedra, certo? Sempre pensei que se nada mais funcionasse na minha vida, eu ainda teria você.

— Eu sinto muito — sussurrei.

— Ah, meu Deus — disse ele, sua voz engasgada com lágrimas.

— Ah, meu Deus.

Ele soltou a vassoura e me puxou para seus braços.

— Eu te amo — sussurrou ele em meu ouvido. — Não consigo me lembrar de um momento em que não amasse. — Ele se afastou de mim com gentileza e pegou minha mão na dele, passando o dedão sobre meu dedo anelar. — Sabe, sempre me perguntei qual tamanho de anel você usava.

Me desestruturei por completo naquele momento, soluçando agarrada à camisa dele. Meu coração estava apertado como um punho em meu peito. Eu não fazia ideia de que doeria tanto. Minha mente passou por todos aqueles anos, como uma pessoa no leito de morte. Pensei em Duck acenando para mim de sua varanda, verões na casa do lago de seus pais, pular na água do píer, nossas

risadas ecoando pelo ar. Sentar por horas no gramado, o sol em nossos rostos. Perseguir o caminhão de sorvete pela rua. A primeira vez em que fizemos amor, em que eu estava tão certa de que essa era pessoa com quem eu passaria minha vida inteira. Olhei para todo esse passado com ternura enquanto tudo desintegrava na minha frente.

— Não posso fazer isso — disse Duck, afastando-se de mim subitamente. — Tenho que sair daqui.

— Aonde você vai?

— Não sei.

— Você vai ficar bem?

— Como você pode me perguntar isso? — Eu conseguia ver raiva piscar em seus olhos de novo.

— Desculpa.

Ele balançou a cabeça:

— Eu queria conseguir te odiar neste momento. Queria mesmo.

— Duck — disse eu, tentando tocá-lo.

— Não. — Ele afastou minha mão com grosseria e me empurrou para passar. Momentos depois, a casa estremeceu com o som da porta batendo.

Lucy veio para casa depois e me encontrou aninhada no sofá.

— Audrey — disse ela, aproximando-se com cuidado —, você está bem?

Levantei a cabeça para olhar para ela, meus olhos doendo do esforço.

— O Duck e eu terminamos.

— Ah, querida — disse ela, sentando-se ao meu lado. Ela me puxou para seus braços e eu chorei de leve em seu ombro.

— O Duck está bem?

— Não.

— Pobre Duck.

Coloquei minha cabeça em seu colo e fiquei deitada ali, quase catatônica.

— Eu não sabia que podia doer tanto. Honestamente, eu não sabia.

Lucy acariciou meu cabelo.

— Você quer que eu faça algo? Posso pedir pro Freddy ficar de olho no Duck.

— Certo. Obrigada, Lucy.

Meu telefone estava carregando na mesa de centro e tocou do nada. Eu o peguei rápido, esperando que fosse Duck. Meu coração afundou quando o nome de minha mãe apareceu na tela.

— Merda, essa é a última coisa que preciso.

Deixei o telefone tocar até parar, mas depois ele começou de novo. Suspirei e atendi.

— Oi, mãe.

— O que está acontecendo, Audrey? Acabei de falar com a Zoe. Ela disse que você e o Duck terminaram. Isso é verdade?

Estremeci com o estrondo de sua voz.

— E o que é essa história do Rad voltar à cena? Como você pode fazer isso com o Duck, Audrey? — Eu conseguia notar que ela estava rangendo os dentes. — Eu *não* criei minha filha pra ela sair dormindo por aí.

— Eu não dormi com o Rad — falei com raiva.

— Bom, algo deve ter acontecido entre vocês dois! Qual o seu problema, Audrey? Eu sabia que era uma má ideia você sair de casa.

Era insuportável. Meus nervos já estavam sensíveis, e isso era demais. Eu estava prestes a chegar no estado de alerta máximo, defcon 1.

— Mãe, o que faz você pensar que pode me julgar assim? Ao menos eu não estava *casada* com o Duck. Sabe, como você estava *casada* com o papai.

Ela ficou em silêncio, e eu soube que minha acusação tinha sido como um tapa no rosto.

— Como você pode...

Desliguei o telefonema e o telefone, jogando-o sobre a mesa de centro.

— Hipócrita — cuspi.

— Audrey, sua mãe traiu seu pai anos atrás. Você não pode continuar punindo ela por isso.

Eu sabia que Lucy tinha razão, e isso fez com que eu me sentisse ainda pior.

— Você sabe o que dizem sobre a maçã não cair longe do pé — disse eu com amargura.

— Mas você não dormiu com o Rad, dormiu?

— Não, nós só ficamos. Sei que não melhora as coisas.

— Ah, Audrey, você deveria ter falado com o Duck mais cedo sobre Rad, antes de chegar a esse ponto.

— Eu sei, sou uma pessoa horrível.

— Não, você não é. Você é só humana, só isso. Todo mundo comete erros.

Olhei para Lucy, a eterna otimista.

— Pelo menos eu nunca vou ter que terminar com você — falei, com um sorriso de esguelha.

Ela estendeu o braço e tomou minha mão na dela.

— Não, você está presa comigo pra sempre.

Na manhã seguinte, recebi uma mensagem de Duck.

Podemos conversar?

Nos encontramos em nosso café favorito. Fiquei aliviada de ver que ele estava com uma aparência muito melhor do que a do dia anterior, e disse isso a ele.

— Valeu. Está com fome? — disse ele.

— Não muito. — Meu estômago estivera embrulhado desde o término. Difícil de acreditar que tudo havia acontecido ontem.

Pegamos um café cada um, e me ocupei em abrir o sachê de açúcar, servindo-o em minha xícara e girando com a colher. Eu não tinha certeza se conseguiria olhá-lo nos olhos sem chorar de novo.

— Sinto muito sobre ontem — disse Duck depois de um tempo. — Eu não queria perder a cabeça daquele jeito.

— Tudo bem, você tinha todo direito de estar chateado.

— Audrey, olha pra mim, por favor. — Ele estendeu o braço e tomou minha mão.

Ergui os olhos para ele, que me deu um sorriso triste.

— Não está tudo bem. Eu estava fora dos limites. Foi só um choque, só isso.

— Você não tem nada pra se desculpar.

— Sim, tenho. Tive algum tempo pra processar tudo, e está começando a fazer sentido pra mim. A gente estava se afastando já fazia muito tempo. Eu só não queria encarar.

Concordei com a cabeça.

— Olha, se eu pudesse estalar os dedos e fazer as coisas voltarem ao jeito que estavam, eu faria em um instante. Mas sei que não é realista. Ficamos juntos por tanto tempo que talvez a gente precise de um tempo separados pra entender quem somos de verdade.

— Talvez.

— A verdade é que desejo o mundo pra você, Audrey. Quero que você faça todas as coisas que já quis fazer, sem eu lá pra impedir.

Era uma virada completa, de cento e oitenta graus, desde o término. Eu esperava que ele estivesse bravo, me xingasse ou jogasse mais acusações. Deus sabe que eu merecia. Mas ele estava sendo tão *sensato*, tão altruísta. Eu sabia que deveria estar contente, mas algo em sua atitude estava me irritando.

— Isso é você falando, Duck? Porque parece um dos seus livros de autoajuda. — Não queria que minhas palavras saíssem tão duras e, por um momento, ele pareceu atingido.

— Este sou eu falando, Audrey. Tudo que eu disse, falei sério.

— O.k., tudo bem.

— Qual o problema? Pensei que era isso que você queria.

— E é.

Ele sorriu para mim.

— Ainda podemos ser amigos, não podemos?

— É claro que sim, Duck.

DEZENOVE

— **Já te contei que o Rad tem heterocromia?** — Eu estava atualizando Ida a respeito das últimas semanas desde o término com Duck enquanto nos sentávamos uma de frente para a outra, a mesa no meio.

— Não, não acho que mencionou.

— Seus olhos são tão lindos. Um é de um cinza tempestuoso, o outro é um azul de verão. É assim que se formam tornados, sabia? Quando nuvens escuras e carregadas entram em contato com céus cheios de sol.

Ida concordou com a cabeça.

— Sim, exatamente.

— Sinto que desde que ele voltou pra minha vida, tudo saiu de controle. Estou usando a tira elástica de novo.

— Notei. — Seus olhos focaram em meu pulso esquerdo com o pedaço fino de elástico escapando por debaixo da manga de meu suéter.

— Eu me sinto ansiosa o tempo todo, como se tudo estivesse girando pra fora do meu controle. Mas parece que eu não consigo evitar.

— Você ainda está saindo com ele?

— Desde aquela noite que fomos a Newport, não. Mas penso nele todo o tempo, e isso não é certo, é? Acabei de terminar com o Duck, com quem namoro desde criança. Ele não foi nada além de incrível comigo, e só consigo pensar no Rad. Eu me sinto uma merda, mas não consigo parar.

Ida se inclinou para trás em sua cadeira e suspirou.

— Nossas emoções nos puxam em direções diferentes. Quanto mais forte a emoção, mais forte o puxão. Sentimentos não são

sempre práticos, nem fazem qualquer sentido lógico. É só o jeito que as coisas são.

— Tenho me preocupado com o Duck. Ele deletou a conta do Facebook ontem, e não consegui entrar em contato com ele desde então.

— Ele tem alguém com quem falar?

— A família dele é ótima, em especial sua mãe. Ela é fantástica, e Freddy tem feito companhia pra ele nos últimos dias. Mas acho que eu deveria vê-lo. Tenho evitado fazer isso porque então eu seria obrigada a ver minha mãe também.

— Imagino que ela não esteja feliz com o término?

— Não. Ela estava histérica quando me ligou. Não falei com ela desde então, também. Você acha que eu deveria ir visitá-la?

Ida concordou com a cabeça.

— Acho que pode ser uma boa ideia.

Depois que saí do escritório de Ida, peguei o ônibus para a casa de Duck. Passei pelo caminho conhecido subindo pelo jardim, um nó se formando em minha garganta. Memórias vieram à tona ao redor de mim, como uma matinê fantasmagórica. Duck e eu tínhamos passado tanto tempo aqui, e eu não conseguia dar um passo sem tropeçar em algum fragmento de nossa história.

— Ah, Audrey — disse Zoe, quando chegou à porta. Ela abriu os braços e eu caí neles. Do nada, eu era uma garotinha de novo com um joelho arranhado, desejando o tipo de conforto que minha mãe não sabia dar. Lágrimas batalharam pela rota até minhas pálpebras fechadas e escorreram pelas bochechas.

— Entre, querida — disse ela. Entrei pelo corredor e notei de primeira o espaço vazio na parede onde ficava pendurada aquela foto terrível de Duck e eu.

— Você tirou a foto.

— Sinto muito — disse Zoe, sua mão acariciando minhas costas com gentileza. — O Duck tirou ontem mesmo.

— Posso ficar com ela?

— É claro que sim.

— Obrigada. — Minha voz não passava de um sussurro.

Ela me guiou pelo corredor e para dentro da sala de estar ensolarada e organizada. Nós sentamos em seu sofá de couro marrom.

— Como ele está? — perguntei enquanto ela me passava uma caixa de lenços. Peguei um e assoei o nariz.

— Ele está se saindo muito bem, na verdade, o que é surpreendente. Ele está filosófico a respeito disso tudo. — Ela se inclinou e pegou minha mão, me espiando com um olhar preocupado no rosto. — Como você está, querida?

Encolhi os ombros.

— Estou bem, acho. Estou mais preocupada com o Duck. Tentei ligar pra ele hoje, mas o telefone dele está desligado.

Zoe franziu a testa.

— Está?

Concordei com a cabeça.

— E ele deletou o perfil do Facebook também.

Ela suspirou.

— Vou falar com ele. Tenho certeza de que ele só precisa de algum tempo pra processar tudo. Deve ter sido um choque.

— Eu sei. — Baixei os olhos para minhas mãos. — Você sabe onde ele está agora?

Ela negou com a cabeça.

— Ele saiu de manhã e não voltou ainda.

— Ah.

Ela deve ter lido a expressão em meu rosto, porque colocou a mão no meu braço e disse:

— Ele vai ficar bem, Audrey. Ele só precisa de tempo. Vocês dois precisam.

— Eu só queria que... — Balancei a cabeça, e lágrimas se formaram em meus olhos de novo.

— Eu sei. Mas essas coisas estão sujeitas a acontecer. Sabe, eu me apaixonei loucamente por uma pessoa uma vez, e partiu meu coração quando terminamos. Mas estou feliz que aconteceu, porque senão eu nunca teria conhecido o pai do Duck. As coisas têm um jeito de se ajeitar no final.

— Acho que você está certa.

— É claro que estou. — Ela se inclinou e me deu um abraço breve. Ela afastou meu cabelo do rosto e disse: — Você deveria ir visitar sua mãe. Ela está preocupada com você.

Quando saí da casa de Duck, subi a rua para a casa de minha mãe. Ela estava no jardim da frente, vestida em roupas e equipamentos de jardinagem, cuidando de suas rosas.

— Oi, mãe — disse eu.

Ela ergueu a cabeça.

— Audrey, o que você está fazendo aqui?

— Acabei de ir ver a Zoe.

— Entendo. — Ela voltou para suas rosas.

— Mãe.

Ela parou.

— Desculpa por ter desligado na sua cara e pelo o que disse. Aconteceu muito tempo atrás, e sei que é errado da minha parte continuar trazendo à tona.

Ela se levantou para me encarar, tesouras para poda em mãos. Parecia que ela tinha chorado.

— Nunca fui boa brincando de dona de casa, Audrey. Algumas de nós não foram feitas pra isso. Amo seu pai. Não há um dia que passe em que eu não tenha gratidão por sua paciência e perdão. Mas sou uma estrangeira na minha própria vida. Você entende?

— Entendo.

— Eu temo por você, Audrey, agora que você escolheu Rad no lugar do Duck. Cada vez que segui meu coração, o resultado foi ruim pra mim. Quando conheci seu pai, ele me encantou de primeira. — Um olhar suave surgiu em seu rosto. — Eu queria ser uma estrela. Estava indo nesta direção. Mas me apaixonei por um garoto e perdi a cabeça. Eu estava saindo com outra pessoa na época, alguém com quem me importava, mas eu ainda era *eu mesma*, Audrey. Ele não mexia comigo da maneira que seu pai mexia. Na época, eu não conseguia ver que o amor maluco e passionai que tinha pelo seu pai me traria pra cá, pra esta vida... esta morte lenta. — Ela gesticulou para os arredores dela. — E, quando eu percebi, estava grávida, com vinte e dois anos! — Ela balançou a cabeça. — Isso é cedo demais, eu não era muito mais

velha do que você é agora. Não é fácil te dizer isso. Não é que eu não quisesse você. Só queria que tivesse acontecido dez anos depois. Eu queria aqueles dez anos pra mim mesma, pra descobrir até onde poderia ter ido. — Ela fechou os olhos, como se doesse dizer essas palavras para mim. — Não quero que você perca este tempo, este tempo preciosíssimo. Se você tem que estar com alguma pessoa, então esteja com alguém que faz você sentir que ainda está no controle. Alguém como Duck. Porque mais cedo ou mais tarde, todos os tipos de amor, amor maluco, amor selvagem, desbotam e viram a mesma coisa. O amor envelhece e fica previsível, seguro. Então por que não começar aí, se é aí que vai terminar?

— Mãe, eu não sou você. Nunca vou ser você. Você não tem que se preocupar.

Ela suspirou, tirando as luvas e as largando no chão.

— Vem comigo, Audrey. Tem algo que eu quero te mostrar.

Eu a segui para dentro, subindo as escadas e entrando no quartinho sobressalente em que deixávamos miudezas. Ela caminhou até a escrivaninha no canto direito e abriu a gaveta de baixo, entupida de lixo. Erguendo uma caixa preta e branca de chapéus, ela a colocou no topo da minha antiga escrivaninha e tirou o que tinha dentro. Havia fotos de casais jovens, radiantes e brilhantes, estendidos sob o sol. Minha mãe pegou uma das fotos e a entregou para mim. Um garoto em uma jaqueta de couro com um cigarro pendurado da boca me encarava com olhos escuros e melancólicos.

— Quem é esse, mãe? — perguntei, pensando que deveria ter sido um velho amigo ou ex-namorado.

— Esse é o seu pai, Audrey.

Minha boca caiu aberta.

— Esse é o papai?

Ela concordou com a cabeça.

— Ele queria ser escritor. Você sabia disso?

— Não — respondi, balançando a cabeça em negativa. Até onde eu sabia, meu pai trabalhava em um escritório. Nunca pensei que ele tivesse aspirações para fazer qualquer outra coisa. Acho que isso foi ignorante da minha parte.

— Você deveria ter visto ele naquela época. — Ela baixou o olhar para a foto. Seus olhos estavam sonhadores de novo. Eu me perguntei quando ela tinha parado de olhar para ele daquela maneira. — Eu teria feito qualquer coisa por ele. Eu o teria seguido até depois de um precipício. Isso é o que garotos podem fazer, Audrey, esse é o poder que eles podem exercer sobre você. É como estar sob um feitiço.

Se ela estava certa, já era tarde demais. Eu sentia isso por Rad, esse puxão misterioso. Eu senti desde o primeiro momento em que meus olhos encontraram os dele. Eu não conseguia me segurar, assim como ela, todos aqueles anos atrás.

— Mas você pode romper o feitiço, Audrey, antes que tome conta de você completamente — ela disse, como se lesse minha mente. — Estou aqui agora, onde você estará um dia, e não quero que você tenha os mesmos arrependimentos que eu. Não quero que jogue seu potencial fora por causa de um garoto. Eu cometi esse erro, desperdicei minha juventude e meu talento, mas você não tem que fazer isso. Não é tarde demais pra você. — Seus olhos estavam tão tristes, tão desesperados. Eu queria dizer a ela para não se preocupar, que Rad era diferente e que tudo acabaria bem.

— Não vou deixar isso acontecer comigo, mãe. Vou tomar cuidado, prometo.

— Ah, Audrey, já aconteceu. Eu vi naquela noite, no velório da Ana. O jeito que você olhava para o Rad. Eu me vi, tudo de novo. Não sou idiota. Sei contra o que estou tentando te convencer. Mas estou do seu lado, mesmo que pareça que sou a inimiga. — A voz dela quebrou. — Sou sua mãe, Audrey, e estou do seu lado.

Mais tarde, naquela noite, Lucy e eu fomos acordadas pelo som de pneus guinchando, seguidos de uma buzina retumbando. Corri para a janela da frente com Lucy me seguindo de perto. Espiamos por trás das cortinas.

— Ah, merda — disse Lucy. — É o Duck.

Ele estava parado do outro lado da rua com uma garrafa de Jack Daniel's meio vazia na mão.

— Audrey! — Em meio a uma torrente de palavrões, ele gritava meu nome repetidamente, com toda sua voz. Eu conseguia ver as

luzes em nossa rua se acendendo conforme vizinhos acordavam com a comoção.

— Tenho que sair e falar com ele — disse, me afastando da janela.

— Não. De jeito nenhum, Audrey, fique aqui dentro. Vou chamar a polícia.

— Mas, Lucy — protestei idiotamente —, é o Duck.

Ela pegou meus ombros e olhou no fundo dos meus olhos.

— Audrey, não vou deixar você ir pra rua. Fique aqui. — Lucy desapareceu dentro de seu quarto e saiu momentos depois com o telefone em mãos. Ela estava prestes a discar quando a impedi.

— Lucy, alguém já chamou a polícia — falei, conforme um carro da polícia descia pela rua, as luzes brilhando. Eles estacionaram perto do carro de Duck e dois policiais saíram. Ele se virou para encará-los, sua postura agressiva. Um policial tentou argumentar em voz baixa com ele, mas isso apenas o deixou mais histérico. O outro reagiu com rapidez, tirando a garrafa de Duck e fixando os braços dele atrás das costas. Com um pouco de esforço, ele conseguiu se soltar e correr para a nossa janela, onde Lucy e eu ficamos paradas olhando o pesadelo se desenvolver. Ele ficou parado ali, seus olhos selvagens e parecidos com os de um animal, olhando direto nos meus.

— Ah, meu Deus, o que ele está fazendo? — disse Lucy, enquanto ele erguia sua camisa. Para nosso horror, vimos cortes vermelhos profundos atravessando seu peito nu.

— Isso é o que você fez comigo, Audrey! Você me ouviu, Audrey? Eu devia ter deixado você no fundo daquele lago, sua vadia de merda! — gritou ele, sua voz rouca e rachada. Naquele momento, os dois policiais pularam em Duck, e ele brigou até ser jogado no chão e algemado.

Quando já estava no banco traseiro do carro da polícia, um dos policiais bateu na porta da frente. Abri.

— Você conhece aquele homem? — perguntou ele.

— Ele era meu namorado. Acabamos de terminar.

— Ele feriu você de alguma maneira?

Balancei a cabeça.

— Não, nunca.

Na manhã seguinte, Lucy e eu estávamos sentadas na mesa da cozinha depois de ficar acordadas a noite toda.

— Acho que não vou a nenhuma aula minha hoje — disse ela, espiando o relógio.

— Vou matar o trabalho também — falei, triste, tomando um gole de chá.

Os olhos de Lucy estavam vermelhos de chorar, e ela tinha olheiras escuras sob seus olhos.

— Ainda não consigo acreditar que era o Duck lá fora na noite passada. — Ela balançou a cabeça. — Como ele pode fazer isso com você?

— Não é culpa dele, é minha.

Ela me lançou um olhar incrédulo.

— Audrey, você tem alguma ideia de quão maluco isso soa? As pessoas são largadas o tempo todo, e é um saco, mas você sabe o que se faz? Você chora, quebra uns pratos, vai pra um karaokê e passa vergonha. Não importa como queira lidar com isso, a merda é *sua*, você que tem que lidar. É o *seu* fardo. Não se aparece em portas no meio da noite agindo como um lunático delirante.

Comecei a chorar de novo, segurando minha cabeça nas mãos.

— Eu não deveria ter desaparecido daquele jeito semana passada.

— Você fez merda, não vou negar. Eu teria ficado furiosa se o Freddy fizesse isso comigo. Mas ainda não justifica o comportamento do Duck noite passada. Ele tinha todo o direito de ficar bravo, mas não desse jeito.

— E se ele voltar?

— Não sei.

Houve uma batida na porta. Lucy e eu nos entreolhamos e fomos para a porta de frente com cuidado.

— É a mãe do Duck — disse Lucy, espiando pela cortina da frente. Abrimos a porta.

— Oi, Zoe — falei.

— Audrey, Lucy, posso entrar?

Consenti com a cabeça e fechei a porta enquanto íamos para a cozinha.

— Quer um café? — perguntou Lucy.

— Não, obrigada. Parece que vocês duas ficaram acordadas a noite toda. Por que não se sentam? Eu faço café pra vocês. — Ela se ocupou na cozinha, e Lucy e eu nos sentamos de volta. Zoe colocou nosso café na mesa da cozinha, então se sentou do meu lado. Ela alcançou minha mão e a pegou. — Sinto muito pela noite passada, Audrey — ela pediu franzindo a testa. Lágrimas começaram a surgir em meus olhos mais uma vez. Ela apertou minha mão. — Agora, não quero que você se culpe por nada, ouviu? O Duck sabe muito bem que estava agindo errado.

— A Zoe está certa, Audrey — Lucy me passou uma caixa de lenços. — Não é sua culpa.

Concordei com a cabeça, lágrimas escorrendo pelas bochechas.

— Eu deveria ter prestado mais atenção — disse Zoe. — Achei que ele estava bem, mas acho que errei feio.

— Ele sabe o quanto ainda me preocupo com ele, não sabe?

— É claro que sabe, Audrey. Vocês dois têm uma relação de muito tempo. Isso é algo que nunca vai embora.

Meus lábios tremeram e lágrimas frescas começaram a escorrer.

— Não — sussurrei. — Nunca.

Ela sorriu para mim.

— Tenho certeza de que vocês serão melhores amigos de novo... com o tempo.

— Espero que sim — disse, enquanto Lucy colocava seu braço em torno de meus ombros.

— Agora, eu tinha uma viagem planejada pra ver a avó do Duck na Europa — disse Zoe. — Vou levá-lo comigo também. A mudança de cenário vai fazer bem pra ele.

— Quando vocês vão?

— Semana que vem, e vamos ficar longe por um tempo, então isso dará a vocês dois um pouco de espaço pra respirar.

— Certo — falei suavemente. — Por favor, cuide dele.

— Você sabe que eu vou. — Ela pegou meu braço e o apertou. — Agora, tenho um milhão de coisas pra fazer antes da viagem, então tenho que ir. — Ela se levantou, jogando a bolsa sobre o ombro. — Vocês duas se cuidem.

VINTE

Apesar de um bom tempo ter passado desde que Duck e eu havíamos terminado, Rad e eu tínhamos concordado em levar as coisas um dia por vez. Então esta era minha primeira visita ao apartamento dele, e eu estava olhando os livros em sua estante. O apartamento dele era minúsculo, mas acolhedor. Parecia exatamente como eu o tinha imaginado: bagunçado de uma maneira convidativa, e eu conseguia me ver circulando por ali de pijamas, uma tigela de cereal em mãos. O melhor de tudo era que ficava três andares acima de um café de estilo francês, e de vez em quando o cheiro delicioso de croissant recém-assado subia para dentro da janela aberta.

— Ei, eu me lembro desses — falei, vendo um livro da coleção *Escolha sua aventura* em um oceano de títulos de ficção científica e livros com as lombadas esfarrapadas. Eu o peguei, passando os dedos pela capa. — *Uma Viagem no OVNI 54-40*. Esse aqui é bom?

— Bom, é um livro estranho — disse Rad. — Tipo, o objetivo é chegar a *Ultima*, que é pra ser um tipo de paraíso, um nirvana ou algo assim. Quando eu o li quando criança, eu não conseguia chegar a *Ultima*, não importava quais escolhas de “vá para a página tal” eu fizesse pelo livro. Mas estava bem ali na minha frente. — Ele pegou o livro de mim e o folheou até encontrar a página que estava procurando. — Esta é *Ultima*. — Havia uma ilustração de um horizonte urbano cercado de verde montanhoso e raios de sol perfurantes.

— Por que você não conseguia chegar lá? — perguntei.

— É isso que eu estava tentando resolver ainda pequeno. Fiquei tão obcecado que minha mãe teve que tirar o livro de mim em algum momento. Anos depois, encontrei uma discussão sobre ele em um

fórum on-line. Acontece que eu não era o único que não conseguia chegar a *Ultima*. Segui um link que alguém postou pra uma *wiki* do livro e descobri que não existe nenhuma forma legítima de se chegar lá pelas escolhas possíveis dentro do livro. O autor era um sádico.

— Que coisa cruel de se fazer com crianças.

— Nem me fale. — Rad fechou o livro e o passou para mim. — Você pode tentar, se quiser.

— Não, obrigada, não curto muito sadomasoquismo.

— Não curte? Bom, nossa relação acabou de ficar inviável pra mim.

Eu ri, passando os dedos pelas lombadas de seus livros. Eles pareciam vibrantes e vivos, como se tivessem parte do dna dele. Minha mão tocou em algo frio na prateleira do meio e ergui o pescoço para ver mais de perto. Uma lata fina de metal estava enfiada entre uma cópia de *Matadouro 5* e *The Dogs of Winter*. Curiosa, eu a puxei. “Lojas Office-Home, Caixa Segura” estava impresso no topo esquerdo em letras douradas apagadas. No centro, havia um cadeado prateado.

— O que é isso? — perguntei.

— Não é nada importante — disse Rad, tirando de minhas mãos. — Só a minha velha coleção de cartas *Gang do Lixo*. Perdi a chave anos atrás. — Ele baixou a caixa na estante e passou a mão pelo meu cabelo. — Não consigo acreditar que você está mesmo aqui, no meu apartamento. Você não faz ideia de quantas vezes a gente estava em algum lugar e você ria ou mordia o lábio e eu queria poder trazer você pra casa. — Ele me beijou, com suavidade primeiro, então seus beijos ficaram mais urgentes. Suas mãos viajaram pela minha coxa, passando pela bainha da minha saia, esfregando o elástico da minha calcinha e lançando uma bomba de adrenalina pelo meu corpo.

Seus olhos encontraram os meus e eu pedi em silêncio que ele fosse mais longe. Mas ele parou e afastou sua mão com gentileza.

— A gente deveria estar indo devagar... Lembra?

— Está sendo muito mais difícil do que eu achei que seria — suspirei.

— Nem me diga. — Ele riu.

Nós nos separamos com relutância.

— Vamos — falei. — Vamos sair.

Encontramos Lucy e Freddy no Luna Park, na Lavender Bay. Era uma noite bela e clara. O verão estava cada vez mais próximo, e eu notava uma magia permear o ar quente como algodão doce. Rad e eu caminhamos de mãos dadas, absorvendo o clima de festival e as luzes bonitas que pontuavam o caminho.

— Viemos aqui na sua festa de aniversário de dez anos, Audrey. Lembra? — perguntou Lucy.

— Sim. A Candela ficava jogando pipoca da roda gigante.

— Ela não se encrencou? — perguntou Rad.

— Todas nós nos encrencamos, o que era totalmente injusto. A gente estava tentando parar ela! — disse Lucy.

— Ela fez com que a gente fosse expulsa do parque — acrescentei.

— Sua mãe ficou furiosa — disse Lucy. — Ela nos levou direto pra casa depois dessa.

— Eu estava furiosa — eu ri. — Chutei as canelas dela por arruinar meu aniversário.

— Quando foi a última vez que vocês três se reuniram? — perguntou Freddy.

— Nem me lembro — respondi com tristeza.

— Ela nem atende mais o telefone — disse Lucy.

Guinchos de terror vinham da montanha-russa que subia sobre nós. Um garotinho bateu com um martelo gigante em um testador de força, rindo com deleite quando as luzes acenderam até a metade da torre.

— Ei, vamos no trem fantasma — disse Lucy, e nós quatro fomos para a fila.

— Que meeeedo! — disse Freddy enquanto entrávamos em nosso carrinho. O trem veio à vida com um estalo e começou a se mover por um túnel escuro, decorado com teias de aranha penduradas e silhuetas de figuras ameaçadoras. Eu não era uma novata em trens fantasma, mas por algum motivo, esse me deixou nervosa. Busquei minha tira elástica no escuro, mas percebi com pânico que eu a havia deixado em casa. Eu me aproximei de Rad, e

ele apertou minha mão de forma tranquilizadora. Ele tinha quase um sexto sentido quando se tratava de como eu me sentia.

— Tudo bem? — sussurrou em meu ouvido.

— Sim — sorri para ele enquanto uma Noiva de Frankenstein de cera caía subitamente do teto cavernoso para nos confrontar. Houve diversos gritos altos e guinchos, então senti uma batidinha no ombro e virei minha cabeça bruscamente. Meu coração saltou pela garganta. Era Ana. Abri a boca para gritar, mas nenhum som saiu.

— Audrey! Audrey! — Rad sacudia meus ombros gentilmente enquanto eu estava congelada de medo. Um dos operadores veio nos ver, parecendo preocupado.

— Vi uma garota ali — falei, atordoada.

— Usando um vestido branco? — perguntou o operador.

Fiz que sim com a cabeça.

— Ela deve ser uma das plantadas — explicou ele. — Temos uns poucos ali dentro.

— Plantadas? — Eu estava confusa.

— Atores plantados. Desculpa se ela te assustou.

— Tinha um cara com uma cabeça de gorila batendo no meu ombro — disse Freddy. — Me matou de susto.

Meus batimentos cardíacos começaram a estabilizar.

— Jesus, eu não fazia ideia de que eles faziam isso.

— Dá mais drama — disse Freddy, erguendo as mãos no ar como garras e ondulando os dedos.

— Audrey! — O rosto de Lucy estava marcado de preocupação. — Você está branca como papel.

— Tem certeza que você está bem? — perguntou Rad enquanto me guiava para fora da plataforma.

— Sim, só achei que tinha visto um fantasma.

VINTE E UM

Em pouco tempo, as luzes da cidade e lojas de departamentos estavam brilhando com as vitrines de Natal. Rad e eu estávamos saindo do cinema uma tarde quando recebi uma ligação de Lucy. Havia uma urgência em sua voz.

— Audrey, é a Candela.

Encontramos Lucy no hospital da Royal North Shore cerca de vinte minutos depois.

— Como ela está? — perguntei.

— Não muito bem — Lucy nos guiava pelos corredores. Ela parou do lado de fora de uma ala, onde conseguíamos ver Candela pelo vão da porta, deitada com olhos fechados em uma cama de hospital. Sua mãe e sua irmã, Eve, estavam sentadas uma de cada lado. As duas se viraram para nós quando entramos no quarto.

— Audrey — disse a mãe de Candela. Então ela olhou para Rad e me lançou um olhar estranho. — Rad? Você não era o garoto que estava com a Ana?

Um sentimento frio como gelo percorreu meu corpo.

— Sim. — Rad parecia um pouco desconfortável. Os olhos de Eve se arregalaram como se sua mente tivesse acabado de ligar os pontos. Com dezesseis anos, ela era a imagem idêntica de Candela na noite em que contei aquela mentira terrível.

— Alguma mudança? — perguntou Lucy.

A mãe de Candela negou com a cabeça.

— Não, mas estamos todos rezando.

Candela havia sido internada no hospital mais cedo naquele dia. Os detalhes eram imprecisos, mas Eve nos contou que a ambulância foi chamada para sua casa em Alexandria no começo da manhã. Apesar de suas colegas de apartamento terem ficado de bico calado, exames de sangue tinham revelado um coquetel mortal de drogas circulando pelo seu corpo. Pouco depois de sua chegada ao hospital, ela entrou em coma, e estava naquele estado desde então. Eve relatou isso para nós três enquanto estávamos na entrada, bebendo café em copos de isopor.

— Quando ela vai acordar? — perguntei.

— Eles não sabem. — A voz de Eve estava tensa de preocupação. — Os médicos dizem que é difícil saber, quando o paciente está em coma. Vamos ter que esperar e ver.

Os dias seguintes foram um borrão enquanto Lucy e eu alternávamos e fazíamos vigília na beira da cama de Candela. Eu trouxe uma cópia do livro de Rad e o li em voz alta para ela. Às vezes, ele vinha junto, e outras vezes Freddy estava lá. Dirk e Ramona não se incomodaram em aparecer uma vez sequer.

Mais tarde, em uma manhã, eu estava almoçando com Eve na cafeteria do hospital.

— Eu não vejo a Candela há meses — admitiu ela, cutucando miseravelmente sua salada. Ficamos em silêncio por um curto tempo. — Se eu tivesse ficado de boca fechada naquela noite... — continuou, em um tom quieto, cuidadoso.

Balancei a cabeça.

— Eu é quem deveria ter ficado de boca fechada.

— É uma reviravolta do destino, não é? Você estar com o Rad agora.

— É.

— Ele sabe que foi você quem viu a Ana com o pai dela?

— Não — respondi rápido. Toda vez que o pensamento me ocorria, eu o empurrava para o fundo de novo, como uma caixa-surpresa.

— Minha mãe se culpa — disse Eve, baixando o garfo. — Quando a Candela descobriu que a minha mãe tinha contado a uma amiga

sobre a Ana, elas tiveram uma briga imensa. Então quando ouvimos que a Ana tinha se matado... — Eve deixou as palavras no ar.

— Eu sei. — Eu estava ansiosa para sair do assunto. Sabia exatamente a que Eve estava se referindo. Se nada disso tivesse acontecido, então Candela talvez nunca tivesse saído de casa. Se as coisas tivessem sido diferentes, ela poderia não estar deitada em uma cama de hospital agora, lutando pela vida.

Mais tarde, naquela noite, Rad veio visitar, e decidimos dar uma volta de carro. Nós estávamos atravessando um longo trecho de estrada de chão batido quando ele estacionou. Eu conseguia notar que algo estava em sua mente. Depois de um silêncio longo, ele disse:

— Você é a única pessoa com quem consegui me abrir, desde Ana. — Como sempre, a menção do nome dela lançou um arrepio pela minha espinha.

— Você nunca fala dela.

— Eu sei — respondeu ele. — Estar ao redor do hospital nesses últimos dias tem trazido de volta algumas memórias antigas. Ana conhecia hospitais. Você ouviu sobre a vez em que ela se fechou na garagem quando os pais dela estavam viajando?

Fiz que sim com a cabeça, um nó se formando na minha garganta. Todo mundo sabia da vez em que os pais de Ana tinham voltado cedo de uma viagem e a encontraram semiconsciente na garagem, cercada por uma nuvem de fumaça tóxica.

— Foi muita sorte eles terem voltado a tempo. — Ele estremeceu, como se tentando afastar a memória. — Essa não foi sua primeira tentativa, sabe? Por mais horrível que soe, acho que todo mundo pensava que era só uma questão de tempo com ela.

— Sim. — Era de conhecimento comum que Ana era imprudente com a própria vida, o tipo de garota que jogaria roleta russa com uma arma carregada. A forma casual com a qual ela flertava com a morte fazia com que ela parecesse quase imortal.

Rad pegou minha mão e a segurou com a dele, acariciando as juntas da minha mão com seu dedão.

— Depois do que aconteceu com Ana, jurei nunca mais permitir me preocupar com qualquer coisa de novo. Era simplesmente muito

difícil. — Ele alcançou meu queixo com gentileza, puxando-o para encará-lo. — Mas então conheci você. Eu não queria me importar com você, mas não conseguia evitar. — Ele sorriu, sua mão em concha nas laterais meu rosto. Eu me mexi e coloquei a mão sobre a dele. — Mas às vezes me assusta, quando olho pra você. Vejo aquela exata mesma expressão no seu rosto que costumava ver na Ana. — Ele passou o dedão com leveza sobre meus lábios. — Não quero me apaixonar por outra garota triste.

Candela acordou no domingo seguinte. Lucy e eu fomos direto para o hospital quando ouvimos a notícia.

Ela estava sentada na cama, cutucando devagar um pote de gelatina vermelha.

— Oi — falei, sentando ao lado da cama. Ela levantou a cabeça para mim.

— Faz tempo — disse ela, e se rompeu em um sorriso. Um oceano de lágrimas inundou meus olhos quando joguei os braços em torno dela.

— Eu me lembro de algumas partes — disse Candela, quando perguntamos a ela se ela sabia o que tinha acontecido durante seu coma. Sua mãe e Eve tinham acabado de sair, e Lucy e eu estávamos lhe fazendo companhia. — Audrey, você estava lendo um livro pra mim, eu acho. E a Lucy ficava falando do Freddy, alguma coisa a ver com *A guerra dos mundos*.

As bochechas de Lucy ficaram rosadas.

— Você ouviu isso?

— Freddy coloca a versão musical do Jeff Wayne pra tocar sempre que está irritado com ela — expliquei.

Candela riu pelo nariz.

— Verdade?

Lucy fez que sim com a cabeça.

— Ele coloca no volume máximo.

A expressão de Candela ficou subitamente séria enquanto ela sustentava o olhar de Lucy.

— *Ullaaa* — proferiu ela em uma dramática voz grave.

— *Ullaaaa* — ecoei.

Lucy nos olhou de forma penetrante por um momento, mas ela deve ter visto o lado engraçado, porque explodimos em risadas. Parecia como os velhos tempos de novo.

— Deus, eu venderia minha alma por um cigarro — disse Candela com um suspiro.

— Então, o que acontece agora? — perguntou Lucy.

Candela ficou séria.

— Acho que foi um ultimato. Quero dizer, você não pode levar um tapa na cara mais forte do que uma experiência de quase morte. — Ela nos lançou um olhar significativo. — Falei com a minha mãe e decidi ir pra reabilitação. Vou me internar amanhã.

— Estou tão orgulhosa de você — falei, beijando-a na testa. — Sentimos sua falta.

— Senti saudades de vocês duas também — admitiu ela. — Eu quis ligar, mas, vocês sabem, eu estava numa bagunça tão grande. Não queria que vocês vissem como eu estava.

— Você sempre pode nos ligar — disse Lucy. — Somos sua família.

Candela virou a cabeça para o outro lado, e eu podia ver que ela estava tentando segurar as lágrimas.

— Eu fiz coisas, sabem... — A voz dela estremeceu. — Coisas das quais não me orgulho.

— Candela — Coloquei minha mão em seu braço —, e quem não fez?

Ela limpou as lágrimas com o canto do lençol, então se virou para nos olhar, sorrindo abertamente.

— A Lucy, provavelmente.

VINTE E DOIS

Passei a véspera de Natal na casa dos meus pais e acordei no dia seguinte ao som de canções natalinas vindo da casa do vizinho e entrando pela janela como brisas. Eles tocavam a mesma trilha sonora de Michael Bublé todo santo ano. Olhei o celular e percebi, chocada, que era quase meio-dia.

Escorreguei para dentro de meu vestidinho de verão favorito, escovei os dentes e passei um pente no cabelo. Quando cheguei no térreo, vi que meus pais já estavam colocando a mesa do almoço de Natal. Era uma tradição que tínhamos havia mais tempo do que eu conseguia me lembrar.

— Por que vocês não me acordaram? — perguntei.

Meu pai estava agarrado a uma pilha de jogos americanos e ergueu os olhos da mesa para mim, radiante.

— Bom dia, bonita! Feliz Natal!

— Feliz Natal, pai. — Ele me puxou para um abraço de urso e me beijou de leve na testa.

Vaguei para dentro da cozinha onde minha mãe estava conferindo o peru.

— Feliz Natal, mãe. — Dei um beijinho rápido em sua bochecha.

— Você precisa de ajuda com algo?

— Acho que tenho tudo sob controle — disse ela com um sorriso. Ela se virou e olhou para mim, seu olhar viajando pela extensão do meu vestido. — Você não quer vestir algo mais arrumado?

— O que você quer dizer? O que tem de errado com o que estou vestindo?

Ela suspirou.

— É um pouco comum pra um almoço de Natal, você não acha? O que você acha daquele vestido verde bonito que comprei pra

você, o verde-escuro com botões na frente?

— Estou bem com o vestido que estou usando — falei, um pouco tensa. Eu tinha jurado a mim mesma que não deixaria minha mãe me atingir hoje. Além disso, era só o almoço, e então eu estaria livre para encontrar Rad mais tarde. Eu estava empolgada para passar nosso primeiro Natal juntos.

— Vamos receber visitas — disse ela, tirando suas luvas de forno.

— Vamos?

A campainha soou.

— Pode atender a porta, Audrey? Tenho que cuidar do peru.

— Claro. — Fui até a porta da frente e a abri, um sorriso pronto estampado em meu rosto.

— Oi, querida. — Eram Zoe e Duck.

Meu sorriso congelou.

— Zoe. — Minha voz estava estrangulada. — Duck.

— Oi, Audrey — disse Duck. — É bom ver você. — Ele parecia ter perdido bastante peso, e havia olheiras escuras em torno de seus olhos. Senti uma pontada de culpa quando pensei em quão rápido eu tinha seguido em frente com Rad.

Zoe me puxou em um abraço rápido. Duck estendeu a mão enquanto eu me inclinava para um abraço, meu nariz batendo de um jeito esquisito contra sua orelha. Estava na ponta da minha língua perguntar o que estavam fazendo ali, quando finalmente entendi. Isso era coisa da minha mãe. Ela os tinha convidado. Um sentimento de enjoo tomou meu estômago.

— Eu não sabia que vocês tinham voltado de viagem.

— Voltamos há alguns dias. A sua mãe não contou? — Zoe me lançou um olhar curioso.

Abri minha boca para responder quando ouvi minha mãe surgir atrás de mim.

— Zoe, Duck! — Ela brilhava, beijando Zoe na bochecha e segurando o rosto de Duck entre suas mãos de forma afetuosa. — Olha como você está bronzeado! Você é um garoto tão bonito. — Ela enlaçou seu braço no dele. — Entrem logo, o almoço está quase pronto.

Meu pai estava descendo as escadas bem quando chegamos à sala de jantar.

— Horário perfeito! O que vocês gostariam de beber? Cerveja? Champanhe? Acabei de abrir uma garrafa.

— Champanhe parece ótimo — disse Zoe.

Ele desapareceu cozinha adentro e voltou alguns momentos depois com taças de champanhe e uma garrafa de Moët.

— Mãe, posso falar com você um momentinho? — perguntei.

— Claro — respondeu ela.

Eu me dirigi para a cozinha, com minha mãe logo atrás de mim.

— Como assim, mãe? — sibilei quando fechei a porta da cozinha atrás de nós.

Ela parecia casual.

— Qual o problema, Audrey?

Eu queria gritar.

— Qual o problema? — disse eu com incredulidade. — Mãe, por que o Duck está aqui no almoço de Natal? Você enlouqueceu?

— Eles acabaram de voltar da viagem pra Europa, então pensei que seria legal se atualizar — disse ela.

— E você não pensou como eu me sentiria sobre isso?

— Não achei que fosse se importar. É só um almoço, Audrey. Você sabe que a Zoe e o Duck são como família pra nós.

— Isso não é só um almoço — tentei manter minha voz calma. — É uma porra de uma emboscada.

Ela piscou.

— Eu teria contado que estavam vindo, mas não consegui hoje de manhã.

— Não me venha com essa bobagem, mãe. Você fez de propósito. Por que você faria isso? Por quê? — Eu conseguia sentir lágrimas quentes abrindo caminho por trás de meus olhos. — Por quê? Por quê? Por quê?

Ela suspirou.

— Audrey, não estou tentando te empurrar de volta aos braços do Duck. Honestamente, não estou. Você e o Duck têm tanta história. Ele estava aqui muito antes do Rad aparecer. Não tem motivo pra não serem amigos. É só isso que estou dizendo.

— Mãe... você não pode fazer isso. Estou com o Rad agora. Você não pode convidar meu ex pra almoçar sem falar comigo antes.

Uma pessoa normal não faz isso, você não entende? É uma coisa malvada de se fazer. Não só comigo, mas com o Duck também.

— Acho que você está sendo dramática demais.

Respirei fundo. Eu me sentia pronta para explodir.

— Me ouve, mãe. — Ela abriu a boca para me interromper. — *Me ouve!* — gritei, meus pulsos batendo nas laterais da minha cabeça em frustração.

— Audrey, se acalme... Eles conseguem ouvir você lá fora.

— Não *ouse* me mandar ficar calma! — Eu respirava com força agora. Eu sabia que Zoe e Duck conseguiam provavelmente ouvir cada palavra que eu dizia, mas eu não me importava.

— Sou sua mãe, Audrey. Sei o que é melhor pra você, mesmo que você não possa ver por si mesma.

Uma raiva gelada preencheu meu corpo. Peguei o prato mais próximo da bancada da cozinha e o atirei no chão. Ele se rompeu em pedaços.

Minha mãe parecia chocada.

— Audrey, o que você está fazendo?

Peguei outro prato e o joguei nos pés dela. Ela pulou, assustada. A porta abriu de repente e meu pai entrou.

— O que está acontecendo? — Ele olhou de mim para a minha mãe e para os pratos quebrados no chão. Minha respiração estava irregular. Eu tinha a ponta do indicador enrolada em torno do elástico.

— Vamos lá, Audrey. — Meu pai pegou meu braço e me levou pela porta dos fundos. Ele se virou e fuzilou minha mãe com o olhar, balançando a cabeça.

Quando chegamos do lado de fora, ele me olhou com uma expressão de preocupação no rosto.

— O que houve?

— É a minha mãe — respondi. Minha respiração estava um pouco menos desigual, mas eu estava soluçando. Engoli um soluço, limpando as lágrimas que agora escorriam pelo meu rosto. — Eu não sabia que ela tinha convidado o Duck e a Zoe.

— Você não sabia? — Meu pai parecia genuinamente surpreso. — Sua mãe disse que foi sua ideia.

— Bom, ela é uma mentirosa — cuspi. Eu não conseguia conter minha amargura.

Um olhar de entendimento surgiu em seu rosto. Ele suspirou.

— Audrey, vou falar com ela hoje à noite sobre isso. Não concordo com o que ela fez, mas acho que ela tinha boas intenções.

— Como você pode falar isso? De verdade, pai.

— Sei que ela tem um jeito estranho de mostrar, mas sua mãe te ama de verdade, Audrey. Você tem que acreditar nisso.

Balancei a cabeça.

— Não quero mais nada com ela. Ela me enlouquece.

— Sei que as coisas sempre foram delicadas entre vocês duas, mas é Natal. Você pode ao menos ficar para o almoço? Por favor?

— Ele me lançou um olhar suplicante. — Mais tarde você está livre pra fazer o que quiser.

Olhei para seu rosto enrugado e cansado e senti uma pontada de tristeza: ele já tinha passado anos demais preso no meio do fogo cruzado entre eu e minha mãe.

Senti lágrimas novas surgirem em meus olhos.

— Tudo bem, pai. Vou ficar para o almoço.

Rad veio me buscar mais ao final da tarde. Respirei aliviada quando entrei no banco de passageiro do seu carro.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Sim, só minha mãe sendo uma vaca como sempre.

— O que houve?

— Só o de sempre. Não vamos falar nisso, o.k.?

Ele ligou o motor.

— O.k.

Eu não queria contar a ele sobre o esquema que minha mãe tinha orquestrado. Parecia desnecessário e apenas feriria seus sentimentos. Ele já sentia que minha mãe não estava nada empolgada com nossa relação.

— Então, aonde vamos? — perguntei enquanto nos afastávamos do meio-fio. Eu já estava me sentindo muito melhor.

Ele sorriu para mim.

— Tenho uma surpresa pra você.

— Odeio surpresas.

— Mas sempre gosta das minhas.

Rad não me contava aonde estávamos indo, mas imaginei, pelo tempo, que estávamos a algumas ruas de distância da casa dele. Quando chegamos no seu apartamento, ele colocou uma mão sobre meus olhos.

— Não espie — avisou ele. Ouvi a chave girar na fechadura, e ele me guiou com uma mão na cintura. Depois de alguns passos, ele disse: — Certo, pode abrir os olhos agora.

— Uau! — Nós estávamos no seu apartamento com as cortinas fechadas. Amarrados na parte de cima do quarto estavam piscapiscas multicoloridos e fios prateados. Havia uma mini-árvore de Natal decorada com bastões de doce na sua escrivaninha no canto distante do quarto. Sobre sua cama, havia um cartaz prateado que dizia “que tal? Feliz natal!”

— O que você acha? — perguntou Rad.

— Bem festivo! — respondi.

Meus olhos se ajustaram ao escuro, e vislumbrei uma pequena caixa embrulhada sob a árvore de natal.

— Achei que a gente não fosse trocar presentes.

— Não vamos. É pra mim também.

— Você embrulhou um presente pra si mesmo? — brinquei.

— Abra logo, Audrey — ele disse impaciente, entregando-o a mim. Peguei a caixa e rasguei o embrulho. Dentro havia uma caixa de chocolates e dois dvds: *Sangue de pantera* e sua continuação, *A maldição do sangue de pantera*.

— Pensei que podíamos passar o Natal na cama vendo esses em vez das merdas natalinas que passam na tv.

— Achei que a cama estivesse fora dos nossos limites.

Ele deu um passo na minha direção e colocou suas mãos ao redor de minha cintura.

— Bom, durante a Primeira Guerra Mundial, eles fizeram uma trégua no dia de Natal. Os alemães saíram das trincheiras e foram cumprimentar os Aliados. Eles até jogaram uma partida amistosa de futebol.

— Do que é que você está falando, Rad?

— Claramente, se eles conseguem estabelecer uma trégua no dia de Natal, então acho que nós conseguimos também.

Ele inclinou meu queixo com a curva do dedo e me beijou. De repente, eu estava com dificuldade para recuperar o fôlego. Minhas mãos agarraram a camiseta dele e ele se abaixou, puxando-a sobre seus ombros. Encostei o nariz no pescoço dele enquanto ele abria a parte de trás de meu vestido até ele cair no chão com um ruído suave. Ele ficou de joelhos e beijou minha barriga nua.

— Jesus, Audrey — disse ele, respirando profundamente. — Você é uma deusa.

— De onde saiu esse cartaz? — perguntei mais tarde. Estávamos estendidos na cama, minha perna descuidadamente sobre as dele.

— Aquela coisa velha está na minha família há gerações.

Eu ri.

— Você é um idiota.

Ele beijou o topo da minha cabeça.

— Quer pra você?

— Sim, mas não sei se você deveria estar me dando heranças de família ainda.

— Você está certa. Bisavó Clark estaria se revirando no túmulo neste momento.

Ficamos em silêncio por alguns momentos.

— Eu deveria voltar pro anticoncepcional — disse eu, desatenta.

— Não faça isso. Engravide.

— Cala a boca — eu me rachei numa risada.

— Falo sério — disse ele em tom de brincadeira. — Tenha meu bebê. — Ele se esticou e colocou a palma da mão reta em meu estômago.

— Para com isso — empurrei sua mão para longe.

Ele a alcançou outra vez e começou a me fazer cócegas.

— Rad, de verdade! Não! Rad! — Eu gritei entre surtos de risadas, tentando afastá-lo. — Para com isso! Rad! Para agora! Vou te matar, juro.

De alguma forma, consegui ficar em cima dele, prendendo seus braços na cama.

— Ataque nos mamilos! — declarei, atacando seu peito.

— Não ouse! — gritou ele, pegando meu pulso. Estávamos rindo tão alto que eu mal conseguia respirar. Nós brincamos de lutinha por um momento e, antes que eu notasse, ele tinha me prendido com força.

— Trégua? — disse ele, respirando forte.

— O.k., o.k., trégua.

Ele me soltou de seu aperto de ferro, e ficamos deitados ali em silêncio, encarando o teto. Ele se virou e pegou minha mão.

— Mas, de verdade, você nunca pensa a respeito?

— Do quê?

— Você sabe, crianças.

— Claro, mas tem tantas coisas quero fazer antes. Quero dizer, minha mãe me teve lá pelos vinte anos, e acho que parte dela sente como se tivesse perdido tanto por causa disso. Quando fala da vida dela antes de eu chegar, ela fica com esse olhar, como se quisesse voltar. Aposto que, se tivesse chance, ela voltaria num instante.

— Acho que com a minha mãe era o mesmo, no sentido de que ela queria fazer algo mais da vida. Alguma coisa que nem eu nem meu pai podíamos dar, uma espécie de realização, acho. Não que ela não tenha feito um ótimo trabalho comigo, dadas as circunstâncias. Mas acho que ela deve ter sentido como se tivesse entrado em algo que não conseguiu sair. Sempre tive a sensação de que ela se sentia presa em uma vida que nunca teria escolhido se soubesse como seria.

— É isso que quero dizer. Demora um tempo pra descobrir quem você é de verdade. Acho que é importante estabelecer essa parte da vida direito antes de qualquer coisa.

— Exatamente. Sei que é uma dessas coisas que faz as pessoas revirarem os olhos, mas acredito mesmo que você tem que descobrir quem você é antes de assumir esse tipo de responsabilidade. Sempre me pergunto como teria sido a vida da minha mãe se eu não tivesse nascido. Talvez ela tivesse feito aquela viagem de carro, e em alguma parte do caminho, tivesse percebido que não queria uma vida com cercadinho branco, ou que ela preferia mulheres ao invés de homens. Apesar de ter chegado lá no final, ela enfrentou um inferno pra conseguir.

— Isso é algo que vou fazer meu melhor pra evitar.

— Eu também, mas não é difícil imaginar como pode acontecer, em especial do jeito como me sinto em relação a você. Gosto da ideia de nós dois em uma casinha na praia, com uma ninhada nossa, talvez um *daschund* ou dois. Mas sei que não precisamos ter pressa.

Eu ri.

— Você sabe que prefiro gatos.

— Certo, quem sabe um *shiba inu*? Eles são cachorros bem felinos, parece.

— E um gato?

— Você pode ter quantos gatos quiser.

— Pode me dar isso por escrito?

Ele riu.

— Vou pedir para o meu advogado organizar a papelada.

Pousei minha cabeça em seu peito.

— Por que você é tão bom comigo?

— Porque você é a única garota neste mundo que pode me fazer feliz. Além de Lexy Robbins, é claro.

— Idiota.

Rad passou os dedos entre meus cabelos com gentileza.

— Eu faço você feliz?

— Sim.

— Bom, isso é tudo que eu quero.

Ergui meu queixo para beijá-lo. Eu nunca me cansaria de beijá-lo.

— Bom, você está se saindo excepcionalmente bem até agora — bocejei.

— Cansada? — perguntou Rad. Eu amava o peso do corpo dele contra o meu.

— Aham. Acho que estou pegando no sono.

— Audrey. — A voz dele era como uma canção de ninar, e eu conseguia sentir minhas pálpebras pesando.

— Humm — murmurei.

— Feliz Natal.

VINTE E TRÊS

O outono chegou de mansinho, enquanto as ruas cobertas de árvores de Surry Hills faziam sua transição lenta de verde para amarelo. Recebi, numa manhã, uma mensagem de texto de Eve, me avisando que Candela tinha acabado de sair da reabilitação.

Lucy e eu fomos à casa da mãe dela mais tarde naquele dia. Candela estava no jardim molhando o gramado quando chegamos. Ela vestia uma calça jeans e uma camisa do *Velvet Underground*.

— Você está incrível — falei, com sinceridade. Os últimos poucos meses tinham sido bons para ela. Ela tinha ganhado um pouco de peso de volta, e sua pele tinha se renovado de forma dramática. Ela estava parecendo sua versão antiga outra vez.

— Eles nos fizeram comer muitas frutas e vegetais. Todas as coisas chatas. A gente não podia fumar, então eu estava subindo pelas paredes. Mas valeu a pena. Eu não me sentia tão bem assim em muito tempo.

Fomos para o seu quarto, e ela colocou um disco na sua velha máquina de toca-discos. A melodia crepitante de *At Seventeen* preencheu o quarto.

— Seu quarto está exatamente do mesmo jeito que você o deixou — disse Lucy.

— Sim, é uma porra de um museu. Ainda assim, é legal estar de volta. Mas dou uma semana antes de minha mãe começar a me enlouquecer.

Lucy lançou um olhar para mim.

— Bom, você sabe aquele quarto que temos livre? É um pouco pequeno, mas tem uma cama debaixo de todas aquelas tralhas. É seu, se você quiser.

— Sim! — concordei. — Por que você não vem morar com a gente?

Candela olhou de mim para Lucy, um sorriso se estendendo devagar pelo seu rosto.

— Mesmo? Vocês não se importam?

— A gente adoraria ter você — disse Lucy. — De verdade.

— Minha mãe me arranjou um emprego, então vou poder ajudar a pagar comida e tudo o mais. — O rosto dela brilhava.

— Então está decidido, *roommate*! — disse eu.

Poucas semanas depois, fizemos um pequeno encontro em nossa casa para recepcionar Candela.

— A Candela parece ótima — Rad comentou, enquanto nos sentávamos no pátio com Freddy e Lucy.

— Não é mesmo? — disse Lucy. — Audrey e Candela são abençoadas geneticamente. Eu meio que fiquei sem sorte nesse critério, mas pelo menos tenho um ótimo sorriso.

— Amor, você é maravilhosa. — Freddy a beijou na bochecha com um estalo alto.

— Ah, obrigada, amor.

Candela andou até nós, cigarro em mãos.

— Olha só para o seu jardimzinho. — Ela pegou uma das gardênias e a colocou atrás da orelha. — Quem diria que você e a Lucy seriam donas de casa?

— Queria que elas fossem boas assim na cozinha — brincou Freddy enquanto Lucy lhe dava um tapa na mão.

Candela riu.

— Bom, é aí que eu entro, provavelmente.

As semanas seguintes passaram em uma névoa de alegria. Pela primeira vez na vida, tudo estava dando certo, e eu estava feliz como nunca estivera. Candela tinha trazido energia e uma nova faísca para a casa. Ela levava jeito para cozinhar, uma habilidade que faltava a mim e Lucy, e nossa cozinha negligenciada começou a cantarolar com o som de tampas de panelas batendo e o aroma delicioso de receitas recém-feitas.

Sam me promoveu a jornalista sênior, o que envolvia entrevistar autores famosos e um salário maior. Não havia nada que eu amasse mais do que tomar uma xícara de café com um escritor que tinha anos de experiência para compartilhar. Eu me dava bem com meus colegas de trabalho, em especial Trinh, que estava sempre me elogiando para Sam. Eu tinha uma sensação de que ela tivera algo a ver com minha promoção.

As coisas com Rad estavam melhores do que eu poderia ter imaginado. Havia um sentimento mágico de descoberta entre nós, como uma escavação arqueológica. Eu amava o descortinar e desfazer, como se estivéssemos descascando camadas de pele e músculo e tecido para espiar o próprio coração de nossos eus mais autênticos. A ligação que compartilhávamos era tão intrínseca, tão profundamente enraizada, que imaginei que ela sempre estivera lá, esperando que fizéssemos a conexão.

A única nuvem escura que manchava meu céu perfeito era a ideia de que, em algum momento, eu tinha que contar a Rad sobre Ana e minha mentira que, em última análise, fez com que ela tirasse a própria vida. Sempre que isso me ocorria, eu entrava em um estado de desânimo que às vezes levava dias para acabar. Durante uma das minhas sessões com Ida, quase revelei a mentira. A verdade, desesperada para ver a luz do dia, tinha subido do fundo do meu estômago para sentar no topo da minha língua, sendo engolida de volta para baixo.

Uma noite, Lucy e eu estávamos na cozinha quando Candela saiu de seu quarto com uma caixa horizontal e retangular em mãos.

— Olhem o que achei embaixo da cama.

— O que é isso? — perguntei.

Candela deslizou a tampa para abrir e revelar um tabuleiro de Ouija esculpido em madeira.

— Ah, merda — Lucy encolheu-se, horrorizada. — Odeio essas coisas.

— Ah, vamos lá, Lucy — Candela sorriu. — Eu já participei de algumas sessões espíritas. É divertido.

— Mas isso funciona mesmo? — perguntei.

— Bom — disse Candela —, uma vez, quando perguntamos se os espíritos tinham uma mensagem pra alguém no quarto, o indicador disparou sozinho e parou na letra P. Essa garota, Patrícia, ficou só encarando, branca como papel. — Candela pausou para dar um efeito dramático. — Então ela desmaiou.

De repente, houve uma batida alta na porta e todas nós gritamos em uníssono.

— Lucy, abre aqui! Esqueci minha chave de novo! — gritou Freddy.

— Jesus. — Lucy soltou o ar. — Esqueci que ele vinha hoje de noite.

Freddy inspecionou o tabuleiro de Ouija com grande interesse, passando as mãos pelas ranhuras e sulcos.

— Temos que experimentar isso.

Olhei para Lucy, que estava muito decidida a não jogar.

— Não sei se é uma boa ideia, gente. Audrey? — Ela olhou para mim à procura de apoio. Tive que admitir: eu estava um pouco curiosa.

— Por que não? O que pode acontecer de pior?

Demorou mais alguns minutos de persuasão para convencer Lucy. Então todos nós nos espalhamos pela casa, procurando velas.

— Onde devemos fazer? — perguntou Freddy.

— Mesinha de centro. — Tirei algumas revistas e uma caneca manchada de chá de cima. Candela colocou o tabuleiro na mesa e colocamos as velas em pratos de cerâmica, espalhando-os pelo chão da sala.

Quando as velas estavam acesas, corremos pela casa desligando as luzes, então voltamos para a sala de estar. O ambiente estava um pouco enervante, já que as sombras lançadas pelas luzes oscilantes das velas caíam sobre o tabuleiro de Ouija como uma cena saída direto de um filme de terror.

— Alguém mais está mudando de ideia? — perguntou Lucy.

— Ah, vamos lá, Lucy — disse Candela com alegria. — A gente teve tanto trabalho.

Nos organizamos em torno da mesinha de centro e cada um colocou um dedo no indicador móvel.

— Tem alguém aí? — O tom de Candela era sombrio. Prendemos a respiração por alguns segundos, então ele começou a se mexer. Ergui os olhos depressa.

— Alguém está mexendo?

— Não — todos ecoaram em uníssono. Observei hipnotizada enquanto o indicador soletrava a palavra “sim”, em resposta à pergunta de Candela.

— Quem é? — A voz de Candela estava um pouco trêmula.

— Ei, acho que a gente deveria parar, pessoal — disse Lucy com nervosismo.

— Shiu. — Freddy parecia transfixado.

O indicador se moveu outra vez e parou na letra *a*. Meu corpo endureceu, e um novo medo tomou conta de mim enquanto ele avançava deliberadamente devagar para a letra *n*. Então ele completou a viagem de volta para *a*. *ana*. A palavra explodiu na minha mente como uma granada de mão e me lançou rolando em um estado de pânico. Tirei meu dedo de imediato como se ele tivesse acabado de queimar. Então Freddy colapsou em ataques de riso.

— Seu imbecil! — gritou Lucy, levantando-se e acendendo as luzes. Eu me levantei rápido, batendo o joelho com força contra a parte de baixo da mesa, e corri direto para o meu quarto no andar de cima, batendo a porta ao fechá-la atrás de mim. Caí de joelhos, arfando por ar. *Estou morrendo*, pensei. Meus pulmões gritavam por oxigênio, e em meu estupor apavorado, eu não conseguia achar uma maneira de fazê-los funcionar. Candela entrou num estouro e se apressou em minha direção.

— Audrey! Ai, meu Deus. — Ela colocou uma mão em meu braço e virou a cabeça para trás e gritou: — Lucy, pega aquele saco de cogumelos na geladeira.

— O quê?

— Só pega o saco de cogumelos. — Quase um segundo depois, Lucy estava lá com o saco de papel. Candela largou os cogumelos no chão e colocou o saco sobre minha boca.

— Audrey! Respira... Respira... Respira...

— Ela está bem? Nunca vi ela tão mal. Precisamos chamar alguém?

— Ela vai ficar bem. — Candela passou a mão nas minhas costas, para cima e para baixo, me acalmando. Logo meu pulso estabilizou e minha respiração ficou menos desigual. Quando acabou, fiquei sentada, atordoada. Levantei os olhos para ver Freddy ali, parado perto da porta, me olhando com a boca escancarada.

VINTE E QUATRO

Era o aniversário de Lucy, e nós estávamos celebrando no Spag Bowl. Rad e eu tínhamos nos juntado a Lucy e Freddy, que estavam sentados na mesa favorita deles.

— Ei, aniversariante! — Eu me inclinei para beijar sua bochecha.

— Você conseguiu falar com a Candela?

Ela balançou a cabeça.

— Não, e eu liguei pra ela o dia todo. Ela não veio pra casa ontem à noite e não tem respondido minhas mensagens de texto. Espero que não tenha esquecido.

Tirei meu celular da bolsa e digitei o número de Candela. Depois de alguns segundos, foi para a caixa postal.

— Candela, onde você está? A gente está aqui no Spag Bowl pro jantar de aniversário da Lucy. Me liga de volta.

— O que devemos fazer? — disse Lucy, conferindo o relógio. — São quinze pras oito.

— A gente provavelmente deveria começar sem ela.

Quando Lucy e eu chegamos em casa, Candela estava sentada nos degraus do lado de fora da porta da frente, segurando a corda de um balão de hélio vermelho. Ela sorriu com timidez ao nos ver.

— Sou uma bosta de amiga. — Ela se levantou e deu um abraço em Lucy. — Feliz aniversário, amiga. Desculpa ter perdido.

— Onde você estava? — perguntei.

— Estava com um amigo e a gente perdeu a noção do tempo.

— Quem? — Vi Candela enrijecer em resposta à pergunta inocente de Lucy.

— O que você é agora, minha mãe? — Acho que as palavras saíram mais ásperas do que ela pretendia.

Lucy recuou.

— Candela, eu não estava sugerindo nada com isso.

— Desculpa — Candela suspirou. — Olha, só estou cansada. Não dormi a noite toda.

Ela entregou o balão vermelho a Lucy e, na troca atrapalhada, ele escorregou de suas mãos. Nós três ficamos paradas olhando-o subir lentamente pelo céu escuro e sem estrelas.

VINTE E CINCO

Durante as semanas seguintes, os desaparecimentos de Candela ficaram mais e mais frequentes. Nossa cozinha estava mais uma vez negligenciada, talheres e pratos sujos se empilhando na pia. Lucy estava reclamando da bagunça no quarto de Candela e do fato de que ela não tinha pagado a sua parte das contas fazia mais de um mês. Numa manhã, um número desconhecido surgiu na tela do meu telefone.

— Alô?

— Oi, é a Audrey? — Era uma voz feminina que eu não reconhecia.

— Sim, é ela. Quem é?

— Desculpa te incomodar. Sou a chefe da Candela. Ela não veio trabalhar nos últimos dias, e estou tentando contatá-la. Você sabe onde ela está?

— Não. Desculpa.

Ouvi Lucy subindo as escadas enquanto eu desligava.

— Audrey, você viu as pérolas da minha mãe? — perguntou ela.

— Não. Quando foi a última vez que você usou elas?

Ela inclinou a cabeça de lado do jeito que sempre fazia quando revirava os seus arquivos de memória, que eu imaginava em compartimentos elegantes e organizados, com etiquetas e separações por cor.

— A última vez que usei elas foi na noite do meu jantar de aniversário, no Spag Bowl. De qualquer forma, minha mãe quer elas de volta, e não consigo encontrar em lugar nenhum. — Ela mordiscou seu lábio inferior.

— Que estranho. — Era difícil de acreditar que ela conseguiria colocar algo importante como as pérolas de sua mãe no lugar

errado.

— Você não acha que... — Ela parou de falar e pareceu culpada de imediato.

— Candela? Nem pensar.

— Ela está tão atrasada com a parte dela das contas — disse Lucy, girando uma mecha de cabelo ao redor do dedo. — E ela não vem pra casa há dias.

— Acabei de receber uma ligação da chefe dela. Foi estranho. Ela disse que a Candela não tem ido trabalhar, e estava tentando contatar ela.

— Deus, eu me pergunto o que está havendo com ela.

— Talvez ela conheceu alguém?

— Não sei — disse Lucy encolhendo os ombros. — Você sabe como a Candela é. Ela odeia responder a qualquer um, então não quero pressionar.

— Nem eu.

Como se esperando sua deixa, ouvimos uma chave girar na porta e o baque pesado das botas de Candela no corredor. Lucy e eu saímos para encontrá-la e ela parou ao nos ver, um pouco surpresa.

— Oi, gente. O que está acontecendo?

— Onde você esteve? — perguntei. — Você não aparece há dias. Ela revirou os olhos.

— Então vocês vão me interrogar agora? — Ela passou por nós caminhando, entrou na cozinha e pegou uma Coca-Cola Zero da geladeira.

— Candela — falei com cuidado. — Não estamos tentando podar você. Só estamos preocupadas, só isso.

— Preocupada? Audrey, é você quem tem tido ataques de pânico. — Ela deve ter visto o quanto suas palavras haviam machucado, porque me lançou um olhar de desculpas. — Desculpa, isso foi cruel.

Ela olhou de mim para Lucy.

— Gente, estou bem. Andei ocupada no trabalho.

— Mesmo? Sua chefe acabou de ligar te procurando. Ela quer saber por que você não está mais aparecendo lá.

Candela me olhou, as sobrancelhas se erguendo em surpresa. Então ela olhou para longe, uma expressão de irritação

atravessando seu rosto.

— Bom, eu estava planejando me demitir, de qualquer forma. — Houve um momento esquisito enquanto ficamos paradas ali, sem saber o que dizer. Então Candela ergueu as mãos. — Tudo bem, me pegaram. Conheci alguém e só estamos nos divertindo e passando um tempo juntos, o.k.? Eu não faço caso quando vocês saem com seus namorados, então quem sabe vocês me dão um espaço. — Ela tomou um gole longo de Coca-Cola e foi para o quarto do seu jeito típico, fechando a porta com firmeza atrás de si.

Lucy e eu esperávamos que Candela só estivesse passando por uma fase que iria terminar. Afinal de contas, quando Rad e eu começamos a sair, eu desaparecia por dias seguidos. Mas, para nosso desespero, o comportamento dela ficou mais e mais errático conforme chegávamos à primavera. Além do colar de pérolas, notamos outras coisas sumindo. Uma nota de cinco dólares aqui, uma de vinte ali. Então, uma bolsa Burberry de Lucy e meu iPod. Coisas que você não percebe que sumiram até procurar por elas. Um dia, tudo chegou no limite quando Candela apareceu depois de estar fora por mais de uma semana.

— Só estou aqui pra pegar algumas coisas — disse ela com desdém, passando por Lucy e eu, sentadas no sofá jogando Mario Kart.

Eu me levantei, seguindo-a.

— Candela, espera.

Lucy subiu e, em alguns minutos, todas nós estávamos no quarto dela.

— Eu meio que estou com pressa — ela disse, enfiando algumas de suas roupas em uma pequena mochila de academia.

— Precisamos falar com você — insistiu Lucy.

— O que foi? — Candela olhou de Lucy para mim. Ela suspirou e colocou a bolsa na cama, estendendo os braços em um gesto de rendição. — Sou toda ouvidos.

— Nós notamos que algumas coisas andam sumindo pela casa — disse eu.

— E?

Dei um suspiro exasperado.

— Olha, Candela. Se você está com problemas de dinheiro, nós ajudamos sem problema...

— Vocês acham que eu estou roubando vocês? — Ela me interrompeu, colocando as mãos nos quadris e me fuzilando com os olhos.

— Você está? — perguntou Lucy.

— Ora, meninas. Sou eu.

— Você está usando de novo?

— Não! — disse Candela, levantando a voz. — Mas que merda, Audrey?

Eu me aproximei e peguei o braço dela.

— Que porra você está fazendo? — gritou ela, afastando-se. Eu peguei seu braço outra vez, erguendo suas mangas.

— Me deixa ver seus braços — demandei.

Ela me empurrou para trás, puxando as mangas para baixo de novo.

— Audrey — Seus olhos brilhavam de forma perigosa. — Estou te avisando! — Ela jogou algumas outras coisas na bolsa e saiu de forma tempestuosa, Lucy e eu atrás dela.

Quando chegamos do lado de fora, vimos um homem musculoso em uma moto, com tatuagens obscenas ao redor do seu enorme pescoço. Meu coração afundou.

— Meu Deus — falei em voz baixa —, ela voltou com o Dirk.

— Meu docinho! — chamou ele bruscamente. — Apressa essa bunda, amor.

Lucy alcançou e pegou o braço de Candela.

— Você não vai a lugar nenhum com ele.

Candela olhou para ela, olhos arregalados com descrença.

— Como é que é?

— Lucy está certa — disse eu, pegando seu outro braço. — Volta pra dentro, Candela.

— O que está rolando, docinho? — gritou Dirk de novo. Para nosso desespero, ele saiu da moto e andou até nós. — Ei, deixem ela ir — disse ele, olhando-nos de cima, como uma torre.

— Dá o fora — disse eu.

— O que você acabou de dizer? — disse ele, dando um passo ameaçador na minha direção.

Eu o fuzilei com os olhos.

— Mandeí você sair daqui, seu fodido. Cai fora.

— Você tem sorte que é uma garota. — Ele cruzou os braços e me fuzilou com os olhos de cima. — Não bato em mulher.

— Bom, Candela. — Meu tom vazava sarcasmo —, parece que você arranhou um cavalheiro de verdade aqui.

— Não fale com ela assim! — latiu Dirk para mim.

Eu me virei para ele.

— Ah, é? E em que merda você estava enfiado quando ela estava no hospital, lutando pela vida? *Onde você estava naquele momento?* — gritei.

Ele moveu o peso de um pé para o outro.

— Candela sabe por que eu não estava lá — replicou ele. — Não tenho que responder a você.

— Você vai foder com a vida dela de novo. — Lágrimas de raiva encheram meus olhos.

— Ah, cala a boca, Audrey — disse Candela. — De verdade, estou tão cansada dessa merda de vocês. Por que vocês duas só não me deixam em paz? — Ela ergueu a mochila que estava no chão, aos nossos pés. — Não preciso de porra nenhuma de vocês, tá bom? Vamos, Dirk. Vamos dar o fora dessa merda.

VINTE E SEIS

Dias depois da partida de Candela, me vi sentada na mesa da cozinha de Rad, encarando uma caixa de metal preta — a que eu tinha encontrado em minha primeira visita ao apartamento. Ele tinha saído, e eu queria organizar tudo antes de ir para uma entrevista com a autora Elsa Reed.

Esbarrei na caixa guardada no fundo do armário de seu quarto quando estava guardando roupas lavadas. Ela tinha me chamado, como a caixa de Pandora. Então, naquele momento, lá estava eu, sentada, encarando-a com um misto de curiosidade e pavor. A luz do sol que corria para dentro, por entre as lâminas da veneziana da janela, destacava um clipe de papel, já cúmplice no meu crime pendente. Seu brilho prateado atraiu meu olhar da mesma maneira que um corvo fica hipnotizado por uma tampa de garrafa descartada.

Por algum motivo, minha mente me levou até uma memória antiga de Candela. Era um desses dias quentes de verão que reluziam como um farol piscando em algum lugar nas câmaras escuras da minha mente, como uma foto tirada com uma câmera *pinhole*. Nós não devíamos ter mais que treze anos. Estávamos sentadas em assentos de plástico suspensos no ar por correntes de metal, chutando as pontas de nossos Converse All Stars azuis e brancos combinantes contra o asfalto, em um parque local onde costumávamos brincar.

Ainda me lembro daquele dia como uma cena de filme ou de álbum de fotos desgastado com cantos amassados e páginas marcadas com rabiscos de giz de cera. O cabelo longo e escuro de Candela sacudia para frente e para trás como um lençol de seda, seus belos olhos verdes emoldurados por cílios grossos e curvados.

Ela parecia mais um garoto, seus joelhos sempre arranhados e uma determinação cavalgar.

Sua cabeça estava virada de lado, e seu olhar estava fixo na gangorra na nossa frente. Alguém tinha deixado em um assento amarelo brilhante um rabió feito de tecido branco perolado com bolinhas vermelhas.

— Vamos brincar de confissões — disse ela.

— O que é uma confissão?

Ela descreveu detalhadamente o processo, até mesmo a estrutura telada que escondia o padre e o cheiro de verniz velho no confessionário. Ela me perguntou se eu tinha qualquer coisa para confessar. Pensei atentamente, por muito tempo, mas não conseguia me lembrar de nada impressionante. Quando chegou a vez de Candela, ela matraqueou uma lista longa de coisas. Dinheiro roubado da bolsa da mãe, cigarros no banheiro feminino durante acampamento, e até fazer 69 com o garoto que morava ao lado.

— Como é a sensação? — perguntei sobre o garoto, minha voz baixando a um sussurro. Ela encolheu os ombros, seus olhos ainda presos com firmeza no rabió vermelho e branco.

— Não tem sensação de nada. — Ela, então, começou a chorar enquanto eu assistia, me sentindo estranhamente afastada.

— Candela, não chore.

Ela se virou para olhar para mim, suas mãos pequenas limpando as lágrimas com fúria, como se estivesse tentando puni-las por traição.

— Audrey — disse ela, seus olhos translúcidos encarando no fundo dos meus. — Eu vou para o inferno.

Afastando a memória, peguei o clipe de papel. Com um pouco de persuasão, a fechadura prateada abriu. Fiquei sentada ali por mais alguns minutos, batendo os dedos no topo da mesa de vidro, meu coração agitado como um pássaro em pânico dentro do peito. Eu esperava encontrar uma série de cartas da coleção *Gang do Lixo*, como Rad tinha dito, mas a sensação de pavor em meu estômago me dizia outra coisa. Depois de respirar fundo, abri a tampa e, com cuidado, removi os conteúdos, colocando-os na mesa na minha frente. Soube de imediato que a caixa era uma cápsula do tempo de sua relação com Ana. Havia ingressos para shows, flores secas e

outras recordações, cada uma com seu próprio significado misterioso. Fotos de Ana e cartas para Rad escritas em sua caligrafia impossivelmente pequena. Fotos dos dois, sorrindo, a palma da mão dele pousada atrás de suas costas, suas cabeças viradas para encarar a câmera.

Eu me perguntei se ele ainda olhava as coisas dessa caixa. Ele ainda esquadrihava seus conteúdos nas noites regadas a uísque que passava sozinho aqui? Me perguntava se ela voltava à vida de novo através dessas fotos.

Peguei um pedaço de papel amassado, um recibo de uma loja de material de escritório, e o virei. No verso, havia um poema nos garranchos bagunçados de Rad.

*Seu nome era Afrodite
ela, minha sábia, minha aversão
à lâmina
Ela era a vida toda enforcada
em um gancho e para longe de mim
levou, o choque do dia
quando respiração expelida
do olhar terreno
e rumo ao paraíso
em mãos segurava
A verei quando
as harpas comandarem,
uma melodia, uma dança,
um livro, seus braços.*

Eu o li diversas vezes, encontrando um significado que não estava lá, ou não estava mais lá. Abrindo a mesma ferida, de novo e de novo.

Eu o coloquei de volta na mesa e balancei a cabeça. O que eu estava fazendo? Com lágrimas borrando minha visão, comecei a guardar os conteúdos da caixa. Quando peguei a ponta de um envelope creme entre meu dedão e indicador, uma foto Polaroid caiu e aterrissou, reta na mesa. Era Ana, sem sutiã e sentada de pernas cruzadas em um colchão descoberto, seus olhos encarando

a câmera de forma fixa. Virei a Polaroid e, mais uma vez, fui confrontada pelo choque rude dos garranchos de Rad.

Eu amo você, sinto muito.

Fui colocar a foto de volta no envelope quando notei que havia um pedaço de folha de caderno dentro. Estava dobrado muitas vezes, de novo e de novo, como uma carta que deveria ser inserida numa garrafa. Com mãos trêmulas, eu o tirei e abri devagar, meu coração martelando meu peito. Reconheci a caligrafia minúscula de Ana de imediato e, conforme lia, percebi que deveria ser uma página rasgada de seu diário.

Vou fazer isto desta vez. Meus pais estarão fora neste final de semana, e eu vou fechar a garagem com o motor do amado Thunderbird vermelho do meu pai ligado. Então vou pegar no sono com o doce perfume de monóxido de carbono e Sugar Baby Love tocando alto no rádio. Dezesete parece uma boa idade para deixar esta merda de mundo...

Ouvi passos no corredor do lado de fora, e meu coração pulou para a garganta. Rápido, dobrei a folha de diário e a enfiei no bolso de minha jaqueta Audrey. Então escavei todos os itens remanescentes na caixa e fechei a tampa. Levantei, a cadeira arrastando alto contra o piso da cozinha e corri até o armário de Rad para colocar a caixa de volta onde tinha encontrado. A chave virou na fechadura, e poucos segundos depois, ele entrou pela porta.

— Oi — disse ele, baixando as chaves na mesa da cozinha e olhando pelo apartamento. — Você arrumou tudo.

— Oi — falei, um pouco sem ar.

— Tudo bem?

Fiz que sim com a cabeça:

— Estou bem.

— Audrey? — Seus olhos analisaram meu rosto. — Você andou chorando?

Neguei com a cabeça.

— Não, só estava um pouco empoeirado por aqui, só isso. — Tentei formar um sorriso. — Alergia.

— Certo. — Ele parecia pouco convencido.

— Eu deveria ir andando. Tenho uma entrevista hoje de tarde. — Peguei minha pasta e passei a alça no ombro em diagonal.

— Ei. — Ele se aproximou e tocou meu braço enquanto eu passava por ele rumo à porta. — Audrey, isso é loucura. Você obviamente *não* está bem. Você pode, por favor, me dizer qual o problema?

Parei. Lágrimas encheram meus olhos. Queria nunca ter olhado dentro da caixa. Queria tanto poder fingir que ela não existia.

Rad colocou as duas mãos nos meus ombros e baixou os olhos para mim.

— Audrey, odeio ver você assim. Por favor, me diga o que está errado. Foi algo que eu fiz?

— Não, não é você.

— O que é, então?

— Eu só... — Minha voz se prendeu na garganta. Baixei os olhos para os pés. — Só preciso saber que você me quer — disse, por fim.

Ele olhou para mim, chocado por poucos momentos, antes de sua expressão suavizar.

— Eu quero você... É claro que quero você. — Ele me puxou para os seus braços. — Mais do que qualquer coisa. — Senti os lábios dele contra minha orelha. — *Quero tanto.*

Naquela tarde, me encontrei com a autora Elsa Reed, na fazenda estilo vila toscana perto de Bondi Beach, onde ela morava. Durante todo o tempo, eu não conseguia parar de pensar no conteúdo da caixa de metal preta. Nem mesmo a incrível vista do oceano do deque de Elsa ou o fato de que eu estava de fato falando com um de meus maiores ídolos conseguia evitar que minha mente rastejasse de volta para aquela manhã. A foto, o poema e a página do diário de Ana seguiam brotando em minha mente, um após o outro, como bagagens em uma esteira de chegada. Por sorte, Elsa não pareceu notar o quão distraída eu estava enquanto discutíamos seu processo de escrita.

— Eu acordo por volta das cinco da manhã — disse ela. — Não sei por quê. Não importa o quão tarde eu vá dormir. No dia seguinte,

cinco em ponto — ela estalou os dedos —, estou em pé e pronta pra trabalhar.

— Mas como você lida com todas as coisas do dia a dia?

— Bom, acho que ajuda eu não ter casado e tido filhos. Isso quer dizer que eu posso tirar uma soneca durante o dia, se eu quiser.

— Então você nunca quis filhos? Desculpa se essa pergunta for pessoal demais.

Ela sorriu para mim, seus olhos enrugando com gentileza nos cantos. Era um sorriso acolhedor.

— Eu não acho que me esforcei demais pra *não* ter filhos — ela respondeu, pensativa. — Acho que nunca fiz disso uma prioridade. Outras coisas pareciam muito mais importantes pra mim durante meus trinta e quarenta anos. Então, antes que eu notasse, eu estava com cinquenta e, naquela época, eu sabia que estava um pouco tarde. — Ela riu. — Não que eu ache que perdi alguma coisa. Passei muito da minha vida viajando e, como você sabe, escrevi diversos livros durante esse tempo. Não posso dizer que preferiria ter me acalmado como a maioria dos adultos responsáveis, porque você só tem uma vida, e não tenho como comparar. O que sei de fato é que gosto da minha vida, muito mesmo, e sou possessiva em relação à forma que vivo. Não consigo imaginar vivê-la de qualquer outro jeito.

— Eu cresci devorando seus livros — falei. — Espero que não soe egoísta, mas fico contente que você tenha tido todo esse tempo pra escrever. Sinto que seus livros são um presente pro mundo. E, além do mais, você encontrou o Santo Graal no fato de que seus livros tiveram boa recepção crítica, assim como sucesso comercial.

— Sim, tenho sido muito sortuda nesse sentido.

Ficamos quietas por alguns momentos, enquanto bebericávamos o chá verde que ela tinha preparado mais cedo.

— Tem algo que eu sempre quis te perguntar.

— Vá em frente.

— Existe um personagem recorrente em suas histórias. O homem com o broche de abelha. Você escreve sobre ele com tanta ternura, que não consigo evitar de imaginar se ele é baseado em alguém que você conhece.

Os olhos dela se acenderam.

— Ah, o homem com o broche de abelha. Sim, ele é baseado em alguém que conheço ou, melhor dizendo, alguém que *conheci*, muito tempo atrás. Imagino que você possa dizer que ele é minha musa.

— Posso perguntar o que houve?

— Você sabe o que é o retorno de Saturno?

— Não.

— É um ciclo astrológico que acontece a cada vinte e oito anos, quando Saturno retorna ao mesmo lugar no céu em que estava no dia em que você nasceu.

— E qual o significado disso?

— Sabe a frase de abertura de *Um conto de duas cidades*?

— “Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos...”

Ela concordou com a cabeça.

— Perto da época em que você faz vinte e sete anos, Saturno começa a fechar seu primeiro ciclo. Muitas pessoas acreditam que isso causa uma mudança tremenda em sua vida. Deve ser o período em que você entra para a vida adulta. E deve ser um momento tão mágico quanto desconfortável. Sua vida é atirada dentro do caos e da bagunça. Entenda isso como sua própria e minúscula revolução.

— Foi assim pra você?

Ela concordou com a cabeça.

— Foi neste ano que conheci o homem com o broche de abelha.

— E o que houve? — perguntei, fascinada.

Um sorriso misterioso brincou em seus lábios.

— Bom, não vou entrar em detalhes... Deixo meus livros falarem por si só nesse sentido. Mas posso te dizer que quando fiz vinte e sete anos, aprendi uma lição muito importante.

— Qual? — perguntei, inclinando-me para frente.

— Aprendi que a escrita é o prêmio de consolação que você recebe quando não consegue a coisa que mais quer.

Saí da casa de Elsa, minha cabeça girando. Decidi dar uma caminhada por Bondi Beach para processar tudo que havia acontecido naquele dia. *A escrita é o prêmio de consolação que você recebe quando não consegue a coisa que mais quer.* Eu não

conseguia evitar de ligar estas palavras a Rad e ao livro que ele havia escrito após a morte de Ana. Vendo aquela caixa e seus conteúdos, eu enfim entendia a profundidade de seus sentimentos por Ana, e era como se o tapete tivesse sido puxado de baixo dos meus pés.

Eu caminhava pela calçada movimentada, o oceano à minha frente brilhando como uma joia, quando de repente, parei. Eu me lembrei da página do diário de Ana. Deslizei a mão dentro do bolso da jaqueta Audrey, mas não havia nada ali. Franzi a testa. Eu tinha toda a certeza que tinha colocado ali. Conferi o outro bolso, mas também estava vazio. Em desespero, conferi todos os bolsos da minha calça jeans — não havia nada. Minha cabeça começou a girar. Minha garganta parecia estar se fechando. Baixei as mãos e comecei a torcer a tira elástica, tropeçando cegamente em um banco nas proximidades. Um garoto adolescente, em seu skate, parou do meu lado.

— Ei, você está bem?

Concordei com a cabeça.

— Asma — disse eu, esperando que ele me deixasse em paz.

— Precisa que eu chame uma ambulância ou algo assim?

— Não — consegui arfar —, vou ficar bem.

Colapsei no banco, meu peito subindo e descendo rápido. Estalei a tira elástica de novo e agarrei a lateral do banco, forçando-me a me concentrar na mão, reconhecer que estava ligada a algo sólido. Agarrei o banco como se fosse uma jangada em alto mar.

Uma eternidade passou até eu conseguir controlar minha respiração. Então foi como se a névoa limpas e, de forma gradual, me senti como se estivesse de volta ao mundo real, e fiquei ciente dos olhares estranhos que recebia dos transeuntes.

Remexi dentro da minha bolsa, minhas mãos ainda tremendo, e tirei cada mínima coisinha de dentro dali, esperando que enfim fosse encontrar a página do diário de Ana. Talvez eu pudesse colocá-la de volta na caixa antes que Rad notasse que tinha desaparecido. Mas procurei e procurei, e não estava em lugar algum.

Peguei o celular e liguei para Lucy.

— Oi, Audrey.

— Oi.

— Você está bem? — perguntou ela, apesar de provavelmente ter notado, pela minha voz, que eu não estava.

— Não sei. Estou em Bondi Beach. Pode vir me buscar?

— Claro, querida. Segura firme, estarei aí em vinte minutos.

Lucy me levou para casa e me aninhou em nosso sofá azul. Ela enrolou nossa coberta grande ao redor de mim e apertou meus ombros.

— O que houve hoje?

Contei a ela sobre minha manhã, sobre como tinha encontrado a cápsula do tempo que Rad guardava no apartamento.

— Ah, Audrey — disse ela com um suspiro. — Você não deveria ter olhado ali. Quero dizer, a maioria das pessoas guarda cartas de amor antigas, e não faz tanto tempo assim que a Ana morreu. Não acho que diminuiria de nenhuma forma o que ele sente por você.

— Eu sei. Acho que só pensava que o que a gente tinha era a coisa mais rara e incrível. Imagino que sempre imaginei que a relação dele com Ana era similar à que eu tinha com Duck. Mas agora, vendo o poema e a foto...— Não mencionei a página do diário.

— Eu sei. Deve ter sido um choque pra você.

Concordei com a cabeça.

— Eu mal penso no Duck. Ainda me importo com ele, mas nada romântico... Isso se dissolveu tão rápido. Mas acho que para o Rad é diferente. Apesar de nunca falar da Ana, sua escrita me diz que ela ainda está lá em seu coração. Ela está em cada maldita coisinha que ele escreve.

— Audrey, se você pudesse escolher, você preferiria ser sua musa ou estar em seus braços?

— Quero os dois. Sei que é a exceção, mais do que a regra, mas não consigo evitar o que quero.

— É claro que não, querida — disse ela, dando-me um sorriso empático.

— Você sabe sobre o gato de Schrödinger?

Lucy concordou com a cabeça.

— Sim. É a teoria do gato na caixa com a garrafa de veneno. A ideia é de que o gato na caixa está tanto vivo quanto morto: é só

quando você abre a caixa que descobre se é um ou o outro.

— Exatamente. Se eu nunca tivesse olhado naquela caixa, ela ainda seria uma pilha de cartinhas colecionáveis, ao menos pra mim. Mas acabei de abrir uma realidade nova, e quero voltar à antiga.

— Audrey — Lucy deixou sair um suspiro profundo —, esse jeito de pensar não é saudável. Todos esses e ses. Você pode fazer isso pra sempre.

— Eu sei. Só não consigo acreditar que ele mentiria sobre o que estava na caixa. Acho que me incomoda mais do que qualquer coisa. Que ele pode olhar nos meus olhos e me contar algo que é completamente contrário à verdade.

— Não acho que ele fez por maldade, Audrey. Você só o pegou desprevenido. Quero dizer, todos nós somos culpados disso em algum momento.

— Acho que você tem razão.

— Você nunca contou uma mentira e se arrependeu?

Do nada, um dedo frio como gelo tracejou uma linha pelas minhas costas. Estremeci e puxei o cobertor para mais perto de mim.

— Tipo, todo mundo tem uma dessas — continuou Lucy, distraída do efeito que suas palavras tiveram em mim. — Freddy ainda acha que sou loira natural.

— De verdade?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Ele não faz ideia.

— Ele não notou que o cabelo não combina com lá embaixo?

Ela olhou para mim e deu de ombros.

— Agora você sabe por que sou tão neurótica com marcar depilação.

Dei a ela um sorriso torto.

— Bom, seu segredo está seguro comigo.

Mais tarde, naquela noite, recebi uma mensagem de texto de Rad.

Quer dar uma volta de carro?

Claro

Tinha sido um dia longo, e eu queria apenas poder fechar os olhos e pegar no sono. Mas minha mente estava solta, e eu estava à beira de um ataque de pânico. Eu não sabia se ver Rad acalmaria ou pioraria minha ansiedade.

Ele estava do lado de fora da minha casa cerca de vinte minutos depois.

— Não fazemos isso há tempos — disse eu enquanto viramos a esquina.

— Não. — Rad se virou e sorriu para mim.

— É tão nostálgico.

Dirigimos sem destino por um tempo. A lua nadava pelo céu, pálida e fantasmagórica, mergulhando para dentro e para fora das nuvens como um jogo de fliperama retrô. Olhei para Rad e, como sempre, um sentimento de ternura tomou conta de mim. Sentar ali ao lado dele, no carro, era tudo que eu queria pelo resto da minha vida.

— Eu sei que você olhou dentro da caixa — ele disse subitamente. Meu corpo inteiro formigou com medo. Fiquei em silêncio. — Não tem problema — continuou ele. — Acho que de certa forma, eu queria que fizesse isso.

Ele deve ter notado que a página do diário de Ana tinha sumido.

Rad diminuiu a marcha e reduziu a velocidade, então virou no estacionamento vazio de um supermercado. Ele estacionou o carro e olhou para mim, seu rosto parcialmente coberto por uma sombra.

— Você leu alguma coisa?

— Só um poema — respondi com sinceridade. — E tinha uma página de diário, mas só li as primeiras linhas.

— Notei que tinha sumido da caixa. Você ainda está com ela?

Balancei a cabeça.

— Não sei por quê, mas enfiei no bolso da minha jaqueta e agora não consigo encontrar. Deve ter caído em algum lugar. Desculpa.

— Ah. Com sorte, vai aparecer.

— Por que você tinha uma página do diário da Ana?

— Peguei na noite do funeral. Sabia que ela guardava o diário debaixo de uma tábua solta no quarto. Não sei bem por que mexi

nisso. — Ele balançou a cabeça. — O luto faz você agir de formas estranhas.

— Você não tem que me explicar. Eu provavelmente teria feito a mesmíssima coisa.

— Não sei por que escolhi rasgar aquela página em particular. Acho que queria me punir de alguma forma pelo que houve com a Ana. Eu queria alguma coisa que me ferisse cada vez que lesse.

— Mas isso é maluco, Rad. Por que você faria isso com você mesmo? Já é ruim suficiente ter perdido ela.

Ele olhou para mim, e uma expressão estranha atravessou seu rosto.

— Audrey, nunca contei isso a ninguém antes. O que houve com a Ana foi minha culpa. Eu sou o motivo pelo qual ela fez isso.

— Por que você pensaria isso, Rad? Como poderia ser sua culpa?

Seus olhos, doloridos e assombrados, encararam os meus diretamente.

— Sabe aquele rumor que estava circulando, sobre a Ana transando com o pai dela?

Engoli em seco.

— Sei.

— Eu estava na casa dela logo antes de encontrarem ela na banheira. Fui lá confrontá-la a respeito do rumor. — Ele fechou os olhos, como se doesse lembrar. — Ela me disse que era mentira, que alguém tinha inventado tudo. Mas tive a sensação de que ela estava escondendo algo de mim. Eu disse a ela que achava que ela estava mentindo, e começamos a brigar... A pior briga que já tínhamos tido.

Eu me inclinei e peguei a mão dele. Estava fria e úmida.

— Eu deveria ter estado lá pra ela — continuou ele. — Independente de a fofoca ser verdade ou não. Ela tinha a cidade inteira contra ela. Ela só precisava de alguém do lado dela. Mas escolhi não ser essa pessoa. Poucas horas depois, o pai dela ligou e me contou que ela estava morta. — Ele balançou a cabeça e enterrou o rosto nas mãos.

— Rad. — Coloquei minha mão em seu ombro. — O que houve com a Ana não foi sua culpa.

Ele se virou para me encarar.

— O que você quer dizer? Acabei de contar que...

Inspirei fundo.

— Rad, Ana estava falando a verdade — disse eu com suavidade.

— O rumor... Era mentira.

Ele olhou para mim sem expressão:

— Mentira? Como você pode ter certeza?

Abri minha boca para falar e então fechei de novo. Meu coração batia tão rápido que parecia prestes a estourar para fora do peito. Engoli em seco e o encarei direto nos olhos.

— Porque fui eu quem o inventou.

Rad me encarou como se eu fosse uma aparição. Como se eu tivesse acabado de me materializar do nada, ocupando o assento do carona ao lado dele.

— Você o inventou? — perguntou ele confuso.

Concordei com a cabeça.

— Conte a história pra Lucy e Candela uma noite, e Eve nos ouviu por trás da porta. Ela contou pra mãe, e foi assim que o boato começou.

— Audrey, o que você está dizendo? — Ele ficou mais e mais aflito. — Por que você está dizendo essa merda? — Ele olhou ao redor do carro com selvageria.

— Porque é verdade — disse eu, minha voz quebrando com emoção. — E tenho que viver com essa culpa todo santo dia.

— Você está brincando com a minha cara, não está?

Balancei a cabeça e mordi o lábio inferior com força.

— Queria estar, mas estou te contando a verdade. Era mentira. Inventei tudo.

— Por que caralhos você inventaria algo assim? — disse ele, agarrando meus ombros e me chacoalhando. — Por que você faria essa merda?

— Eu não sei — falei, lágrimas enchendo meus olhos.

— *No que você estava pensando?* — Ele gritava agora, seus olhos brilhando de raiva.

— Eu não sei — repeti, minha voz pequena e instável. — As pessoas dizem coisas idiotas. Eu não fazia ideia de que acabaria como acabou, ou nunca teria dito nada.

— O que a Ana fez pra você?

— Nada! Ela não fez nada.

— Mas que *porra* é essa, Audrey? Você sabe o que fez? Você faz *alguma* ideia? — Suas mãos estavam segurando o volante com tanta força que as juntas de seus dedos estavam brancas.

— Sim, eu sei — disse eu, impotente. — É isso que me levou à terapia. É por isso que não consegui terminar minhas provas. Você não acha que eu retiraria o que disse se pudesse? Sei o que fiz, Rad! Acredita em mim... Eu sei.

— Você não sabe — sibilou ele. — Você não faz a menor ideia, porra. — Ele estava respirando com força.

Puxei a maçaneta do carro, e ela se abriu com um clique.

— Audrey, o que você está fazendo? — disse ele, agarrando meu braço. — Está tudo escuro.

— Tenho que sair daqui. — Tentei liberar meu braço com um puxão.

— Vamos lá, Audrey. — Ele não parecia mais tão bravo. — Não é seguro por aqui, pelo amor de Deus, porra. Não quero outra garota morta em minha consciência.

— Mas o que aconteceu com a Ana não foi sua culpa. Você sabe a verdade agora: foi minha.

Ele virou o rosto, para que eu não pudesse ler sua expressão.

— Só fecha a porta, Audrey. Vou levar você pra casa — disse ele em voz baixa.

VINTE E SETE

Várias semanas haviam passado sem uma palavra de Rad. Minha vida inteira tinha parado abruptamente. Eu nem mesmo conseguia contar a Lucy o que havia acontecido. Ela saltitava ao redor de mim com cuidado durante aqueles dias sombrios, preocupada com dizer ou fazer a coisa errada.

Mal saí da cama, ignorando meus prazos com a *See! Sydney* e as ligações desesperadas de Sam e Trinh. Lucy deve ter contado a elas o que havia acontecido porque, depois de um tempo, as ligações pararam. Eu sabia que estava prejudicando minha carreira, mas tudo em que conseguia pensar era Rad. Agora que ele tinha partido, nada parecia importar. Eu não parava de rever aquela noite no carro quando confessei a ele a respeito de Ana, e quis poder retirar tudo o que disse.

Os minutos, horas e dias passaram rastejando devagar, enquanto um sentimento nauseante crescia no fundo do meu estômago. Eu ainda conseguia executar as tarefas humanas básicas, mas me sentia sem alma. Todas as vezes que passava por algo que me lembrava de Rad, a dor nauseante se erguia de forma aguda e dolorosa, e o choque disso era quase demais para suportar.

Um dia, Lucy, cansada de pisar em ovos ao redor de mim, achou que já era o suficiente. Ela marchou para dentro do meu quarto naquela manhã e abriu as cortinas.

— Audrey, você está um lixo. Tome um banho, coma alguma coisa. Se não fizer isso, vou ligar pra sua mãe.

A luz do sol feriu meus olhos, e pensar em comida fez meu estômago se revirar. Mas a ameaça do envolvimento de minha mãe era muito pior, então me levantei e tropecei cegamente como um autômato para o chuveiro. A água causava uma sensação boa na

pele, e quando emergi, vinte minutos depois, eu até estava com um pouco de fome.

Lucy fez algumas torradas de queijo e as colocou na mesinha do pátio com duas xícaras de café. Eu me sentei, dando pequenas mordidas de início, e então devorando o resto.

— Realmente não sei o que está acontecendo com você e o Rad — disse ela, tomando um gole do café —, mas sei o quanto você sente falta dele. — Ela olhou para mim, baixando a xícara com um baque agudo. — Olha, sei que ele deve estar pensando em você também. Vejo como são um com o outro. Ele te ilumina. Nunca vi você tão feliz.

Eu pensava que tinha secado de tanto chorar, mas as lágrimas rolaram de meus olhos como se estivessem de guarda, prontas para me emboscar.

— Audrey, por que você não liga pra ele?

— Ele não quer saber de mim.

— Por quê? O que você fez que foi tão ruim?

Balancei a cabeça e olhei para ela, um desespero amargo correndo pelo meu corpo.

— Acabou, Lucy. Não quero mais falar disso.

Dei um pulo no escritório depois, naquela tarde. Sair de casa tinha tomado toda minha força física e de vontade. Ao me ver entrar no seu escritório, a expressão de Sam era uma mistura conflituosa de reprimenda e preocupação.

— Como você está? — A preocupação parecia ter vencido, conforme seus olhos analisavam meu rosto.

— Desculpa por ter sido tão merda. Só estou passando por umas coisas.

— Não tem problema. — Ela gesticulou para a cadeira do outro lado de sua mesa. Eu sentei, as palmas das mãos nos joelhos. — A Trinh esteve cobrindo pra você nessas últimas semanas, e uma garota nova chegou também. Ela não tem seu faro, mas, ei, é pra isso que temos editores.

— Sinto muito por deixar você e a Trinh tão atoladas.

Sam suspirou.

— Isso tem a ver com o Rad?

— Sim, nós terminamos.

— Sinto muito em ouvir isso, querida, ele era um amor também.

— Ela balançou a cabeça com pesar. — Que pena.

— Sam, tenho que ir embora.

— Embora? — Um olhar atravessou seus olhos. — O que quer dizer?

— Eu não sei — disse eu, ainda pouco certa de aonde estava indo com aquela conversa. Era algo que não tinha percebido até aquele momento. — Preciso ir embora daqui.

— Você está me dizendo que quer se demitir? Audrey, pense nisso com cuidado. Você tem algo incrível aqui.

— Eu sei. Tenho sido tão feliz aqui...

— E eu tenho sido muito feliz com você — ela cortou rápido. — Todo mundo no escritório adora você.

— Vocês todos têm sido tão bons comigo, e valorizo isso, de verdade. Mas preciso ir embora, mesmo que seja só um pouco.

— Quanto tempo?

— Não sei.

— Você cresceu tanto desde que entrou aqui, e agora você é uma das minhas melhores autoras. Mas você sabe que não posso deixar seu emprego na espera.

— Eu entendo isso — falei, entorpecida. — Sinto muito, Sam. Tenho que ir a algum lugar e clarear minha cabeça. Não posso ficar aqui mais nem um segundo.

Ela olhou para mim por um período longíssimo de tempo.

— Aonde você planeja ir? — perguntou ela finalmente.

— Tenho que ir ao Colorado. — As palavras surgiram como uma surpresa, mas assim que saíram da minha boca, senti que era a coisa certa. De imediato, minha mente conjurou uma visão de uma vida nova em uma cidade pequena onde ninguém sabia quem eu era. — Tenho algumas economias sobrando. Vou só tirar um tempo. Talvez escrever um livro.

Sam apoiou as costas na cadeira e suspirou.

— Você vai me mandar um cartão postal, não vai? Quando chegar lá?

— Vou — prometi.

Eu me levantei, e ela me acompanhou pelo escritório até a saída.

— Vou sentir falta de ver seu rostinho bonito por aqui — disse ela, dando-me um abraço. — Trinh vai ficar desapontada. Ela tinha muito carinho por você.

— Ela vem ao escritório hoje?

Sam balançou a cabeça.

— Ela vem amanhã. Vou passar as notícias pra ela, então.

— Obrigada, Sam. — Dei a ela um sorriso grato.

Ela acenou com a cabeça.

— Se cuide.

Lucy começou a fazer rebuliço ao redor de mim como uma mãe quando contei meus planos a ela.

— Colorado? Por que Colorado?

— Eu não sei, de verdade — falei, dobrando outra camiseta e a colocando de forma organizada em minha mala.

— Colorado tem alguma coisa a ver com o Rad?

— Não, isso é o que preciso fazer... Por mim.

— Mas Colorado... Esse é o nome do Rad. Pensei que você estivesse tentando superar ele. Quer dizer, por que não... Sei lá... — Ela ergueu os braços — Dinamarca? Por que Colorado?

— Porque... — comecei, então suspirei. — Olha, não consigo explicar. Sei que parece maluco, mas só tenho essa sensação de que preciso estar lá.

— Certo — disse ela, parecendo aturdida. — E você tem que ir de imediato? Qual a pressa?

Peguei minha jaqueta Audrey do cabide e a coloquei na cama.

— Vou deixar você com algum dinheiro pras contas e tudo o mais.

— Não se preocupe com isso. Minha mãe e meu pai me ajudam.

Sorri para ela com gratidão.

— Valeu, isso seria de uma ajuda imensa.

— Você já contou aos seus pais?

— Sim, eles estão bem com isso.

— Até sua mãe?

— Até minha mãe.

Meu relacionamento com minha mãe tinha chegado ao fundo do poço depois do esquema que ela tinha montado no almoço de Natal,

então ela andava no seu melhor comportamento desde então. Ela até me emprestou uma quantia generosa para a minha viagem.

— Audrey — Lucy estava subitamente chorosa —, o que vou fazer sem você?

Quando contei a Ida, ela ergueu as sobrancelhas e apagou o cigarro no cinzeiro vermelho em forma de coração, um acessório permanente em sua mesa. Ela se inclinou para frente e parecia como se estivesse prestes a dizer algo, mas eu a cortei rápido.

— Sei o que vai dizer. A coisa do Colorado é só algum tipo de mecanismo de defesa que meu cérebro podre de ansioso desenvolveu. Que de alguma forma ir pra lá vai me aproximar de Rad. Mesmo que não faça nenhum sentido lógico.

— Eu não ia dizer isso de forma alguma. Às vezes olhamos essas coisas de forma profunda demais.

— Talvez o nome seja só uma coincidência.

Ela sorriu para mim.

— Ou o destino.

— Às vezes parece que estou seguindo uma trilha de migalhas de pão.

— Como em *João e Maria*?

Fiz que sim com a cabeça.

— Você é fã de *Doctor Who*?

— Eu não diria fã, exatamente...

— Você entende a ideia geral?

— Sim, ele é um viajante no tempo que pilota uma nave chamada tardis. Em geral, um terráqueo o acompanha em suas aventuras.

— Basicamente. Há um episódio chamado *Bad Wolf*, em que a acompanhante do Doutor Who, Rose, olha dentro do coração da tardis e se transforma nessa entidade com o poder de influenciar o tempo e o espaço. Armada com esse poder, ela espalha as palavras “*bad wolf*”, lobo mau, através das eras e em diversos mundos diferentes. As palavras eram como um código que as versões antigas dela poderiam reconhecer e seguir, de forma a salvar o mundo... Bom, o universo. Acho que todas as vezes que ela via as palavras “lobo mau”, se fosse algum tipo de pichação ou o nome de uma corporação má, era como uma migalha de pão levando ela a

uma conclusão predeterminada. É isso que parece pra mim. Como se estivesse sendo guiada a algum lugar, e há um motivo pra isso, só que não vou saber o que é até chegar lá.

— Então é isso que você quer dizer sobre seguir migalhas de pão.

— Ela acendeu outro cigarro. — Parece muito bem pensado.

— É só uma ideia. — Encolhi os ombros.

Ela ficou em silêncio enquanto parecia estar pensando em alguma coisa.

— Sei que parece que você está nesse círculo infinito, um passo pra frente, dois pra trás. Mas acho mesmo que você está indo a passos largos, mesmo que não esteja ciente disso. É muito importante que você saiba: você chegou muito longe.

— Mesmo?

Ela deu outra tragada.

— Sim. O fato de você estar indo nesta viagem é um progresso notável.

— Ainda acho isso apavorante. — Minha mão passou por cima da minha tira elástica. — Estou me fazendo de corajosa, mas *estou* apavorada. Agora mesmo não parece real. Mas há momentos em que a ficha cai, de que vou, de que realmente vou fazer isso e... — Dei um sorriso de esguelha. — Bom, você sabe.

— É absolutamente normal se sentir assim, Audrey. Acredito mesmo que isso será bom pra você, e se você algum dia precisar de mim, pode me encontrar no Skype. Mas meio que tenho a sensação de que não vou ouvir de você de novo.

Respirei fundo.

— É meio maluco, não é?

— Todo nós precisamos seguir nossa intuição, mesmo que ela nos leve pelo caminho errado. De outra forma, você sempre estará duvidando de si.

— Eu sei. Esse sempre foi meu sonho: viver em uma cidade montanhosa e silenciosa e escrever um livro. É meu sonho desde que consigo me lembrar.

— Então que sorte você tem que as circunstâncias permitiram que você seguisse isso.

— Sim, eu só queria... — Balancei a cabeça. — Não, deixa pra lá.

— Que o Rad pudesse ir com você?

Fiz que sim com a cabeça, lágrimas mais uma vez surgindo em meus olhos.

— Não consigo acreditar no quão difícil é. A dor é *indescritível*. É como se tivesse me transformado em arenito e meu interior estivesse sendo esvaziado devagar com cinzel e marreta.

— O primeiro amor — disse Ida com um suspiro. — Esse é o que mata você.

— Mas o Rad não foi meu primeiro amor... o Duck foi.

— Bom, aí que está. Seu primeiro amor não é a primeira pessoa a quem você dá o coração: é a primeira pessoa que o quebra.

No dia anterior ao meu voo, houve uma batida na porta. Lucy tinha saído, então fui para a janela da frente para ver quem era. Meu coração bateu com selvageria quando vi que era Rad.

— Ei — disse ele quando abri a porta. — Posso entrar?

— Claro. — Os últimos dias tinham sido bons para mim. Eu me sentia no controle outra vez, como se estivesse progredindo. Mas agora, vendo seu rosto, estando próxima dele, eu estava pronta para desmoronar. — Quer um café? — perguntei, enquanto ele me seguia pelo hall de entrada. Forcei minha voz para não me trair.

— Você vai a algum lugar? — disse Rad, vendo a mala, ao lado da porta.

Eu me virei para encará-lo.

— O que você está fazendo aqui, Rad?

Ele suspirou.

— Podemos sentar?

— O.k.

Nós nos sentamos no sofá azul, um de frente para o outro.

— Tem sido umas semanas de merda — disse ele. — Tenho certeza que pra você também.

Fiz que sim com a cabeça, engolindo em seco.

— Desculpa por perder o controle naquela noite. É só uma coisa muito difícil de entrar na cabeça, sabe?

— Sim — respondi em voz baixa.

— Mas estou contente que me contou. Quero dizer, sempre senti que havia algo que você estava guardando. — Ele passou os dedos pelo cabelo e olhou pelo cômodo como se estivesse tentando

procurar pelas palavras que queria dizer a seguir. Então ele se virou para me encarar. — Acontece que sei que você não é uma pessoa ruim, Audrey. Você só fez uma coisa idiota, e sei que você voltaria atrás se pudesse. Sei o quanto sente, tudo faz sentido pra mim agora. Eu estava bravo quando me contou, e tentei me agarrar àquela raiva, porque parecia a coisa certa a fazer pela Ana. Mas eu não podia continuar bravo com você, apesar de querer. — Ele se inclinou, pegando minha mão na dele. — Então eu me vi apenas pensando em você, não no que você disse naquela noite. Só em você. E eu não conseguia aguentar a ideia de nunca te ver de novo.

Lágrimas inundaram meus olhos e desceram em correntes líquidas pelo meu rosto. Rad ergueu a mão, limpando-as de leve com o dedão. Olhei para longe, tentando me acalmar.

— Estou apaixonado por você, Audrey. Amo tanto você que não consigo ver direito, e a verdade é que eu nem quero.

— Rad — disse eu, minha voz toda engasgada. — Não, não podemos fazer isso.

— Sim, podemos. Podemos começar tudo de novo do começo. Uma folha em branco. — Ele me olhou de forma esperançosa. — Por favor?

Balancei a cabeça, puxando minha mão da dele.

— Não, não parece uma página em branco, não pra mim. Ainda não.

— Audrey, você não pode estar falando sério. — O rosto dele desmoronou.

— Só estou tentando ser realista — falei, baixando os olhos para minhas mãos.

— Foda-se ser realista. Coisas ótimas no mundo se perdem por conta de lógica.

Mordi meu lábio e balancei a cabeça, tentando reunir o máximo de coragem que podia. Pensei no que minha mãe tinha dito no dia em que me mostrou aquela foto antiga de meu pai. *Isso é o que garotos podem fazer, Audrey, esse é o poder que eles podem exercer sobre você. É como estar sob um feitiço.* Em algum momento durante minha dor, minha dor intolerável, outra coisa estava crescendo dentro de mim, e ficava mais forte e mais insistente a cada dia. Eu tinha a sensação de que estava voltando

para mim mesma: que era eu quem estava no controle outra vez. A ansiedade tinha tirado isso de mim e, de certa forma, o amor também. E, agora, eu queria reivindicar isso da única maneira que sabia. Por mais que doesse, eu sabia que esta era minha última chance de ser livre, de aprender a aguentar sozinha.

— Por favor — disse Rad.

— Não posso.

— Por quê?

— Porque não sei quem eu sou, e preciso descobrir. Tenho que fazer isso sozinha.

— O que quer que esteja passando, podemos trabalhar nisso juntos, ajudar um ao outro. — Ele segurou meu rosto com gentileza entre suas mãos. — Por favor, Audrey — implorou. — Nós não podemos só jogar isso fora. É importante demais.

Olhei para ele, seus olhos vítreos e úmidos com lágrimas, e eu soube: eu soube que estava só a um fio de cabelo de quebrar, de tomá-lo em meus braços e dizer a ele que ele poderia ter qualquer coisa que quisesse.

— Sinto muito, Rad — sussurrei. — Amo você, mas não posso.

Na manhã do meu voo, Lucy entrou em meu quarto com uma bandeja de café da manhã com ovos mexidos em uma torrada e pedacinhos de bacon tostado.

— Ta-dã! — anunciou ela com orgulho.

— Obrigada, Lucy. — Peguei a bandeja dela.

— Então, você está com tudo pronto?

— Tudo pronto.

Poucas horas depois, eu estava colocando meu celular e passaporte na bolsa de couro.

— Terminou as malas? — perguntou Lucy.

— Sim, estou com elas prontas desde a semana passada.

— Tem certeza que não quer que eu te leve ao aeroporto?

— Não, quero fazer isso sozinha.

Seus olhos marejaram, e eu estendi meus braços para abraçá-la.

— Amo você, amiga — disse ela. — Vou sentir sua falta.

— Eu também. — Eu a apertei forte. — Ligo pra você assim que aterrissar.

Uma buzina soou do lado de fora, e me afastei de Lucy, segurando suas duas mãos.

— Meu táxi está aqui. Você vai ficar bem, não vai?

— É claro. Você sabe que o Freddy praticamente mora aqui, de qualquer forma. Talvez eu convença ele a se mudar oficialmente.

— Boa sorte arrastando ele pra longe da mamãe — falei com um sorriso. Freddy era uma criança no fundo, e eu não conseguia imaginá-lo saindo do ninho ainda.

Ela revirou os olhos.

— Aquela mulher me enlouquece!

— Mas ela te ama. Toda a família dele adora você.

— Mas dá pra culpar eles? — Ela sorriu largamente, então sua expressão entristeceu. — Não consigo acreditar que você está indo mesmo.

Dei outro abraço rápido nela.

— Estarei de volta num piscar de olhos.

Enquanto o carro saía de minha rua, passei os dedos no elástico em torno do meu pulso esquerdo com nervosismo. Olhei para fora da janela com ansiedade, enquanto as luzes da cidade passavam em clarões. Cada visão, cada som, parecia tanto com Rad. Pensei naquele lindo dia de primavera quando ele apareceu em meu escritório no Cadillac cor-de-rosa. Naquela noite quando nos beijamos pela primeira vez sob as estrelas. Meu telefone tocou do nada, acordando-me do meu sonho num susto. Atendi, meu coração martelando alto no peito.

— Audrey. — Era Sam.

— Oi.

— Você já foi?

— Estou a caminho do aeroporto.

— Você tem um minutinho pra passar aqui? Tem um pacote que acabou de chegar pra você.

Olhei o horário. Estava saindo cedo.

— Sim, posso fazer uma parada rápida.

Sam estava esperando por mim no térreo com um envelope marrom em mãos.

— Um mensageiro trouxe isso pra você logo depois do almoço — disse ela conforme eu saía do táxi. Eu peguei o pacote de sua mão estendida e o olhei com curiosidade. Meu coração deu um salto quando reconheci a caligrafia de Rad na frente.

PARA AUDREY

Eu o enfiei em minha bolsa e fechei o zíper.

— Obrigada, Sam.

Ela me deu um sorriso acolhedor.

— Se cuide. — Ela me deu um abraço rápido e espiou o relógio.

— Eu deveria ir. Estou atrasada pra minha reunião das onze. Não suma, o.k.?

Sam se apressou, lançando um beijo no ar para mim. Fiquei parada ali por alguns momentos, absorvendo os edifícios que conhecia como a palma da mão. Percebi o quão feliz tinha sido ali e, com um pequeno aperto de arrependimento, me perguntei se estava fazendo a decisão certa. À distância, eu conseguia ouvir o som familiar de rock vindo da igreja *Starway to Heaven* a alguns edifícios de distância. A música parou, e uma pequena multidão de pessoas saiu pelas portas grandes e pesadas e desceu pela rua.

— Audrey?

Para minha surpresa, me virei e vi Duck parado ali.

— Oi! — disse ele, com um sorriso.

— Duck, você está ótimo! — Lembrei de como ele estava no almoço de Natal, quieto e afastado. Agora ele parecia com seu velho eu de sempre.

— Eu me sinto ótimo — disse ele, sua cabeça indicando a igreja.

— Acho que encontrei o que estava procurando.

Uma morena bonita caminhou até nós e enlaçou seu braço no de Duck.

— Audrey, essa é minha namorada, Angela.

Ela sorriu com brilho para mim.

— Oi, Audrey. Prazer em conhecer você.

— Prazer em conhecer você também — disse eu.

Duck estava radiante.

— Eu te disse, não disse? Tudo acontece por um motivo.

As palavras de Duck ecoaram em meus ouvidos no táxi para o aeroporto. Eu me sentia como um pássaro, uma nova muda de penas e pronta para sair voando.

Tudo acontece por um motivo.

Enfiei a mão na minha bolsa e tirei o envelope marrom, passando os dedos pela tinta onde Rad tinha arrastado a caneta no formato do meu nome. O que quer que acontecesse em seguida, eu sabia que nunca se compararia ao que tinha sido. Eu teria de viver minha vida inteira sabendo que nunca encontraria alguém como ele, mas eu já sabia que não conseguiria. Respirando fundo, rasguei o envelope e peguei o conteúdo, meu estômago revirado em nós tensos. Era uma cópia de *Inside UFO 54-40*. Passei pelas páginas até encontrar a caligrafia de Rad, rabiscada em uma página onde *Ultima* brilhava como uma linda miragem, um sonho impossível.

Nós nunca chegamos lá, não é?

PARTE DOIS

Redemoinhos

Pensei em você e em como ama esta beleza,
E subindo sozinha a pé a longa praia
Ouvi as ondas quebrando em trovões comedidos
Como eu e você uma vez ouvimos seu tom único.

Ao meu redor havia as dunas ecoantes, além de mim
A prata fria e cintilante do mar.
Nós dois passaremos pela extensão da morte e das eras
Antes de ouvir este som comigo outra vez

— *Whirlpools*, de **Sara Teasdale**,
no livro *Sea Sand*. Tradução livre.



O restaurante Rosie's Diner ficava no final de uma pequena trilha em uma rua montanhosa, subindo a avenida principal de Delta. Pelas últimas poucas semanas, meu ritual tinha sido me arrastar pelo mesmo caminho, fizesse chuva, sol ou (como me acostumei) neve. Eu fazia esse caminho em muitos dias frios e sombrios, como uma mariposa atraída pela chama, entrando no calor dessas quatro paredes.

Cheguei ao Colorado no começo do inverno sem um plano ou destino em mente. Depois de um período curto e sem intercorrências em Denver, voei para Montrose antes de embarcar no primeiro ônibus que me agradasse. Ele me levou para Delta, onde passei as últimas poucas semanas em um motel desmazelado com um radiador defeituoso, procurando nos classificados locais por um lugar para ficar. Caminhei muito durante estes primeiros dias: por todos os lados da parte principal da cidade, passando por lojas pitorescas com toldos de luzes brilhantes e murais festivos pintados nas laterais de edifícios. Fiz trilhas e atravessei parques e rios sem nenhuma direção em mente. Eu voltava ao final de cada dia e voltava para o meu quarto como um fantasma, perguntando-me o que eu estava fazendo ali totalmente sozinha. Durante essas noites frias e insones, eu me sentia desolada e insegura, desencorajada e com saudades de casa.

O momento da virada veio quando entrei, por acidente, no Rosie's Diner, em que a própria Rosie trabalhava, uma mulher de meia-idade animada com mechas cinzentas trançadas entre suas madeixas escuras e resistentes. Em minha primeira visita, provei uma fatia da torta de groselha, e ela me aqueceu de uma maneira

que nada mais tinha feito há muito tempo. Depois disso, retomei dia após dia, e desenvolvemos uma amizade.

— Bom dia, querida — disse Rosie enquanto eu empurrava a pesada porta de vidro.

— Bom dia, Rosie — respondi, sentando no meu banco de sempre. Ela se aproximou com uma fatia de torta de limão e um bule de café.

— Você ainda está procurando por um lugar para ficar, não está?

— Sim, não estou com muita sorte. Não encontro nada na minha média de preço e estou queimando minhas economias mais rápido do que imaginei.

— Bom, tenho ótimas notícias pra você.

— Ah, é? — Abri minha pasta marrom e tirei o laptop.

— Alguns amigos meus, Graham e Dale, vão viajar durante o inverno. Eles estão procurando por alguém pra cuidar da casa, e eu disse a eles que você seria perfeita. Eles vivem bem na fronteira da cidade, então vai ser fácil pra você se locomover.

— Parece ótimo — disse eu, uma faísca de esperança acendendo no peito.

— Não tem muito o que fazer no jardim nessa época do ano, mas eles têm uma Yorkshire pequeninha que precisa de cuidado.

— Ah, eu amo yorkies. São adoráveis.

— O que vai fazer mais tarde hoje, lá pelas três?

— Nada.

— Ótimo! Por que você não me encontra aqui para eu te dar uma carona até lá?

— Certo. Valeu, Rosie.

— Ainda trabalhando até a exaustão em seu livro? — perguntou. Ela colocou a fatia de torta na mesa e serviu café em minha xícara. Pus minhas mãos enluvadas ao redor da xícara, observando a fumaça subir em finas espirais brancas.

— Sim, acho que vai ser uma coleção de contos.

— Bom, vou deixar você em paz, então. — Ela me lançou um sorriso acolhedor. — Ah, aliás. Li aquele livro que me deu, *Um floco de neve na relva nevada*.

Minha respiração prendeu na garganta.

— O que achou?

— É lindo. Li tudo de uma vez só. Aquele garoto com certeza é talentoso.

— Achei que fosse gostar. — Eu não conseguia evitar um rubor de orgulho.

Ela me lançou um olhar cauteloso.

— Você chegou a falar com ele?

— Não.

— Mas ainda sente sua falta. — Concordei, e ela me deu um sorriso empático. — Sabe, sentir falta de alguém pode ser a melhor coisa pra um escritor às vezes.

Mais tarde, encontrei Rosie do lado de fora do restaurante e caminhamos até sua picape antiga. Depois de uma viagem curta, chegamos à casa, e Rosie estacionou na entrada. Era um chalé charmoso feito inteiramente de madeira, e me lembrava uma casa de pão de ló, em especial pelo antigo telhado inclinado que estava inteiramente coberto de neve.

— É bonito — disse eu.

— O lago fica a cerca de cinco minutos a pé daqui. Estará congelado por completo em um mês ou dois. Os locais até patinam nas margens externas.

— Patinação não é muito a minha praia, mas a vista deve ser incrível.

Caminhamos pela entrada e batemos na porta feita de painéis de madeira.

Momentos depois, ela abriu num movimento só, e fomos cumprimentadas por um homem corpulento de barba espessa vestindo uma camisa xadrez vermelha e branca.

— Rosie! — urrou ele, puxando-a para um abraço de urso. Ele virou a cabeça para trás. — Dale, elas chegaram!

— Essa é a garota que falei pra você — disse Rosie quando ele a soltou.

Ouvi passos descendo o corredor e outro homem apareceu na porta. Ele tinha o cabelo cortado rente, e seu rosto sem barba estava emoldurado por um par de óculos sem aro.

— Audrey, este é Graham, e este — ela apontou para o homem de óculos — é seu parceiro, Dale.

— Oi — disse eu.

— Ela é maravilhosa — disse Dale, plantando um beijo em minha bochecha.

— Obrigada — eu ri.

Uma pequena Yorkshire Terrier enfiou a cabeça por trás dos tornozelos dele. Ele a pegou no colo.

— E essa coisinha aqui é a Apple.

— Oi, Apple. — Estendi a mão e acariciei sua cabeça. Ela inclinou a cabeça para trás e lambeu meus dedos.

— Entrem, entrem — disse Graham, e nós o seguimos para dentro.

— Nossa, é lindo — falei, admirando as vigas de madeira e sua antiga formação triangular. Janelas expansivas abriam para uma vista esplêndida de montanhas cobertas de neve e árvores de abeto cobertas com branco. O lugar estava imaculado e era decorado lindamente com antiguidades, tapetes persas e lâmpadas charmosas. Era repleto de tons quentes de vermelho, rosa e marrons terrosos. Um grande sofá cor de creme ficava em torno de um fogo ribombante no centro do cômodo. Meu coração deu um pequeno palpar de esperança. Se desse certo, as noites frias e úmidas no motel acabariam.

Graham caminhou até o bar e voltou com dois drinques em mãos.

— Esses são os nossos famosos Flamingos Cor-de-Rosa — disse ele, entregando um para mim e outro para Rosie.

— Ah, eles são legendários — disse ela, tomando um gole por um canudinho verde neon.

Tomei um gole do meu. Tinha um gosto de algodão doce com toranja e Cointreau.

— Humm — exclamei enquanto Dale piscava para mim.

Nós nos ajeitamos no sofá, e Apple se ajeitou em meu colo.

— Ela gosta de você — disse Graham. — Isso é um bom sinal.

Sorri.

— Eu também gosto dela.

— Então, Audrey, imagino que Rosie contou a você que estamos procurando alguém para cuidar da casa no inverno enquanto estamos fora.

— Sim, ela contou.

— Nossa garota de sempre cancelou de última hora. Conheceu um cara e partiu com ele pra Espanha, tudo muito de repente. Esses romances da noite pro dia. — Ele revirou os olhos. — A gente estava no meio de um pepino até você aparecer.

— Era pra ser — disse Rosie.

— Parece que era, não parece? — Ele sorriu. — Agora, Audrey, tenho certeza de que você é uma cidadã exemplar, mas vamos precisar de duas referências suas. É só uma coisa padrão que fazemos.

— Não tem problema. Eu estava cuidando da casa do tio da minha melhor amiga em Sydney. Posso pegar uma referência com ele. E tenho certeza que minha editora, Sam, ficaria contente em dar uma também.

— Perfeito! — disse Dale, batendo palmas. — Vamos falar de pagamento.

— Ah, não, fico feliz em fazer isso de graça, de verdade. Tipo, vocês que estão me fazendo um favor. Tem sido realmente difícil encontrar uma casa, vou ficar feliz de sair daquele motel.

— Não, não, nós insistimos.

— Não, de verdade...

— Ai, querida — disse Dale, sua mão em meu braço. — A gente não se importa, de verdade.

Graham acrescentou:

— Bom, se vai fazer você se sentir melhor, por que não faz algum trabalho pra nós além disso?

— Trabalho?

— É claro! — disse Dale, seus olhos iluminando. — As antiguidades.

Graham se virou para mim.

— Dale e eu importamos antiguidades, e temos um galpão cheio delas que precisa de bastante cuidado. Então, se você quiser, pode trabalhar nelas enquanto estivermos fora. Seria perfeito, na verdade. O que você acha?

— Nunca trabalhei com antiguidades. É difícil?

— De forma alguma. — Graham acenou com a mão. — Fácilimo. Só precisamos que elas fiquem limpas e lustradas. Dale e eu te ensinaremos.

— Parece ótimo! Eu adoraria ser útil enquanto estivesse aqui.
Houve um som de *ding*.

— Aha! O Bombe Alaska está pronto — disse Dale, ficando de pé num pulo. — Pode me ajudar, Gray?

— É claro. — Graham seguiu Dale para dentro da cozinha.

— Eles estão encantados com você — anunciou Rosie quando estavam longe o suficiente.

— Eu me sinto terrível pegando o dinheiro deles. Olhe pra esse lugar: sinto como se eu devesse estar pagando.

— Ah, não se preocupe com isso, Audrey — disse ela, dando-me um tapinha no joelho. — Eles estão simplesmente encantados por terem encontrado alguém em tão pouco tempo. Além disso — ela piscou —, eles não vão sentir falta do dinheiro, se é que me entende.

Olhei ao redor, para o recinto decorado de forma extravagante, e concordei com a cabeça.

— Acho que você está certa. Bem, com sorte, posso compensar trabalhando nas antiguidades.

— Isso é ótimo da sua parte, querida. Eles realmente vão gostar.

Os dois homens voltaram com quatro fatias do Bombe Alaska servidas em pratos de porcelana chinesa. Dale me entregou um com uma colher.

— Pode atacar.

— Você está prestes a se surpreender, Audrey — disse Rosie. — Dale faz o melhor Bombe Alaska.

— Vou ter que concordar com você nisso — disse Graham.

Mordi um pedaço. Estava fenomenal. O bolo estava macio e doce, o sorvete de chocolate amargo era um acompanhamento perfeito ao merengue sabor de laranja.

— Uau, isto está incrível, Dale.

— Não sei por que você não me dá a receita — disse Rosie, depois de dar uma mordida no seu.

— Desculpe, querida, você sabe que jurei segredo à minha mãe em seu leito de morte. Você pode ter qualquer outra coisa.

— Dale que me deu a receita da torta de groselha — explicou ela.

— Sério? Estou impressionada!

— Ah, para — disse Dale, mas ele parecia imensamente contente.

Poucas semanas depois, Graham e Dale partiram em sua viagem, e eu me ajeitei na casa. Estava feliz por ter saído do motel, e Apple era uma companhia ótima. Quando o clima estava bom, eu a levava para caminhar ao redor do lago onde alimentávamos os patos com restos de pão e conversávamos com os locais. Com frequência, encontrava uma senhora com um pastor alemão, e ela me recomendou uma boa cafeteria a poucos minutos dali.

Passar tempo com as antiguidades acabou sendo uma alegria inesperada. Havia uma variedade de mobílias no galpão: mesas, cadeiras, mesinhas de cabeceira e escrivaninhas que estavam velhas e cansadas, cobertas em sujeira e poeira. Dale e Graham haviam me mostrado como trazê-las de volta à vida usando escovas duras, trapos e óleo. A transformação era assombrosa, e cada nova peça de mobília em que eu trabalhava me dava um sentimento de orgulho e satisfação.

Em alguns dias, eu ficava em casa trabalhando no meu livro de contos, parando de vez em quando para admirar a vista. Eu havia colocado o globo de neve que Rad me deu na noite do Parque Blues Point Park em cima da lareira. Com frequência, eu sentia vontade de ligar para ele, contando que tinha chegado à minha cidadezinha nas montanhas, que, do lado de fora da minha janela, eu conseguia ver montanhas cobertas em neve, e que estava escrevendo o livro que sempre quis escrever.

O isolamento fez com que eu sentisse falta de casa, mas eu mantinha um contato frequente com Lucy, que estava ansiosa para saber cada detalhe de minha vida nova. Eu nunca perguntava a ela sobre Rad, mesmo que quisesse, e ela tomava cuidado para evitar o tópico.

Numa manhã, entrei no meu e-mail e encontrei o nome de Angie na minha caixa de entrada. Desde minha graduação, nós nos escrevíamos de vez em quando, mas fazia muito tempo que tinha ouvido dele pela última vez. Cliquei para abrir.

Olá, velha amiga!

Quanto tempo. Nova York está fabulosa, como você sabe. Eu me encontrei aqui.

Alguns meses atrás eu me tornei oficialmente agente júnior na agência Annie Otto. Acontece que minha prima Cecelia se casou com um magnata do meio editorial, e ele me recomendou quando uma vaga abriu no seu escritório em Nova York. Então aqui estou!

Enfim, eu estava conversando com um de meus colegas e, como você sabe, novelas estão voltando com força total. Assim como contos e, se der pra acreditar (susto): poesia. Parece que as crianças hoje em dia gostam de ler rápido. Eu culpo o Twitter.

Pensei em você na hora, e tive uma ideia. Sam me disse que você está no Colorado escrevendo um livro. Você consideraria que eu a representasse, como agente? Eu adoraria ser o vendedor ambulante de um livro de seus contos. Aquele sobre a estante ainda me assombra à noite. Acho que você seria um acerto e tanto.

O que acha?

Com muito amor,

Bjs,

Angie.

Sorri largamente. Eu estava muito empolgada por Angie. Annie Otto era uma das melhores agências literárias no mundo. Respondi o e-mail e aceitei a oferta.

No dia seguinte, fui ao trabalho. Sentei com minha caneta e bloco de anotações e passei a manhã fazendo sessões de *brainstorming*. Depois do almoço, comecei a escrever em meu laptop. Horas depois, espiei o relógio e me surpreendi ao ver que já passava bastante do horário do jantar. Tinha sido um dia sombrio, então eu mal tinha notado o quanto havia escurecido. Alonguei os braços e levantei, minhas pernas dormentes por passar tanto tempo sentada. Preparei um jantar rápido para mim. Eu estava contente com o trabalho que tinha feito, e peguei no sono naquela noite com um sentimento de satisfação. Me perguntei se era assim que Rad se sentia enquanto escrevia seu livro, e me peguei desejando poder compartilhar minha experiência com ele.

Pulei da cama na manhã seguinte, ansiosa para voltar à escrita. Preparei uma xícara de café antes de revisar todo o trabalho que

fizera no dia anterior. Era terrível. A escrita estava confusa e desorganizada. As ideias eram boas, mas eu não conseguia trazê-las à vida. Deixei escapar um gemido de decepção. O que tinha de errado comigo? Por que eu não conseguia colocar as histórias no papel quando conseguia vê-las de forma tão vívida na minha mente? Mas eu não podia desistir agora, não quando tinha uma chance real de publicar meu trabalho. Com um suspiro, fechei o laptop e voltei à estaca zero.

Dias depois, eu estava no Rosie's Diner com uma xícara de café e uma fatia de bolacha de caramelo. Eu tinha meu laptop aberto na minha frente e estava encarando a tela com mau humor.

— Tudo bem, querida? — perguntou Rosie, parando do lado do meu banco.

Ergui os olhos para ela e suspirei.

— Não sei, Rosie. Desde que Angie escreveu pra mim, pareço não estar conseguindo me organizar direito. Acho que a possibilidade de ser publicada me assustou. Sempre que escrevo algo, acho que é incrível, brilhante. Então, no dia seguinte, quando reviso meu trabalho, odeio tudo. De verdade.

— Aquele que você escreveu sobre a estante é simplesmente genial.

— Eu sei, mas é a Annie Otto, sabe? Cada história que escrevo tem que ser tão boa quanto aquela, ou melhor. Angie diz que vou precisar de sete a oito histórias. Até agora, escrevi só duas com as quais estou feliz.

Ela sorriu para mim.

— Dê tempo ao tempo, Audrey. Tenho certeza que você vai resolver.

Um dia, o clima estava excepcionalmente bom. O céu estava de um incrível azul, e eu não queria ficar dentro de casa. Liguei para Rosie, que tinha o dia de folga, e ela concordou em me encontrar no Creamery Arts Center, onde os locais tinham uma feirinha no terceiro domingo de cada mês.

Cheguei lá um pouco mais cedo do que planejado, então passei pelo parque movimentado onde um número de barracas estavam organizadas em tendas brancas. Um vento frio me atingiu do nada, e estremei, fechando o zíper do meu casaco anoraque e puxando mais a touca cor-de-vinho sobre as orelhas. Eu estava me xingando por não ter posto as luvas antes de ter saído de manhã. Minhas mãos estavam congelando e eu as enfiei em meus bolsos.

Parei para admirar a estátua de bronze de elefantes dançantes quando ouvi Rosie gritar meu nome.

— Ei, você! — falei, dando-lhe um abraço rápido.

— Oi! Cheguei cedo.

— Eu também!

Nós rimos.

— E esses elefantes, hein? — disse eu.

— Eles não são lindos? — observou Rosie.

Concordei com a cabeça.

— Eles parecem quase vivos. Quem é o artista?

— Jim Agius. As esculturas dele são simplesmente maravilhosas.

Começamos nossa caminhada despreocupada pelos mercados, parando de vez em quando para admirar as mercadorias expostas pelos locais. Diversas barracas vendiam joias feitas à mão e diversos trabalhos com metal. De candelabros a molduras, de fotos a picaretas, era uma variedade. Também havia bolos, tortas e outros produtos assados. O aroma que saía dessas barracas fazia eu me sentir subitamente com fome, e decidi que levaria algo de volta comigo a caminho de casa.

Mais acima, vi um carrinho retrô vendendo castanhas.

— Nossa, faz um tempão que não como castanhas — disse eu para Rosie. — Amo castanhas.

— Ah, parece que Gabe está trabalhando na barraca hoje. Está vendo aquele cara negro lindo parado atrás do carrinho?

Segui seu olhar até onde um homem com vinte e poucos anos entregava um pacote de nozes a um casal de idosos.

— Por que você não pega um pacote pra nós? — sugeriu ela. — Vou buscar dois cafés pra gente, e aí fazemos um pequeno piquenique.

— Claro. Encontro você nos elefantes dançantes?

— Perfeito. Diga a Gabe que eu mandei oi.

Conforme me aproximei do carinho, Gabe ergueu a cabeça, seus olhos mirando os meus.

— Oi — disse ele com um sorriso quente. Seus olhos eram iridescentes como a mudança de estações, uma miríade de tons marrons misturados com focos dourados de luz. Ele tinha bochechas angulares, uma sombra de barba e uma touca azul escura enrolada sobre o cabelo curto.

— Oi — respondi.

— Você gostaria de algumas nozes? O pacote custa cinco dólares.

— Claro.

Usando um par de pinças, ele encheu um saco de papel marrom com nozes e o passou para mim.

— Você deveria comer enquanto ainda estão quentes. Ficam melhores.

Peguei uma do saco e tentei tirar a pele.

— Aqui — disse ele, esticando o braço. — Deixa eu mostrar um truque legal.

Ele colocou sua mão sobre a minha; estava quente por conta das nozes.

— Viu? Você tem que apertar assim. — Ele pressionou, com gentileza, meu dedo e indicador. Obviamente, a casca se alargou e se rompeu de uma vez só, deixando uma castanha perfeita para trás.

— Nossa, isso é incrível. Obrigada!

Peguei uma nota de cinco dólares no meu bolso.

— De nada. É um desses truques que são muito úteis na vida, sabe?

Eu ri.

— É mesmo? — Enfiei a castanha na boca. Tinha me esquecido de quão boas elas eram.

— Aham. — Ele sorriu de novo. — Você não é daqui, é?

— Não.

— Está só de visita, então?

Dei de ombros.

— Pra ser sincera, não sei mesmo. Vou ficar aqui durante o inverno, pelo menos, e depois eu decido.

— Tenho a sensação de que você é de algum lugar muito distante.

— Sou.

— Austrália?

— O sotaque me entrega de primeira, né?

Ele sorriu em resposta.

— Então você está em uma aventura.

— Acho que sim.

— Acho que isso é muito incrível. Também tenho planos de viajar.

— É mesmo?

— Sim. Agora, estou só economizando como louco. Trabalho na garagem do meu tio cinco dias por semana e faço uns bicos nos finais de semana.

— Aonde está planejando ir?

— Já tenho tudo planejado. Assim que juntar dinheiro suficiente, vou para o Alasca trabalhar em plataformas de petróleo. Ouvi que pode ser difícil, mas, vendo pelo lado positivo, você pode ganhar bastante dinheiro. Então vou fazer isso por alguns anos até ter dinheiro suficiente pra um barco e vou velejar pelo mundo.

— É um plano bem detalhado.

— Acredito em ter um objetivo e me esforçar pra atingir. Quero dizer, você pode não acreditar, mas eu nem sabia nadar um ano atrás. Eu sabia que isso tinha que ser consertado se meus planos envolvessem estar em torno d'água. Então eu me dei um prazo, me inscrevi em aulas de natação e agora arraso.

— Isso é  timo.

— E você? Tem algo que você gostaria de poder fazer?

Pensei a respeito da caminhada naquela manhã, me arrastando pela neve. Um pouco dela tinha se prendido em minhas botas e meus p s estavam úmidos e frios. Eu já estava ansiosa para chegar em casa, tirar as meias e esquentar os p s perto do fogo.

— Eu queria poder dirigir — disse eu. Desde que cheguei ali, houvera muitas situações em que dirigir teria me ajudado. Ir ao mercado, por exemplo, teria sido muito mais fácil. Além disso,

Graham e Dale tinham me deixado a chave do carro, então com certeza teria sido útil se eu tivesse uma carteira de motorista.

— Você não sabe dirigir?

— Não, não tirei a carteira de motorista quando estava em casa, e tenho certeza que seria complicado tirar uma aqui.

— Bom, um amigo do meu tio é policial. Quem sabe eu ligo pra ele e confiro quais são as regras para visitantes?

— Ah, não, não quero ser um incômodo.

— Não tem problema.

— Sério? Seria ótimo. Obrigada.

— Imagino que eu deveria ter seu número, então, pra eu poder te avisar quando ele responder.

— É, boa ideia.

Ele sacou o telefone do bolso traseiro de sua calça jeans.

— Então, onde está ficando?

— Estou cuidando da casa de um casal que mora logo ali, na margem da cidade. Graham e Dale.

— Ah, eu sei quem são. Graham dirige um Saab. Nada prático. — Ele balançou a cabeça. — Mas eles são caras ótimos. Meu tio foi colega de escola de Dale.

— Mundo pequeno.

Ele deu de ombros.

— Nem me fala. Então... Seu telefone? — Ele me passou seu celular, e digitei meu nome e número antes de devolvê-lo.

— Seu nome é Audrey?

Fiz que sim com a cabeça.

— Nunca conheci uma Audrey antes. É um nome bem bonito.

— Obrigada. Ah, a Rosie mandou um oi, por sinal.

— Você conhece a Rosie?

— Sim, ela meio que me botou debaixo da asa dela desde que cheguei.

Ele sorriu.

— Rosie tem um coração de ouro. Você está em boas mãos.

Poucos dias depois, Gabe ligou.

— Oi, Audrey. Falei com o amigo do meu tio sobre tirar a carteira de motorista aqui, e ele diz que é possível.

— Sério?

— Sim. Você tem papel e caneta por perto?

— Vou pegar. — Eu me levantei, quase pisando em Apple. — Desculpa, amorzinho — sussurrei em voz baixa. Ela ergueu a cabeça para mim com seus doces olhos, sem nem perceber sua experiência de quase morte.

Encontrei uma caneta na gaveta da cozinha e uma toalha de papel na bancada.

— Certo, estou pronta.

— Então, a primeira coisa que você tem que ter é seu passaporte e certidão de nascimento.

— Claro, tenho meu passaporte aqui e posso pedir pros meus pais me mandarem a certidão de nascimento por fax.

Gabe me deu o telefone e endereço do cartório e eu anotei na toalha de papel. Ficava no porão do Palácio de Justiça de Delta, que por acaso se encontrava a uma caminhada curta de distância.

— Agora, você vai ter que fazer uma prova, mas é bem fácil. Você pode pegar o livrinho de estudos no escritório antes.

— Certo, vou fazer isso.

— Depois que conseguir sua carteira de aprendiz, você pode começar na autoescola.

— Ah — disse eu, sentindo-me um pouco desanimada. — Não acho que consigo pagar por uma autoescola agora. — Eu não conseguia acreditar que isso nem tinha me ocorrido.

— Bom, conheço alguém que pode te ajudar com isso.

— Conhece? — perguntei. — Quem?

— Eu, é claro.

— Ah, não, Gabe. Não posso te pedir isso.

— Eu ficaria feliz. Ensinei meu sobrinho no verão passado. Ele passou com nota máxima.

— É muito legal da sua parte — disse eu, me sentindo relutante —, mas não quero incomodar.

— Não se preocupe, Audrey. — A voz dele era gentil e tranquilizadora. — Não tem problema nenhum.

— Decidi tentar tirar a carteira de motorista e Gabe se ofereceu pra dar aulas. — Eu estava no restaurante, sentada perto da bancada.

Rosie estava tirando alguns farelos da pia com um paninho. Ela parou e ergueu os olhos, baixando o pano.

— Gabe? Desde quando vocês dois começaram a se falar?

— Dei meu telefone pra ele. Naquele dia que estávamos na feira, sabe?

— Você deu seu telefone pra ele? Você não me falou nada disso, mocinha.

Encolhi os ombros.

— Foi por um motivo, e eu não esperava que ele realmente fosse ligar.

— Bom — disse ela, as mãos nos quadris —, isso é interessante.

— Rosie, não coloque significado demais nisso. É definitivamente cedo demais pra eu estar pensando *nisso*.

— Eu não estava sugerindo nada — disse ela, apesar de ser óbvio que estava. — Mas vou dizer que ele é um garoto doce. *E* — ela sorriu — bastante bonito também.

— Ah, é? Não notei — menti.

Ela revirou os olhos.

— É claro que não.

— Então, como você conhece ele?

— Conheço o tio dele, Daryl. Ele tem a oficina mecânica da cidade.

— Gabe mencionou que trabalhava nela. Ele também estava me contando sobre seus planos: ele quer velejar pelo mundo um dia. É um sonho pouco realista pra maioria das pessoas, né? Mas Gabe descobriu como chegar lá, passo a passo. É impressionante.

— Estou te dizendo, aquele garoto tem futuro. Não deixe o rostinho bonito enganar você. Ele se saiu muitíssimo bem nas provas sats, e lhe ofereceram uma bolsa em Stanford.

— Uau. Por que ele não aceitou?

— Vou deixar ele contar pra você.

— Você acha que eu deveria aceitar as aulas? Não quero ser um incômodo. Tipo, ele parece ser um cara bem ocupado.

— Se ele está oferecendo, então sim. Por que não? Tenho certeza que vocês dois se dariam muito bem. Além disso, imagine quão incrível seria se você tirasse a carteira. Chega de se arrastar pela neve.

Fiquei radiante com a ideia.

— Sim, falei com Graham a respeito, e ele disse que o seguro dele me cobre. Então estou livre pra usar o carro dele se eu tirar a carteira mesmo.

— Isso é ótimo, querida. Eu acho que você deveria tentar, então. Deixaria sua vida muito mais fácil.

Em minha primeira aula de direção, Gabe me buscou em sua perua batida, e nós praticamos nas ruas vazias.

De início, foi apavorante. Parecia que o carro estava indo rápido demais e os pneus eram feitos de vidro e que eu não conseguiria nos manter na estrada.

— Calma com os freios, você está indo bem — disse Gabe, depois que enfiei meu pé com força no freio pela centésima vez.

— Merda, certo. — Respirei fundo.

— É um pouco assustador na primeira vez atrás do volante, não se preocupa. Você vai pegar o jeito logo.

Ele estava certo. Depois de um tempo, consegui evitar parar logo depois de partir, e dirigi por toda a extensão da rua.

— Ah, meu Deus! Não acredito que estou dirigindo de verdade!

— Viu? Não é difícil, você só precisa pegar um pouco o jeito, só isso — disse Gabe. Seu rosto se abriu em um sorriso bondoso, sua marca registrada. — Agora sinalize pra virar ali na frente.

Continuei dirigindo em um ritmo lento, encostando a cada vez que um carro aparecia atrás de mim. Eu me acostumei a dar sinal e fazer curvas. Na verdade, não era tão diferente de jogar videogame.

— Então, por que você não tirou sua carteira de motorista quando estava em casa? — perguntou Gabe.

— Não sei — franzi a testa. — Acho que nunca tive um incentivo grande o suficiente. Saí de casa depois de sair da escola, e meu trabalho ficava a uma caminhada de distância. — Eu não queria contar a ele que era majoritariamente por meus problemas com ansiedade.

— E tenho certeza que não neva onde você estava.

— Não, o clima na Austrália é bastante inofensivo se comparado ao daqui.

— Como foi a prova?

— Foi fácil. Tipo um jogo de memória, e muito dela era senso comum. — Eu tinha feito a prova escrita poucos dias antes e saí orgulhosa do escritório com minha carteira de aprendiz em mãos. Parecia estranhamente libertador. Quis ligar para Rad e compartilhar as boas novas, mas algo me disse para ficar forte. Tinha chegado até ali sozinha. Eu tinha que ver até onde conseguia ir.

Sinalizei para uma curva em frente.

— Sabe o que é mais estranho? Se eu não tivesse parado em seu carrinho naquele dia, eu provavelmente não teria feito isso. E estou tão feliz que fiz.

— Eu também. Sabe aquele filme *Matrix*, na cena em que Morpheus mostra ao Neo que ele pode baixar todas aquelas habilidades diferentes?

— Sei.

— Acho que a vida é um pouco assim. Você é uma caixa de ferramentas e tem que acrescentar coisas nela, expandir. Acho que quanto mais ferramentas você tiver, melhor a vida fica.

— Gosto dessa ideia.

— Essa é minha missão na vida. Seguir acrescentando coisas na caixa de ferramentas.

— Quer saber? Acho que vou fazer o mesmo.

Poucos dias depois, Gabe me ligou para contar que tinha algo especial planejado para nós no dia seguinte.

— Mas você vai ter que acordar antes do sol nascer. Acha que consegue?

Gemi por dentro. Eu não era uma pessoa matutina.

— Claro que consigo. Mas posso precisar de uma ligação pra acordar.

Ele riu.

— Está bem, anotado.

Na manhã seguinte, fiel à sua palavra, meu celular tocou às cinco, interrompendo um sono profundo e pacífico. Contra meu bom senso, eu tinha ficado acordada até tarde na noite anterior, trabalhando em uma ideia para uma história. Eu estava tão

absorvida nela que perdi a noção do tempo. Relutantemente, alcancei a mesinha de cabeceira e me atrapelei no escuro à procura do telefone.

— Oi — disse eu, um pouco grogue.

— Bom dia. — O tom barítono de Gabe atravessou o ar gelado.

— Vou voltar a dormir. Está frio demais pra sair.

— Não, não vai. Coloque umas roupas quentes e um bom par de botas pra escalar. Estarei na sua casa em vinte minutos.

Cerca de uma hora depois, eu estava no banco do carona no carro de Gabe enquanto nos dirigíamos para cada vez mais longe da civilização.

— Aqui não é perigoso, é? — perguntei.

— Na verdade, não.

— Mas e os ursos?

— É inverno. — Ele sorriu amplamente para mim. — Eles estão todos dormindo, Audrey.

A estrada ficou mais e mais difícil, com pedras atingindo a parte de baixo do carro. Nós estávamos dirigindo pela lateral de uma montanha pedregosa quando Gabe diminuiu a velocidade e estacionou na beira da estrada.

— Chegamos — anunciou ele com animação.

Nós saímos e Gabe abriu o porta-malas, pegou uma mochila e a lançou sobre os ombros. Ele sacou um par de lanternas e me entregou uma.

— Então vamos escalar, eu acho?

— Achou certo. — Ele gesticulou para o topo do penhasco que se agigantava sobre nós em uma altura impossível. — Vamos subir.

Meu rosto desmoronou.

— Sério? No escuro? E se nos perdermos?

— A gente não vai se perder. Fiz isso mil vezes. Admito que é uma trilha difícil, mas vai valer a pena quando chegarmos lá em cima.

— Certo — disse eu, ainda um pouco relutante. — Vai na frente.

Até chegarmos perto do topo, eu estava com dificuldade de manter o fôlego, e minhas pernas pareciam prontas para desistir. Gabe tinha acabado de empurrar o último ponto de apoio para pisar no topo e se virou, estendendo a mão para mim.

— Quase lá.

Peguei a mão dele e, sugando minhas últimas reservas de energia, me lancei para cima e sobre a superfície pedregosa.

— Uau! — balbuciei, conforme meus olhos absorviam a vista em minha frente. Nós pegamos justo aquele breve momento em que o sol estava bem na beirada do horizonte, raios dourados de luz rasgando seu brilho pálido e suave. Abaixo de nós, a natureza se estendia mais e mais longe até o horizonte, e era como se nós fôssemos as duas únicas pessoas no mundo.

— Isso é *Ultima* — disse eu, entredentes, e quis que Rad estivesse lá para ver aquilo.

— O que você disse? — perguntou Gabe.

Balancei a cabeça.

— Só estava pensando em voz alta. A vista aqui é espetacular.

— É mesmo, não é?

Ele largou a mochila e se sentou em uma pedra grande e lisa. Fui me juntar. Fuçando na mochila, ele puxou uma garrafa térmica vermelho brilhante.

— Café?

— Ah, sim! — disse eu.

Assisti ele servir café em canecas plásticas com cuidado antes de passar uma para mim. Peguei a caneca e beberiquei o café devagar, sentindo-me levemente eufórica. Estar na companhia de Gabe fazia eu me sentir tranquila. Era difícil de acreditar que tínhamos nos conhecido há tão pouco tempo. Eu sentia como se o conhecesse minha vida toda.

— Com que frequência você vem aqui? — perguntei.

— Sempre que posso. Tem estado bastante movimentado na oficina ultimamente, então estive ajudando meu tio com turnos extras. Mas ele me fez tirar o dia de folga hoje.

— Vocês dois são próximos, não são?

Gabe sorriu.

— Sim, somos. Ele é um cara bom. Sempre pude contar com ele.

— E seus pais? Eles estão em Delta?

— Não, em Denver. Meu pai é engenheiro de software, e minha mãe dá aulas pro ensino fundamental. Meu pai ainda está furioso por eu ter recusado minha bolsa pra Stanford, então não passo em casa há um tempo.

— Rosie me contou. Por que não aceitou?

— Acho que só queria ver um pouco do mundo antes de assumir esse tipo de compromisso. Nada mais. — Ele tomou um golinho de seu café, seus olhos encarando o horizonte. — E você? — Ele se virou para me encarar. — Você chegou a ir pra faculdade?

Fiz que não com a cabeça.

— Não tive a opção porque eu meio que caguei minhas provas.

— Por quê? O que houve?

Respirei fundo e contei a ele a respeito do meu ataque de pânico.

— Na época, era como se fosse o fim do mundo, sabe? Mas, então, a vida só seguiu em frente, e consegui essa vaga incrível na *See! Sydney*. É uma revista premiada. E aprendi tanto desde então, mais do que qualquer coisa que um diploma pudesse me ensinar. Estou muito mais adiantada em minha carreira do que estaria se tivesse feito do jeito normal.

— Acho que foi um mal que veio pro bem, então.

— Foi.

— E o que você planeja fazer agora?

Contei a ele a respeito de Angie e a oportunidade de ter meu trabalho publicado.

— Uau, Annie Otto, isso é incrível!

— Não consigo acreditar que algo tão imenso caiu no meu colo. Mas agora estou apavorada até não poder mais, e não consigo fazer as palavras me obedecerem.

— É só medo de palco. Você vai superar em um instante.

— Espero que sim. — Enquanto eu admirava a paisagem pitoresca, me senti otimista de repente. Gabe tinha razão: era só medo de palco, nada mais que isso. Assim que os nervos se acalmassem, eu escreveria como de costume, e as histórias viriam com pressa para o papel.

— Enquanto isso, apenas pense no quanto conquistou e se orgulhe.

Sorri.

— Sabe, a vida não é tão diferente daquele jogo de tabuleiro, Serpentes e Escadas, é? Uma escada aparece e do nada você está muito mais perto da linha de chegada.

— Mas isso acontece do jeito oposto também.

— Acontece — disse eu, lembrando de meu término com Rad. — As coisas estavam indo tão bem comigo, então tudo virou uma rampa escorregadia, uma catástrofe. Minha melhor amiga, Candela, sumiu do mapa, meu relacionamento acabou, e eu simplesmente não conseguia funcionar. Saí do meu emprego, o que era uma coisa maluca de se fazer. Há centenas de alunos com mestrados que matariam pelo meu emprego, mas eu não conseguia continuar fazendo aquilo. Eu precisava estar em algum lugar diferente, esquecer do mundo real por um tempo.

— Acho que você foi bastante corajosa vindo aqui totalmente sozinha.

— Foi difícil nas primeiras semanas. Eu sentia que tinha cometido um erro terrível. Mas eu não podia voltar pra casa depois de contar pra todo mundo que esse era o meu sonho. Não conseguia encarar isso, então me aguentei naquele motel de merda. Mas agora, conforme cada dia passa, fica mais claro pra mim que *fiz sim* a escolha certa. Não tenho nada sólido pra me embasar, é só uma sensação.

— É bom sair de sua zona de conforto. Durante toda a minha vida eu tive muito conhecimento de livros: era o estereótipo do cara nerd.

— Você, um nerd? — eu ri.

— Sim, um nerd total. Do nível: óculos, aparelho, *Dungeons & Dragons*, tudo. Até participei de um desses programas de televisão, chamado *Batalha dos Cérebros*. Eu era o garoto gordinho despreocupado que gabaritava provas e arrasava em torneios de xadrez. Passei a vida toda dentro da minha cabeça. Um dia, poucas semanas depois dos sats, foi quase como se eu tivesse surtado e meu cérebro quisesse umas férias.

— Surtado?

— Sim, um ataque de pânico. Parecido com o seu. Numa hora eu estava ali botando enchiladas pra dentro com uns amigos em nosso

restaurante favorito. Na outra, eu estava no chão, agarrado ao meu peito pensando que estava tendo um ataque cardíaco.

— Mas você é a pessoa mais estável e equilibrada que já conheci.

— Nem sempre fui assim. Custou muito chegar a esse ponto.

— Como conseguiu?

— Meus pais me mandaram falar com um cara. Ele recomendou começar a correr, então fiz isso. Depois de começar, se tornou um vício. Eu tinha passado tanto tempo desenvolvendo minha mente que tinha negligenciado o corpo. Ele estava faminto por atenção. Então, no instante em que coloquei um pouco de foco ali, meu corpo devorou tudo na hora. Foi então que percebi o quanto importante era encontrar um equilíbrio entre os dois. Agora corro e escalo o máximo que posso. Às vezes ando de caiaque ou faço *mountain biking* e, como você sabe, recentemente aprendi a nadar. Nunca fui muito bom com esportes, eu não achava que podia fazer essas coisas. Mas quanto mais eu me aprofundava, mais fácil ficava. Agora é natural como respirar. E tudo começou numa manhã em que amarrei meus tênis de corrida e fui dar uma volta no quarteirão.

— Isso é incrível — disse eu, sentindo-me inspirada de repente.

— Em casa, eu não fazia nenhum exercício físico. Eu ia e voltava do trabalho a pé, só isso. Mas quando cheguei aqui, caminhei muito porque não havia nada mais pra fazer. Apesar de não perceber na época, caminhar estava me deixando mais forte não só física, mas também mentalmente.

— É isso que quero dizer quando falo em sair da zona de conforto. É aí que você aprende o máximo sobre si mesmo.

Ficamos em silêncio por alguns momentos, assistindo o sol se delongar para cima, pintando o céu em um rosa cor de algodão doce.

— Então você nunca mais teve ataques de pânico? — disse eu, rompendo o silêncio.

— Bom, você sabe o que Hunter S. Thompson disse sobre o limite.

Fiz que sim com a cabeça.

— Só os que passaram dele sabem como ele realmente é.

— Exatamente. Uma vez que atravessa, você não pode voltar. Nunca vai embora por completo. Você só aprende a lidar com eles.

— Minha terapeuta me deu isso. — Puxei a manga do meu casaco de lã para mostrar a ele a tira elástica em torno do pulso. — Sempre que me sinto ansiosa, só puxo a tira elástica contra a pele.

— E funciona?

— Funciona, na maior parte do tempo. Ter ela ali com certeza ajuda.

— Sabe o que eu faço?

Neguei com a cabeça e o deixei terminar.

— Imagino um barco amarrado a um ancoradouro. Imagino que a corda entre os dois é feita de um material indestrutível. É impossível romper. Nem mesmo uma bomba atômica poderia cortá-la. E conforme imagino esse pedaço de corda indestrutível, imagino que o navio é minha mente e o ancoradouro é meu corpo.

— Gosto disso. Talvez eu precise pegar emprestado uma hora dessas.

Ele sorriu seu sorriso bondoso.

— Está com fome?

— Morrendo de fome.

Ele pôs a mão na mochila.

— Você gosta de manteiga de amendoim e geleia?

— Com certeza — eu sorri.

Poucas semanas depois, falei com Lucy por FaceTime e trouxe o assunto de Gabe à tona pela primeira vez.

— Fiz um amigo novo. Ele se chama Gabe.

— Como ele é?

— Ele é incrível, me divirto muito com ele. Ele é engraçado e inteligente, e tão diferente do Rad — eu parei. Eu não tinha dito o nome de Rad em voz alta em tanto tempo que parecia estar quebrando algum tipo de tabu. — Não que eu esteja pensando em Gabe de uma forma romântica — acrescentei.

— Mas você ainda pensa no Rad? — disse Lucy com cautela.

— É claro que sim. Penso nele o tempo todo.

— Ah, amiga. Vocês dois tinham algo muito especial. Tipo, qualquer um podia ver.

— Eu sei — disse em voz baixa. — Ele era a única pessoa que me entendia de uma maneira profunda, de uma forma que importava. Como você pode superar algo assim? Algo que significava tanto... — Parei, sentindo a boa e velha ansiedade erguer sua cabeça feia. Fechei meus olhos e respirei fundo.

— Bom, vamos parar de falar do Rad.

— Tudo bem, então. Por que você não me conta sobre esse seu amigo novo?

— Bom, ele está me ensinando a dirigir...

— Você está aprendendo a dirigir? Audrey, isso é incrível! Quando isso aconteceu?

— Tirei minha carteira de aprendiz poucas semanas atrás.

— Ah, por que você não me contou?

— Eu não sei. — Dei de ombros. — Acho que não tinha certeza se ia seguir com as aulas até o fim ou de como me sairia. Mas na verdade estou indo muito bem. Melhor do que tinha imaginado! Gabe acha que não vai faltar muito até eu poder fazer minha prova. Estamos fazendo aulas praticamente todos os dias.

— Isso é muito legal da parte dele.

— Eu sei. Sou muito grata.

— Então, o que mais vocês dois fazem além das aulas de direção?

Contei a ela sobre nossa saída para escalar.

— Tiramos algumas fotos. Quer ver?

— Claro! Manda!

Enviei para ela algumas das fotos que tiramos no topo da montanha aquele dia.

— Puta merda, Audrey. *Esse é o Gabe?*

— Aham.

— Nossa, você não estava brincando quando falou da vista. E não estou falando do cenário montanhoso. Ele é modelo ou algo assim?

— Não, ele trabalha pro tio dele na oficina mecânica local.

— Sério, Audrey, não estou falando da boca pra fora: ele é *magnífico*. Tipo assim, provavelmente a pessoa mais bonita que eu já vi. Na vida.

Eu ri.

— Ele é muito esperto e divertido. Estou aprendendo muito com ele.

— Está?

— Sim. Ele tem um jeito de pegar algo complexo e deixar ridiculamente simples. A mãe dele é professora, então talvez ele tenha puxado dela.

— Ele parece um cara incrível. — Ela pausou. — Então, você está me dizendo que não sente atração nenhuma? Nem um pouquinho?

— Gosto muito dele, mas como amigo. Não consigo pensar nele além disso.

— Audrey, por favor — disse ela, não convencida. — Eu já estou meio apaixonada por ele, só pelas fotos.

— Por quem você está apaixonada? — Ouvi a voz de Freddy no fundo.

Lucy pôs a mão sobre a boca.

— Ops — disse ela, seus olhos brilhando com riso. Ela virou a cabeça para trás. — Só estou conversando com a Audrey.

O rosto bonachão de Freddy apareceu ao lado do dela na tela poucos momentos depois.

— Oi, Audrey — disse ele, com um aceno.

— Oi, Freddy. Como estão as coisas?

— Ótimas, não posso reclamar. Fomos jogar boliche ontem. Ganhei da Lucy pela primeira vez. — Ele estava radiante enquanto Lucy revirava os olhos.

— Meu braço estava doendo. Sua mãe me fez abrir uma montanha de massa no dia anterior.

— Sem desculpas, amor. — Ele sorria largamente.

Ela me deu um sorriso de esguelha.

— Ele vai falar disso pro resto da vida.

Freddy beijou a bochecha dela e bagunçou seu cabelo de forma brincalhona.

— Sim, vou mesmo.

Eu ri.

— Parabéns, Freddy.

— Valeu, Audrey. Como você está aí do outro lado?

— Muito bem. Fiz uns novos amigos e comecei a escalar.

— Você? Escalando? — Ele me lançou um olhar duvidoso.

— Tenho fotos pra provar!

— Aqui, amor, olha isso. — Lucy mostrou para Freddy as fotos que enviei.

Ele assobiou de leve em voz baixa.

— Então esse é o seu novo amigo, hein? — brincou ele.

— Sim, Lucy meio que está apaixonada por ele. — Eu ri.

— Eu não culpo ela. Acho que até eu posso estar apaixonado por ele.

Fizesse chuva ou sol, todo sábado, Gabe e eu íamos escalar e fazer trilha nas florestas. Era algo pelo que eu esperava com ansiedade toda a semana. Gabe era sempre uma ótima companhia. Ele era uma pessoa tão animada que sempre conseguia arrancar um sorriso de mim, independente do humor em que eu estivesse.

Durante nossas longas trilhas, aprendi que Gabe era um fã de cinema. Seu gosto era eclético. Ele amava filmes de ação, qualquer coisa do Tarantino, mas também adorava filmes introspectivos e peculiares, como *Quero ser John Malkovich*. Seu favorito de todos os tempos era uma mistura entre *Scarface* e *Falcão – O campeão dos campeões*, sendo este último um filme B sobre um torneio de queda de braço, com Sylvester Stallone. Nós o vimos uma noite na casa dele, um apartamento de um quarto em cima da oficina de seu tio. Não era um filme que eu teria escolhido na estante da locadora, mas me peguei gostando muito.

Num sábado, tínhamos acabado de terminar nossa trilha rotineira e estávamos voltando para o carro de Gabe quando nós dois fomos atingidos simultaneamente por um desejo selvagem por quesadillas.

— Quer ir ao Fiesta? — perguntou ele. Fiesta era o restaurante mexicano da cidade.

— Ótima ideia.

— Quer ir dirigindo?

— Claro. — Ele me passou as chaves.

Chegamos ao Fiesta, e me alegrei ao notar que havia uma vaga de estacionamento na rua, bem na frente.

— É apertada demais, Audrey.

— Vou tentar.

— Certo, mas é apertada mesmo, e estamos falando de fazer uma baliza aqui. Não acho que eu conseguiria, e você sabe que minhas habilidades de estacionar são fora deste mundo.

Eu ri.

— Aposto dez dólares que consigo estacionar.

— Eu me sentiria mal pegando seu dinheiro assim.

Sinalizei e comecei a dar ré para dentro da vaga, mordendo o lábio, concentrada. Poucos momentos depois, para a surpresa de Gabe, eu tinha estacionado o carro dele com perfeição. Ele saiu, um olhar de admiração em seu rosto. Eu estava ao lado dele poucos momentos depois, analisando meu trabalho manual.

— O que eu falei? — Não conseguia evitar de me gabar.

— Parece que você está pronta para aquela prova.

Menos de uma semana depois, Gabe me deixou no cartório para minha prova de direção. Eu estava em estado de nervos, então ele fez um rápido discurso motivacional antes de me desejar boa sorte e ir embora a pé para a oficina de seu tio.

O teste em si foi bem mais fácil do que eu esperava. Meu instrutor de direção, Bob, um homem de meia idade cansado com um bigode grosso e curvado, mal falou enquanto dirigíamos pelas avenidas principais de Delta, pelas ruas que eu já tinha atravessado mil vezes com Gabe. De vez em quando, ele anotava algo em sua prancheta.

Quando Bob me disse que tinha passado, não consegui me segurar e o abracei, e ele fez uma tentativa hesitante de me abraçar de volta. Quando tiraram minha foto, a moça atrás do balcão teve de me mandar parar de sorrir como uma maníaca.

Assim que saí do cartório, dirigi direto para Rosie's Diner, buzinando alto na frente. Ela saiu pelas portas enquanto eu saía do carro de Gabe.

— Parabéns, querida! — gritou Rosie de braços abertos. Nós nos abraçamos na calçada.

— Obrigada — eu estava radiante.

— Já contou as boas notícias para o Gabe?

— Vou surpreender ele quando sair do trabalho mais tarde. Vamos jantar na minha casa hoje à noite.

— Entre. Fiz umas tortas de limão pra você.

— Certo, só vou estacionar o carro ali atrás.

O restaurante estava vazio quando entrei. Sentei no balcão enquanto Rosie se ocupava, colocando tortas de limão em pratos e servindo café recém-passado em uma xícara. Ela os colocou na minha frente com um sorriso.

— Obrigada, Rosie. — Eu mal conseguia parar de sorrir.

— Se eu soubesse, teria assado um bolo pra você.

Tomei um gole de meu café.

— Você sabe que não tem que fazer isso.

Ela sorriu.

— Então você vai jantar com o Gabe hoje à noite?

Fiz que sim com a cabeça.

— Tenho assistido a uns programas de culinária que vão ao ar tarde da noite e fiz meu primeiro prato uns dias atrás.

— O que era?

— Espaguete com almôndegas — disse eu com orgulho.

— Parece delicioso.

— Não é tão difícil, se você seguir a receita passo a passo. Ficou bem gostoso.

— E é isso que você vai cozinhar hoje à noite?

— Aham. Vou pegar uma massa de ovos artesanal daquela delicatessen e um pote de Ben & Jerry's, e acho que vou esbanjar em uma boa garrafa de Pinot.

— Parece que vocês têm uma noite divertida planejada.

— É o mínimo que posso fazer pelo Gabe, ele tem sido tão ótimo. Tipo, se eu nunca tivesse conhecido ele, não acho que teria conseguido fazer isso. Ele tem sido um amigo tão bom.

— Amigo? — Rosie ergueu as sobrancelhas.

— Sim, Rosie — disse eu de forma retorcida. — Somos só amigos.

— Você não tem sentimentos por ele?

Franzi a testa.

— Não esse tipo de sentimento. Não estou pronta pra mergulhar em qualquer coisa nova. Ainda não.

— Bom, posso dizer, com a mão no peito, que Gabe tem sentimentos por você. Já vi vocês dois juntos. O garoto mal

consegue tirar os olhos de você.

Eu sabia que Rosie não estava inventando. Eu sentia que Gabe tinha sentimentos por mim, e eu não queria iludi-lo. Muito menos parar de vê-lo.

— Não sei, Rosie.

— Você mente tão mal, Audrey.

Busquei Gabe no seu tio mais tarde. Era meu primeiro dia dirigindo e eu estava amando cada minuto. Eu não fazia ideia de quão restritiva minha vida tinha sido antes dessa minha versão independente e autossuficiente.

Gabe estava em um macacão azul, inclinado sobre o capô aberto de um Chevy de cor azul elétrica quando entrei. Ele ergueu a cabeça, me olhou e sorriu. Pela primeira vez senti algo de fato, um pequeno agito em meu peito.

Ele me lançou um olhar ansioso.

— Então?

— Consegui!

Ele sorriu de forma ampla.

— Mais uma pra caixa de ferramentas.

Sorri.

— Acho que sim.

Depois de Gabe terminar, eu dirigi de volta para minha casa, e ele me ajudou na cozinha com o espaguete e as almôndegas. O molho estava borbulhando na panela quando decidimos começar com o Pinot. Ele estava me contando uma história engraçada sobre um cliente que entrou naquele dia e estava tentando fazer algum tipo de troca para não pagar a conta. Eu estava chorando de rir.

— Olhe pra você — disse Gabe.

— Eu o quê?

— Quando te vi pela primeira vez, era como se você fosse uma boneca frágil de porcelana. Eu só queria pegar você e enrolar em papel bolha.

Eu ri.

— Queria?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Você parecia meio perdida, insegura sobre si mesma. Agora é como se fosse uma pessoa diferente.

— Como assim? — Inclinei meu quadril contra o banco da cozinha e tomei outro gole de Pinot.

— Você só... Está tão viva agora. Você parece tão forte e capaz, como se estivesse pronta pra enfrentar o mundo. Você é como a versão viva daquela personagem no *Karatê Kid*.

Eu ri.

— E suas bochechas estão brilhando — continuou ele. — Deve ser o ar montanhoso.

— Acho que tem muito a ver com você também. — As palavras escorregaram antes de poder impedi-las. Mordi meu lábio e olhei para longe.

— Você tá falando sério, Audrey? — Devagar, eu me virei para encontrar seu olhar.

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim.

Ele deu um passo para frente, sua mão acariciando minha bochecha.

— Gosto muito de você — disse ele.

Ergui a cabeça para ele.

— Gosto de você também.

Ele se inclinou e me beijou. Seus lábios eram suaves e quentes, e eu de repente percebi o quanto sentia falta deste tipo de intimidade.

— Queria fazer isso há muito tempo — disse ele, quando nos separamos.

— E por que não fez?

— Não tinha certeza de como você se sentia.

Nos aproximamos nos beijamos de novo. Baixei minha taça de vinho e enrolei meus braços ao redor de seu pescoço, querendo desesperadamente me perder no momento. Então, do nada e sem aviso, fui atingida por uma onda de tristeza.

Eu me afastei.

— Você está bem? — perguntou ele, seus olhos buscando os meus.

— Não. — Minha voz mal era um sussurro. — Acho que não.

— O que houve?

— Não sei exatamente — disse eu, balançando a cabeça outra vez. A tristeza que havia começado na boca do meu estômago estava se espalhando pelo meu corpo e crescendo em intensidade.

— Eu só... — Minha voz quebrou em um soluço, me pegando desprevenida. Lágrimas rolaram pelas minhas bochechas, uma depois da outra, como uma inundação súbita de chuva irrompendo de um céu perfeitamente azul.

— Audrey — disse ele, e deu um passo para trás enquanto eu limpava o rosto com as mãos.

— Desculpa. Não sei por que estou chorando. Não é você... Você tem sido incrível. — Eu lhe lancei um olhar desolado.

Ele suspirou.

— Rosie mencionou que havia alguém na sua vida, lá onde você mora. Alguém que você estava tentando esquecer. Ela disse que ele era o motivo pelo qual você veio até aqui. Você está chorando por causa dele?

Olhei para ele.

— Não sei... Talvez.

— Olha, não estou aqui pra te apressar a nada. Gosto de você, mas fico igualmente feliz de ser só seu amigo. O.k.?

— O.k. — sussurrei.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Então alcancei sua mão e a peguei.

— Só porque não estou pronta agora não quer dizer que nunca estarei.

— Eu sei — disse ele, dando um aperto de leve em minha mão.

— Esse tipo de coisa... Você não pode dar um prazo com horário e data.

— Não, não pode.

— Em especial quando você perde alguém que era muito importante pra você.

Inspirei fundo.

— Acho que foi a primeira vez que me apaixonei de verdade, sabe?

— Entendo. — Um olhar triste atravessou seu rosto. — Uma garota quebrou meu coração uns anos atrás, e ainda penso nela às

vezes.

— O que aconteceu?

— A Birdie é artista. Ela recebeu uma oferta de emprego em Nova York de uma agência de publicidade. Nós tentamos ter um relacionamento à distância por um tempo, mas ela conheceu outra pessoa.

— Sinto muito.

— O que houve com o seu cara? Como terminou?

— Pra ser sincera, não sei se as coisas terminaram mesmo com o Rad... Esse é o nome dele. Sinto como se ainda fôssemos uma questão inacabada, como se estivéssemos em um limbo. Acho que é por isso que não consigo seguir em frente. Existe essa conexão entre nós que provavelmente sempre estará lá. Mesmo se nunca mais o vir.

— Como a corda entre o navio e o ancoradouro?

— Exatamente assim.

Antes que eu notasse, o tempo estava voando rumo à primavera, e recebi um e-mail de Dale com sua data de retorno. Eu estava triste de deixar a casa linda deles e em especial de me separar de Apple, que eu adorava. Ainda assim, eu sabia o quão sortuda tinha sido de passar o inverno lá. Depois da primeira escalada com Gabe naquele dia, eu tinha ficado mais ansiosa a respeito de minha escrita, e estava produzindo um trabalho decente. Eu tinha enviado um monte de histórias para Angie, e sua resposta tinha sido encorajadora. Eu não queria pensar demais a respeito do que fazer em seguida, onde eu moraria e como pagaria as contas. Eu só esperava que minha sorte continuasse e que algo aparecesse.

Um dia, Gabe veio me visitar, e eu conseguia sentir que havia algo em sua cabeça. Nós estávamos passando um tempo no sofá perto do fogo, com Apple se enfiando entre nós com movimentos empolgados, quando decidi trazer à tona.

— Gabe? Você anda tão quieto hoje. Está tudo bem?

— Sim, Audrey — disse ele. — Só estive pensando. Você sabe que Dale e Graham voltam pra casa logo.

Fiz que sim com a cabeça.

— O que você planeja fazer quando voltarem?

— Acho que eu deveria começar a procurar uma casa. Tenho tomado cuidado com o dinheiro que deixaram pra mim, então devo ter suficiente pra alugar algum lugar pelos próximos meses. Eu também estava pensando em arrumar um emprego na cidade. Vi uma placa na clínica veterinária, eles estão procurando uma nova recepcionista. Estou pensando em me candidatar.

— Então você quer ficar aqui? Em Delta, quero dizer.

— Sim. Essa cidade tem sido boa pra mim. Posso dirigir agora, e estou aprendendo a cozinhar. Terminei pelo menos metade de meu primeiro livro. Além disso — sorri — agora posso abrir uma castanha com uma mão só e tirar a casca inteira. Quantas pessoas você conhece que conseguem fazer isso?

Um sorriso suave surgiu em seus lábios, e eu sabia que ele estava pensando no dia em que nos conhecemos, quando ele estava vendendo castanhas na feira.

— No geral — continuei —, minha caixa de ferramentas está com uma cara bem linda esses dias.

— É mesmo? — Ele ergueu as sobrancelhas, e eu corei, percebendo o duplo sentido daquela frase.

— De qualquer forma — acrescentei rápido —, sei que parece bastante clichê, mas sabe quando as pessoas falam sobre se encontrar? Bom, estou começando a entender o que elas querem dizer. Então, em resposta a sua pergunta, sim, acho que vou ficar por aqui. A não ser que você tenha outra sugestão?

— Tenho — disse ele em voz baixa.

— É? — olhei para ele, surpresa.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Algo que venho pensando.

— Certo, vamos a ela, então.

— Bom, faz um tempão desde que tirei minha última folga. Eu poderia aproveitar um descanso e pensei... — Ele parecia um pouco envergonhado. — Bom, é aqui que fica bem clichê...

— Vá em frente. Não enrola, Gabe.

— Pensei que a gente poderia sair em uma viagem de carro. Talvez dar um pulo na Costa Oeste.

— Uma viagem de carro — disse eu devagar. Minha mente disparou para aquele dia chuvoso quando entrevistei Rad no

Callisto. Lembrei de como ele me contou que sua mãe tinha planejado uma viagem de carro atravessando os Estados Unidos, uma que nunca fez. Dei de ombros como se fosse outra coincidência estranha.

— Nós poderíamos alternar dirigindo — continuou Gabe. — Tenho um pouco de dinheiro guardado, e o Alasca pode esperar alguns meses. Podemos pegar uma tenda, acampar onde quisermos. Ou ficar em motéis baratos, com camas separadas, é claro. — Ele estava falando rápido agora.

— Gabe, tudo bem. Você não tem que me convencer. Gosto da ideia.

Um sorriso se estendeu lentamente pelo seu rosto.

— Ah, é? Sério?

— Sim, acho que vai ser divertido.

Ele ficou de pé em um pulo.

— Nós poderíamos visitar Reno, nadar no Lago Tahoe... Yosemite tem umas trilhas incríveis. Tipo, tem tanta coisa pra ver e fazer!

Ele parecia quase como uma criança, e eu amava vê-lo tão animado. Sua empolgação era contagiosa, e logo eu estava em pé e nós estávamos fazendo uma dança improvisada ridícula pela sala e rindo como crianças. Eu me sentia selvagem e livre, como uma pipa sem linha. Meu coração planava alto e, naquele momento, era como se tivesse, enfim, se libertado das correntes do meu passado. Rad, Ana, a mentira, eu tinha pisado para fora das sombras e luz adentro.

Nós paramos de dançar e caímos de volta no sofá, um pouco sem ar. Gabe me beijou e, desta vez, não me afastei.

Até o retorno de Graham e Dale, passamos o resto dos dias planejando nossa viagem meticulosamente. Nós não parávamos de encontrar coisas novas que queríamos ver ou fazer, acrescentando desvios em nosso itinerário já lotado.

— Nós nunca vamos chegar a Los Angeles nesse ritmo.

— E importa? — perguntou Gabe.

— Acho que não.

— Mas eu realmente quero ir à Biblioteca Margaret Herrick — disse ele.

— Esse é o seu lado nerd falando.

— Eles têm o roteiro original de *O poderoso chefão* — Gabe sorriu. — O primeiro rascunho *de verdade*. E eles têm as observações e rascunhos originais de *O iluminado*, feitos pelo próprio Stanley Kubrick.

Havia um olhar de encanto em seus olhos que foi direto para meu coração. Por impulso, agarrei seu rosto e o beijei na boca com firmeza.

— Por que isso?

— E preciso de um motivo?

Em pouco tempo, era a noite de véspera antes do retorno de Graham e Dale, e eu a passei empacotando minhas coisas. Gabe estava fora pegando alguns suprimentos de última hora para a viagem. Planejamos ficar na casa dele na noite seguinte antes de sair em nossa grande viagem de carro, cedinho de manhã. Eu sorri, pensando na grande aventura a seguir.

— Vou sentir sua falta — falei para Apple, que abanou o rabo para mim com ansiedade. Eu a peguei no colo e dei um beijo no seu pescoço peludo. — Vou voltar e te visitar muito.

Fui baixá-la quando ouvi meu telefone fazer um barulho. Era uma mensagem de texto de Lucy.

FaceTime?

Claro

Me dei conta de que fazia muito tempo desde a última vez que tínhamos nos falado. Eu nem tinha contado a ela sobre a viagem de carro.

Encontrei meu laptop parado no sofá e o abri. Poucos momentos depois, Lucy estava lá, sorrindo amplamente para mim do outro lado do mundo.

— Oi, sumida — disse ela.

— Oi! Como você tem estado?

— Ótima! E você?

— Muito bem!

— Como o Gabe está?

— Ele está ótimo também.

Eu estava prestes a trazer as notícias da viagem de carro quando ela soltou:

— Bom, tenho novidades! Grandes novidades!

— Ah, o que é?

— Adivinha quem apareceu na nossa porta hoje?

— Não faço ideia, Lucy.

— Adivinha!

Suspirei.

— Certo, sei que você está morrendo de vontade de me contar, então só fala logo de uma vez.

— Tudo bem, *certo* — disse ela em uma voz cantante. Ela pausou para efeito dramático. — Era a Candela!

— Candela? Sério?

Eu não tinha falado com Candela desde de sua partida dramática com Dirk.

— Aham. E sabe o que mais?

— O quê?

— Ela vai se casar, Audrey!

— Casar? Com quem?

— Com Dirk.

Resmunguei.

— Sério?

— Na verdade, ele está limpo agora. Eles dois estão. Candela está com uma cara ótima! Dirk assumiu a oficina do pai dele uns poucos meses atrás, e ele tem feito motos customizadas. Está sendo muito bom pra ele. Aparentemente, um músico famoso acabou de encomendar uma.

— Mesmo? Quem?

— Ela foi bem vaga a respeito, mas acho que era o Keith Urban.

— Isso é incrível!

— De qualquer forma, ela se sente muito merda pelo que houve, sabe, pelo dia que ela saiu daquele jeito. Mas ela quer muito que você esteja no casamento. E apesar de ela ser uma merdinha de verdade às vezes, ainda é a Candela. Ela é praticamente família.

— Eu sei — disse eu, mordendo o lábio.

— Você vai voltar?

— Quando é o casamento? — perguntei com cautela.
— Bom, o aviso veio meio de última hora. Você sabe como a Candela é...
— Quão de última hora?
— Bom, não é esse domingo agora...
— Você está tirando com a porra da minha cara.
— É no domingo que vem — terminou Lucy. — Você consegue vir?

Não consegui dormir muito aquela noite. Eu seguia remoendo o assunto na minha cabeça. Eu poderia voltar para cá depois do casamento, pensei. A viagem de carro poderia esperar umas poucas semanas. Mas eu já conseguia sentir um aperto no peito, como se algo estivesse me puxando de volta para o passado. Como quando você já está na metade do caminho para um jantar e tem que fazer o caminho de volta para casa porque se lembrou que deixou o ferro de passar ligado.

No dia seguinte, Graham e Dale voltaram. Apple disparou para cumprimentá-los, e eu segui de perto.

— Oi, querida! — Graham chamou enquanto trazia Apple para dentro de seus braços. — Oi, amor, papai chegou. Você sentiu saudade? — Em resposta, ela lambeu o rosto dele com um entusiasmo imenso. Depois de colocá-la no chão, ele me agarrou em um de seus abraços de urso. Dale tinha vindo atrás dele e plantou um beijo firme em minha bochecha antes de pegar minha mão e me fazer dar um giro.

— Bem-vindos de volta — eu ri.

Eu os ajudei com a bagagem, e nós entramos de volta na casa com Apple correndo desengonçadamente ao redor de nossos pés.

— A casa parece ótima! — exclamou Graham quando entramos.
— Exatamente como nós a deixamos.

— As antiguidades estão todas terminadas também. Espero que fiquem contentes com elas.

— Tenho certeza que fez um trabalho fantástico, querida.

Coloquei água para esquentar, e logo estávamos sentados no sofá, bebericando xícaras de chá de camomila.

— Então, como foi o voo?

— Longo e tedioso — disse Graham. — É bom estar de volta.

— Amém — disse Dale.

Apple complementou com dois latidos agudos, e nós rimos.

— Então, Audrey — disse Dale. Seus olhos tinham um brilho travesso. — Rosie disse que você tem passado bastante tempo com o Gabe.

— Tenho — admiti. — Gabe tem sido ótimo. — Pensei a respeito de meu dilema e fui tomada por uma avalanche súbita de emoções. Deve ter aparecido em meu rosto, porque os dois trocaram um olhar preocupado.

— Problemas no paraíso? — perguntou Graham com cuidado.

Suspirei.

— Bom, tem algo com o qual tenho tido dificuldades no momento.

Eu os atualizei em relação ao meu dilema: a viagem de carro que tinha planejado com Gabe e o casamento de Candela.

— Entendi — disse Dale franzindo a testa. — O que você acha que vai fazer?

— Não sei. Eu honestamente não sei.

— Por que você não pode fazer a viagem com o Gabe depois do casamento?

— Acho que posso — disse eu, mordendo meu lábio inferior.

Dale me lançou um olhar questionador.

— Audrey, espero não estar me intrometendo demais aqui — ele deu uma olhadela para Graham —, mas nós temos a sensação de que você está fugindo de algo na sua casa, e este é o motivo pelo qual você veio pra cá. — Ele estendeu as duas mãos. — Só um olhar de fora.

Eu sorri para ele.

— Você não é de fora.

Graham colocou seu braço ao redor do meu ombro e lhe deu um aperto.

— E você está certo. Eu estava fugindo, e tenho pavor da ideia de voltar pra casa. Mas acho que já superei isso. Acho que estou pronta pra encarar meus demônios de frente.

— Achei que havia algo de diferente em você — disse Graham.

— Como assim?

— Bom, é como se você fosse, sem ofensas, um rascunho de garota quando saímos. Como se você fosse um recorte de papelão de duas dimensões. Mas você desabrochou nesta juvenzinha linda. É uma transformação e tanto.

— Em outras palavras, você parece realmente ter dado um jeito nas suas merdas — disse Dale.

Eu ri.

— É o ar das montanhas.

— Você é incrível mesmo — disse Graham com uma piscadela. Eu sorri e beberiquei meu chá.

— Ou talvez seja por causa do Gabe? — Dale ergueu as sobrancelhas. — Nada faz o rosto brilhar como o amor jovem.

— Eu não diria “amor” — disse eu rápido, sentindo um puxão de pânico com a palavra. — Quero dizer, adoro o Gabe e tudo o mais... — Era verdade. Eu só pensava coisas boas sobre Gabe. Encontrá-lo tinha sido uma sorte e tanto, mas ainda não tinha chegado perto do que eu sentia por Rad, nem de longe. Naquele momento, percebi que ainda sentia. Eu não sabia onde Rad estava, ou o que estava fazendo. Eu não sabia se ele tinha seguido em frente, mas de repente, eu sabia que era algo que tinha que descobrir.

— Tem outra pessoa, não tem? — disse Dale, lendo minha mente.

— É tão óbvio assim?

— Querida, se você não está louca de amores pelo Gabe ainda, é óbvio que você está pensando em outra pessoa.

Mais tarde, ouvi o carro de Gabe estacionar e, com um sentimento de pesar, fui cumprimentá-lo.

— Oi — ele disse, saindo do carro. O banco de trás já estava lotado com suprimentos para a viagem.

Ele deve ter percebido a expressão em meu rosto.

— Audrey, você andou chorando? O que houve?

Contei a ele sobre minha conversa com Lucy e o casamento de Candela.

Ele inspirou fundo depois que terminou.

— Nossa, não podia escolher um momento pior.

— Eu sei.

Ele balançou a cabeça.

— Acho que você vai, então?

— Ela é como uma irmã pra mim. Não posso perder o casamento dela.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Não, não pode.

— Acho que nossa viagem pode esperar até eu voltar? O que você acha?

Ele pareceu tão abatido que senti lágrimas surgirem em meus olhos.

— Audrey, eu esperaria sem problema algum se eu achasse por um segundo que você iria voltar.

— Gabe... — comecei a dizer.

— Acho que o meu destino foi sempre fazer essa viagem sozinho.

— Não diga isso. — As lágrimas começaram a correr. — Não.

Gabe me encarou por alguns momentos antes de se aproximar de mim. Colapsei no peito dele, e ele enroscou seus braços ao redor de mim. Ele me apertou forte por um tempo, seus lábios pressionados contra o meu ouvido.

— Você tem que fazer o que seu coração mandar, está bem? Não faz sentido nós seguirmos com isso se você só vai continuar olhando pra trás.

— Eu achei que tinha deixado pra lá — sussurrei. — Achei mesmo, Gabe.

— Eu também achei — disse Gabe. — Mas agora nós sabemos que não.

— Deus, vou sentir sua falta.

Ele se afastou e sorriu.

— Bom, talvez a gente se esbarre de novo. Não é impossível.

— Vamos manter contato, não vamos?

Ele balançou a cabeça.

— Acho que é melhor deixar as coisas assim por enquanto. Não acho que posso fazer isso de continuar amigos. Não com você.

— Mas e se eu precisar de você?

— Você pode sempre me encontrar, se tiver mesmo precisando. Estamos no século vinte um, afinal de contas.

— Certo.

— Se cuida, Audrey.

— Então é só isso? Estamos dizendo adeus? — Senti uma onda de pânico e percebi como me sentia dependente dele. Era difícil de acreditar que ontem mesmo nós estávamos planejando nossa viagem, sem saber o que vinha a seguir.

Ele assentiu com a cabeça.

— Estamos dizendo adeus.

Lancei meus braços ao redor do pescoço dele e pressionei meus lábios contra sua bochecha.

— Você é meu anjo, sabe — sussurrei. Não queria soltá-lo.

Com gentileza, ele empurrou meus braços e deu um passo para trás. Baixou os olhos para mim e sorriu seu sorriso bondoso.

— Você vai ficar bem, Audrey. Você não precisa de mais ninguém, não mais. Lembre disso.

Então, com a mesma velocidade que apareceu na minha vida, ele foi embora. Fiquei parada na calçada e observei a perua virar a esquina no final da rua e desaparecer. Fiquei ali por um bom tempo, na luz que começava a escurecer, uma batida surda em meu peito e o sentimento de que estava mais sozinha do que jamais estivera.

DOIS

O casamento de Candela parecia mais uma pequena festa em casa do que uma cerimônia. Ele aconteceu no jardinzinho de seu duplex em Chippendale. Eve foi sua dama de honra, e Lucy e eu éramos madrinhas. A cerimônia inteira tinha um ar casual e descontraído.

Dirk e Candela representavam muito bem a imagem do amor jovem. Ver os dois, cada um esbanjando saúde e felicidade, me deu um sentimento fantástico de otimismo.

Lucy e Candela estavam esperando por mim quando saí do portão de desembarque em Sydney na semana anterior. Candela ergueu seus dois dedos em um sinal de paz e amor quando me viu à distância. Dei o sorriso mais largo que podia ao ver aquilo. Desde que éramos crianças, nós estendíamos os dedos do mesmo jeito quando queríamos fazer um sinal de trégua. Senti uma onda de afeto me lavar, apesar de nossa última separação ter sido feia. Há amizades que aguentam as maiores tempestades, e eu sabia que a que eu compartilhava com Lucy e Candela poderia suportar qualquer coisa.

Agora nós três estávamos sentadas de pernas cruzadas no gramado suave sob um limoeiro. Candela ainda estava em seu vestido de casamento, uma veste simples de cetim branco com bainha de renda. Estampas intrincadas estavam tatuadas em hena nas suas mãos e pulsos. Lucy e eu usávamos vestidos azuis de linho combinando que tínhamos escolhido bem na véspera, quando saímos em uma força-tarefa de compras.

Dirk estava no galpão com a porta aberta, mostrando seus últimos trabalhos para os seus amigos parados ao redor, cervejas em mãos, acenando com a cabeça.

— Sei quem está esperando ver — disse Candela, ao me ver inspecionando os convidados. Ela e Lucy trocaram um olhar cheio de significado. — Mas ele não está aqui.

Elas duas sabiam que Rad era uma zona sensível para mim, e com todas as preparações de casamento de último minuto, eu não tive a oportunidade de tocar no assunto.

— Como ele está? — perguntei, tentando soar impassível.

Lucy deu um suspiro longo.

— Não queria preocupar você — disse ela —, mas ele não está bem, Audrey. Passei por ele um dia. — Ela inclinou a cabeça para o lado e mordeu o lábio inferior, pensativa. — Uns cinco meses depois de você ir embora, talvez? Ele não fazia ideia de que você tinha ido pro Colorado. Acho que ele tinha tentado ligar pra você, mas, é claro, você mudou de número. De qualquer forma, ele estava indo pra casa depois de uma grande reunião que não tinha ido muito bem. Não tenho certeza do que aconteceu depois disso, mas ele apareceu na casa do Freddy umas semanas depois e perguntou pra ele se podia ficar com o MacBook dele e algumas outras coisas. Depois de mais um menos um mês, nós recebemos um cartão postal de algum lugar ao norte chamado Parque de Trailers de Bell Rock, e ninguém ouviu nada desde então.

— O que o cartão dizia? — Essa novidade sobre Rad era a última coisa que eu esperava ouvir. Por que ele estaria morando em um parque de trailers? Por que ele deixou seu MacBook com Freddy? A vida inteira dele estava naquele troço.

— Só dizia “Me divertindo bastante, queria que estivessem aqui”.

Sorri por dentro. Soava tão Rad: o sarcástico humor seco que eu adorava. Eu o imaginava com uma caneta pousada sobre o cartão, escrevendo aquele clichê cansado com um sorrisinho, e meu coração deu uma agitada involuntária.

— Então ninguém ouviu dele desde então?

— Nada.

— Bom, como vocês sabem que ele ainda está lá?

— A gente não sabe.

— Ele não deixou um telefone?

Lucy balançou a cabeça.

— Mas ainda temos o cartão postal. O endereço dele está lá.
Talvez você possa escrever pra ele.

TRÊS

Entrei no Parque de Trailers de Bell Rock e encontrei uma vaga sob uma árvore grande. Desliguei o motor e fiquei sentada ali, mordiscando a ponta do dedão de forma pensativa. Quando contei a Lucy que iria sair nessa perseguição maluca, ela disse:

— Leva o Polvo I!

Ela se ofereceu para vir junto, mas eu queria fazer aquilo sozinha.

Eu não fazia ideia se Rad ainda estava ali. Não havia o número do parque de trailers na lista telefônica, e eles nem tinham um site. Imaginei que se ele tivesse ido embora, alguém ali poderia saber aonde foi.

Depois de mais alguns minutos encarando o lugar, comecei a agir. Abrindo a porta do carro, dei um passo em direção ao dia quente de verão. Fui atingida com uma dose de ar frio e salgado, e a sensação era boa para os pulmões. Vislumbrei o mar logo depois do grupo de trailers estacionados de qualquer jeito pelo gramado que se estendia. Mal restava uma semana de verão, e o clima estava começando a mudar. Caminhei no sentido de uma pequena casa de madeira, por uma rota irregular de asfalto suja com areia branca seca. A casa era vermelha e branca, com a tinta lascada pelas tábuas e janelas.

Empurrei a porta e entrei no ar-condicionado frio de dentro. Dois chihuahuas muito empolgados me cumprimentaram: suas pequenas caudas abanando furiosamente entre latidos agudos e intermitentes.

— Gim! Tônica! Parem de incomodar a moça — disse uma voz gutural. Meus olhos se ajustaram à iluminação turva, e vi uma mulher velha com cabelo cinzento bagunçado sentada atrás de um balcão. Ela se levantou, revelando um vestido roxo tipo cigana decorado com símbolos místicos.

— Olá, querida — ronronou ela, analisando-me. — Sou Maud, a dona. Está procurando um trailer?

— Ahn, não — eu disse, um pouco assustada.

O cômodo parecia mais a toca de uma vidente do que o escritório de um parque de trailers. Havia panos suntuosos de veludo trançados sobre uma pequena mesinha de centro redonda e um sofá sem formato definido com almofadas combinando. Pôsteres de filmes antigos em finas molduras pretas estavam pendurados nas paredes com painéis de madeira. Exposto em um banco que se estendia de uma parede a outra atrás do balcão havia bugigangas espalhafatosas e um pacote de cartas de tarô ilustradas ao lado de uma grande bola de cristal. Ela olhou para mim de novo, sua expressão pensativa.

— Então, como posso ajudá-la?

— Estou procurando por alguém. Talvez você conheça — disse eu com nervosismo. — Ele se chama Rad. — Eu não tinha certeza do que mais dizer, então acrescentei: — Ele enviou um cartão postal daqui a poucos meses atrás.

Ela me mirou com cuidado.

— Você está procurando o Rad — disse ela, com um sorriso misterioso. — Então você deve ser Audrey.

Maud me levou por uma rota estreita e sinuosa até um trailer branco com tiras laranja-terrosas, estacionado em uma área parcialmente escondida por árvores e arbustos. Um varal improvisado estava pendurado do trailer a uma árvore próxima, e meu coração deu um salto quando reconheci uma das camisetas de Rad balançando na brisa gentil.

— Ele mora aqui — disse Maud.

— Obrigada.

Ela pressionou suas mãos nodosas nas minhas.

— Boa sorte, querida. — Maud se virou e seguiu pelo caminho de volta.

Respirando fundo, caminhei rumo à porta e bati.

Um momento depois, a porta se abriu e Rad estava parado ali, emoldurado pela soleira, vestindo uma bermuda de surfista e agarrado a uma toalha em suas mãos. Ele olhou para mim com uma

expressão que não consegui interpretar bem. Depois de alguns segundos tensos, ele enfim disse:

— Audrey.

— Oi, Rad. — Ele parecia diferente. Havia algo em seu rosto e corpo que parecia mais duro e mais definido. Uma camada fina de barba por fazer tinha crescido em seu rosto em geral bem-feito, e suas unhas das mãos estavam mordidas e frágeis.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele, sem sorrir.

— Não sei — disse eu, verdadeiramente. — Só queria falar com você.

Ele pareceu pouco impressionado.

— Bom, eu estava indo dar um mergulho. — Seu tom não era exatamente rude, mas era de dispensa. Ele deu um empurrão ao passar por mim, dirigindo-se à praia.

— Rad — caminhei atrás dele. — O que houve? Vim até aqui. Você pode pelo menos falar comigo?

Ele parou e se virou.

— Falar com você? — ele me lançou um olhar incrédulo. — Você desapareceu, Audrey. Você mudou a porra do número de telefone. É um pouquinho tarde demais pra falar, né?

Fui tomada de surpresa. A pessoa na minha frente parecia e soava como Rad, mas era como um desconhecido. Era como conhecer sua música favorita de cor, e então ouvir uma performance cantada ao vivo em um karaokê desafinada e em um staccato esquisito.

— Eu tinha que me afastar — disse eu, odiando o tom implorativo em minha voz. — Eu não sabia mais o que fazer.

Ele encolheu os ombros e seguiu andando.

— Rad — gritei atrás dele.

— Só me deixa em paz, Audrey — disse ele em um tom baixo, as costas ainda viradas para mim. Apressei-me até passar por ele, correndo de costas, e encarei seu rosto.

— Ei, eu só quero conversar. Por favor.

Ele parou de andar.

— Como você chegou aqui?

— Dirigindo.

— Desde quando você aprendeu a dirigir?

— Quando eu estava em Delta. Gabe me ensinou. — Assim que as palavras saíram da minha boca, quis engoli-las de volta.

— Gabe? — disse ele, seus olhos encolhendo.

— Só alguém que eu meio que estava vendo. — Evitei o olhar dele.

— Bom — disse ele com secura —, não demorou muito.

Ele me ultrapassou outra vez, atravessando a separação do gramado para a areia.

— Rad — disse eu desamparada. — Não sei o que dizer.

Meus olhos estavam fixos em suas costas conforme ele caminhava para mais e mais longe na direção da água.

— Só vá pra casa, Audrey. — A voz dele mal era audível sobre as ondas rebentando. — Não há nada pra você aqui.

— Como foi, querida? — perguntou Maud ao me ver caminhando de volta para o carro. Limpei as lágrimas escorrendo de meus olhos e balancei a cabeça.

— Nada bem.

Ela se esticou e tomou minha mão.

— Venha comigo. Vou fazer um chá pra você.

Logo me encontrei sentada ao lado de Maud em seu sofá. Nossas xícaras de chá vazias e pires lascados estavam pousados no canto da mesa de centro.

— Ainda me lembro do dia que ele entrou por essa porta. Dei só uma olhada nele e pensei comigo mesma: “Esse garoto parece estar num momento ruim”. Ele alugou um dos trailers por mais ou menos um mês, então quando o gerente geral saiu, ele assumiu o emprego.

— Rad? Mas ele é escritor.

— Não mais — disse ela, com um pequeno balançar de cabeça.

— Ele me disse que queria um emprego em que não precisasse pensar demais. Disse que estava cansado de pensar.

— O que houve com ele?

— Vou deixar ele contar essa história.

— Ele não quer falar comigo.

— Talvez não — disse ela —, mas posso lhe garantir isso: você é a única coisa sobre a qual ele fala.

Eu me hospedei em um motel a poucas ruas de distância de Bell Rock. O quarto era muito melhor do que eu esperava, com uma vista para o mar através de portas duplas de vidro que levavam a uma sacada pequena. Até encontrei um chocolatinho com menta no travesseiro ao subir na cama, exausta.

Peguei o telefone da mesa de cabeceira e disquei o número de Lucy. Ela atendeu de imediato.

— Oi! — disse ela, animada.

— Oi, acabei de chegar em Bell Rock.

— Está tudo bem? Você parece cansada.

— Sim, estou bem. Foi uma viagem longa, e demorei um tempo pra me acostumar a dirigir do outro lado da estrada.

— Ah, eu deveria ter ido com você.

— Não, acho que foi melhor eu ter vindo sozinha.

Houve uma curta pausa.

— Encontrei o Rad. Ele ainda está aqui.

— Ah, bom. Como ele está?

Suspirei.

— Ele não queria falar comigo.

— Sério? Por quê?

— Não sei. Ele ainda está bravo, eu acho.

— Bom, talvez tenha sido um choque ver você depois de todo esse tempo.

— Talvez. — Coloquei a cabeça de volta no travesseiro e encarei o teto. — É só que ele parece tão diferente.

— De que jeito?

— Ele arrumou um emprego gerenciando o parque.

— Sério? Que tipo de trabalho é esse?

— Coisas de manutenção geral, eu acho. Não tenho certeza.

— Então ele parou de escrever?

— Conheci Maud, a dona. Disse que ele desistiu de escrever.

— Mas ele é tão talentoso — protestou Lucy. — Por que abriria mão disso?

— Eu não sei. — Mordisquei a unha do dedão da mão. — E ele também parece tão diferente. São os olhos dele, acho. Parecem... — Tive dificuldade em encontrar a palavra. — Vazios — falei, finalmente.

— Ah, não. Deus, eu queria que eu e o Freddy tivéssemos checado de novo como as coisas estavam com ele.

— Não é culpa de vocês. Eu não deveria ter desaparecido do nada.

— Não se culpe, Audrey. As pessoas estão autorizadas a ir embora, se quiserem.

— Sim. É só que... Bom, acho que ele pode estar passando por uma barra bem pesada agora.

Lucy suspirou.

— O que você vai fazer?

— Não tenho certeza. Acho que poderia ficar aqui por mais uns dias. Ver se consigo chegar até ele. Vou mandar os detalhes de onde estou ficando por mensagem.

— Certo. Descanse um pouco e me ligue se qualquer coisa mudar.

— Tudo bem, amiga, vou fazer isso. Boa noite.

Dirigi até Bell Rock de novo no dia seguinte, e depois de vinte minutos perambulando pelo parque, vi Rad saindo de um trailer com uma caixa de ferramentas em mãos. Era tão pouco característico dele, esse papel de faz-tudo. Tentei imaginá-lo trocando uma lâmpada, e a imagem simplesmente não se encaixava. Ele me vislumbrou, mas sua expressão não mudou.

— Achei que você ia embora — disse ele.

— Na verdade, estou pensando em ficar um tempinho.

Ele suspirou e me lançou um olhar resignado.

— Quer uma cerveja?

Nós nos sentamos em cadeiras de jardim do lado de fora do trailer dele, agarrados a cervejas geladas. Rad olhava para fora, para o oceano, uma expressão aborrecida no rosto.

— O que houve, Rad? Por que você veio pra cá?

Ele estava em silêncio, então deu de ombros.

— Só uma sequência de azar que virou uma bola de neve de bosta. — Ele deu um gole em sua cerveja e se virou para mim. —

Sua pequena confissão naquela noite provavelmente foi o começo de tudo.

Estremeci.

— Então você foi embora. — Ele sacudiu as mãos no ar como um mágico. — Puff! Audrey desaparece, e eu não fazia ideia de onde estava. Mas você sabe... — Ele deu um sorrisinho —, você me deixou com muito tempo livre pra trabalhar no meu livro. — Ele inclinou a cerveja na minha direção. — Então obrigado por isso.

Permaneci em silêncio, sem saber o que dizer.

— E então — continuou ele —, terminei o livro, e quer saber? Eu estava de fato com orgulho dele. Era bom pra cacete. Eu estava empolgado. Mandeí alguns capítulos para minha editora, e ela estava empolgada. Na verdade, tão empolgada que um executivo da filial de Nova York voou pra me encontrar. Eles tinham *grandes* — Rad enfatizou a palavra — planos pra mim. Eu seria, nas palavras deles, “o próximo Vonnegut”.

— Isso é incrível, Rad.

Ele me lançou um olhar cínico e continuou em uma voz entediada e monótona.

— Eu estava empolgado como um aluno do fundamental no dia da reunião. Imprimi o manuscrito e levei pra gráfica pra mandar encadernar. — Ele engoliu o resto de sua cerveja e a colocou em seus pés. — Até usei uma gravata. — Ele parou de falar por um tempo, seu calcanhar batendo contra a armação de metal da cadeira. — Então fomos nos encontrar no Galileo. Eu, minha editora australiana e esse executivo. Era um dia lindo, e eu estava me sentindo muito bem a respeito de tudo. Eu pensava: “É, aqui está minha grande chance.” Então, uns quinze minutos passados da reunião, me dei conta do quão imbecil o executivo era. Ele passou por páginas do manuscrito e disse um monte de coisas vazias. Basicamente, ele queria trucidar o livro, mudar o título, os nomes dos personagens. Porra, ele até sugeriu que eu escrevesse com um novo pseudônimo. Aparentemente, Colorado Clark soava maquinado demais.

— O que você fez? — perguntei, sentindo apreensão.

— Fiquei puto. Falei pra ele que ele podia entrar de volta naquela porra de avião, porque de jeito nenhum ele encostaria no meu livro.

Então saí, batendo a porta. — Ele balançou a cabeça enquanto revivia o momento. — Fiz uma coisa idiota, eu sei. Eu só deveria ter ficado sentado durante a reunião, como um macaco treinado, e não ter feito um papelão. Tipo, esse cara era um peso-pesado, sabe. Não é o tipo de pessoa que você quer irritar. Naquela noite, fiquei muito bêbado, estupidamente bêbado. Queimei a cópia impressa do manuscrito e então deletei todos os arquivos digitais. Era um daqueles momentos apocalípticos de “foda-se” pro universo.

— Ah, merda, Rad. Você não fez isso.

— É claro, quando acordei na manhã seguinte — ele me lançou um olhar de esguelha —, não foi bonito. Procurei por todos os cantos por um back-up, mas eu tinha sido muito cuidadoso. O livro inteiro tinha sumido.

— Jesus.

— Então pensei: “Essa é minha carreira literária: acabada. Morta e enterrada.” Já que estava desempregado e sem perspectiva, eu não ia conseguir continuar pagando o aluguel, então imaginei que era melhor ir embora do que entrar numa espiral que eventualmente me levaria a um despejo. Fui pra casa do Freddy e deixei algumas das minhas coisas, então entrei no meu carro e só dirigi. — Ele terminou sua história com um suspiro, encarando o horizonte de forma taciturna. — Então, essa é minha história. Agora você está atualizada. — Ele se virou para me olhar, sua expressão impossível de ler. Eu me virei, olhando na direção do oceano.

— Vamos dar uma caminhada na praia — disse eu.

Durante as poucas semanas seguintes, nós caminhamos muito. Subindo e descendo a extensão da praia, subindo pesadamente as dunas e escalando poças de maré. Depois do meu deslize insensível a respeito de Gabe no primeiro dia, tomei cuidado para evitar o tópico. Rad me contou a respeito de um caso breve que tinha tido com uma turista sueca. Mesmo que não tivesse dado em nada, a simples menção daquilo me enlouqueceu. Eu a imaginei loira e maravilhosa em um biquíni minúsculo, Rad beijando seus ombros macios e bronzeados. Eu me perguntei se ele a achava fascinante, se ele alguma vez falava de mim quando estava com ela. Me perguntei mil coisas, mas tudo que disse foi:

— Ah, ela parece legal.

Estando ao redor de Rad, parecia que eu nunca tinha ido embora, como se meu tempo em Delta tivesse sido um sonho que aconteceu com outra pessoa. Mesmo depois de todo o meu tempo longe, o amor ainda estava lá, brilhante como o sol. Ao menos da minha parte. Eu não tinha certeza sobre como ele se sentia em relação a mim e tinha medo de perguntar.

O grosso do inverno chegou e, um depois do outro, os campistas das férias de verão empacotaram suas coisas e foram embora, dando um ar melancólico ao parque.

Enfim vi o interior do trailer de Rad um dia. Ele me convidou para entrar depois de uma longa trilha no caminho costal. Era pequeno, mas tinha uma atmosfera boa e acolhedora, como um forte. Havia uma mesa pequena presa à parede com um banco de cada lado. Empilhada no topo, havia livros de desafios de Sudoku e jornais velhos.

Numa noite, montamos uma fogueira. Demorou muito mais tempo do que o esperado para fazer o fogo começar, mas, mais cedo ou mais tarde, uma atmosfera quente e íntima se criou. Encontramos marshmallows em um dos armários e os colocamos em galhos, apontando-os às chamas dançantes.

Era uma noite linda e clara, e nós nos sentamos em cadeiras de jardim listradas de verde e branco e inclinamos as cabeças para o céu. Ele se inclinou na minha direção, prendendo a ponta do seu dedo ao redor da minha tira elástica, como costumava.

— Você ainda usa isso.

Eu me lembro da primeira vez que ele trouxe isso à tona. Era aquela noite mágica em Newport em que ele me beijou pela primeira vez. “Bela escolha de joia,” ele tinha dito. Durante o decorrer de nossa relação, ele brincava com ela, com distração, durante nossas conversas na cama, seus dedos riscando o elástico contra minha pele com gentileza.

Agora, o toque de seu dedo contra meu pulso me trouxe uma maré de memórias acolhedoras de volta, enviando um arrepio inesperado pelo meu corpo. Ele parecia querer me beijar, e eu estava me preparando. Mas então ele olhou para longe, e o feitiço se quebrou. Nós nos sentamos em uma silenciosa contemplação

por um tempo, ouvindo o oceano ao longe. Quando ele virou para me encarar de novo, seus olhos estavam insuportavelmente tristes.

— Eu costumava achar que as pessoas eram como faróis. Que estavam ali pra proteger você. Mas elas não são. As pessoas são como redemoinhos. Elas puxam você pra dentro, te arrastam pro fundo. Você tem que se esforçar muito só pra ficar com a cabeça fora da água.

Durante as semanas que passei em Bell Rock, conheci Maud bastante. Nos anos 1950, o finado marido dela tinha um cinema pequeno que passava filmes tipo cinema de arte. Quando ele faleceu, Maud o vendeu (não era a mesma coisa sem ele, ela explicou) e comprou Bell Rock, realizando seu sonho de vida de morar à beira-mar.

A maior parte de seus clientes eram veranistas, mas ela também tinha alguns residentes permanentes. Um era um homem idoso que era mais fechado. Nós o víamos em algumas manhãs, sentado do lado de fora de seu trailer em uma cadeira de dobrar, lendo o jornal.

— Ei, garota bonita — ele gritava para mim sempre que eu passava. Havia também um jovem casal hippie com um bebê e uma mulher misteriosa que sempre usava óculos escuros pretos e nunca sorria. Além de alugar trailers, Maud também lia a sorte para os locais. Quando era jovem, ela viajou pelos Estados Unidos com uma pequena trupe de circo. Ela contava histórias incríveis de suas aventuras, inclusive da vez que fez uma leitura de tarô para uma estrela de cinema famosa durante o ano que passou em Coney Island. Eu via a vida dela capturada em fotos coladas em álbuns antigos com capas de couro, plásticos grudentos e amarelados pelo tempo. Era difícil acreditar que a jovem garota cigana, enrolada em veludo e renda, era Maud.

— Eu não era maravilhosa? — ela perguntava. Era uma pergunta retórica.

Numa noite, Rad e eu estávamos caminhando de pés descalços pela praia quando Maud surgiu na conversa.

— Ela quer ler meu futuro, mas não sei se é uma ideia tão boa saber o que vem pela frente.

— Bom, você deve ouvir tudo que ela diz com cuidado, ela exagera. Sei como ela fica quando bebeu muitas.

— Ela já leu o seu?

— Sim, ela diz que um dia terei gente enfileirada pra pegar meu autógrafo.

— Bom, é melhor pegar o meu agora.

— Claro, você tem uma caneta?

Eu ri. Era a primeira vez desde que vim aqui que Rad parecia quase como sua versão antiga outra vez. Nós caminhamos em silêncio por mais um tempo.

— Conta do seu livro. O que você escreveu enquanto eu estava longe.

— Ele se chamava *Abelha de mel*. Não quero falar dele, na verdade.

— Eu queria poder ter lido.

— Você sabia que os chineses têm uma tradição de queimar dinheiro falso porque acreditam que vai para seus parentes mortos no mundo espiritual?

— É uma ideia legal.

— Bom, isso era o que estava passando pela minha mente enquanto o manuscrito queimava. Talvez, em algum universo alternativo, haja pessoas lendo o livro. Quem sabe?

— Talvez.

— Acho que escrever acabou pra mim — disse Rad. — Fico sentado por um tempão com caneta em mãos, e nada sai. Então acabo fazendo uns desafios de Sudoku.

— É só um bloqueio criativo, provavelmente.

— Ou alguma força do carma que está me punindo por destruir meu próprio livro.

Eu me virei e coloquei a mão no braço dele.

— Não acho que funciona assim.

Ele parou e se virou para me encarar.

— É estranho, não é? As coincidências, quero dizer. É quase como se tudo fosse decidido por você, como se já estivesse escrito.

— É, você me conhece. Tenho uma crise existencial a cada cinco minutos.

Ele sorriu para mim.

— Amo que posso falar sobre todas essas coisas com você. A maioria das pessoas não entenderia.

— Você pode falar sobre qualquer coisa comigo.

— Eu sei.

Segui seu olhar para cima, e pensamos nossos devaneios individuais, enviando-os para o universo como linhas paralelas. Naquele momento, senti algo que era maior que nós, uma força inexplicável que atraía Rad e eu arbitrariamente para essa convergência, para esse alinhamento particular com as estrelas. Nós éramos feitos um para o outro. Isso era algo que eu sabia bem no fundo da minha alma.

— Sabe — disse Rad, seu rosto se virando para mim —, a Maud tinha razão a respeito de algo.

— O que era?

— Ela disse que você me encontraria de novo.

No dia seguinte, fui acordada por uma batida forte na porta. Levantei e coloquei o robe.

— Quem é? — chamei.

— Sou eu! — anunciou Lucy.

— Lucy! — Abri a porta e sorri largamente para ela. — O que está fazendo aqui?

— Surpresa! — disse ela, lançando seus braços ao redor de mim enquanto eu a apertava forte.

— Por que você não me ligou pra avisar que vinha? — De repente me dei conta do quão bagunçado meu quarto estava, e comecei a juntar a bagunça do chão.

— Relaxa, Audrey. — Ela entrou e fechou a porta atrás dela. — Eu morava com você, lembra?

— Eu sei — disse eu, jogando uma pilha de roupas no banheiro. — Como você chegou aqui?

— Peguei o carro da minha mãe emprestado — disse ela, caminhando até a janela. — Uau, você tem uma vista incrível.

— É muito bonito aqui.

Ela se virou para me olhar.

— Você está ótima. Como está tudo? O Rad está bem?

— Ele está muito melhor. Está até escrevendo de novo.

— Ah, se eu soubesse, teria trazido o laptop dele junto.

— Não importa. Ele tende a se manter na caneta e papel, então nós nos viramos dividindo o meu, por enquanto.

Ela suspirou.

— Estou feliz que ele está melhorando.

— Quer um café? — O quarto do motel tinha uma pequena máquina Nespresso, e coloquei uma cápsula.

— Claro. — Lucy se sentou em minha cama. Fiz café para nós duas e me sentei ao seu lado. — Você acha que vai voltar com ele?

Encolhi os ombros.

— Não sei. Depende dele.

— Então você não acha que vai voltar pra Delta?

Balancei a cabeça.

— Rosie disse que Gabe foi embora, então não tem um sentido real em voltar. Não seria o mesmo sem ele.

— Vocês ainda estão em contato?

— Não. Ele disse que não queria fazer isso de manter a amizade.

Houve uma pausa curta.

— Ele era bastante especial pra você, não era? — perguntou, apesar de já saber a resposta.

— Mais do que ele imagina.

Lucy e eu almoçamos juntas mais tarde naquele dia. Havia um lugar de peixe e batata frita perto do cais local, e nos sentamos em uma das mesas assistindo barcos oscilando nas docas e jogando pedacinhos de batatas para as garças.

— Olha como elas são malucas — disse Lucy, enquanto os pássaros grasnantes davam garradas e bicadas uns nos outros pelos restos de comida.

— Isso me lembra daquela corrida pelos doces que você teve no seu décimo aniversário. Você lembra? Sua mãe ficava jogando sacos de doces no gramado, e as crianças enlouqueciam, empurrando e atropelando pra conseguir os presentes.

— Alguém puxou meu cabelo e me jogou no chão, tudo por causa de uma bala Sherbie — disse Lucy.

Nós rimos.

— O tempo está passando tão rápido, não está? — disse ela, olhando o oceano.

— É. O último ano passou num piscar de olhos.

— Agora Candela se casou, e você está por aí fazendo coisas incríveis. Às vezes sinto como se fosse a única que está parada. — Ela revirou uma mecha de cabelo ao redor do indicador.

— Lucy. — Passei o braço ao redor de seus ombros. — Você tem tempo de sobra pra fazer o que quiser.

— Acho que sim.

— Além disso, você tem o Freddy. Ele é um namorado de primeira linha.

— Sim — disse ela com um sorriso. — Mas ele foi meu primeiro namorado de verdade. Não tenho ninguém com quem comparar. E se ele não for o amor da minha vida e eu só estiver com ele porque nunca conheci nada mais?

— Você o ama, não ama?

— É claro que sim. Mais do que qualquer coisa no mundo todo.

— É uma coisa linda, Lucy, amar alguém e ser amado de volta. Todo o resto é bobagem, se formos comparar.

Ela sorriu para mim.

— Audrey, por que você não conta ao Rad como se sente? O que você tem a perder?

— E se ele não se sentir mais do mesmo jeito que se sentia?

— Você o ama, não ama?

— Sim — falei, sem hesitar. — Amo.

— Bom — disse ela, jogando outro punhado de restos para as gaivotas exageradas —, você não acha que ele tem o direito de saber?

Mais tarde, naquela noite, eu me revirei na cama, lembrando a conversa com Lucy. Com um suspiro, eu me levantei e coloquei meu jeans. Minutos depois, estava batendo na porta de Rad. Ele a abriu quase de imediato, e seu rosto alerta me dizia que ele também não conseguia dormir.

— Oi — disse ele, abrindo mais a porta para me deixar entrar.

Nós nos sentamos lado a lado, nossas pernas penduradas para fora da cama. Havia uma cópia de *Snow Crash: Nevasca* aberta ao lado do travesseiro.

— Quanto tempo você planeja ficar aqui? — perguntou Rad.

— Não sei. Não tenho certeza se vou voltar.

— Mas e o Gabe? Ele ainda está na história? — perguntou ele, seu tom casual.

— Não, acabou antes de eu vir pra cá.

Ele pareceu pensativo por um tempo.

— Estou muito feliz que você está aqui — disse ele, finalmente. Ele baixou os olhos para as mãos. — Pra ser sincero, eu não achava que te veria de novo.

— Foi difícil voltar pra casa, pra Sydney. Ao menos em Delta, eu podia fingir que não era a garota que contou aquela mentira.

— Eu faço você lembrar disso?

— Sim. — Eu lhe lancei um sorriso tranquilizador. — Mas não de um jeito ruim. Não mais.

Ele mordeu o lábio inferior, e sua expressão ficou distante, como se estivesse pensando muito em algo. Depois de um tempo, ele se virou para me olhar de novo.

— Você chega a pensar em nós, Audrey?

— Claro que sim.

Ele pareceu aliviado, como se um peso tivesse sido erguido de seus ombros.

— E você?

— Sim — disse ele, e sua voz estava pesada com emoção. — O tempo todo. — Ele se inclinou, pegando meu rosto com as mãos e me olhando com suavidade. Então ele me beijou. Foi um beijo cheio de profundidade e vontade, como se a sua boca estivesse buscando, na minha, todas as palavras que pertenciam a ele mas tinham sido mantidas longe em seu exílio autoimposto.

Uma realização profunda reverberou pelo meu corpo, como o tocar de um sino de igreja. De uma vez só, entendi por que a dor da separação, aquela sensação de esvaziar, teve que acontecer. Eu costumava ter essa sensação de que eu sentia em excesso por Rad, que os sentimentos dentro de mim começariam a vazar e eu não seria capaz de contê-los. Agora eu sabia por que eu tinha sido

esvaziada, por que minhas entranhas tinham sido arrancadas com cinzel e marreta. Era para abrir espaço para esse sentimento novo, esse amor que era tão vasto, tão expansivo que não poderia ter cabido no recipiente que eu tinha sido um dia.

Ele me despiu com uma urgência áspera que parecia nova e familiar ao mesmo tempo, seus dedos puxando e rasgando minhas roupas, até eu estar nua e sem fôlego. Senti uma força nova em seus braços enquanto ele me puxava para deitar com ele na cama minúscula.

— Senti falta disso — murmurou ele, seu rosto enterrado em meu pescoço.

Depois, ficamos deitados em silêncio, embalados pelo som hipnótico das ondas colidindo contra as pedras. Gradualmente, consegui notar, pela sua respiração, que ele tinha entrado num sono pacífico. Eu me virei para ficar de frente, meus dedos passando com gentileza ao redor de seu cabelo castanho escuro. Um sentimento de ternura me atravessava como uma dor. Era quase maternal.

— Vou cuidar de você — sussurrei.

Na manhã seguinte, estávamos muito tímidos um com o outro enquanto fazíamos nossas xícaras de café desajeitadamente no espaço apertado.

— Então — disse Rad, deixando sair uma expiração funda —, noite passada. — Sorri largamente para ele, sem querer. Era como se minha boca tivesse personalidade própria.

— Noite passada — ecoei.

Ficamos parados ali, xícaras de café meio-vazias em mãos, sorrindo muito um para o outro com um embaraço cômico que me fazia querer cair na gargalhada. Ou talvez fosse porque eu estava absurdamente feliz. Ele baixou sua xícara e estendeu a mão para mim. Eu a peguei, e ele me puxou para si. Colidi contra seu peito com um baque suave, e meu café virou sobre as bordas da xícara e vazou sobre o piso de linóleo, deixando manchas como se fossem de tinta.

— E agora? — perguntou ele, buscando meu rosto.

Eu o beijei calorosamente.

— Se você ainda estiver disposto, quero que a gente recomece.
Página em branco.

— Sim — disse ele, expirando fundo. — Eu gostaria disso.

Era diferente desta vez. Havia um realismo em nosso relacionamento, uma segurança que nunca estivera ali antes. Eu nunca tinha tido tanta certeza a respeito de qualquer coisa em minha vida. Eu sabia que nunca mais queria ficar longe de Rad.

Eu me mudei para o trailer, e nós passamos um dia incrível depois do outro, nossos corações cheios de amor e nossas cabeças cheias de sonhos. A felicidade que tínhamos encontrado no começo de nosso relacionamento sempre estivera tingida com um tom de incerteza, mas agora ele tinha se erguido, e eu sentia que podia me entregar por completo.

— Você sabe o que pensei, no primeiro dia que veio aqui? — perguntou Rad.

Estávamos aninhados na cama minúscula dele, onde tínhamos passado boa parte da manhã. Do lado de fora, o céu estava em um cinza taciturno. Ergui a cabeça para ele enquanto as primeiras gotas de chuva batucavam de leve no telhado de zinco.

— Não, o que estava passando pela sua mente?

Ele sorriu para mim.

— Quando abri a porta e encontrei você parada ali, não consegui evitar de pensar: “Estive aqui o verão inteiro, mas pela primeira vez, o sol se abriu.”

Mais tarde, naquele dia, eu estava a caminho do bloco do chuveiro quando esbarrei em Maud. Ela estava prestes a levar Gim e Tônica para uma caminhada na praia.

— Audrey — disse ela.

— Oi, Maud. — Eu me inclinei para acariciar Gim e Tônica, ambos competindo pela minha atenção, subindo um no outro.

— Eu estava prestes a parar na sua casa. Você sabe que o solstício de inverno é semana que vem?

Balancei a cabeça.

— Não tinha percebido. Estou perdendo a noção dos dias.

Ela sorriu para mim.

— A vida boêmia.

Sorri de esguelha para ela.

— Então, qual o significado do solstício?

— Vamos ter uma festa.

— Vamos?

— Sim, nós temos uma todo ano, na praia. Fazemos uma fogueira imensa e chamamos uma banda pra tocar. Os locais trazem um prato cada um, nada muito formal. Nós fazemos umas coisas divertidas pras crianças também. Tipo jogos de mergulhar e morder a maçã, sabe?

— Parece divertido!

— Vai ter fogos de artifício também.

— Sério? Amo fogos de artifício!

— Então você e o Rad estarão lá?

— É claro — disse eu. — Eu não perderia por nada no mundo.

— Incrível — ela reluzia. — Vou pegar uns panfletos da gráfica amanhã. Vou me certificar de deixar um pra vocês.

— Ótimo. Estou ansiosa!

Na semana seguinte, Rad e eu estávamos parados ao lado de uma fogueira crepitante na praia, tostando marshmallows e conversando com Linda, que dava aula na escola primária local. A banda era um trio de mulheres que tocavam música folk com uma variedade de instrumentos: banjo, flauta e tamborim. Hordas de crianças estavam rindo e correndo pela praia com varetas luminosas e velas de estrelinha.

— Mal posso esperar pelas férias escolares — disse Linda. — Só mais quatro semanas e estou indo embora pra Fiji. Amo minhas crianças, mas é bom ter um intervalo de vez em quando. — Ela tomou um gole de sua cerveja. — E vocês dois? Quais são seus planos?

— Audrey está quase terminando seu primeiro livro — disse Rad.

— Sério? — Linda se virou para mim. — Sobre o que é?

— É só uma coleção de contos.

— Ah, eu amaria ler quando estivesse pronto.

— Você adoraria — disse Rad, colocando seu braço em torno do meu ombro. — Ela é praticamente a Mary Shelley.

— Bom, eu não diria isso — protestei.

— Parece o meu tipo de livro — disse Linda, com um suspiro. — Olha só pra vocês dois, um casal de autores jovens se apoiando. Vivendo o sonho.

Rad encolheu os ombros e sorriu.

— Vou admitir que é bom estar escrevendo outra vez depois de um hiato tão longo.

— Minha amiga leu *Um floco de neve na relva nevada* poucas semanas atrás. Ela amou. Quase caiu dura quando contei que conhecia o autor. Estamos todos ansiosos pelo próximo livro. — Ela pausou. — Haverá um próximo livro?

— Sim. Mandeï a sinopse pra minha agente alguns dias atrás. Estou só esperando pra ouvir dela.

— Tenho certeza que ela vai amar.

— Alguma pista sobre a história? — perguntou Linda.

— É melhor eu não falar a respeito. Não quero colocar mau agouro — disse Rad.

— Entendo totalmente. — Linda puxou um marshmallow recém-tostado do galho em sua mão e o enfiou na boca.

— Acho que vou pegar outra fatia de pizza. Vocês querem alguma coisa?

Linda gemeu:

— Não poderia dar nem uma mordida mais.

— Eu não me importaria de tomar mais uma cerveja — disse Rad.

— Claro, vou pegar uma pra você.

Eu os deixei falando e fiz um desvio para a mesa de cavalete lotada com uma variedade de comidas. Esbarrei em Maud. Com sua saia parcialmente puxada, ela estava dançando alegremente perto da banda.

— Você veio! — Ela estendeu o braço na minha direção. — Dança comigo?

Eu ri.

— Tá bom. — Peguei sua outra mão e fiz meu melhor para me manter no ritmo dela.

— Você parece feliz, querida — disse ela, um pouco sem fôlego.

— Estou feliz. — Eu falava sério.

— Você merece. Acho que você e o Rad têm algo verdadeiramente mágico. — Um toque de tristeza passou pelo seu rosto. — Me lembra o que eu tive uma vez. Alguma coisa que você só tem uma vez na vida, e só se tiver muita sorte. Falando no Rad, onde ele está? Acho que não o vi hoje de noite.

— Eu acabei de deixar ele perto da fogueira, falando com Linda.

Espiei sobre meu ombro, mas Linda estava parada lá com seu marido, e Rad não estava ali. Franzi a testa.

— Ele estava ali um instante atrás. — Meus olhos examinaram a multidão, mas eu não conseguia vê-lo em lugar algum.

— É melhor ir encontrá-lo, querida. Os fogos vão começar daqui a pouco.

— Vou ver se consigo achá-lo. Sei que ele odiaria perder os fogos.

Caminhei de volta à fogueira e perguntei a Linda se ela sabia aonde Rad tinha ido.

— Ele recebeu uma ligação mas teve dificuldade de ouvir por causa da música. Então ele foi para aquele lado. — Ela apontou na direção das dunas, mais longe no sentido da praia.

— Obrigada, Linda. — Desci por aquela rota.

Eu enfim o vi de longe, caminhando de volta à festa, o telefone agarrado em mãos. Ele encontrou meus olhos e acenou. Quando ele se aproximou, eu conseguia ver que havia uma expressão de puro choque em seu rosto.

— Tudo bem? — perguntei com cuidado.

— Sim. Acabei de falar com minha agente. Sabe a sinopse que mandei pra ela do meu próximo livro? Ela me ligou pra falar sobre isso.

— Ela gostou?

— Gostou.

— Isso é incrível! — disse eu, radiante. — Eu disse que ela gostaria.

— Mas algo muito esquisito aconteceu. Minha agente é amiga de um grande produtor em Hollywood, e ela mandou a sinopse pra ele. O produtor se apaixonou pela história e quer fazer um filme.

— Tá brincando!

Ele balançou a cabeça devagar e deixou sair uma baforada de ar.

— Não estou. Eles querem que eu vá pra Los Angeles trabalhar com outro escritor.

— Está falando sério? — Meu coração começou a bater em empolgação. — Rad, você tem alguma ideia de quão incrível isso é?

Nós olhamos um para o outro, sem saber exatamente o que dizer.

— Quando eles querem você lá?

— O quanto antes.

— Ah, meu Deus — disse eu, enquanto a ficha começava a cair.

— Você vai pra Los Angeles!

— Acho que sim. Vem comigo?

— Sim! — disse eu, sem nenhuma hesitação. — É claro.

Em um movimento suave, ele me pegou e me girou no ar. Uma pancada alta rasgou o ar noturno e erguemos os olhos para ver uma explosão de brilhos magenta entrando em erupção pelo céu. Houve gritos e aplausos animados à distância.

— Fogos de artifício! Que apropriado.

Ele riu e então me beijou com força enquanto o céu ficava subitamente cheio de explosões de luzes multicoloridas. Erguemos os olhos, braços dados com força um em torno do outro, nossos rostos brilhando.

— Tudo vai ficar bem de agora em diante, Audrey. Eu consigo sentir!

Lucy ficou emocionada quando contei a ela.

— Na verdade, tenho algumas notícias também. O contrato do meu tio foi renovado, então ele ficará em Paris pelos próximos anos. Ele me perguntou se posso continuar aqui, e é claro que disse que sim. Você sabe que o Freddy praticamente vive aqui de qualquer forma, mas nós queríamos oficializar. Você sabe, morar juntos de verdade.

— Então você conseguiu convencer ele, finalmente.

— Aham — disse ela, alegre. — Estou realmente empolgada com isso.

— Como os pais dele estão lidando com a notícia?

Lucy suspirou.

— Ele não contou a eles ainda.

— Não?

— Coloquei até o final do mês como prazo. Eu disse que se ele não contar, a oferta vai pro meu barista, Samuel, que está procurando onde morar agora. Ele pode ser gay, mas ele é gatíssimo, e eu não me importaria de acordar todas as manhãs com um café ótimo e uma visão daquelas.

Eu ri.

— Tenho certeza que Freddy vai dar a má notícia com cuidado.

Eu quase conseguia visualizar Lucy revirando os olhos.

— Vai partir o pobre coração velho da mãe dele. Pra ela, Freddy sempre terá doze anos.

— É provável que a destrua — concordei. Freddy vinha de uma família extremamente próxima.

— Olhe pra nós! Logo seremos senhoras casadas como a Candela. Você já contou a notícia pra ela, aliás?

— Tentei mais cedo, mas ela não atendeu.

— Típico — Lucy zombou. — Aposto que ela vai enlouquecer quando ouvir. Quero dizer, Los Angeles! Que glamoroso. Nós definitivamente vamos visitar.

— Isso seria incrível! Nós três juntas, como nos velhos tempos.

— Quando vocês viajam?

— Em algumas semanas.

— Uau, tão rápido?

— Eles estão muito empolgados pra começar.

— Aposto! Deve ser tão surreal pra vocês dois.

— É. Estamos indo pra Sydney em alguns dias. Tenho que fazer minhas malas, de qualquer forma.

— Ótimo, vamos dar uma festa.

— Com certeza — concordei.

— Dê parabéns ao Rad por mim. Ninguém merece mais do que ele.

— Vou mandar.

Na manhã seguinte, acordei com meu celular vibrando contra o quadril. Ainda meio adormecida, eu o peguei e espiei a tela. Era Candela.

— Finalmente — resmunguei, saindo da cama com cuidado para não incomodar Rad, que ainda estava dormindo profundamente.

Coloquei um robe e passei pela porta antes de atender.

— Candela! Querida, tenho tentado falar com você. Tenho umas notícias ótimas que...

— Audrey. — Ela estava soluçando. — Eu sinto muito.

— Não tem problema. — Por algum motivo, eu achava que ela estava se desculpando por não atender a ligação no dia anterior.

— Eu... Eu sinto muito — ela soluçou de novo, e comecei a me dar conta de que algo estava terrivelmente errado.

— Candela, o que está acontecendo? Por que você está chorando?

— É o Freddy. Ele sofreu um acidente de carro.

— Ah, não. — Senti minhas pernas cederem, minhas costas atingindo o trailer. — Ele está bem?

Houve um silêncio breve seguido de outro soluço. Senti um peso no coração e, de alguma forma, pressenti o que ela diria a seguir.

— Eu sinto muito, Audrey. Ele... — ela vacilou — Ele morreu.

QUATRO

Chegamos à casa de Lucy por volta de meio-dia. Rad e eu mal trocamos uma palavra o caminho inteiro até lá. Eu sentia como se estivéssemos em um sonho ruim. Como as coisas poderiam ter mudado de forma tão súbita, tão brutal? *Freddy está morto. Não, não, não pode ser.* Compreensão e negação se alternavam em minha cabeça como um pêndulo: indo e voltando, indo e voltando. *Lucy. Ah, meu Deus, Lucy.*

Rad acordou naquela manhã e me encontrou dobrada no chão, do lado de fora, meu corpo destruído pelos soluços. Ele se ajoelhou, puxando-me para seus braços e me embalando com gentileza. Demorou um bom tempo antes de eu poder me estabilizar o suficiente para falar. O rosto dele ficou sombrio quando contei a ele sobre Freddy.

A mãe de Lucy abriu a porta antes que pudéssemos bater. Como os meus, os olhos dela estavam vermelhos de tanto chorar.

— Audrey — disse ela, puxando-me para seu abraço. — Estou tão feliz que esteja aqui.

Ela acenou com a cabeça.

— Oi, Rad — e gesticulou para entrarmos.

Candela estava na sala de estar. Ela se levantou, e nos abraçamos por um longo tempo.

— Como ela está?

Candela balançou a cabeça.

— Nada bem. Está em choque, eu acho. Quase catatônica. O mais assustador é que ela não soltou nem uma lágrima.

— O que houve? — perguntou Rad.

— Freddy estava a caminho de ir ver Lucy no meio da noite. Não temos certeza do porquê. Ele foi acertado por um motorista de

caminhão que estava totalmente dopado de anfetamina. — Ela balançou a cabeça com tristeza. — Disseram que morreu com o impacto.

Deixei escapar uma lufada de ar profunda.

— Ah, meu Deus.

— Conteí a Lucy que vocês estavam a caminho — disse a mãe dela. — Acho que ela gostaria de ver vocês.

Concordei com a cabeça e andei até o antigo quarto de Lucy. Minha cabeça parecia pesada, como se estivesse caminhando debaixo d'água. Parei do lado da porta dela e respirei fundo. Com o máximo de gentileza que podia, eu girei a maçaneta e entrei.

Lucy parecia, de alguma forma, menor. Como se tivesse visivelmente encolhido desde a última vez que eu a tinha visto, como se uma parte vital dela estivesse faltando naquele momento. Seus lábios tremeram um pouco quando nossos olhos se encontraram, mas, fora isso, ela mal se moveu.

Eu me sentei na cama e tomei sua mão, que estava pousada de forma molenga no topo da colcha.

— Eu sinto muito, amiga.

Ela fez que sim com a cabeça, um olhar distante em seus olhos.

— Ele foi embora, Audrey — ela disse em uma voz baixa e sem emoção. — O Freddy se foi. O meu Freddy.

Concordei com a cabeça, lágrimas surgindo nos olhos.

— Ele não vai voltar, vai? — Ela encarava a frente sem expressão.

Alancei e alisei seu cabelo para longe de seu rosto. Lágrimas desciam pelas minhas bochechas.

— Não, amiga, não vai.

CINCO

Era o dia do enterro de Freddy. Eu tinha ido à casa de minha mãe no dia anterior pegar o mesmo vestido preto que tinha usado no de Ana. Minha mãe estava incomumente quieta, e meu pai, como de costume, disse e fez todas as coisas certas.

Um sentimento pesado permeava o ar enquanto nós subíamos os degraus da igreja Holy Trinity, Candela e eu uma de cada lado de Lucy, cada uma segurando suas mãos. Na última vez que estivéramos ali, era para o velório de Ana, e eu não conseguia evitar a sensação de déjà vu.

A mãe de Freddy caminhava em nossa frente, seu corpo fraco pelo luto. Em suas mãos, ela se agarrava a um ursinho antigo com um olho de botão faltando, uma lembrança da infância de Freddy. O pai de Freddy tinha o braço ao redor dela, e os dois subiram até o altar com cansaço e confusão.

No enterro, Lucy parou ao pé da sepultura recém-cavada, observando com um olhar vidrado o caixão de Freddy ser gradualmente baixado dentro da terra. Alguma coisa pareceu estalar dentro dela, então. Ela fez um pequeno som de ganido, e as lágrimas enfim vieram.

— Freddy — ela soluçou. — Freddy... Freddy...

Ela agarrou a barriga, como se estivesse prestes a vomitar.

— Freddy... Freddy... — Ela chamou o nome dele de novo e de novo até sua voz ficar rouca e rasgada.

A recepção foi na casa de Freddy, um bangalô modesto com um jardim largo e estendido. Os convidados eram seus parentes e

amigos. Ele sempre tinha sido a vida da festa, e sua natureza gregária deixou sua ausência muito mais aparente.

Em algum momento, mais ao final da noite, perdi Lucy e fui atrás dela. Eu a enfim encontrei sentada na cama de Freddy, em seu antigo quarto, agarrada a uma jarra de azeitonas na mão. Entrei, fechando a porta atrás de mim.

— Ei, você — disse eu, me sentando ao seu lado.

Ela ergueu a cabeça.

— Ele sempre teve uma jarra de azeitonas verdes de baixo da cama.

— Sério?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Eu sempre achei muito idiota. Tipo, quem faz isso?

— Parece algo que o Freddy faria. — Sorri para ela.

Lágrimas saltaram de seus olhos outras vez.

— Ele tinha um monte de manias esquisitas, sabe? Elas costumavam me enlouquecer. Eu estava sempre tentando mudar ele. Mas ele era perfeito, não era?

— Ele era.

— Mas agora ele nunca vai saber disso. Não posso dizer a ele quão incrível ele era. — As mãos dela ficaram mais tensas ao redor da jarra. — Sinto falta dele, Audrey. Muito mesmo.

Ela baixou a jarra na cama e colocou a cabeça no meu ombro. Acaricieei seu cabelo.

— Sei que sente, amiga. Sinto falta dele também.

Houve uma batida na porta.

— Pode entrar — chamei.

Rad entrou no quarto, e Lucy pareceu endurecer.

— Ei, Lucy — disse Rad. Sua mão foi na direção de seu ombro, e ela desviou. Ela se levantou de súbito e saiu do quarto sem uma palavra.

Rad pareceu chocado.

— Não se preocupe. Ela não está no estado normal dela.

— Eu não culpo ela. Já estive assim.

Senti meu estômago apertar. Ana tinha estado em minha mente o dia todo.

— Não parece real, parece?

Rad balançou a cabeça.

— Não, é como se eu tivesse acordado em um pesadelo.

Fiz que sim com a cabeça.

— O primo de Freddy está com problemas com o carro — disse Rad. — Vou dar uma carona até a casa dele.

— Agora?

— É — disse Rad. — Foi um dia longo pra ele. Você está bem pra ir pra casa sozinha? Posso voltar e pegar você.

— Está bem. Posso pegar uma carona com Candela.

— Vejo você mais tarde, então.

Fiz que sim com a cabeça.

— O.k.

Depois de Rad ir embora, fui procurar por Lucy de novo e encontrei Candela, que estava na cozinha ajudando com as louças.

— Você viu a Lucy?

— Acho que acabou de sair.

Tomei o caminho pela porta dos fundos e a encontrei de pernas cruzadas no jardim.

— Ei, quer voltar pra dentro?

Lucy levantou a cabeça para mim, suas bochechas úmidas marcadas com lágrimas frescas.

— Audrey — disse ela. Seus olhos estavam arregalados e trêmulos. — Tem algo que preciso te contar sobre o Rad.

SEIS

Parei na porta de minha casa, a chave tremendo em minhas mãos. Eu sentia como se estivesse flutuando alto sobre meu corpo, olhando para baixo de uma distância terrível.

Rad desceu as escadas justo quando entrei pela porta.

— Ei, como você está? — Seus braços estavam abertos, convidativos.

Dei um passo para trás.

Ele franziu a testa.

— Audrey? O que houve?

— A Lucy disse que o Freddy encontrou algo em seu laptop.

— O quê? Como assim?

— Freddy estava fazendo um trabalho quando seu computador deu pau. Então ele foi usar seu laptop, o que você deixou com ele antes de ir pra Bell Rock. Ele acidentalmente deletou um arquivo e foi pra lixeira buscar. Havia um documento ali, uma carta que você escreveu pra mim. Ele se chamava “nota de suicídio”.

A cor sumiu do rosto de Rad.

— Ah, não — disse ele. A mão dele disparou para sua testa, e ele fez uma careta.

— O que estava naquele documento, Rad?

Ele ergueu a cabeça.

— O Freddy não disse?

— Ele nunca conseguiu.

— Não era nada, Audrey — disse Rad rápido. — Eu só tive um momento ruim... só isso. Era um momento na minha vida em que tudo tinha dado errado. Então, sim, por uma fração de segundo, pensei em acabar com tudo. Mas me dei conta do que estava

fazendo, e por isso deletei o arquivo. Eu não esperava que o Freddy ou qualquer pessoa encontrasse.

Ele esticou o braço para me tocar, outra vez, mas encolhi o corpo.

— Audrey, você nunca fez nada idiota no calor do momento e se arrependeu depois? Cometi um erro, mas estou bem agora. Era um pedido de ajuda, só isso. Não vai acontecer de novo.

— O que estava no documento, Rad? — repeti.

— Nada! — Havia uma pontada em sua voz. — Só o de sempre, sobre como eu sentia muito e quanto amo você. O tipo de coisa que se escreve quando está com a cabeça assim.

— Não acredito em você.

— Juro pra você que é só o que tinha.

— Então por que o Freddy ligou pra Lucy no meio da noite? Por que ele disse “Temos que avisar a Audrey sobre o Rad”? Por que o Freddy entrou naquela *merda de carro* e correu para ver ela porque havia algo que você escreveu naquele documento que o assustou *pra caralho*?

A boca de Rad abriu, então fechou outra vez.

— Sabia que encontraram seu laptop? — continuei. — Ele estava parado na beira da estrada, completamente destruído, em pedaços. Freddy estava com ele. Por que ele levaria o *seu* laptop pra casa de Lucy no meio da noite? Por quê? O que era tão importante que não podia esperar até a manhã? — demandei.

Ele balançou a cabeça.

— Audrey...

— Preciso saber a verdade, Rad. Agora mesmo.

Ele ficou parado ali por alguns momentos, me encarando. Pareceu uma eternidade antes de ele falar outra vez.

— Eu queria te contar — disse ele, seu rosto desmoronando. Ele se sentou no degrau e afundou a cabeça nas mãos.

— Então conta.

Ele ergueu a cabeça para mim. Seus olhos tinham uma desolação terrível neles. De repente, fiquei apavorada.

— A carta... Tinha algo sobre a Ana?

Ele fez que sim com a cabeça.

— É ruim, não é?

Ele assentiu com a cabeça de novo.

— Era mais uma confissão do que uma nota de suicídio.

Um arrepio atravessou meu corpo.

— Me conta o que houve.

Ele respirou fundo.

— Fui à casa da Ana naquele dia para confrontá-la sobre o rumor

— começou ele devagar. — Essa parte era verdade. Foi exatamente como eu tinha te contado. Ela negou tudo, disse que alguém inventou. Nós tivemos uma briga imensa, e ela me deu um tapa. Eu estava furioso: chamei ela de vadia mentirosa. Ela se aproximou pra me bater outra vez, mas peguei o braço dela e empurrei ela pra trás. Ela escorregou no tapete e caiu, batendo a parte de trás da cabeça na ponta da mesa de centro. Eu corri até ela na hora, mas ela não estava se movendo. Tentei revivê-la, mas ela não acordava. Conferi o pulso. Estava sem. Foi quando me desesperei. Entrei em choque. Quero dizer, não havia sangue algum. Mas ela... Ela simplesmente não acordava.

Encarei Rad com horror, e uma onda de repulsa me lavou.

— Me sentei no canto do quarto por um tempo. Eu não sabia o que fazer. Então uma sensação estranha veio, e o que aconteceu em seguida foi um borrão.

— Rad — Eu o encarava, meus olhos arregalados com descrença. Ele se virou, olhando reto para frente.

— Quando eu tinha uns nove anos, minha mãe me levou pra Inglaterra para o casamento do meu tio. Fomos ao Stonehenge, mas é estranho, eu não me lembro de ter ido lá. Mesmo quando olho as fotos agora, não parece real. Como se tivesse acontecido com outra pessoa. — Ele se virou para me encarar de novo. — Foi assim naquele dia com a Ana — disse ele, seu tom quase mecânico. — Eu peguei ela no colo e a coloquei na banheira, ainda com o vestido. Liguei a água. Então encontrei uma navalha em um dos armários. Fiquei atrás dela pra ficar com o ângulo certo quando cortasse os pulsos. Eu não tinha certeza se ela ainda sangraria, já que o coração dela já tinha parado, mas sangrou sim. Deus, tinha tanto sangue. — Ele estremeceu. — Então eu deixei a navalha na banheira e fui embora.

Fechei meus olhos. Dedos gelados, aracnídeos, subiam e desciam pela minha espinha.

— Você... cortou os pulsos dela? — sussurrei. Uma imagem de Rad, navalha em mãos, disparou para o centro de minha mente, e pensei que fosse vomitar.

— Audrey. — Ele se levantou.

Dei um passo para trás.

— Não! — gritei, com uma ferocidade que me surpreendeu.

Rad se encolheu e deu um passo para trás.

— Audrey, eu...

— *Você cortou os pulsos dela!* — guinchei. — *Você cortou os pulsos dela!* — A bile subiu até minha garganta. Eu me sentia histérica, fora de controle. Minha mente girava tão rápido que eu não parecia conseguir segurar os pensamentos que entravam e saíam. Ana já estava morta quando ele a colocou na banheira? Se ela estivesse viva, isso não faria dele um assassino? E a mentira que contei... Que impacto ela teve nesta tragédia? Nenhum? Todo?

— Como você sabia que Ana já estava morta? — demandei. — Você é médico?

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Ela não tinha pulso, juro! Ela não estava respirando... Não havia nada que eu pudesse fazer. Eles não entenderiam que foi um acidente. Eu só entrei em pânico. — Ele estava tentando sair daquilo com urgência e pressa, olhos selvagens, prontos para se segurar em qualquer coisa.

— Você entrou em pânico? — disse eu, incrédula. — As pessoas chamam a ambulância quando entram em pânico, Rad. Eles não fingem uma porra de um *suicídio*.

Seus olhos se arregalaram, e sua mão disparou para segurar o corrimão, como se tivesse perdido o equilíbrio.

Ele gaguejou:

— Mas você acredita em mim, não acredita, Audrey? Você sabe que eu não tinha nenhuma outra escolha.

— Você tinha uma escolha sim. Você poderia ter me contado a verdade. Você foi um covarde — cuspi.

— Você está certa... Você está absolutamente certa. Fui um covarde. Se pudesse voltar no tempo, eu faria diferente. Eu teria chamado a ambulância. Porra, eu teria contado pra você... Eu

deveria ter contado pra você. Você não faria o mesmo? Se pudesse voltar, você teria contado aquela mentira?

— Isso não é justo, Rad, você não pode... — comecei.

— Sei disso agora — interrompeu ele rápido. — No final das contas, essa foi a coisa que me desenredou. Que deixei você pensar que estava errada quando eu tinha feito algo tão terrível. Quis te contar tantas vezes, Audrey. — Seus olhos estavam suplicantes quando olharam dentro dos meus. — Amo muito você, droga. Você veio e me encontrou quando eu estava naquele lugar de merda, e me trouxe de volta à vida. Eu tentei empurrar você pra longe, e você não me deixou. Então, quando ficamos próximos, eu quis te contar, mas não podia lidar com a ideia de perder você de novo.

Balancei a cabeça.

— Não, você não ouse! — disse eu, rangendo os dentes. Meus dedos se agarravam e puxavam com agitação meu elástico, e ele se rompeu em dois, caindo em silêncio do meu pulso para o chão.

— Audrey. — Seus olhos se travaram nos meus. Aqueles lindos olhos estranhos: um de cinza tempestuoso, o outro de azul de verão.

Como uma pedra pontuda lançada de um estilingue, minha mente viajou de volta à noite em que contei aquela mentira. Pensei em Rad, suas mãos fortes e gentis manchadas com o sangue de Ana. Candela deitada na cama do hospital, lutando pela própria vida. Duck socado no banco de trás de um carro de polícia. Agora Freddy... Pobre Freddy. Mais um para a lista de casualidades. E eu tinha que acrescentar Lucy também, porque não podia separar os dois.

— Audrey — repetiu Rad. Havia um desespero em sua voz. — Eu sinto tanto. Eu não sei o que fazer. — Ele segurou meus braços. — Me diga o que fazer. Faço o que você quiser.

Eu me afastei de seu alcance e fui para longe.

— Não quero nada com você — falei com fraqueza, meus olhos se enchendo de água e minha voz estremecendo.

— Coloquei minha vida nas suas mãos — implorou ele. — Você não vê? Temos um novo começo em nossa frente em Los Angeles. Podemos deixar tudo isso pra trás.

De repente, senti uma calma misteriosa se estabelecer em mim. Era como se eu estivesse parada no olho da tempestade, e tudo tivesse parado. Naquele momento de clareza, eu soube que era tão culpada quanto Rad. Eu sabia que havia sangue em minhas mãos também. Nós tínhamos nos tornado caricaturas de nós mesmos, aprisionados neste pesadelo: o ingresso de entrada para essa feira grotesca, minha mentira. Eu tinha nos amaldiçoado do momento em que o mal saiu dos meus lábios. Ainda assim, além da loucura, o horror puro da confissão de Rad, eu não podia ignorar o amor que estava ali, pulsando com uma vida própria, trazendo-nos para mais e mais perto, borrando as linhas. Nós podíamos começar do zero em Los Angeles, onde ninguém nos conhecia. Eu era mais forte do que jamais tinha sido. Eu era forte o suficiente para nós dois. Então a clareza se dissolveu, e eu fui enviada de volta para o caos cegante.

Solucei com violência, meus ombros se elevando com o esforço. Chorei de uma maneira que nunca tinha chorado antes. Senti tudo que tinha perdido se combinar dentro daquele momento cruel e implacável. Rad colocou seus braços ao redor de mim, e eu o empurrei para longe com o máximo de força que podia, agitando-me e batendo com selvageria em suas mãos, seu rosto, seu cabelo. Com toda a minha força, bati em seu peito com meus pulsos, mas ainda assim, ele não me soltava. Depois de um tempo, meus braços ficaram fracos e eu o deixei me abraçar.

EPÍLOGO

O céu da manhã entrava em raios pelas cortinas de nosso apartamento de um quarto em Santa Monica. Eu estava em minha segunda xícara de café, e Rad recém acordava.

Ele abriu os olhos e me lançou um sorriso sonolento.

— Bom dia — disse ele.

— Bom dia. — Baixei minha xícara de café na mesa de cabeceira, então me inclinei e o beijei com gentileza. Ele passou suas mãos pelo meu cabelo e enterrou o rosto em meu pescoço.

— Você está com um cheiro bom — murmurou ele, puxando-me para a cama com ele. Ele passou os braços ao redor de mim, e ficamos desse jeito por um tempo.

— Que horas são? — perguntou ele.

— Quase dez, acho.

— Você já está vestida.

— Acordei cedo hoje e pensei em sair pra uma caminhada no píer, pegar uns bagels na volta.

— Parece bom.

Eu me desvencilhei com gentileza e me levantei.

— Mirtilo pra você?

— Isso.

Vesti minha jaqueta Audrey.

— Está frio lá fora hoje? — perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu estava na sacada hoje de manhã, e estava um pouco fresco.

Ele se sentou reto e estendeu os braços com um bocejo, virando a cabeça para a janela.

— Parece que vai ser um dia lindo.

Sorri.

— Também acho.

O sol tinha subido bem acima do horizonte. Uma gaivota estava pegando uma carona com o vento. Observei a maré girar ao redor das pernas de madeira do Píer de Santa Monica. As pessoas passeavam por ali, tirando fotos e falando animadamente em seus celulares. O oceano era um plano de fundo perfeito para a roda gigante que se movia e os guarda-chuvas coloridos que pontilhavam o caminho. À distância, havia gritinhos de alegria vindos da montanha-russa amarelo brilhante.

Eu me inclinei contra o balaústre azul ciano pálido e fechei os olhos, deixando o sol aquecer meu rosto. Tinha sido incomumente fresco naqueles últimos poucos dias, e eu sentia mais frio do que estava acostumada. Inspirei profundamente o ar marítimo salgado e o deixei sair de novo com um suspiro.

Então aqui estava eu, meses depois da noite do enterro de Freddy. Eu tinha me estabelecido em minha nova vida com Rad. Não queria pensar nos dias sombrios que seguiram a noite em que Rad revelou a verdade sobre Ana para mim. Nós tínhamos concordado em deixar tudo aquilo para trás. Deixei Lucy e Candela furiosas e implorando por respostas: respostas que eu não podia dar sem mencionar Rad. Eu sabia que nunca poderia lhes contar a verdade porque elas não entenderiam. Como eu poderia explicar para outra pessoa se não poderia nem justificar para mim mesma? Tudo o que sabia era que minha decisão de ficar com Rad não era tanto uma escolha, mas uma necessidade.

Pensei a respeito da minha estadia em Delta. Em Gabe, naquele dia em que nos despedimos. Como ele me contou que eu não precisava mais de ninguém. Mas ele estava errado. Eu precisava de Rad: nós precisávamos um do outro agora mais do que nunca. Então pensei na corda que mantinha o navio preso ao ancoradouro, a que nunca deveria desgastar ou quebrar. Como o elástico que costumava ocupar meu pulso esquerdo, a corda tinha se rompido, e eu estava em queda livre, mas não tinha mais medo. Pensei em Rad e no segredo terrível que compartilhávamos, a mentira que escolhemos enterrar para sempre. Sempre estaria ali, nós sabíamos

disso, mas não podíamos mais lhe dar qualquer poder sobre nós. Ela quase nos separou, mas, ao invés disso, ela tinha nos conectado como um pacto de sangue. E naquele momento ali estávamos nós, em uma vida inteiramente nova. Era uma tela em branco: a chance de começar tudo de novo.

Passei por um músico de rua usando um chapéu de feltro, uma pena branca presa à aba. Ele estava dedilhando uma versão ruim e muda de *Strawberry Fields Forever*. Parei e coloquei minha mão no bolso da jaqueta à procura de algumas moedas soltas. Eu conseguia ouvir seu barulho, mas não conseguia encontrar as moedas. Franzi a testa, meus dedos indo mais fundo no forro de cetim vermelho. Senti um rasgo que nunca tinha notado antes. Conforme pescava as moedas, ouvi o ruído inconfundível de papel. Larguei as moedas no estojo de guitarra do músico e continuei a caminhar, minha mão descendo pelo rasgo até meus dedos encontrarem um pedaço de papel dobrado. Era a página do diário de Ana que tinha sumido no dia que tinha aberto a caixa de metal. Devia ter ficado presa dentro do forro da minha jaqueta esse tempo todo. Meu coração deu um pulo e senti o bom e velho pânico familiar surgindo de novo. Então, tão subitamente como tinha começado, parou. Respirei fundo e olhei para a escrita minúscula de Ana. Conforme eu lia, suas palavras pareciam viajar de um tempo tão passado que pareciam mais próximos do futuro que do presente. Eu sentia que, de alguma forma, essas palavras sempre estiveram destinadas a me encontrar aqui.

Vou fazer desta vez. Meus pais estarão fora neste final de semana, e eu vou fechar a garagem com o motor do amado Thunderbird vermelho do meu pai ligado. Então vou pegar no sono com o doce perfume de monóxido de carbono e Sugar Baby Love tocando alto no rádio. Dezesete parece uma boa idade pra deixar esta merda de mundo.

Eu me pergunto quem vai me encontrar primeiro. Talvez a vizinha aqui do lado, a que fica me olhando feio. Uma vez eu a ouvi gritar com o marido sobre o jeito que ele olha pra mim. Consigo imaginá-la na cena, aquela visão inicial de horror. Então seus lábios gordos e borrachudos vão se curvar em um sorriso, secretamente contente

com a descoberta. Ou talvez Rad chegue a mim antes que ela. Consigo ver aqueles doces olhos de filhotinho, arregalados com incredulidade e cheios até as bordas com lágrimas. Ele é tão sentimental às vezes: me dá vontade de vomitar. Ele ainda acha que eu era virgem quando trepamos pela primeira vez. Dá pra acreditar? Sei que ele acha que está apaixonado, mas ele não faz ideia do que é o amor. Ainda não, de qualquer forma.

A verdade é que todo mundo quer acreditar que está apaixonado, mas ninguém realmente está. Então pra todas as garotas no mundo incapazes de chegar a uma decisão a respeito de alguma paixonite idiota, tenho notícias pra vocês. Se você tem que se perguntar, se você tem que questionar o que sente, então no fundo, no fundo, você não dá a mínima porra nenhuma. E ao resto de vocês que de fato entende isso, bem-vindas ao clube. Se você sabe como é querer alguém tanto que você mataria por ele. Se você sabe como é sentir alguém perfurar tão fundo sob sua pele que você quer sacrificar tudo pra protegê-lo — mesmo se esse alguém caga tanto com sua noção de moral que você não consegue separar o certo do errado. Se você é como eu, então deixo você com isso: isso é o que o amor é. Não deixe que te digam qualquer coisa diferente. Não diga a você mesma qualquer coisa diferente disso.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais a Al Zuckerman. Tem sido um privilégio e honra trabalhar com você neste livro. Sua sabedoria e orientação foram inestimáveis, e você me ensinou tanto. Sou verdadeiramente grata por todos os conselhos que você me deu, e mal posso esperar para trabalhar com você de novo no próximo livro.

Obrigada a Kirsty Melville, Patty Rice, e ao time da Andrews McMeel por seu apoio incrível. Aprecio muito quão incansavelmente trabalharam por trás das cenas para trazer *Garotas tristes* à vida e disponibilizá-lo em livrarias por todo o mundo.

Samantha Wekstein, da Writers House, seu feedback incrível e observações foram de uma ajuda imensa para mim. Obrigada.

À minha editora, Chris Schillig, obrigada pelos seus conselhos e pareceres valiosos. Você fez um trabalho incrível.

Mãe, pai, Niv, Jerric, Karen, Sherry, Sivvy e Aleks: obrigada por serem a tira elástica metafórica ao redor do meu pulso.

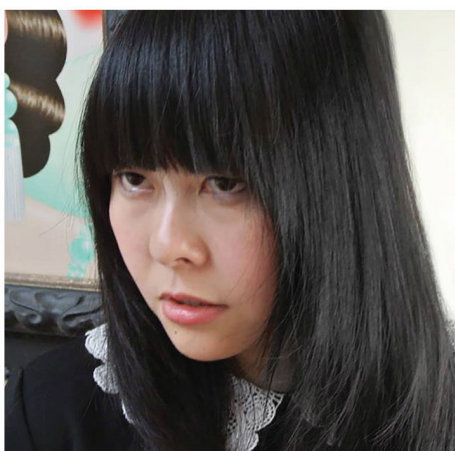
Dra. Gwendoline Smith, obrigada pelo seu tempo valioso e experiência no assunto de ansiedade. Eu apreciei completamente nossas conversas tarde da noite e suas ideias incríveis.

Obrigado a Ollie Faudet, que tem sido uma apoiadora ávida de *Garotas tristes* desde o primeiro dia. Sua visão de mundo única tem sido uma fonte de inspiração, e não seria o mesmo livro sem você.

Obrigada a Michael Faudet, que viveu e respirou o mundo de *Garotas tristes* comigo. Por anos, falamos extensivamente sobre os personagens, cenários e enredo. Se este é o meu bebê, ele é em partes iguais dele também. Nossa colaboração, tanto em vida quanto no trabalho, tem sido o melhor presente de todos.

Por último, aos meus leitores de todos os cantos do mundo, um grande obrigada. Vocês me mostraram que amor é o que nos une. Se não fosse por vocês, eu nunca teria escrito um único livro.

SOBRE A AUTORA



Michael Faudet

LANG LEAV

Nascida em um campo de refugiados na Tailândia, Lang é poeta, autora *best-seller* e sensação nas redes sociais. Sua mensagem de amor próprio e empoderamento é expressiva em seus livros e poemas, aproximando-a de seus milhares de leitores.

Lang mora na Nova Zelândia com seu parceiro, o também poeta Michael Faudet.

Copyright © 2017 by Lang Leav
Copyright da tradução © 2018 by Editora Globo S.A.

Trecho de *Fahrenheit 451* retirado da 2ª edição da Biblioteca Azul (2012; 14ª reimpressão, 2018), tradução de Cid Knipel.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *Sad Girls*

Editora responsável: Veronica Armiliato Gonzalez

Assistente editorial: Júlia Ribeiro

Capa: Brunna Mancuso

Diagramação: Douglas Kenji Watanabe

Projeto gráfico original: Laboratório Secreto

Revisão: Tamires Cianci von Atzingen

Editora de livros digitais: Livia Furtado

Conversão e cotejo do e-book: Loope | www.loope.com.br

1ª edição impressa, 2018

1ª edição digital, agosto de 2018

ISBN: 978-85-250-6708-1 (digital)

ISBN: 978-85-250-6555-1 (impresso)

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L479g

Leav, Lang

Garotas tristes [recurso eletrônico] / Lang Leav ; tradução Luisa Geisler. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Alt, 2018.

recurso digital

Tradução de: *Sad girls*

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525067081 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil tailandesa. 2. Livros eletrônicos. I. Mancuso, Brunna. II. Geisler, Luisa. III. Título.

18-51873

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644
16/08/2018 – 20/08/2018

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br